

NOS PASSOS DE ANTONIETA

ESCREVER UMA VIDA

LUCIENE FONTÃO

Orientação Zahidé Muzart.

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

F681n Fontão, Luciene
Nos passos de antonieta [tese]: escrever uma vida /
Luciene Fontão ; orientadora, Zahidé Lupinacci Muzart. -
Florianópolis, SC, 2010.
483 p.: il.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de
Pós-Graduação em Literatura.

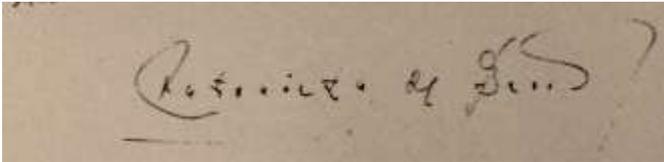
Inclui referências

1. Barros, Antonieta de, 1901-1952. 2. Literatura.
3. Professoras. 4. Trajetória. 5. Cronista. I. Muzart,
Zahidé Lupinacci. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. III.
Titulo.

CDU 82



Antonieta de Barros



Antonieta de Barros

Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de Língua e Literatura Vernáculas
Universidade Federal de Santa Catarina
Pós-Graduação em Literatura/Teoria Literária
Linha de Pesquisa: Literatura e Mulher

**NOS PASSOS DE ANTONIETA:
Escrever uma vida**

LUCIENE FONTÃO

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Literatura da UFSC para a obtenção do título de Doutor em Literatura. Linha de Pesquisa: Literatura e Mulher. Orientadora: Prof^a Dr^a Zahidé Lupinacci Muzart

BANCA:

Orientadora: Dra Zahide Lupinacci Muzart (UFSC)
Dr Eduardo de Assis Duarte (UFMG)
Dra Constância Lima Duarte (UFMG)
Dra Tânia Regina Oliveira Ramos (UFSC)
Dra Rosana Cássia Kamita (UFSC)
Dra Eliane Santana Dias Debus (UFSC) - Suplente

Florianópolis, 23 de agosto de 2010

Dedico,

Aos que não esmorecem na labuta cotidiana da escola de ensino fundamental;

Aos que pesquisam e trabalham no ensino superior;

Aqueles que sonharam comigo um sonho possível;

Àqueles que estiveram comigo nesta jornada

Às mulheres florianopolitanas!

A Deus, com fé e perseverança;

Aos meus pais, Hailton (*in memorium*) e Valdira pela força da formação, com carinho e sabedoria;

À família, aos amigos e ao Dirceu, companheiro nesta jornada;

Às minhas filhas, Aline, Thatiane e Anna, com todo o meu amor!

À Professora Zahidé, pela confiança e orientação.



Educar é ensinar os outros a viver; é iluminar caminhos alheios; é amparar debilitados, transformando-os em fortes; é mostrar as veredas, apontar as escaladas, possibilitando avançar, sem muletas e sem tropeços; é transportar às almas que o Senhor nos confiar, a força insuperável da Fé.

(Antonieta de Barros)

SUMÁRIO

RESUMO	13
1 Ver os passos	15
1.1 Antonieta	15
1.2 Trajetória	20
1.3 Objetivos	45
1.4 Metodologia	47
2 Dos rastros à teoria: Um desafio	59
2.1 O Desafio biográfico	59
2.2 A Crônica como gênero literário	83
2.3 Antonieta na Literatura Catarinense	95
2.4 A Intertextualidade e o dialogismo nas crônicas de Antonieta	125
2.5 Negritude e a (in) visibilidade nas crônicas de Antonieta	138
2.6 O Progresso feminino no século XX e o pensamento de Antonieta	159
3 Dos Vestígios à Biografia Ilustrada	192
3.1 Vestígios	192
3.2 Farrapos e Fotos	228
4. Nos Passos de Antonieta: Escrever uma vida	238

4.1. Num Pedacinho de Terra perdido no mar	243
4.2. Família, nascimento e formação: Da rua Arcipreste Paiva à rua Fernando Machado	269
4.3. Atuação na vida social e intelectual da sociedade ilhoa nas primeiras décadas do século XX	302
4.4. Uma professora escrevendo crônicas	330
4.5. O Livro <i>Farrapos e Idéias</i>	341
4.6 A Professora no Parlamento	358
4.7. Uma trajetória, três vidas, uma sepultura	378
4.8. O legado de uma vida	389
5. Quadro Biográfico	399
6. Considerações Finais	420
7. Referências Bibliográficas	444

RESUMO

Nos Passos de Antonieta: Escrever uma vida propõe mostrar a trajetória de Antonieta de Barros, sua vida e sua obra. Reflete e retrata, dentro do contexto 1901-1952, em Santa Catarina, a atuação da professora, da escritora, mulher e negra na política e na literatura, vislumbrando a importância de seus escritos: crônicas, discursos e projetos, além da influência de suas idéias no pensamento sócio-político-educacional na Ilha de Santa Catarina do século XX. Utiliza-se de fotos, documentos, imagens, meio eletrônico e menções em livros e jornais, os vestígios e rastros, para contar os passos de Antonieta. Um resgate histórico-cultural da escrita feminina na Literatura Catarinense, verificando, portanto, a atuação da professora-escritora em todas as instâncias da vida pública.

Palavras-chave: Antonieta, Professora, Trajetória, Crônica e Literatura.

ABSTRACT

The thesis, *Nos Passos de Antonieta: Escrever uma vida*, proposes to show the trajectory of *Antonieta de Barros*, her life and work. It reflects and portrays, in the context of 1901-1952 in Santa Catarina, a teacher, a writer, a woman and a black woman's performance in politics and literature. It demonstrates the importance of the writings: chronicles, speeches and projects of Antonieta, besides the influence of her ideas on the social politics education thought in the island of Santa Catarina at the twentieth century. It uses photographs, documents, files, sites and mentions on books and newspapers, the traces and the trails, to count "os passos de Antonieta". A historical-cultural recovers of the feminine writing in the Literature, checking, therefore, the performance of a writer-teacher in the public life.

Keywords: Antonieta, teacher, trajectory, chronicle and literature.

*1. Ver os passos**1.1. Antonieta*

Para tecer um panorama dos passos da vida e da obra de Antonieta de Barros, a fim de compreender a sua importância histórico-literária e política no contexto do início do século XX para o povo da Ilha de Santa Catarina, do Estado Catarinense e os reflexos no quadro geral brasileiro, organizei didaticamente uma biografia com imagens, tendo por base teórica, dentre outras, as considerações de Bakhtin¹ sobre dialogismo e gênero literário; de Dosse² sobre o desafio biográfico; de Walter Benjamin³ sobre o conceito de história, a fortuna crítica sobre a biografada; e o registro foto-documental reunido a partir das pesquisas realizadas nas instituições que guardam a memória da cultura florianopolitana e catarinense. O gênero textual busca valor literário, mas também, quando possível, clareza histórica, realismo calcado em documentos oficiais, fotos e análise da fortuna crítica.

Na construção da tese de forma não - linear, mostro fatos e acontecimentos de época relevantes para o traçado da vida de Antonieta na sociedade das primeiras décadas do século XX. Ressalto, entretanto, que para quem já tentou o feito de realizar notas biográficas da Professora, deparou-se com o dilema das lacunas, que a pesquisa

¹ BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

² DOSSE, Francois. *O Desafio Biográfico: Escrever uma vida*. TRad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

³ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

apurada e minuciosa tentou aqui preencher, mesmo com dúvidas e insatisfação, lembrando que esta é uma biografia possível, sob uma determinada ótica, um recorte, dentre outros possíveis olhares.

A pesquisa começou mediante o questionamento: “Quem foi e o que fez Antonieta de Barros?”. Como possíveis respostas, surgiram textos elaborados em sua maioria na ocasião da Comemoração do Centenário de seu nascimento (1901 – 2001), com publicações e reflexos também em 2002, quando do acesso à internet em *sites*⁴ de pesquisa a partir do nome Antonieta de Barros. Ali, tem-se ao alcance de todos os interessados, páginas que aludem a dados biográficos da pesquisada, além de Instituições e Prêmios que levam o nome e cultuam a memória de Antonieta às gerações de hoje e do amanhã.

Interessei-me em ler as informações prestadas pelos *sites*, os artigos publicados, as páginas de trabalhos acadêmicos; verifiquei que a memória de Antonieta está viva ainda hoje, reverenciada em nome de ruas de bairros da cidade natal, nome do túnel da Via Expressa Sul da cidade de Florianópolis, nome de escola, nome de programa de bolsas de auxílio à população carente, nome de auditório e de medalha ao mérito catarinense da Assembleia Legislativa de Santa Catarina e de Associação de Mulheres Negras.

Entretanto, ao comparar as informações, compilando em resumo os dados que convergiam e descartando para o momento os que divergiam; houve o surgimento de dúvidas e mais questionamentos,

⁴ A lista dos *sites* sobre textos que aludem à Antonieta de Barros constam na Bibliografia da Tese, item 7.6. Vou utilizar ao longo da tese o vocábulo *site*, conforme consta no *Dicionário da Academia Brasileira de Letras da Companhia* Editora Nacional, 2008. P.1187. *Site* [sáit](Ing) s.m. (Inform.).1. Grupo de documentos relacionados e arquivados num banco de dados, inserido num provedor; website. 2. Lista de conteúdo de um *site*.

gerando pressupostos, subentendidos e critérios de seleção. Os dados apurados foram compondo o Quadro Biográfico de Antonieta de Barros⁵. Na medida em que preenchia o quadro, fui percebendo os espaços em branco que as informações compiladas iam deixando. Dos vazios e das incertezas geradas pelas informações discordantes nos textos dos *sites* lidos, percebi que deveria buscar, em fontes primárias, dados mais claros e precisos. Nesse ínterim, elaborei o projeto e passei a pesquisar e resolvi, então, realizar visitas; primeiro nos lugares em que a biografada viveu, trabalhou, executou sua escrita e foi enterrada; depois nos periódicos (jornais e revistas da época em que ela viveu), nos documentos históricos e institucionais, nas edições do livro *Farrapos de Idéias* e por fim nos trabalhos acadêmicos impressos e arquivados nas bibliotecas das universidades do estado de Santa Catarina, informações que constam no item sete, nas referências bibliográficas.

Este trabalho traz uma seleção do material encontrado. Da pesquisa realizada fica a certeza do valor inestimável da vida e da obra, ou “vidobra” de Antonieta de Barros, uma mulher de ascendência negra, professora, escritora e política, natural da Ilha de Santa Catarina, nascida aos onze dias do mês de julho de 1901 e falecida em vinte e oito de março de 1952.

“Vidobra” é um conceito veiculado no livro de François Dosse⁶. Ele define este termo tratando do gênero Biográfico como “Gênero Impuro”. Definição: “[...] uma relação complexa entre os elementos factuais da vida e a parte ficcional da obra”, quando se pensa na escrita

⁵ O Quadro Biográfico de Antonieta de Barros consta no item 5.

⁶ DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2009. P. 80.

biográfica sob a ótica da crítica literária, ou seja, “o sentido da obra é deduzido das peripécias da vida, e a biografia dos escritores está no próprio cerne da inteligibilidade literária”.

Este estudo consiste, também, em uma contribuição para a divulgação e valorização da escrita feminina do início do século XX por se tratar da investigação de “rastros e vestígios” da escrita de uma das intelectuais que enaltece um período significativo da memória da cultura e literatura catarinenses, uma das pioneiras em escrever crônicas no estado, além de ter sido a primeira deputada de ascendência negra eleita para a assembléia legislativa por dois mandatos.



Antonieta de Barros. Foto do Jornal *O Idealista*.

1.2 A Trajetória

Para realizar com eficiência e eficácia uma pesquisa, o conhecimento prévio de um determinado contexto gera facilidades na compilação de dados que poderiam ficar obscuros, perdidos para a reconstrução da memória cultural de um lugar ou de uma personalidade, caso o biógrafo não conhecesse esse espaço, esse lugar. Isso porque o conhecimento permite que o pesquisador respeite a cultura local, a memória da gente do lugar, suas origens e tente compreender os “nós constituídos”, talvez para desamarrá-los ou não, na tessitura do tempo e do espaço. François Dosse⁷ diz que “a biografia pode ser um elemento privilegiado na reconstituição de uma época, com seus sonhos e angústias”. Entretanto, o gênero biográfico se escreve primeiro no presente, numa relação de implicação quando há empatia por parte do autor.

Assim, por mais que os deslocamentos ocorram, ao se buscar no tempo da memória histórica o fio de Ariadne⁸, tanto mais se penetra no

⁷Idem. Op. Cit. P. 11.

⁸ Refere-se à personagem mitológica Ariadne, filha do rei Minotauro, que auxiliou Teseu quando este foi encerrado no labirinto do Minotauro, dando-lhe um novelo de lã para que encontrasse o caminho de volta. Sua recompensa foi a ingratidão, pois foi abandonada pelo herói na Ilha de Naxos, enquanto dormia. Mais tarde, Baco, deus do vinho, desposou-a, levando-a para o Olimpo. In.: FRANCHINI, A . S. *As 100 melhores histórias da mitologia*:

“mosaico inacabado”⁹ de verdades constituídas. Foi como me senti, um Dante percorrendo as pistas da vida de uma personalidade já falecida e cuja trajetória parecia estar repleta de mitos e espaços em branco a serem preenchidos. Esse preenchimento valeu-se de critérios, um calcado na leitura do livro de Antonieta de Barros nas referências a datas, livros, pessoas, fatos¹⁰, acontecimentos, que ela faz ao longo do livro, como por exemplo: referências a autores lidos, às passagens da retórica bíblica, às alegorias de passagem de Dante no livro *A Divina Comédia*, a pessoas da vida social da cidade, aos acontecimentos históricos da época, diálogos intertextuais presentes em *Farrapos de Idéias*. As referências e o intertexto trazem em si a idéia de “mosaico”, porque os *farrapos* são pedaços de textos que se encaixam para formar outro texto, no caso aqui a crônica de cada semana.

Outro critério utilizado para o preenchimento dos espaços da biografia de Antonieta foram os *pedaços de outras vidas*, ou seja, a leitura da trajetória de personalidades vividas na época de Antonieta

deuses, heróis, monstros e guerras da tradição Greco-romana. 9. Ed; Porto Alegre: L&PM, 2007. P.444.

⁹ Uso de uma alegoria para definir a sensação de buscar no passado as histórias que não conheci enquanto natural da Ilha de Santa Catarina, local onde nasci, estudei, cresci, casei, trabalho e vivo. Isso me fez lembrar do livro de Leoni, por tratar de um mistério. “Mosaico inacabado é uma expressão usada por Giulio Leoni em seu livro “Os crimes do Mosaico”. No livro, “Numa noite de 1300, aos pés de um gigantesco mosaico inacabado, um homem é assassinado de maneira pavorosa, cabe a Dante Alighieri, há poucas horas, nomeado prior de Florença, a tarefa de desvendar o crime, penetrando na realidade obscura e perigosa que se esconde por baixo do mundo iluminado da capital da arte e da cultura. “Uma tarefa complexa, dificultada por falsos indícios e questões às quais parece ser impossível responder”. In. LEONI, Giulio. *Os crimes do Mosaico: Um caso de Dante Alighieri*. São Paulo: Editora Planeta, 2006.

¹⁰ Verbete. **Fato** (s). s.m. Ato, feito, acontecimento. Aquilo que é verdadeiro, real; verdade, realidade. *Dicionário da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 2008. P. 577.

para poder compor, de pedaço em pedaço, os seus passos. Um exemplo disso foi a realização da leitura de dados biográficos de Maura de Senna Pereira, de Nereu Ramos, de Vidal Ramos, de Barreiros Filho, de Altino Flores, de Delminda Silveira, de Maria Lacerda de Moura, de Berta Lutz, além da investigação de dados sobre Nila Sardá, Leonor de Barros, Maria Sardá Amorim, Ida Messler, Catarina de Barros, quando possíveis de encontrar, dentre outros, para entender um pouco de uma época e dali por seleção em contrastes e comparações, *tecer uma vida*.

Assim, a categoria de verossimilhança ecoou nas idas e vindas aos textos encontrados nos espaços institucionais da memória da cidade, confluindo para a certeza de que havia o que *desvendar* por meio da construção de uma rede de conexões dialógicas. A curiosidade e a persistência foram desta forma, aliadas triunfantes para a busca do conhecimento ao se aceitar ou refutar um dado¹¹.

À primeira vista, para quem pensava conhecer o contexto sócio-histórico a ser utilizado na construção de uma biografia através de imagens parecia simples contar a vida de uma ilustre personalidade da cidade de Florianópolis e tratar de refletir sobre a cultura local, suas implicações e características, uma vez que a vida e a escrita da obra da biografada ocorreram no mesmo espaço, na mesma cidade, embora em tempos distintos, da autora deste. Ledo engano! Pois, a afirmação de que o povo ilhéu conhece sua história, sua trajetória e evolução cultural não parecem tão óbvias assim.

São os espaços institucionais da memória local e o ensino superior que têm gerado esforços e dado movimento e trato científico

¹¹ Verbetes. **Dado**¹. s.m. Acontecimento. Informação organizada para fins de análise e pesquisa. Idem, 2008. Op. Cit. P. 389.

aos fatos¹² ligados à cultura e à literatura, principalmente quando o assunto diz respeito à Literatura da Ilha de Santa Catarina¹³ do início do século XX. Isso ocorre porque a política e as desavenças originadas por essa mesma política, conforme se verifica na leitura dos textos de jornais de época, obscureceram a verdade dos fatos ao longo dos anos, produzindo dados por vezes confiáveis ou não. E, talvez, porque a

¹² **Fato Cultural** compreende o campo da antropologia e pressupõe a necessidade de transformação da idéia que o homem tem de si próprio, da sociedade na qual está inserido, em qualquer dimensão geográfica ou conceitual. Fato com origem determinada, porém de conseqüências muitas vezes incomensuráveis por causa da expansão da dimensão que toma. Esta dimensão, por sua vez, varia conforme o tempo histórico e as tradições culturais das comunidades em que o fato se insere. In.: BAKTHIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. **Fato Literário** compreende o objeto de estudo da Teoria Literária. A teoria literária constitui-se no conhecimento teórico dos fatos literários, ocupando-se de pensar quais os objetos de estudo que constituem o campo de trabalho e atuação de uma determinada teoria, como se caracteriza o comportamento do estudioso diante dos objetos de estudo ou do fato literário, o que distingue um comportamento em relação a outros comportamentos interessados em um mesmo objeto de estudo. Cabe ao teórico literário pensar nas noções preliminares necessárias ao início do estudo, como o entendimento sobre a existência de uma “Vida Literária”, de um autor, de um leitor e de um público da obra em estudo, também qual o ambiente cultural inter-relacionado à obra, pensando a existência de uma história literária, ou seja, compreendendo a evolução de todos os fatos literários através do tempo. In.: AMORA, Antônio Soares. *Introdução à Teoria Literária*. São Paulo: Editora Cultrix, 1970. A especulação sobre a questão relacionada ao fato literário aconteceu já na Antiguidade Clássica com os gregos e durante o período do grande desenvolvimento da filosofia, ocorrido nos séculos V e IV Antes de Cristo, lembrando da Arte Retórica e Arte Poética de Aristóteles, obras fundamentais para entender os fundamentos para a teoria Literária Clássica. Na obra de Aristóteles dois problemas são apontados, a questão relacionada à caracterização da obra literária, distinção entre a Literatura e a não-literatura; e a formulação de um conjunto de preceitos que deviam ser seguidos pelos escritores, a fim de que suas obras resultassem perfeitas, tanto na expressão, quanto no tocante às regras estabelecidas para os gêneros literários da época (poema épico, poemas líricos, tragédia, comédia, oratória). Após quatro séculos, na literatura latina vamos encontrar, mesmo com base aristotélica, a “Arte Poética” de Horácio, desde a latinidade até os nossos séculos clássicos, tendo prestígio e influência. Na Renascença, séculos XVI e XVIII, a teoria literária experimentou o desenvolvimento provocado pela dominação nesses séculos da literatura grega e latina, e da necessidade que os clássicos modernos tiveram em defender os princípios do Classicismo, contra as manifestações literárias, de tradição medieval, sobreviventes na época, em conflito com o mesmo Classicismo. In.: BAKTHIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

¹³ Ilha de Santa Catarina, considerando o espaço cultural do centro da cidade de Florianópolis/SC, as praças, o Liceu, a Escola Normal, o Colégio Catarinense, o Colégio Coração de Jesus, os grupos escolares.

escola de Educação Básica tem se distanciado gradativamente dos princípios para os quais foi criada, deixando de lado o estudo sistemático da cultura e da história locais, dando mais ênfase aos estudos relacionados aos assuntos de ordem global.

Definir uma trajetória de pesquisa implica na delimitação de espaço-tempo, de foco no tema abordado, compilando a partir de uma cronologia, usando de instrumentos metodológicos, o fato ou o dado ou mesmo o evento¹⁴ relevante. A delimitação do tempo como categoria de pesquisa é uma forma de definir um “antes” e um “depois”, um passado, um presente e um futuro. O tempo baseia-se na aceitação de causalidade, compreende as relações de causa e efeito, conforme nos define a filosofia. O valor agregado pelo tempo pode estabelecer a importância ou não de acontecimentos, de eventos de quem visa e necessita delimitar um fato, uma atividade profissional ou uma informação. O tempo, portanto, pode ser definido como a ocorrência de um acontecimento; no entanto, a quantidade de tempo, sua medição, pode se tornar relativa, quando se pretende adotar o valor de verdade com base nas definições da lógica, ao se pensar na história. O conceito de história definido por Walter Benjamin¹⁵ afirma que “a história não é um movimento contínuo e linear, mas marcada por rupturas que apontam sempre para a possibilidade de tudo ser diferente do que efetivamente é”. Nessa perspectiva de conceito, para investigar o passado tem-se que cultivar uma consciência de que todo o passado está

¹⁴ Verbete. **.Evento**. s.m. Aquilo que é observado; acontecimento, ocorrência. Acontecimento que visa atrair a atenção do público e/ou da imprensa para uma instituição. **Dicionário da Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 2008. P. 557.

¹⁵ BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987, vol. 3.

carregado de possibilidades de futuro, cuja significação é decisiva no encaminhamento da história. Desta forma, recordar algo vivido não basta, pois o acontecimento, enquanto permanece encerrado na esfera do vivido, é finito, limitado. Só quando o vivido elucida de algum modo, o que ocorreu antes e o que aconteceu depois, é que ele pode se tornar ilimitado, então:

O sentido da história vem sempre da ação dos homens e não pode ser pensado como dado antes de os sujeitos agirem. O homem é sempre capaz de surpreender e é por isso que ele pode reverter à ordem estabelecida e institucionalizada, ou seja, interferir nos caminhos da história de seu tempo. O passado comportava outros futuros além daquele que realmente ocorreu, pois história não é o lugar de um tempo vazio e homogêneo, mas de um tempo saturado de agoras. Concebendo o tempo no seu entrecruzamento entre passado, presente e futuro, recupera-se uma compreensão do presente que não seja a mera expressão de um intervalo entre o passado e o futuro¹⁶

Nesta linha de pensamento, observa-se a escrita de Antonieta como “valor de mito e de rito”¹⁷, verdadeiras palavras que andam e, andando, teoricamente forjaram e, ainda forjam condutas, conduzindo a” uma credibilidade no discurso que é em primeiro lugar aquilo que faz os crentes se moverem [...]”¹⁸, essa mesma credibilidade segundo Michel de Certeau¹⁹ produz praticantes, ou seja, nesta perspectiva, “fazer crer é

¹⁶ Idem, 1987. Também presente em :BENJAMIN, Walter. Sur le concept d’histoire (1940), em *Écrits français*, Gallimard, 1991. P. 347.

¹⁷ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982

¹⁸ NUNES, Karla Leonora Dahse. *Antonieta de Barros: Uma história*. Florianópolis: Inverno de 2001. UFSC. Dissertação de Mestrado. CFH.

¹⁹. CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994. P. 221.

fazer”. Isso, talvez, explicaria a longevidade dos ensinamentos da professora Antonieta, mesmo por parte daqueles que não conhecem todo o conjunto de suas crônicas ou mesmo de seus discursos. Como nos refere Zahidé Muzart,

[...] é sempre bom lembrar que, no Brasil, a literatura feminina somente começa a ser visível no primeiro quartel do século XX. Ainda que singulares e produtivas, nossas escritoras de antes foram sistematicamente excluídas do cânone literário, que era forjado unicamente pela crítica e pela historiografia masculinas. A produção de livros de mulheres, ainda que hoje desaparecidos, não foi nada desprezível. Estranhamente, tudo isso foi sendo pouco a pouco esquecido a partir do século XX. Lendo-as, sem contextualizá-la convenientemente no período da História em que viveram e no estilo dominante que lhes influenciou a produção e, sobretudo, sem se procurar compreender as injunções sociais e políticas que sofreram como mulheres, arriscamo-nos a cometer muitas injustiças. Essas pioneiras foram por demais prudentes na abordagem e na crítica de costumes.²⁰

Na historiografia da Literatura Catarinense poucas são as mulheres que se destacam ou aparecem, as quais ainda carecem serem mais estudadas e divulgadas, tanto por parte da crítica literária, bem como no meio escolar e social.

No resgate litero-cultural de escritoras nascidas no século XIX aparecem em um artigo de Zahidé Muzart na *Revista Teias*²¹, intitulado *Mulheres Desterrenses*, algumas moças, que escreveram no *Jornal Crepúsculo*, da cidade de Desterro (antigo nome de Florianópolis/SC)

²⁰ MUZART, Zahidé. Lupinacci. *As Olvidadas: Escritoras Catarinenses do Passado*. In. Ô Catarina, número 48. Florianópolis, setembro, 2001. P. 3.

²¹ Idem. *Escritoras Desterrenses*, Revista Litero-Cultural Teias, nº 1, Setembro de 1989.

dirigido pelo escritor Sabbas Costa, tais como: Júlia da Costa, Rosa Valente, Revocata de Melo, Cândida Fortes, Delminda Silveira, as irmãs Ibrantina de Oliveira e, Ubaldina de Oliveira, Alice de Alencar entre outras, nem todas nascidas em terras catarinenses. Conta Muzart (1989) que Sabbas Costa no jornal *Crepúsculo*, através do artigo intitulado *Princípios Literários* em 1889, escrevia que “O século é de luz, por isso que a mulher hoje aspira galgar a epopéia da glória literária como fizeram a universal George Sand e a laureada Maria Amália Vaz de Carvalho. E ele não estava de todo enganado, pois hoje em pleno século XXI a mulher escritora é uma realidade. As mulheres desterrenses de que tratava Muzart eram cronistas e poetas, colaboraram em jornais à época e deixaram material disperso, que aos poucos foi sendo resgatado. Na Antologia publicada em dois volumes, o primeiro em 2000 e o segundo em 2004, intitulada *Escritoras Brasileiras do Século XIX* encontra-se um estudo de algumas dessas mulheres. Ana Luisa de Azevedo Castro²², autora do romance *Dona Narcisa de Villar*; Júlia da Costa²³ que foi a primeira mulher a participar do movimento literário em

²² **Ana Luisa de Azevedo Castro** nasceu em 1823 em São Francisco do Sul e faleceu em 22/01/1869. Foi professora, membro da sociedade *Ensaio Literários*, escreveu o romance *D. Narcisa de Villar*, escrevia sob o pseudônimo de Ipiranga. *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*/Organizado por Zahidé Lupinacci Muzart. 2ª Ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. P. 250-263.

²³ **Júlia da Costa**, nasceu em Paranaguá/PR em 01/07/1844 e faleceu em 12/07/1911. Escritora e Professora. É incluída como escritora catarinense por ter morado desde os dez anos e vivido por toda a sua vida na Ilha de São Francisco do Sul/ SC. Escreveu poemas, crônicas-folhetins, cartas. É estudada: MUZART, Z.L. *Júlia da Costa: Poesia*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001. V01. P. 416; e MUZART, Z.L. (Org.) *Júlia da Costa, “a rosa do tufão batida.”*... In: Júlia da Costa Poesia. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001. P. 15-23. In.: MUZART, Z. L. (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. 2ª Ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. P. 401-423. Júlia da Costa é considerada uma poetisa da escola romântica, deixou vasta relação de poemas publicados nos jornais de Desterro, São Francisco do Sul e Joinville. In.: SACHET, Celestino. *A literatura de Santa*

Santa Catarina em 1870, intitulado *Amor às Letras*; Delminda Silveira²⁴ (Brasília da Silva) e Maria Carolina Corcoroca de Souza²⁵ (Semiramis) participaram do movimento literário *Sul Americano*, formando o grupo das Beletrices em 1889 a 1902; Castorina Lobo de São Thiago²⁶ fez

Catarina. Florianópolis, Lunardelli, 1979. P. 42-43. *Uma poetisa romântica intimista* In.: SACHET, Celestino & SOARES, Iaponan. *Presença da Literatura Catarinense*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1989.p. 43. In.: JUNKES, Lauro. *Presença da poesia em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1979. P.48-50.

²⁴ **Delminda Silveira**, natural de Desterro, escritora e professora nasceu em 16/10/1854 e faleceu em 12/03/1932. Dedicou-se ao ofício de lecionar e trabalhou até os seus setenta e oito anos, solteira, foi professora de português e francês no Colégio Coração de Jesus. Escreveu poemas, ensaios e crônicas nos jornais da cidade de Desterro sob o pseudônimo de Brasília Silva. Publicou “Lises e Martírios”, “Cancioneiro”, “Passos Dolorosos”, “Indeláveis Versos”. In.: Escritoras brasileiras do século XIX: antologia/Organizado por Zahidé Lupinacci Muzart. 2ª Ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. P. 634-649. JUNKES, Lauro. *Presença da poesia em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1979, p.53-56. SACHET, Celestino. *A Literatura de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1979. P. 48. Delminda Silveira pode ser inserida na estética do Romantismo Religioso. In.: SACHET, Celestino; SOARES, Iaponan. *Presença da Literatura Catarinense*. Florianópolis: Ed Lunardelli, 1989. P. 43.

²⁵ **Maria Carolina Corcoroca de Sousa** nasceu em Desterro (Florianópolis/SC) em 12/04/1856 e faleceu em 1910. “[...] Publicou seus poemas, ocultando-se sob o pseudônimo de Semiramis e deixou muitos dispersos nas páginas do jornal “Sul-Americano”. Creio que, por ser esposa de afamado professor e músico da pequena cidade, usou o pseudônimo que mencionamos e que foi conservado em segredo até a morte da poetisa, quando José Brasilício o revelou a seus íntimos.” [...] Da obra de Maria Carolina Corcoroca de Sousa nada foi editado em livro, mas coletamos 58 poemas, sendo a maioria glosas e motes, tão ao gosto da época; versos de um poeta dirigido a outro, e doze charadas, tudo publicado no jornal “Sul-Americano”. Há muitas charadas e logogrifos dedicados a Brasília Silva, pseudônimo de Delminda Silveira. Pode-se ver que [a escritora] refletiu sobre a questão dos direitos da mulher, a educação, a relação entre o sexo e o direito a escrever e publicar, porque tais preocupações, com certa frequência, transparecem nos poemas encontrados. [...] A poesia de Maria Carolina filia-se, em muitos poemas ao Romantismo, mas, em outros, mais descritivos, já se nota a influência do Parnasianismo” In.: MUZART, Zahidé. **Maria Carolina Corcoroca de Sousa**. *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia/ organizada por Zahidé Lupinacci Muzart* – 2. Ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. P. 768-785.

²⁶ **Castorina Lobo de São Thiago** nasceu em Tubarão/SC a 28/12/1884 e faleceu em Blumenau em 24/08/1974. Reside na capital do Estado desde 1890, casa-se em 1907. Aos 15 anos inicia sua carreira no magistério, à qual se dedica por quarenta anos. Muda-se para o Rio de Janeiro na década de 30 junto à família e seu esposo Vicente Lobo São Thiago. Publicou poemas em periódicos e lançou em 1955 o livro “Rimas do outono”, o qual foi distribuído nas bibliotecas das escolas do Estado de SC. Em 1958 realiza o discurso de posse na Academia Catarinense de Letras, ocupando a cadeira que fora de Delminda Silveira. KAMITA, Rosana Cássia. **Castorina Lobo S. Thiago**. In. *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia/ organizada por Zahidé Lupinacci Muzart* – 2. Ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

parte do grupo literário da Academia Catarinense de Letras a partir de 1930 a 1947. Voltando o olhar para as mulheres nascidas na Ilha de Santa Catarina no século XX, ainda não reunidas em uma antologia específica para este fim, destacam-se até o presente momento, Maura de Senna Pereira²⁷ que foi a primeira mulher a entrar na Academia Catarinense de Letras, publicou poemas e escrevia o *Domingo Literário* no jornal *A República*. E, Antonieta de Barros, que não fez parte de nenhum movimento literário, no entanto, escreveu ativamente crônicas em jornais, objeto deste estudo²⁸.

Antes de tratar desta questão, gostaria de frisar que, quando se mergulha na vida de uma comunidade e faz-se parte dela, percebe-se, à medida que a pesquisa avança a rede de conexões que este fato proporciona, bem como a responsabilidade de não poder “errar”. Talvez as leis auxiliem, no entanto, em se tratando de resgate da memória local, só o registro institucionalizado parece nos garantir confluências. Entretanto, as mesmas leis e instituições podem gerar também

P. 1104-1124. In.: JUNKES, Lauro. *Presença da poesia em Santa Catarina*. Florianópolis/SC: Ed Lunardelli, 1979. P. 145. “Castorina Lobo São Thiago [...] foi professora normalista do magistério público catarinense. Residiu em São Francisco do Sul, Rio de Janeiro, Florianópolis e Blumenau. Ocupou a cadeira 10 da Academia Catarinense de Letras, sucedendo a Delminda Silveira. In.: SACHET & SOARES, 1989. P. 49.

²⁷Maura de Senna Pereira, natural da Ilha de Santa Catarina, poetisa, professora e articulista do jornal *República*, página *Domingo Literário*. In.: KALKIMANN, Reginalda. *Maura em Flor*. Dissertação de mestrado. Florianópolis/SC: UFSC, 2007. Também citada In.: MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. Vol. 1. Florianópolis/SC: Editoras Mulheres, 2000. P. 637.

²⁸Este estudo trata de Antonieta de Barros, sua vida e obra, para além da delimitação do período deste estudo (1901-1952) têm-se outros nomes importantes, tais como o das mulheres que participaram no movimento literário do Círculo de Arte Moderna de Santa Catarina, *Revista Sul*, são elas: Eglê Malheiros, Leatrice Moellmann, Lília da Arnelas, Yvone Jean, citando as mulheres, dentre outros nomes de catarinenses. Informação retirada do livro da *História de Santa Catarina*, 5ª parte, resumo histórico 1831-1969 da Imprensa Catarinense, 1970. P. 143.

dubiedades e conflitos, somente o uso do discernimento leva o pesquisador a encontrar soluções viáveis ou mesmo possível no registro biográfico, aliado ao conhecimento histórico e geográfico, em função do contexto sócio-político. Isso porque a rede de conexões na sociedade de uma época apresenta fatos cruzados, atitudes e acontecimentos, nascimentos, mortes, encontros e desencontros, ficando, por vezes, difícil penetrar no limbo de Dante²⁹, local onde os poetas jazem ancorados ao mundo criado por eles e no espaço fenomenológico entre o isto e o aquilo. Mesmo assim, só a persistência conflui para que uma pesquisa desta natureza aconteça, percorrendo rastros, encontrando vestígios, pistas tanto nos documentos históricos, durante a leitura de jornais de época, quanto nos livros sobre a cultura e sobre a história da literatura catarinense. Assim, ao refletir sobre o fato de Antonieta não ter sido apontada pela historiografia como pertencente a um grupo literário, qual teria sido a razão? A resposta pode estar na leitura minuciosa dos textos de Antonieta, pois são escritos em prosa, os quais parecem ser um retrato literário das primeiras décadas do século XX do pensamento social, político e cultural sobre “as gentes”, suas relações de poder e a sociedade da época. Nas palavras de Walter Benjamin³⁰, “nenhum fato meramente por ser causa, é só por si só um fato histórico, ele se transforma em fato histórico postumamente, graças à [repercussão deste fato, o que] historicamente não significa conhecê-lo tal como ele

²⁹ Referência à cena em que Virgílio e Dante chegam ao castelo dos poetas na região do Limbo. In.: ALIGHIERI, Dante. *Divina Comédia*. Texto Integral. Série Ouro. São Paulo: Martin Claret, 2004.

³⁰ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. P. 232.

propriamente foi, mas significa apoderar-se dele de uma lembrança tal qual ela cintilou [...].³¹

Antonieta de Barros escreveu crônica e publicou de 1929 a 1952 nos jornais da época e lançou uma seleção dessas crônicas em livro no ano de 1937. Foi considerada uma “intelectual”, uma autora “bissexta”, uma escritora cujos textos apresentam “tendência estético-literária do realismo/parnasianismo” dentro do grupo de escritores da literatura produzida em Santa Catarina. Desta maneira a escritora é apresentada nos livros sobre a literatura catarinense, a cultura, a história e a política. Autores que fazem menção à presença de Antonieta de Barros na vida pública em meados do século XX: Celestino Sachet³² (1970; 1979; 1989), Iaponan Soares (1989)³³, Carlos Humberto P. Correa³⁴ (1996; 1997; 2005), Jali Meirinho (2000)³⁵; Maria Lúcia de Barros Mott (1989)³⁶, Joana Pedro (1994)³⁷, Walter Piazza (1994)³⁸.

³¹ _____. *A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução*. Textos escolhidos. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

³² SACHET, Celestino. *A Literatura de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1979. P. 269. E também.: *História de Santa Catarina: Literatura*, volume 3, 1970, p.28-29.

³³ SOARES, Iaponan. SACHET, Celestino (orgs.). *Presença da literatura catarinense*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1989. P.73; 91-92.

³⁴ CORRÊA, Humberto P. *História da Cultura Catarinense: O Estado das Ideias*. Vol.1. Florianópolis: Ed UFSC: *Diário Catarinense*, 1997. P. 165,171,172,176, 177, 201./ *Lições de Política e Cultura 1920/30: A Academia Catarinense de Letras, sua Criação e Relações com o Poder*. Florianópolis: *Edições A.C.L.*, 1966. P. 57,63./*História de Florianópolis Ilustrada*. Florianópolis: Editora Insular, 2005. P. 306, 307,308, 330.

³⁵ MEIRINHO, Jali. *Datas Históricas de Santa Catarina 1500 a 2000*. Florianópolis: Editora da UFSC e Editora Insular. 2 ed. Revisada, ampliada e atualizada. Florianópolis: Insular, Ed da UFSC, 2000. P. 77,191./ Com Theobaldo Costa. *Nomes que ajudaram a fazer Santa Catarina*. Florianópolis: EDEME Editora, 1971.

³⁶ MOTT, Maria Lúcia de Barros. *Escritoras Negras: resgatando a nossa História*. Papéis Avulsos, número 13. Rio de Janeiro: Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos, 1989. P. 7-8.

³⁷ PEDRO, Joana Maria. *Mulheres Honestas e Mulheres Faladas: Uma questão de classe*. Florianópolis: ED UFSC, 1994.

³⁸ PIAZZA, Walter F. *Dicionário Político Catarinense*. 2ª Ed. Revisada e Ampliada. ALESC, 1994. P.85-86.

Zahidé Muzart (2002)³⁹. Estas menções são destacadas e comentadas no item três desta tese. Já em 1991, na pesquisa de mestrado de Josefina da Silva⁴⁰, que realizou uma primeira leitura de *Farrapos de Idéias*, Antonieta é definida como uma “autora emergente” dentre os autores de um livro só. Afirma SILVA (1991) na conclusão de sua dissertação que: “Estamos diante de uma obra que, passados mais de 50 anos, desde a data de sua primeira publicação, mantém-se acentuadamente moderna e pulsante, porque nela está inserida a criatura humana com todos os problemas que gravitam em torno da sua condição [...]”⁴¹. E sobre a personalidade pública, Karla Nunes⁴², em sua dissertação, define Antonieta como “uma personagem feminina que inaugura o cenário político catarinense por ter sido eleita a primeira deputada na Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina em um tempo (1934) e um espaço [...] onde tal fato ainda estava muito distante da maioria das mulheres de nossa terra.”

Em uma leitura mais apurada de *Farrapos de Idéias* percebe-se que a riqueza da obra está na sua interface com o pensamento filosófico da ocasião, na intertextualidade imbuída nas crônicas, na polifonia de muitas vozes que falam por meio de Antonieta, um texto permeado e construído pelas idéias e preocupações mais pulsantes do início do século XX, que ainda são foco de reflexões nos dias atuais. Antonieta dá pistas de como era a sociedade da época e do quanto o homem precisava

³⁹MUZART, Zaihidé. *Escritoras Brasileiras do século XIX*. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres; EDUNISC, 2004. Vol. II. P. 1108; 1112.

⁴⁰SILVA, Josefina da. Antonieta de Barros – *Maria da Ilha: Discurso e Catequese*. Dissertação de Mestrado DLLV/ PGL – Literatura Brasileira/Teoria Literária. UFSC. Florianópolis/SC/1991.

⁴¹ Idem. P.80.

⁴² NUNES, Karla Leonora Dahse. *Antonieta de Barros: Uma história*. Florianópolis, Inverno de 2001. UFSC – Dissertação de Mestrado CFH – História. P.9.

mudar para evoluir, cultivando valores, através da educação, principalmente. Também acentua o quanto a educação dos pequenos, das crianças precisava melhorar, a fim de que a sociedade não cultivasse a egolatria e a violência.

Antonieta escreve suas crônicas em jornal, na maior parte das vezes, sob o pseudônimo “Maria da Ilha”. Em se tratando de escritoras mulheres, segundo Rosana Kamita esta era “uma prática comumente utilizada por outras escritoras da época como forma de se defender dos ataques da crítica.”⁴³ Desta forma, as mulheres podiam escrever sobre a vida, sobre política, dar soluções, criticar e denunciar sem serem identificadas, como aconteceu com Antonieta em determinados momentos de sua vida, principalmente após os anos 30. Em *A Educação & Outros Ensaios*⁴⁴, Antonio Candido escreve que “[...] Os anos 30 foram de engajamento político, religioso e social no campo da cultura. Mesmo os [escritores e intelectuais] que não se definiam explicitamente, e até os que não tinham consciência clara do fato, manifestaram na sua obra esse tipo de inserção ideológica, que dá contorno especial à fisionomia do período”. Com Antonieta esta inserção aconteceu, culminando com sua candidatura à Constituinte, como representante de uma classe, a do magistério. Então, a manifestação desta inserção ideológica em uma época de regime político conflituoso deu-se por meio das crônicas que publicava semanalmente no jornal *República* nos anos 30, em *O Estado* no final da década de 40 e os dois primeiros anos

⁴³ KAMITA, Rosana. *D. Narcisa de Villar: Uma Heroína romântica em busca da liberdade*. In.: Ô Catarina. Número 48. Florianópolis, setembro, 2001. P. 4.

⁴⁴ CANDIDO, Antonio. *A Educação & Outros Ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1989. P. 182.

da década de 50. Então, na conjuntura política pela qual passava a sociedade, parece natural que ela utilizasse do pseudônimo para garantir certo resguardo crítico.

A crônica⁴⁵ como gênero literário, de cunho social e de temática urbana, aparece nos jornais de todo o país desde o final do século XIX e primeiras décadas do século XX. É um gênero que veio para se fixar, mas à época, esbarrou na “aristocracia do poder constituído”. Sobre esta questão, Alfredo Bosi (1970)⁴⁶ afirma que para se estudar os caminhos da literatura nas primeiras décadas do século XX, há de se considerar os pressupostos histórico-literários do pensamento dominante na sociedade ocidental ainda no fim do século XIX, que tem sua base nos reflexos da cultura Ocidental, a partir das revoluções burguesas da Inglaterra e da França. Isso porque os grupos que se achavam na ponta de lança do processo foram perdendo a vivência religiosa dos símbolos e fixando-se na imanência dos dados científicos ou no prestígio dos esquemas filosóficos, tais como: empirismo, materialismo, positivismo e existencialismo. A resistência a esse ideário provinha dos estratos pré-burgueses à margem da industrialização, de onde advém o mal-estar e as recusas à concepção técnico-analítica do mundo: o Romantismo nostálgico de Chateaubriand e de Walter Scott; o Romantismo Idealista de Novalis e Poe, de quem Baudelaire, os boêmios e os malditos receberiam tantas sugestões. Alfredo Bosi⁴⁷ afirma ainda que essa crise constitui-se na proposta no último quartel do século XIX, quando a

⁴⁵ CANDIDO, Antonio. *A Crônica* (Org.) Setor de Filologia da FCRB. Campinas/SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

⁴⁶ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 43ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2006. P. 263-264.

⁴⁷ Idem, op.cit.2006.

segunda revolução industrial, já de índole abertamente capitalista, traz à luz, novos correlatos ideológicos: cientificismo, determinismo, realismo impessoal, influenciando o ideário filosófico e literário do início do século XX:

Do âmago da inteligência européia surge uma oposição vigorosa ao triunfo da coisa e do fato sobre o sujeito – aquele a quem o otimismo do século prometera o paraíso, mas não dera senão um purgatório de contrastes e frustrações. É um poderoso élan antiburguês, e não raro místico, que atravessa os romances de Dostoievski, o teatro de Strindberg, a música do último Wagner, a filosofia de Nietzsche, a poesia de Baudelaire, de Hopkins, de Rimbaud, de Blok. As novas atitudes de espírito almejam a apreensão direta dos valores transcendentais, o Bem, o Belo, o Verdadeiro, o Sagrado, situam-se no pólo oposto do ratio calculista e anônima. Não tentam, porém, superá-la pelo exercício de outra razão, mais alta e dialética, que Hegel já havia ensinado no princípio do século; as suas armas vão ser as da paixão e do sonho, forças incômodas que a Arte deveria suscitar magicamente.⁴⁸

Então, os textos produzidos durante este período vão ser mesclados, escritos sob uma ótica de decadentismo. Nos fins do século XIX e início do século XX, a estética do modernismo e as vanguardas ainda não penetraram no espaço acadêmico, ficando a mercê dos estudos posteriores; a prosa de ficção e a crônica, então, neste período ficam sujeitas à produção não elitizada e à crítica de Brito Broca, quando

⁴⁸ Ibidem, op.cit. 2006..

escreve a *Vida Literária* em meados de 50, olhando para a produção literária brasileira das primeiras décadas do século XX.⁴⁹

...as boas heranças da poesia simbolista poucos as colheram, enquanto as más heranças da prosa encontraram terreno fértil e propício para desenvolver-se entre nós. Desde o começo do século que se implantou em nossas revistas literárias e mundanas, com vinhetas e ilustrações, um gênero de crônica meio poemática, espécie de divagação fantasista sobre motivos abstratos, mero jogo de palavras, em que se exercitavam a habilidade e o engenho verbal dos autores. Era assimilação do pior Simbolismo pelo pior Parnasianismo, e o tipo perfeito desse mal da literatice, que se tornou um dos principais alvos dos modernistas.

Voltando ao cenário catarinense, na Literatura ditada pela *Academia Catharinenses* e pela sociedade das letras do início do século XX parece terem lugar apenas o gênero poético, o conto e/ou mesmo o romance. A crônica de jornal, os textos de articulista ficam no campo temático político e social e não se incorporam ao estilo da academia, ainda às voltas com as feições parnasianas. “Em que pesem as investidas da Geração da Academia, nos anos 20-30 e do Grupo Sul, nos anos 40-50, a força de um Romantismo multifacetado ainda pode ser visto e sentido em muitas páginas da atual Geração”⁵⁰. Esquecem-se “os moços” dos movimentos literários do final do século XIX, dos

⁴⁹Referências às obras de BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil*, 1900. 2ª Ed. Rio de Janeiro: José Olumpio, 1960, _____ *Naturalistas, Parnasianos e Decadentistas*. Campinas/SP: Unicamp, 1991; e sobre a prosa de ficção de fins do século XIX e início do século XX, diz Brito Broca, um especialista em “literatura 1900. In.: BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 43ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

⁵⁰ SACHET, Celestino. SOARES, Iaponan. *Presença da Literatura Catarinense*. Florianópolis/SC: Editora Lunardelli, 1989. P.43.

grandes autores daquele momento, deixam de lado a “guerrilha literária”, e ninguém parece se aventurar no novo e nem mesmo abre as portas para o moderno que sopra do sudeste brasileiro. Em entrevista a João do Rio⁵¹, Diniz Júnior, em 1912, delinea o que seria o ambiente literário na Ilha de Santa Catarina por essa época:

A minha formosa ilha estacionou pasmosamente, ou, coisa pior, abraçou com delírio as coisas da politicagem, esquecendo-se de imitar o Cruz e Sousa, o Virgílio Várzea, o Araújo Figueiredo. As letras ficaram abandonadas, lendo os rapazes, que mal sabiam o caminho da escola, os romances deslavados de Escrich, como desmaios e prantos de histeria. E, desgraçadamente, apareciam, então, versalhadas ridículas, casimirianas, chorando as “desfeitas” das namoradas, em decassílabos quebrados. Não se estudava. Não se estudava. Os livros do Romantismo passavam de mão em mão lamecha, conseqüente fatal da imitação, que se dava absorventemente, empolgava toda uma época, em que se perdiam lindas vocações.⁵²

As causas desse quadro são os efeitos das convulsões políticas e a ingerência administrativa, a revolta do Contestado, a falta de escolas. Segundo Diniz Júnior, o crédito para o surgimento de um novo gosto estético estaria relacionado com a subida ao governo de Vidal Ramos de Oliveira (1910-1914), natural de Lages/SC, de uma região chamada de Coxilha Rica, ao governo do Estado de Santa Catarina, cuja sede administrativa ficava na Ilha de Santa Catarina no Palácio do

⁵¹ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1912. A entrevista foi transcrita na Revista Terra nº 20, de 14 de novembro de 1920.

⁵² Apud SACHET, Celestino. *A literatura de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1979. P.75.

Governador da Província. Vidal Ramos impulsionou o ensino na Ilha trazendo os Jesuítas, criando os grupos escolares, promovendo a reforma do ensino e incrementando a educação, a fim de que a população tivesse acesso à cultura e ao conhecimento.

A literatura produzida na Ilha de Santa Catarina fica fechada em si e nos seus próprios nós constituídos, “o vento sul” vai aportar bem mais tarde, já no fim dos anos quarenta e início dos anos cinquenta, em dissonância com os caminhos da Literatura Brasileira. A suposta letargia da era da academia ilhoa dos anos vinte⁵³ aparece descortinada, os moços já não são tão diferentes das moças; apenas, pode-se assim dizer, eles tiveram mais chances de mostrar seus escritos, pela própria circunstância de serem do sexo masculino, terem estudado e constituírem um grupo político dominante, no entanto não pretendo tratar deles aqui.

Às moças, coube pouco espaço acadêmico, mas isso não significa que não produziram. Uma ou outra apareceu num jornal daqui, em uma revista ali; duas florianopolitanas ocuparam a vaga na academia: Maura de Senna Pereira e Delminda da Silveira, uma muito jovem e a outra mais velha. Entretanto, o valor da trajetória de uma vida no espaço-tempo da contemporaneidade, mostrou que havia mais alguém nessa história de produções ilhoas das primeiras décadas do século XX, a professora cronista florianopolitana Antonieta de Barros, que não foi convidada a participar da Academia.

Não se pode desconsiderar o contexto de uma época, mas também não se pode ficar engessado no comportamento literário

⁵³ SACHET, Celestino. *As Transformações Estético-Literárias dos anos 20 em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli Representações, 1974

estabelecido pela construção da história literária de fins dos anos 70 (Século XX) dentro da *História e Cultura de Santa Catarina*, ou mesmo a mercê de um crítico literário e seus critérios de seleção literária dentro de um dado cânone literário. Ao estudar a escrita feminina das primeiras décadas do século XX, tem-se que considerar tanto o valor de verdade de um ou outro item na análise diacrônica dos enunciados e dos textos, como também verificar o estabelecimento estético sincrônico; ou seja, o valor das *idéias*, o valor da *vida literária*, o valor da *ética*, a dialética do que se escreveu e a receptividade por parte do leitor daquele momento. Também, considerar o valor do que se relata e o como foi relatado, no descortinar de fatos literários e não literários que podem gerar outras interpretações na contemporaneidade. Nestas circunstâncias, o tempo pode ser o algoz ou mesmo o redentor em se tratando de estética literária e de fundamentos de gêneros literários estabelecidos no tempo e no espaço, isso quando se considera a heterogeneidade enunciativa⁵⁴ presente no texto em análise e a intertextualidade⁵⁵. Advoga-se aqui o fato de Antonieta de Barros ter sido uma cronista atuante, escrevendo sobre o tema da crítica social e política, uma ensaísta quando no trato dos assuntos relacionados com a luta das mulheres pelo progresso feminino à época e quando tratava principalmente do tema educação,

⁵⁴ *Heterogeneidade Enunciativa*, conceito retirado da Análise do Discurso que significa a diversidade de vozes em um texto; uso de outras vozes, de outros textos para expressar, declarar, enunciar. ORLANDI, Eni P. *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas/SP: Pontes, 6ª Ed., 2005.

⁵⁵ *Intertextualidade* [De inter + textualidade] Superposição de um texto a outro. Na elaboração de um texto literário, a absorção e transformação de uma multiplicidade de outros textos. Conceito retirado de FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.. Verbete à página. 1128.

advogando pela classe do magistério, das normalistas, em prol da defesa de uma educação para todos, no cuidar dos “pequenos”, das crianças.

A razão para a realização dessa escrita biográfica sobre Antonieta de Barros está, então, na necessidade de levantar informações mais precisas sobre um período um tanto deserto de autores significativos para a Literatura da Ilha de Santa Catarina, principalmente quanto às mulheres oriundas da classe popular e da instrução pública. Isso porque, conforme nos afirma Isabel Allegro Magalhães, “a escrita feminina é uma espécie de convite ao mergulho nas potencialidades vinculadas às várias possibilidades de interpretação de textos e tem revelado tanto na perspectiva da linguagem, como na de outros aspectos estilísticos, facetas e novas estratégias na criação literária.”⁵⁶ Assim, a escrita feminina tem contribuído para dar voz à experiência feminina, mesmo que esta escrita traga, via intertexto, outras vozes para dar certo respaldo social, como parece ser o caso dos textos de Antonieta. Segundo Heloísa Buarque de Hollanda, a literatura feita por mulheres traz “questionamentos de base sobre a construção da historiografia literária, sobre a noção canônica de gênero literário, incluindo a questão da oralidade na constituição da literatura e dos paradigmas estabelecidos para o mercado de valor literário”⁵⁷.

Aceitar o desafio em apresentar a biografia de Antonieta através de imagens e destacar seu papel enquanto mulher de ascendência negra, professora, escritora, deputada, na primeira metade do século XX em Santa Catarina foi um trabalho prazeroso, justamente porque as marcas

⁵⁶ MAGALHÃES, Isabel Allegro de. *O sexo dos textos e outras leituras*. Lisboa: Caminho, 1995. P.10.

⁵⁷ COSTA, Albertina de Oliveira. BRUSSCHINI, Cristina (Orgs). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. P.64.

do rastreamento estão concentradas nas inter-relações, na rede de fatos e de dados, na implicação das categorias de gênero, de raça, de experiência e de identidade da teoria feminista, no descortinar uma história, uma vida voltada à educação. Através do delineamento das pistas de Antonieta, da demarcação de seus passos, observei o valor das idéias da professora Antonieta, por meio de variadas leituras das crônicas dispersas em jornais e das crônicas de sua única obra publicada, *Farrapos de Idéias*, em contraste e comparação aos textos da fortuna crítica, ou seja, no tocante ao que escrevem sobre ela. Assim, na leitura dos atos praticados no legislativo e na leitura da entrevista concedida ao jornal *O Estado*, percebe-se que a atuação da deputada Antonieta foi em prol do magistério e da qualificação da atividade profissional. E como professora, praticava o valor do ideal, da função profissional como “sacerdócio”, como “missão”, colocando-se como amiga de seus alunos, chamados carinhosamente de “afilhados e “afilhadas”, expressões presentes nos discursos⁵⁸ de Parainfanta de formatura: “Nobres afilhados meus [...]”, “Meus nobres *Parainfandos*, a vossa velha Amiga pára aqui [...]”, “Que minhas palavras tenham a graça de ser luz, nos vossos espíritos moços! [...]”, “Alvoraça-me o espírito o prazer do sementeiro que, no dia da colheita, vê palpável e concreta, a bênção de Deus no seu trabalho [...]”, “Aqui me tendes, pois, nobres Afilhadas, respondendo presente à vossa chamada de honra e de amizade. [...]”, “[...] O contrário seria mentir ao meu sacerdócio a este sublime sacerdócio, cuja prática a posse do diploma vos possibilita neste dia, que não digo vosso, porque é meu também, e de todos os que

⁵⁸ ILHA, Maria da. *Farrapos de Idéias*. 2ª edição. Imprensa Oficial, 1971. P. 218-234

comungam do vosso triunfo.” Portanto, esta tese trata da vida pública da Professora Antonieta de Barros e quando possível traz informações de sua origem familiar e de formação.

Lembrando Simone de Beauvoir⁵⁹, quando diz que “a história da mulher – pelo fato de encontrar ainda encerrada em suas funções de fêmea – é mais dependente de seu destino fisiológico do que o do homem”, nesse sentido, ela afirma que “[...] seria improdutivo – ou quase inseparável – uma obra discutir a vida da mulher, ao longo do tempo, sem a reflexão sobre tais relações interpessoais.” Isso porque, “as crenças e valores que cultivamos são, em grande parte, herdadas de nossos pais e avós, de forma que nossa própria visão tem origem nas mais antigas tradições transmitidas ao longo dos séculos”, sintetiza Christina Larroudé de Paula Leite⁶⁰. E diria mais, que no caso de Antonieta a presença da figura masculina em sua vida, representada pelos seus professores: Barreiros Filho, Altino Flores, José Boiteux, a leitura dos autores como José de Anchieta, José Ingenieros, Dante Alighieri, Rui Barbosa, dentre outros e as figuras dos amigos políticos como Nereu Ramos, Celso Ramos, Rubens de Arruda Ramos, bem como a leitura de textos de jornais de época sobre os avanços do pensamento feminista e da escritora Maria Lacerda de Moura influenciaram sua visão de mundo e, talvez, mesmo, sua conduta, assegurando um lugar na história da gente catarinense.

⁵⁹ BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. P.343.

⁶⁰ LEITE, Christina Lanoude de Paula. *Mulheres: muito além do teto de vidro*. São Paulo: Atlas, 1994. P.47.

1.3 OBJETIVOS

Na construção de uma biografia com imagens mostro o conjunto da obra e a vida de Antonieta de Barros, sua vidobra⁶¹; reflito e retrato, dentro do contexto 1902-1952, em Santa Catarina, sobre a atuação da professora, da escritora e da mulher, na política e na literatura, vislumbrando a importância de seus escritos, discursos e projetos, além de sua influência no pensamento sócio-político-educacional da ilha de Santa Catarina, traçando um panorama de sua fortuna crítica. Escrevo sobre a escritora Antonieta de Barros, mostro um perfil, utilizando de fotos, documentos e imagens; na trajetória de seus passos, a partir do resgate histórico-cultural e sua aproximação com a realidade cotidiana; o estudo da atuação da escritora na vida pública de Santa Catarina, como intelectual, educadora e política.



⁶¹ DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma vida*. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009 P.80.



Busto de Antonieta de Barros

Foto da escrivainha de Antonieta de Barros, acervo Museu da Escola Catarinense,

Caricatura de Antonieta de Barros desenhada pelo Deputado Oswaldo Rodrigues Cabral.

62

1.4 METODOLOGIA

1.4.1 Tese

A escrita da “vidobra” de Antonieta de Barros mostra seus passos, através da história, dos rastros e vestígios e averigua que o valor das idéias contidas em suas crônicas, sua trajetória e trabalho como política e escritora estão diretamente relacionados à formação e atuação como professora em todas as instâncias da vida, porque ela foi a “Mestre” em cada uma destas performances, reconhecida na época e ainda hoje, na contemporaneidade.

⁶² Referências à Antonieta de Barros na vida pública e social da Ilha de Santa Catarina. Busto de Antonieta, inaugurado em ocasião das homenagens ao Centenário de nascimento da personalidade, foto tirada no Hall de entrada do Colégio Estadual Antonieta de Barros, situada até 2007 na rua Saldanha Marinho, Centro de Florianópolis. . Foto da escrivainha de Antonieta preservada no Museu da Escola Catarinense. Foto do desenho do Deputado Oswaldo Rodrigues Cabral, publicado no jornal Ô Catarina”. Fotos do acervo pessoal.

1.4.2 Razões

A pesquisa se fez necessária para realizar a compilação de informações sobre Antonieta de Barros a primeira deputada negra do Sul do Brasil em uma época em que a sociedade passava por transformações. As informações encontravam-se dispersas em jornais de época, monografias, dissertações de mestrado, livros, *sites* e em seu único livro publicado. Não se tinha conhecimento de uma biografia completa de Antonieta que reunisse toda a fortuna crítica da escritora e da personagem histórica, também não havia institucionalmente uma reunião de imagens, fotos e documentos sobre a biografada. Lembrando que esta é uma das possíveis biografias da personalidade, uma possível interpretação, um olhar acadêmico.

1.4.3 Procedimentos

A pesquisa bibliográfica foi realizada por meio de leitura, anotações corridas (transcrição fiel de textos de jornais de época), textos fotocopiados, fotografados e impressos; realização de fotografia de e sobre Antonieta de Barros em acervo de fontes primárias e fontes secundárias que apresentavam fatos, dados, eventos e texto de e sobre Antonieta. Portanto, a pesquisa⁶³ compreendeu um levantamento

⁶³ Como metodologia de trabalho, entende-se pesquisa bibliográfica a partir da definição de RUIZ, João Álvaro. *Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1996. : “As produções humanas foram comemoradas e estão guardadas em livros, artigos e documentos.” Ruiz define que bibliografia é o conjunto dos livros escritos sobre

bibliográfico em fontes primárias da trajetória da vida pública e literária da biografada, desde seu nascimento (1901) até a sua morte (1952), compilando material e fotos de documentos que evidenciaram sua presença na vida sócio-político-educacional e, principalmente, literária, no contexto histórico-cultural da Ilha de Santa Catarina entre 1902 a 1952 (delimitação de Tempo I), e pós-morte (delimitação de Tempo II). Na busca de subsídios teórico-literários em bibliografias de fontes não primárias (livros, jornais, revistas, dicionários, *sites*), quando se tratava da escritora, sob o pseudônimo “Maria da Ilha” e assinados por ela mesma⁶⁴.

1.4.4 Locais de origem dos dados

Para a execução da pesquisa, realizei desde o verão de 2007, consultas aos acervos institucionais da cidade de Florianópolis: Arquivo Histórico da Ilha de Santa Catarina; Acervo da Biblioteca e de Fotos da Casa da Memória; Acervo da seção de obras raras e seção de livros da Literatura Catarinense da Biblioteca Pública do Estado de

determinado assunto, por autores conhecidos e identificados ou anônimos, pertencentes às correntes de pensamento diversas entre si, ao longo da evolução da Humanidade. E salienta que “a pesquisa bibliográfica consiste no exame desse manancial, para levantamento e análise do que já se produziu sobre determinado assunto que assumimos como tema de pesquisa científica”.

⁶⁴ Para realizar a pesquisa, parti do acervo de textos escritos que compreendem duas classes de obras: a) as fontes que são textos originais, ou textos de primeira mão sobre a vida pública de Antonieta de Barros, sobre o que ela mesma escreveu contida nos periódicos, documentos de época, discursos, projetos de lei e correspondências; b) a bibliografia que corresponde ao conjunto das produções escritas para esclarecer as fontes, para divulgá-las, para analisá-las, para refutá-las ou para estabelecê-las, ou seja, pesquisar toda a literatura originária e os textos não literários de fontes a respeito de Antonieta de Barros.

Santa Catarina, localizada na cidade de Florianópolis; Arquivo da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina; Arquivo Virtual da Biblioteca Nacional; Acervo da Fundação Franklin Cascaes; Acervo de obras raras da secção de Santa Catarina, geral e de trabalhos acadêmicos da Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina; Arquivo de trabalhos acadêmicos e de Santa Catarina da Biblioteca da Universidade do Estado de Santa Catarina; Acervo Virtual da Biblioteca da Universidade do Sul de Santa Catarina; Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina; Arquivo Virtual da Academia de Letras de Biguaçu; Arquivo Virtual da Academia Catarinense de Letras; Acervo do Museu da Escola Catarinense; Acervo institucional da Biblioteca do Grupo Escolar Lauro Muller; Colégio Estadual Antonieta de Barros, Colégio Coração de Jesus; Instituto Estadual de Educação; Arquivo Eclesiástico da Cúria Metropolitana na cidade de Florianópolis; Cartório Civil Iolé Faria; Arquivo do Cemitério Público de São Francisco de Assis; Núcleo de Estudos Negros (NEAB) da Universidade do Estado de Santa Catarina no Memorial Antonieta de Barros; Associação de Mulheres Negras Antonieta de Barros. Também foram realizadas consultas à fortuna crítica virtual sobre a escritora: artigos, dissertações, *sites*, livros, realizando uma pesquisa minuciosa de tudo o que se relaciona à memória de Antonieta. Além de buscar menções públicas e institucionais no uso do nome Antonieta de Barros: Auditório Antonieta de Barros da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, Túnel Antonieta de Barros da via expressa Sul da cidade de Florianópolis/SC, Ruas em bairros da cidade de Florianópolis (Distrito de Ingleses do Rio Vermelho e Bairro Estreito), Biblioteca Estadual

Antonieta de Barros, Escolas (uma situada no centro de Florianópolis e a outra na cidade de Palhoça), Associações, Programas, Leis e Medalha Antonieta de Barros, o que mostra a importância da biografada em seu meio social.

1.4.5 Questões norteadoras da Tese

Realizado o levantamento das fontes e bibliografias, passei à escolha dos critérios norteadores da tese, circunscrevendo o olhar a partir da atuação pública da professora escritora. Questionando o seguinte: o que se escreveu sobre Antonieta de Barros tem correlação com o que ela realmente foi, pensava e escrevia? Sobre o que escrevia e por quê? O que poderia impulsionar o discurso da mulher seria o fato de ser pobre, de ser negra e/ou de ser professora? Ou estaria relacionada com a questão social da atuação da mulher e da professora em uma sociedade preconceituosa? Para quem escrevia e com que intenções?

Para a consecução das respostas na tese, analisei o material encontrado, os textos escritos e compilei os fatos documentais que mostravam o pensamento e o discurso dessa mulher, cuja vida foi dedicada ao trabalho e ao ideal de educação de qualidade, em uma sociedade desigual. Buscou-se, então, o “Valor das Idéias”, porque os ex-alunos não esqueceram os ensinamentos da Mestre, reminiscências que ficaram guardadas na memória. Fica uma questão: Será que se pode considerar Antonieta de Barros um ícone de sua época, com nuances de mito? Ou foi a sua intelectualidade em escrever, sua força de mulher batalhadora, e, principalmente, a atuação como professora em todas as

instâncias de sua vida pública que a transformaram em uma personalidade pública e famosa?

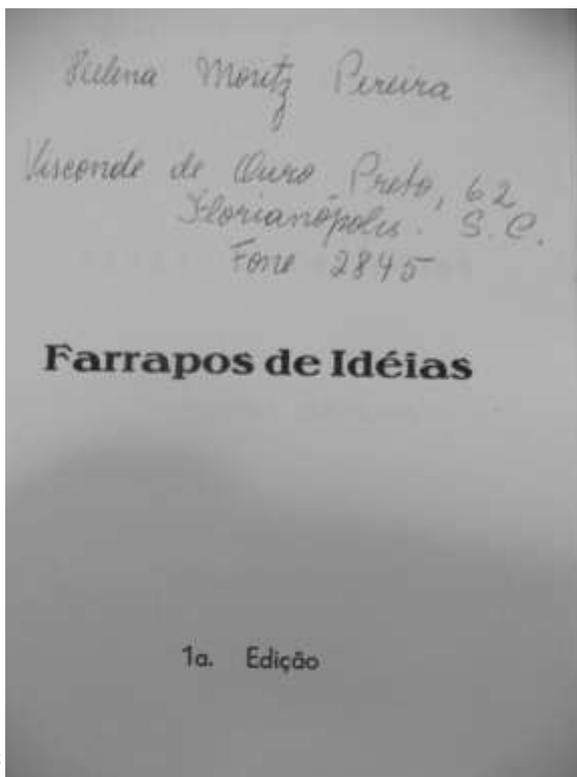
Como a personalidade já não vive mais entre nós, não deixou descendente e em função do espaço temporal já ser muito amplo, a pesquisa teve por base os documentos históricos e institucionais, poucas fotos de época que foram encontradas, principalmente quando ao contexto histórico-cultural da cidade ou do estado, ou mesmo de registros em acervos pessoais, entrevistas com ex-alunos, também considera os textos e a entrevista concedida pela biografada, na qual ela define a sua atuação política e a sua função no parlamento. Em entrevista concedida ao Jornal *O Estado* em 11 de setembro de 1948, a professora e deputada Antonieta de Barros fala ao povo catarinense. *Nos Passos de Antonieta*, no subitem seis intitulado: *A professora no parlamento*, transcrevo a entrevista na íntegra, com o objetivo de mostrar que na função de Deputada, a professora Antonieta e sua atuação profissional determinaram o rumo dos projetos de lei, os discursos e sua conduta no Parlamento Catarinense.

1.4.6 Organização

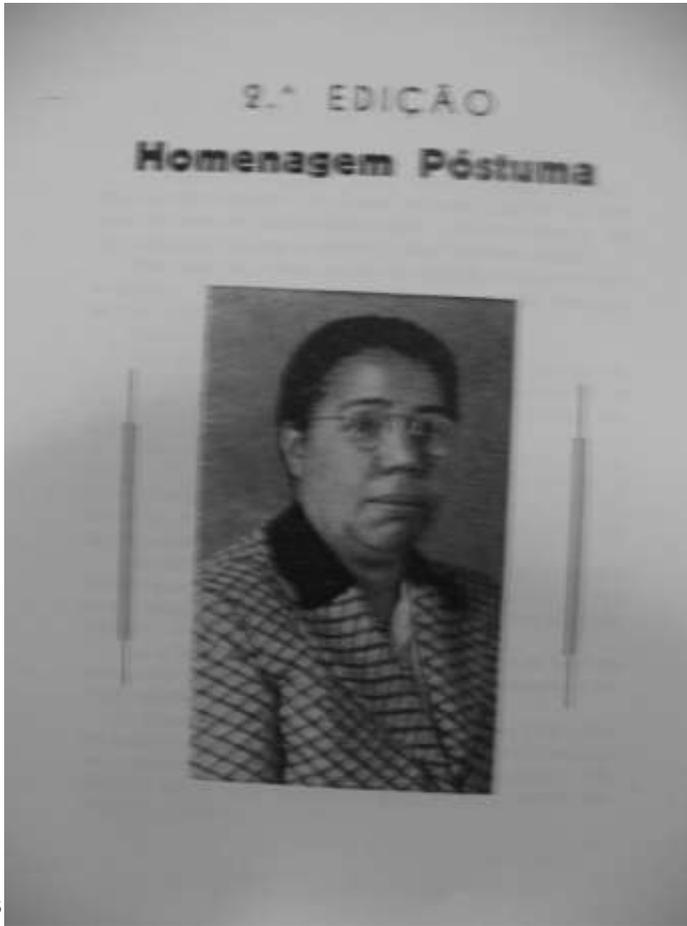
O texto da tese está organizado em *sete* itens mais o *apêndice* em CD/Room. No item *um*, como já foi lido, sob o título *Ver os passos*, foram delineados os tópicos desenvolvidos ao longo do texto da tese, apresentando as considerações iniciais sobre *Antonieta*, a *Trajatória*, os *Objetivos* e a *Metodologia*. No item *dois*, a seguir, discorro sobre os

rastros e a teoria, sob o título *Dos rastros à teoria: Um desafio*, discutindo os conceitos utilizados para respaldar teoricamente a tese, quais sejam: *O Desafio Biográfico*, *A Crônica como Gênero Literário*, menções sobre *Antonieta na Literatura Catarinense*, *A Intertextualidade nas Crônicas de Antonieta*, sobre o conceito de *Negritude e a (in) visibilidade nos Textos de Antonieta*, sobre o *Progresso feminino no início do século XX e o pensamento de Antonieta*. No item três, reflito sobre os vestígios, a fortuna crítica de Antonieta, sob o título: *Dos Vestígios e Farrapos à Biografia*, este item traz a motivação ao realizar a tese, uma amostragem de fotos e das idéias em farrapos, pensa-se sobre a atuação da professora em todas as instâncias de sua vida e de sua obra. No item quatro, sob o título *Nos passos de Antonieta: escrever uma vida* é a biografia propriamente dita, ilustrada, em que mostro o cenário, ou seja, o contexto em que a vida de Antonieta aconteceu, sob o título *Num Pedacinho de Terra perdido no mar*; depois apresento a personagem, *Da Rua Arcipreste Paiva à Rua Fernando Machado: Família, nascimento e formação*; continuo a partir da escrita da vida em atos: *A atuação na vida social e intelectual na sociedade de uma época, ou seja, os acontecimentos das décadas de 20 e 30 do século XX, de forma sucinta*; em seguida, vem dois subitens relacionados à escritora, *Escrevendo crônicas e Um livro: Farrapos de Idéias*; a seguir falo da atuação da Deputada, em *A Professora no Parlamento*; para finalizar a biografia, *Uma trajetória, três vidas, uma sepultura*, onde estão as informações relacionadas à morte de Antonieta; em seguida, *O legado de uma vida*. No item cinco da tese está o *Quadro Biográfico para Antonieta*; no item seis, discorro sobre as *Considerações Finais*, as impressões e conclusões a que se chegou após a pesquisa. No item sete,

apresento as *Referências Bibliográficas*. E por fim o CD/room em apêndice com as imagens de Antonieta, cópias dos documentos oficiais, os textos selecionados dos arquivos dos *sites* de busca da Internet/textos, a digitalização das crônicas de Antonieta de Barros do livro *Farrapos de Idéias*, 2ª edição, 1970 para o Portal Catarina e a fotografia das crônicas encontradas no Jornal *O Estado* de 1951 e 1952.



⁶⁵ Foto da contracapa da primeira edição de *Farrapos de Idéias*, edição que pertenceu à Helena Moritz Pereira.



66

⁶⁶ Foto da Contracapa da 2ª edição de *Farrapos de Idéias*, foto de Antonieta com 50 anos, possivelmente a imagem com a qual faleceu em 1952. Esta foto foi publicada em *O Estado* quando a nota de falecimento da professora e deputada em 28 de fevereiro de 1952.

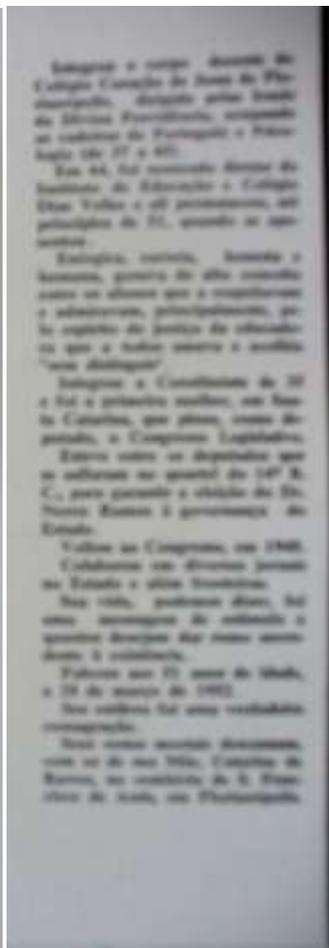
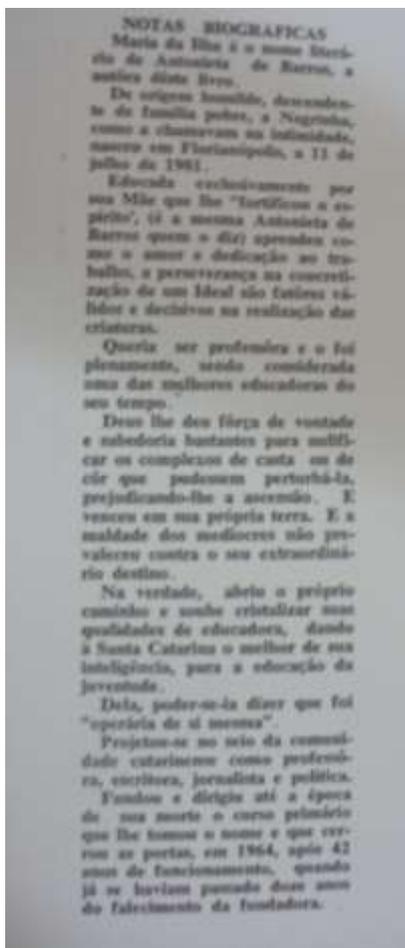


Foto das *Notas Biográficas* escritas por Leonor de Barros na edição de 1971 de *Farrapos de Idéias*.

Transcrição da foto
NOTAS BIOGRÁFICAS⁶⁷
Por Leonor de Barros

Maria da Ilha é o nome literário de Antonieta de Barros, a autora deste livro.

De origem humilde, descendente de família pobre, a Negrinha, como a chamavam na intimidade, nasceu em Florianópolis, a 11 de julho de 1901.

Educada exclusivamente por sua Mãe que lhe “fortificou o espírito”, (é a mesma Antonieta de Barros quem diz) aprendeu como o amor e dedicação ao trabalho, a perseverança na concretização de um Ideal são fatores válidos e decisivos na realização das criaturas.

Queria ser professora e o foi plenamente, sendo considerada uma das melhores educadoras do seu tempo.

Deus lhe deu fôrça de vontade e sabedoria bastantes para nulificar os complexos de casta ou de cor que pudessem perturbá-la, prejudicando-lhe a ascensão. E venceu em sua própria terra. E a maldade dos médiocres não prevaleceu contra o seu extraordinário destino.

Na verdade, abriu o próprio caminho e soube cristalizar suas qualidades de educadora, dando à Santa Catarina o melhor de sua inteligência para a educação da juventude.

Dela, poder-se-ia dizer que foi “operária de si mesma”.

Projetou-se no seio da comunidade catarinense como professora, escritora, jornalista e política.

Fundou e dirigiu até a época de sua morte o curso primário que lhe tomou o nome e que cerrou as portas, em 1964, após 42 anos de funcionamento, quando já se haviam passado doze anos do falecimento da fundadora.

⁶⁷ ILHA, Maria da. *Farrapos de Ideias* : Notas Biográficas. Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina. ETEGRAF LTDA, 1971.

Integrou o corpo docente do Colégio Coração de Jesus de Florianópolis, dirigido pelas Irmãs da Divina Providência, ocupando as cadeiras de Português e Psicologia (de 37 a 45).

Em 44, foi nomeada diretora do Instituto de Educação e colégio Dias Velho e ali permaneceu, até princípios de 51, quando se aposentou.

Enérgica, correta, honesta e humana, gozava de alto conceito entre os alunos que a respeitavam e admiravam, principalmente, pelo espírito de justiça da educadora que a todos amava e acolhia “sem distinguir”.

Integrou a Constituinte de 35 e foi a primeira mulher, em Santa Catarina, que pisou como deputado, o Congresso Legislativo.

Esteve entre os deputados que se asilaram no quartel do 14º B. C., para garantir a eleição do Dr. Nereu Ramos à governança do Estado.

Voltou ao Congresso, em 1948.

Colaborou em diversos jornais no Estado e além fronteiras.

Sua vida podemos dizer, foi uma mensagem de estímulo a quantos desejarem dar rumo ascendente à existência.

Faleceu aos 51 anos de idade, a 28 de março de 1952.

Seu enterro foi uma verdadeira consagração.

Seus restos mortais descansam, com os de sua Mãe, Catarina de Barros, no cemitério de S. Francisco de Assis, em Florianópolis.

Impresso nas Oficinas ETEGRAF LTDA
Estreito – Fpolis – SC. – 1971.

2 Dos rastros à teoria: Um desafio...

2.1 O Desafio biográfico

Gérard Genette, afirma que “a narrativa diz sempre menos do que aquilo que se sabe, mas faz muitas vezes saber mais do que aquilo que diz”⁶⁸. Por isso, “[...] é indispensável que narrador e narratário, como protagonistas da comunicação narrativa, partilhem em conjunto estratégias narrativas”⁶⁹. O desafio de escrever uma vida, nas palavras de François Dosse⁷⁰ na introdução de seu livro, é um horizonte inacessível, que estimula o desejo de narrar e compreender.

Todas as gerações aceitaram a aposta biográfica. Cada qual mobilizou o conjunto de instrumentos que tinha à disposição. Todavia, escrevem-se sem cessar as mesmas vidas, realçam-se as mesmas figuras, pois lacunas documentais, novas perguntas e esclarecimentos novos surgem a todo instante. A biografia, como a história, escreve-se primeiro no presente, numa relação de implicação ainda mais forte quando há empatia por parte do autor. A biografia pode ser um elemento privilegiado na reconstituição de uma época, com seus sonhos e angústias.⁷¹

Pensar o termo biografia, sua função e realização pressupõem refletir sobre o que os teóricos consagrados trazem sobre este gênero textual, que pode ser literário ou não. Começa-se por tratar Biografia, em sentido tradicional. É o gênero textual que se ocupa da vida dos autores célebres, ou mesmo, dos homens célebres em geral. Tornou-se um gênero secundário e foi cultivado pelos antigos gregos desde o

⁶⁸ GENETTE, Gerard. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Veja/Universidade, s.d. P.258.

⁶⁹ JUNKES, Lauro. *O narrador*. Florianópolis, s.d. P.8.

⁷⁰ DOSSE, François. *O Desafio Biográfico*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. P.11.

⁷¹ Idem. Op. Cit. P.11.

século V A.C; e na época helenística, no século III, os dados acerca da vida de poetas e escritores foram metodicamente registrados por escrito em forma de biografias. Já a biografia clássica tende à retórica e prima pelo enaltecimento de pessoas ilustres, sua vida como exemplo de virtude e valores. Se pensar do ponto de vista do significado literal, o termo biografia designa na origem grega a escrita da vida (bios=vida +grafia=escrita), sendo um substantivo feminino. Em Ferreira⁷² biografia é a descrição ou história da vida de uma pessoa; pode ser escrita e compor um livro em que são relatados os dados documentais da vida de alguém importante. Quando a biografia vem acompanhada por imagens, ela pode ser designada como fotobiografia, cujo relato traz fotografias do biografado e/ou do que se refere a ele e sua natureza.

A biografia pode ter características literárias e não-literárias, ou seja, pode tratar de fatos tidos como “reais e verdadeiros” ou de fatos dotados de verossimilhança, mas com criatividade. Da coletânea de biografias bem organizadas, pode-se desenvolver uma história da literatura⁷³.

Schmidt⁷⁴ defende a idéia de que os historiadores e jornalistas devem ter maior compromisso com o mundo real do que os cineastas e literatos, já que os últimos podem contar com maior grau de inventividade, mesmo apelando para a categoria da verossimilhança na narrativa da vida de uma celebridade. Ressalta que um biógrafo não

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

⁷³ AMORA, Antônio Soares. *Introdução à Teoria Literária*. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.

⁷⁴ SCHMIDT, Benito Bisso. *Luz e Papel, Realidade e Imaginação: As Biografias na História, no jornalismo, na Literatura e no Cinema*; In.: SCHMIDT, Benito (Org.) *O Biográfico: Perspectivas Interdisciplinares*. Santa Cruz: EDUNISC, 2000. P. 68.

deve temer a invenção, já que a fidelidade aos fatos não é inimiga da criação. Schimidt⁷⁵ reitera que o biógrafo não é um mero colecionador de informações inéditas ou não, mas sim um reconstrutor de existência, narrador de vidas. Ao se pensar uma biografia literária, pensa-se na crítica. Souza⁷⁶ explica que a crítica biográfica engloba a relação complexa entre a obra e o autor, uma vez que ao autor é permitido construir fatos, misturando-os à ficção. Ao biógrafo é permitida a articulação entre a obra e a vida do escritor ou do biografado, tornando literatura o exercício ficcional do texto, graças à abertura de portas de transgressão, que transcendem ao próprio texto e à própria vida do biografado.

Dosse⁷⁷ afirma que o caráter híbrido do gênero biográfico, a dificuldade de classificá-lo numa disciplina organizada, a pulverização entre tentações contraditórias – como a vocação romanesca, a ânsia de erudição, a insistência num discurso moral exemplar – fizeram dele um subgênero há muito sujeito a um déficit de reflexão. Mesmo nestas condições, o gênero biográfico nem por isso deixou de fruir um sucesso público, pois a biografia dá ao leitor a ilusão de um acesso direto ao passado, possibilitando comparar a finitude à imortalidade da personagem biografada. Dosse reitera que

O domínio da escrita biográfica tornou-se hoje um terreno propício à experimentação para o historiador apto a avaliar o caráter ambivalente da epistemologia de sua

⁷⁵ Idem. Op. Cit. P.110.

⁷⁶ SOUZA, Eneida Maria de. *Notas sobre a crítica biográfica*. In: PEREIRA, Maria Antonieta; REIS, Eliana L. de. (orgs.). *Literatura e Estudos Culturais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000. P. 43-51.

⁷⁷ Cf. DOSSE, 2009. P.55

disciplina, a história, inevitavelmente apanhada na tensão entre seu pólo científico e seu pólo ficcional. O gênero biográfico encerra o interesse fundamental de promover a absolutização da diferença entre um gênero propriamente literário e uma dimensão puramente científica – pois, como nenhuma outra forma de expressão, suscita a mescla, o caráter híbrido, e manifesta assim as tensões e as convivências existentes entre a literatura e as ciências humanas.⁷⁸

Nesta perspectiva, o gênero biográfico ressalta a diferença entre identidade literária e identidade científica. Entretanto, o biógrafo é livre para escolher seu estilo e dosar seu tom entre a escrita romanesca e a escrita histórica. Mas ainda assim, está sob coação porque não se pode permitir movimentos que o afastariam demais da personagem, pondera Dosse (2009)⁷⁹ Então, o entrelugar do gênero biográfico suscita a mescla e o hibridismo, ilustrando as tensões vivas à convivência sempre existente entre literatura e ciências humanas. Entretanto, segundo Roland Barthes⁸⁰, “Se a verdade do biógrafo está no testemunho, ele nada testemunha a não ser a verdade de quem escreve não de quem é objeto da escrita”. Os biografemas no sentido de Barthes reconstruídos pelo autor, historiador ou literato, deixam o leitor indeciso e incerto, falando de carências e de verdades inacessíveis. Então o biográfico, na

⁷⁸ Idem. Op. Cit. P.18

⁷⁹ Ibidem, 2009. P.68.

⁸⁰ BARTHES, Roland. *Efeito do Real*. Trad. Mario Laranjeira. In: *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1998. P.84.

definição de Dominique Viart⁸¹ seria aquilo que em qualquer texto faz às vezes de biografia, dá a ilusão de biografia, um efeito do vivido da mesma maneira que Barthes citava o “efeito do real” a propósito do romance de Flaubert.

Daí o fato de essa ambigüidade ou *biografia* designar ao mesmo tempo um conteúdo e uma forma, uma matéria enunciada e uma maneira que enuncia. O sentido último da palavra reside, sem dúvida, no cruzamento dessas duas acepções, a ponto de o *biográfico* designar menos um gênero literário, de resto disparatado e complexo, que a aliança paradoxal de um referente particular (factual, pessoal e suscetível de comprovação) oferecido à trama do relato e à modalidade enunciativa do narrativo para *efeito biográfico*.⁸²

No entanto, ao seguir à risca tais preceitos, até que ponto se pode confiar no que está documentado e escrito? Questionamento que surge quando passo a procurar por dados de uma época que já foram recontados mais de uma vez, porém, deixam de conter o dado real, quando confrontados com documentos oficiais e institucionais, fotos e menções em livros. Como, por exemplo, o fato de em notas biográficas de Antonieta de Barros estar escrito que ela foi “poetisa”, fato não confirmado até o momento, ou, ainda, a questão relacionada a sua paternidade. O que é real e o que não é? Todo historiador persegue a máxima da verdade absoluta, entretanto o literato não tem esta pretensão, é bem verdade. Sabe-se que verdades não são absolutas, e

⁸¹ VIART, Dominique. *Essais-fictions: lês biographies (réinventées)*. In.: DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: Escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2009. P.70.

⁸²Cf. BARTHES, 1998. P.86

muito mais relativizadas quando agregadas ao contexto sócio-histórico de época. Mesmo assim, ao literato é possível narrar sem um compromisso com a verdade real, no momento em que encontra lacunas que precisam ser preenchidas para poder compor a tessitura do texto produzido. Qual seria a razão de ser da biografia, então? Para que escrevê-la? Se a função para a qual foi criada e gerada se perde, o sentido de criar biografias também se perde, porque se transforma em atividade romanceada na contemporaneidade. Portanto, percebo um problema aqui: seria biografia todo o romance que trata da vida de um personagem e seria personagem toda a personalidade ilustre descrita em uma biografia? Faz-se necessário delimitar o gênero, resgatando a sua função, escrever uma vida, quem sabe.

Assim, pode-se contar um fato de muitas maneiras, mas documentá-lo, como no caso de uma biografia com imagens parece ser menos irreal, supondo estar tratando de dados confiáveis do ponto de vista da busca de uma verdade historiográfica. Entretanto, a dúvida persegue o pesquisador e o dado relevante parece já não ter significação, a menos que esse modifique a interpretação que da história se faz, apelando para o “espírito” do literato. As biografias realizadas em vida do biografado serão mais fidedignas do que aquelas baseadas em documentos escritos e de cunho bibliográfico. Mas, essa discussão está longe de terminar.

Barthes propõe uma evocação superficial por meio de um detalhe distanciador e revelador de uma singularidade: “É um traço sem união... o biografema. Não cabe sequer numa definição”. Os biografemas são pequenos detalhes que podem dizer por si sós tudo

sobre um sujeito disperso, multifacetado, um sujeito em pedaços. Os biografemas surgem numa sólida relação com o desaparecimento, com a morte; remete a um tipo de arte da memória, a um *memento mori*, a uma evocação possível do outro que já não existe⁸³. Trata-se, pois, de um objeto, por exemplo, que pertenceu ao biografado, que diz alguma coisa dele. “Diferentemente da imagem, ele não adere, não é pegajoso, mas desliza” [...] Barthes chamou de biografemas⁸⁴ “[...] segmento vivido revelador de uma consciência e, sem que a precisão seja abertamente reivindicada geradora de uma percepção e um estilo.” Um exemplo de biografema poderia ser a escrivanhinha de Antonieta de Barros, a mesma que ela usava para escrever seus textos e preparar as suas aulas ou o livro editado deixado para a leitura das gerações futuras.

Schmidt⁸⁵ afirma que, com exceção de documentos (correspondências e depoimentos), das datas (onde e quando nasceu e morreu fulano), muito do que aparece nas biografias é ficcional e esse exercício é muitas vezes ilimitado. Concordo com o autor quando penso nas fontes de pesquisa midiáticas, principalmente quando a fonte de pesquisa se resume na Internet em *site*⁸⁶ de busca. Nos textos lá encontrados o pesquisador encontra diferentes relatos sobre a vida de Antonieta de Barros, com informações desencontradas, datas irreais, informações não verídicas.

⁸³Cf. DOSSE, 2009. P.306.

⁸⁴ ARNAUD, Claude. *Le retour de La biographie: d'un tabou à l'autre*. In.: Le débat. Paris: Gallimard, nº54, maio-abril, 1989. P..41.

⁸⁵ SCHMIDT, Benito (Org.) *O Biográfico: Perspectivas Interdisciplinares*. Santa Cruz: EDUNISC, 2000.

⁸⁶ Ver o endereço dos sites nas referências bibliográficas no item sete., subitem *Sobre a Autora*.

Embora o autor, então, defenda o espaço da ficção na biografia, fico a refletir: Será que se pode transgredir tanto? Qual seria a mensuração da ficção e seu espaço na fotobiografia? Desta forma, tem-se que lembrar que as imagens podem ser forjadas a partir da lente de um observador, já nos referia Barthes⁸⁷. Para compreender isto passo a observar fotos de Antonieta.

As fotos mostram duas referências à vida pública de Antonieta de Barros. A primeira faz menção à mulher que foi Deputada em duas legislaturas na Assembléia Legislativa de Santa Catarina, uma em 1935 e a outra em 1948. E a segunda mostra a Mestra Antonieta de Barros, paraninfa e professora de Língua Portuguesa e Psicologia na Escola Normal do Colégio Coração de Jesus em 1939. Na primeira foto temos o verbete escrito pelo professor Walter Piazza⁸⁸, enaltecendo o fato de Antonieta ter sido a primeira mulher negra a ocupar uma cadeira no Legislativo no Sul do Brasil. Na segunda foto, temos o quadro alusivo a uma data comemorativa, cuja imagem mostra uma Professora com tez clara, junto às alunas brancas.

As duas Imagens são atribuídas a uma mesma mulher, forjadas pela lente e contexto de quem a observa. Que relevância tem esta questão, quando se retoma a história de vida de uma personalidade que parece ter sido vitimada pelo preconceito racial quando se lê biografias de uma dada corrente de pesquisas? Como tirar conclusões rápidas de uma vida exterior, calcada na cor da pele? Vale, creio aqui, pensar os

⁸⁷ Cf. BARTHES, 1998.

⁸⁸ PIAZZA, Walter F. *Dicionário Político Catarinense*. 2 ed. – revista e ampliada. Florianópolis: Assembléia Legislativa de Santa Catarina, 1994.

contextos e assim compreender porque as fotos mostram a mesma mulher de maneiras diferentes, tanto no vestir, na postura, bem como no uso de acessórios. Posso refletir que no primeiro caso, por ser um dicionário que retrata a cor da pele da personagem, faz-se necessário buscar uma foto que a retrate com tais características; já na questão da segunda foto, o contexto traz homens e mulheres brancos, a formatura de uma elite no contexto social da década de trinta, em que as questões étnicas não eram discutidas.

O espaço da ficção na biografia em Imagem como imanência⁸⁹ em Benjamin⁹⁰ e como refração⁹¹ em Barthes⁹² parecem conceitos dos quais não se pode fugir neste caso, porque a invenção e a criatividade deixam transparecer a dúvida de como era na realidade a personalidade biografada, ou seja, quais suas características, já que a resposta depende do olhar e da interpretação do leitor. Azevedo (1995)⁹³, refletindo sobre a construção da biografia, afirma que a biografia supõe uma forma de existência do indivíduo, não qualquer indivíduo que só ressalta o social, o coletivo, mas o indivíduo como tal. Aí há um paradoxo, pois a

⁸⁹ Verbetes. **Imanência.** Do latim tardio immanentia (acus. PL. neutro do part. Pres. De immanare, ficar, deter-se em. Tomado como substantivo feminino é a qualidade de imanente. Que existe sempre em um dado objeto e inseparável dele. Na filosofia, diz-se daquilo de que um ser participa, ou a que em ser tende, ainda que por intervenção de outro ser. In.: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. P. 1078.

⁹⁰ BENJAMIN, Walter. *A Modernidade e os Modernos*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1975.

⁹¹ Verbetes. **Refração.** Do latim refracione. Ato ou efeito de refratar-se. Modificação da forma ou da direção sofrida pela luz quando atravessa olho normal e que resulta em que a imagem ou as imagens se focalizem na retina. Desvios dos raios luminosos provenientes dos astros, ao atravessarem a atmosfera terrestre. In.: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. P. 1729.

⁹² Cf. BARTHES, 1998.

⁹³ AZEVEDO, Maria Helena. *Algumas reflexões sobre a construção biográfica*. São Paulo: Edunisc, 1995.

particularidade é demarcada exteriormente. É um indivíduo com relações de proximidade ou de distância com outros indivíduos, relações funcionando em molduras coercitivas, institucionalizadas, onde o espaço individual inexistente. Nesta reflexão da autora, percebe-se que a biografia trabalha com a questão do interior e também do exterior do indivíduo como forma de produção e reprodução da vida social, uma vez que não é possível estabelecer somente um espaço exterior social. Entende-se que “o biógrafo constrói as cenas do passado de forma a ficarem livres de ser considerada fraude”⁹⁴. Cabe ao biógrafo fazer escolhas; deverá articular o pensamento público (a obra) com a vida privada (o cotidiano).

⁹⁴ Idem. Op. Cit. 1995.



Foto da
página 85 do
Dicionário
Político
Catarinense

95

⁹⁵Cf. PIAZZA, 1994. P. 85-86.



Foto do quadro das Magistrandas de 1939 do Colégio Coração de Jesus.
Acervo Museu do Colégio Coração de Jesus/Bom Jesus.⁹⁶

Há uma escolha de origem ficcional. “A biografia ressalta sua origem ficcional, mas não irreal”⁹⁷, afirma Azevedo em divergência a Schmidt⁹⁸. Porque para o último, biografia é produzir história, contar um passado, relatar a vida e uma personagem, e para isso precisa haver certo controle argumentativo do biógrafo e imaginação romanesca.

⁹⁶ Acervo Museu da Escola Catarinense.

⁹⁷ AZEVEDO, Maria Helena. *Algumas reflexões sobre a construção biográfica*. São Paulo: Edunisc, 1995.

⁹⁸ SCHMIDT, Benito Bisso. *Luz e Papel, Realidade e Imaginação: As Biografias na História, no jornalismo, na Literatura e no Cinema*; In.: SCHMIDT, Benito (Org.) *O Biográfico: Perspectivas Interdisciplinares*. Santa Cruz: EDUNISC, 2000.

Ainda em Azevedo, predomina a explicação, a argumentação na biografia. Isso irá quebrar com a expectativa de parença, ou equivalência.

As escolhas feitas pelo biógrafo param diante da imagem realizada, já que a representação de uma imagem fala mais do que palavras. Mas, a imagem pode ser forjada, pode ser trabalhada, pode ser inventada também. Então as escolhas passam a ser ainda mais significativas para a interpretação que se quer realizar do fato mostrado ou do fato narrado a partir da descrição realizada da foto ou imagem.

No livro *Mulheres Negras do Brasil*⁹⁹ os autores escolhem a foto da Antonieta com vinte e poucos anos, um perfil que denota ser de uma mulher Negra; a foto é utilizada para ilustrar a personalidade e a biografia ali mencionada no livro, enaltecendo a figura da primeira mulher negra que entrou no parlamento. No livro de poemas feito em homenagem ao Centenário de Antonieta de Barros, os organizadores do livro da Fundação Franklin Cascaes escolhem para retratar a capa uma foto estilizada de Antonieta de Barros, com a tez mais clara. Na época do lançamento do Jornal *O Idealista*, jornal do Centro Acadêmico Antonieta de Barros dos alunos do Instituto de Educação, a própria Antonieta permitiu a publicação de uma foto, na coluna “Notas Sociais”, sobre sua nomeação para ser a Diretora do Grupo Dias Velho em 1945, a qual retrata a imagem de uma mulher mais clara do que a foto da beca de formatura, imagem registrada em 1922, nessas duas últimas, está representada a professora Antonieta.

⁹⁹SCHUMAHER, Shuma; VITAL BRAZIL, Érico. *Mulheres Negras do Brasil*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007.

O que parece ficar claro aqui é a questão de escolher a imagem que se quer divulgar e a intencionalidade dessa imagem, ou seja, qual o público a que se destina e como melhor agradá-lo. Quando busco nas fontes primárias uma imagem mais parecida com a realidade da vida cotidiana de Antonieta, encontro uma mulher mais clara tal qual a Diretora, austera, bem trajada, uma mulher que aprendeu a conviver no mundo dito “branco”. Quando percorro os seus passos, procuro uma Antonieta inteira, completa, um conjunto formado dos papéis que ela exerceu uma Antonieta das “Alamedas Interiores”. Nessa busca, encontro um álbum de formatura da escola normal no Museu da Escola Catarinense, uma foto da Paraninfa da turma, uma Antonieta feliz, de corpo inteiro. Para referenciar a foto, trago uma poesia feita para enaltecer a figura de Antonieta de Barros, uma das vencedoras do concurso da Fundação Franklin Cascaes.

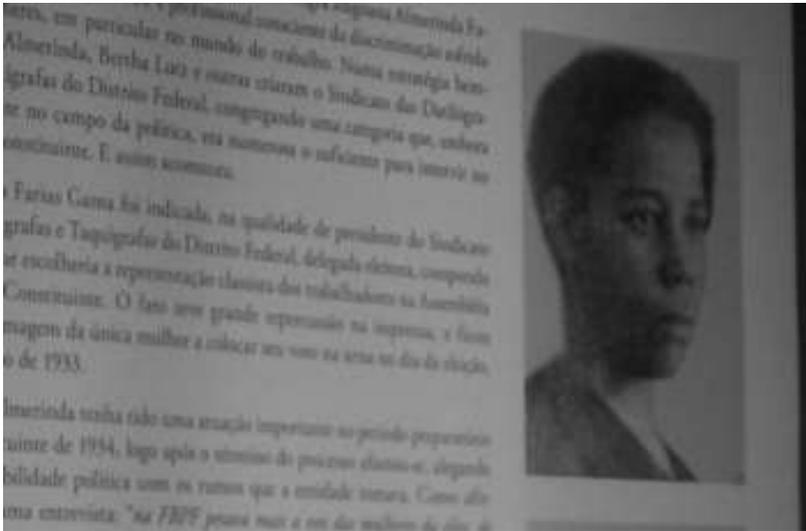


Foto da página 219. “Antonieta de Barros, a primeira mulher negra a assumir um cargo eletivo no Sul do Brasil”. Foto publicada no livro SCHUMAHER, Schuma & BRAZIL, Érico Vital. *Mulheres Negras do Brasil*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007. P. 219;317.



Foto da capa do livro do Prêmio Franklin Cascaes de Literatura: 2001. Poesia. A inspiração de Antonieta de Barros/ Mafra, Suzana... [ET além]. Florianópolis: Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes. 2003.



Foto da Diretora do Instituto Dias Velho, homenageada do Centro Cívico Antonieta de Barros, publicado no informativo “O Idealista” de 1945.



Foto de Antonieta de Beca, publicada no livro de CORRÊA, Humberto P. *História da Cultura Catarinense: O Estado das Ideias*. Vol.1. Florianópolis: Ed UFSC: Diário Catarinense, 1997. P. 165

Retrato ¹⁰⁰

Antonieta,

Tua expressão
relata a batalha da vida
E o olhar,
A plenitude do sonho;
Um ponto de luz
E já era sol

Um pouco de esperança
E já era realização
Uma palavra escrita
E a mágica possibilidade de mudança;

Fizestes de cada dia
O caminho da vitória
Silenciando as marcas profundas
De uma raça;

Na singeleza de ser mulher
Abraçastes os filhos da sociedade
Atuando perfeitamente
Com paciência e dignidade;

Criou
Educou
Revolucionou
Solveu imagens
Observando fatos;

Entre multidões
Cavastes pegadas sólidas e inesquecíveis
Ocupando o espaço
Que lhe era de direito;

Alcançastes versos inéditos
E fragmentos intensos
Transformando o sofrimento
Na exatidão do tempo;

Com olhos internos de poetisa
Compôs seus traços
Gravados com mérito
Nos livros de histórias

¹⁰⁰ Retrato, poesia de Márcia Valério, selecionada no Prêmio Franklin Cascaes de Literatura. Publicada no livro *Prêmio Franklin Cascaes de Literatura – Centenário de nascimento de Antonieta de Barros*, 2001. P. 39.

E no antigo retrato.



Foto de Antonieta de Barros no álbum de formatura da Escola Normal Catarinense, quando foi Paraninfa. Acervo do Museu da Escola Catarinense.

Lembrando da teoria da literatura em Amora¹⁰¹, uma compilação de conceitos sobre biografia, já veiculados nos anos 70 do século passado (século XX), permite refletir sobre biografia “tradicional” e biografia “moderna”, ainda em voga nos tempos atuais, embora o mercado desse gênero textual venha incrementando a publicação de biografias de gente famosa, construídas com ilustrações e imagens que remontam a época do biografado. Assim, nas biografias atuais há a preocupação em analisar personagens dentro das estruturas sociais. As biografias tradicionais diferem das novas porque tendem a buscar grandes nomes, personagens ilustres, mitos, vultos históricos. As biografias mais modernas tendem a buscar gente miúda, pessoas da classe popular que ascenderam com o passar do tempo. O objetivo da biografia tradicional é louvar e analtecer ou denegrir as personagens enfocadas, apresentando as vidas como modelo de conduta positiva ou não; as biografias modernas ou contemporâneas tentam fugir do contexto das celebridades, partindo para um trabalho que saliente o lado humano da personagem biografada, as fraquezas, virtudes e paixões na vida cotidiana. Nas biografias tradicionais não há espaço para a ficção, enquanto que as biografias contemporâneas misturam fatos reais com ficcionais, fatos biográficos com ficção, sendo que a biografia reconstrói existências ao narrar vidas, tornando-se uma mescla de informações nem sempre verídicas.

Bourdieu¹⁰² esclarece em seu livro *A Ilusão Biográfica* que ao se produzir uma história de vida, ou seja, ao escrever uma vida, a

¹⁰¹ AMORA, Antônio Soares. *Introdução à Teoria Literária*. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.

¹⁰² BOURDIEU, Pierre. *A Ilusão Biográfica*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (org.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

biografia não deve relatá-la como uma história, apresentando uma sequência de acontecimentos com começo, meio e fim; isso, segundo ele, seria conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que a tradição literária não deixou e não deixa reforçar. Bourdieu e Schmidt¹⁰³ convergem no sentido de considerar que a biografia não deve necessariamente fixar-se na busca pela coerência linear, deve transitar entre o social e o individual, entre o consciente e o inconsciente, do familiar ao político, do público ao privado, dando mais liberdade para que o biógrafo possa escrever a biografia.

Para Bakhtin¹⁰⁴ biografia é uma narrativa de uma vida, uma forma imediata quanto possível, que pode ser transcendente, mediante a qual se pode objetivar a vida de alguém num plano artístico, ou seja, fazer de uma vida simples, de uma pessoa simples, um herói. Na Idade Média, a biografia confundia-se com o texto autobiográfico ou mesmo com um texto de tom confessional; no entanto, com o passar do tempo, o valor biográfico passou a vigorar em relação ao texto de confissões, houve, então, a diferenciação entre diário íntimo, autobiografia e biografia. O valor biográfico esclarece Bakhtin é entre todos os valores artísticos, o menos transcendente à autoconsciência; por isso o autor, na biografia, como em nenhum outro lugar, situa-se muito próximo de seu herói: eles parecem interagir nos lugares que ocupam e é por esta razão que é possível a coincidência de pessoa entre o herói e o autor (fora dos limites artísticos). “O valor biográfico pode ser o princípio organizador

¹⁰³ Idem. Op.Cit. P.123.

¹⁰⁴ BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. P. 251; 252.

da narrativa que conta a vida do outro”¹⁰⁵, mas também pode ser o princípio organizador do que o biógrafo possa ter vivido da narrativa que conta a própria vida, e pode dar forma à consciência, à visão, ao discurso, que o biógrafo terá sobre a própria vida. A forma biográfica é a mais “realista”, pois é nela que de fato transparecem menos as modalidades de acabamento, a atividade transfiguradora do autor, a posição que, no plano dos valores, situa-o fora do herói – limitando-se a isotopia a ser quase que só espaço-temporal; não existe uma fronteira nítida para delimitar um caráter; não há uma ficção romanesca marcada por sua conclusão e pela tensão que exerce.

Esclarece Bakhtin, tratando da biografia, que os valores biográficos são valores comuns compartilhados pela vida e pela arte; em outras palavras, eles podem determinar os atos práticos e as suas finalidades; são as formas e os valores de uma estética da vida. O autor da biografia é o outro possível, cujo domínio sobre a vida admite com a maior boa vontade, que se encontra ao seu lado, quando se olha no espelho, quando sonha com a glória, quando reconstrói uma vida exterior; é o outro possível que penetrou na consciência e que com frequência governa a conduta, o juízo de valor e que, na visão que tem de si, vem colocar-se ao lado do eu-para-mim; é o outro instalado na consciência, com quem a vida exterior pode conservar uma suficiente maleabilidade.

Considerando o valor estético da biografia, mas não deixando de pensar na crítica literária, Souza¹⁰⁶ explica que a crítica biográfica

¹⁰⁵Idem.Op. Cit. P. 252.

¹⁰⁶ SOUZA, Eneida Maria de. *Notas sobre a crítica biográfica*. In: PEREIRA, Maria Antonieta; REIS, Eliana L. de. (orgs.). *Literatura e Estudos Culturais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000, p. 43-51.

engloba a relação complexa entre a obra e o autor, uma vez que ao autor é permitido construir fatos, misturando-os à ficção. Ao biógrafo é permitida a articulação entre a obra e a vida do escritor ou do biografado, tornando infinito o exercício ficcional do texto da literatura, graças à abertura de portas de transgressão, que transcendem ao próprio texto e à própria vida do biografado.

Assim, “ao se passar da escrita biográfica à crítica literária, encontra-se uma relação complexa entre os elementos factuais da vida e a parte ficcional da obra.”¹⁰⁷ O sentido da obra é deduzido das peripécias da vida. E o estudo da obra por meio de excertos atribui à informação biográfica a função de embreagem, que toma a parte pelo todo e lhe confere valor heurístico. Expõe-se a vida do autor ou apresenta-se a mulher e o seu caráter, reservando lugar a uma rubrica que define os gênios, esclarece François Dosse¹⁰⁸. Portanto, a biografia se impõe com curtas informações que precedem os excertos da obra, conforme o método de Sainte-Beuve¹⁰⁹. O gênero biográfico se funde então com a obra e pode-se mesmo falar, conforme Antoine Compagnon, de “vidobra”, quando o relato da vida se apresenta como explicação da obra. Os relatos biográficos, nesse caso, às vezes não passam de reproduções dos textos: “Manifestadamente, a história literária caiu nas garras desse monstro fabuloso que ela própria engendrou a vidobra.”¹¹⁰

¹⁰⁷ Cf. DOSSE, 2009. P. 80.

¹⁰⁸ Idem. Op. Cit. p.80.

¹⁰⁹ SAINTE-BEUVE. *Nouveaux lundis*, 22 jul. 1862. In.: DOSSE, 2009. P.81.

¹¹⁰ COMPAGNON. *La Troisième République des Lettres. Le Seuil*, 1983; DIAZ, Brigitte. *Vie des grands auteurs Du programme. Revue des Sciences Humanines*, n. 224, out –dez, 1991. P.258.

Após ler e refletir sobre os autores e suas manifestações sobre o conceito de biografia, fico com o conceito de vidobra refletida em Dosse¹¹¹, o valor estético estabelecido por Bakhtin¹¹² e pelas ponderações de Barthes¹¹³ em relação às imagens que podem ser forjadas, mesmo diante do fato em si. Por essa razão, vejo que uma biografia com imagens pode tornar-se mais realista e tender ao tradicional, tendo em vista a documentação fotográfica estabelecida; porém, não se pode esquecer que o biógrafo que opta pela foto biografia pode jogar com as imagens e mesmo a partir delas estabelecer uma leitura dialética, apresentando os fatos de forma linear, uma vez que por força do distanciamento do autor em relação à época e ao espaço ocupado pelo biografado, há certa limitação ao se estabelecer o valor de verdade absoluto, e essa verdade relativa então, apresenta-se com limitações em sua argumentação e mesmo no modo de articulação do discurso. Entretanto, o contrário pode ser verdadeiro, também em função das escolhas. O que é possível, então, diante da experiência da foto biografia na compilação de dados e de fatos, é organizar e escolher a imagem que mais condiz com o texto impresso e pesquisado. Mesmo a foto tirada de outra fonte primária parece forjada pela lente de quem a produz, a disposição das imagens e a heterogeneidade enunciativa do discurso produzem um efeito de sentido que pode auferir valor ao texto produzido e enaltecer o biografado, porém, o inverso também pode ser verdadeiro. De qualquer forma, mesmo escrevendo um texto acadêmico, gênero textual que prima pelo cientificismo, passa-se a produzir

¹¹¹ Cf. DOSSE, 2009.P.80

¹¹² Cf. BAKHTIN, 2003.

¹¹³ Cf. BARTHES, 1998. P. 49-53.

literatura, tendo por base as escolhas estabelecidas. No item quatro desta tese apresento a leitura que fiz da biografia de Antonieta. Antes, porém, discorro sobre sua obra, a crônica.

2.2 A Crônica como gênero literário

Desde os tempos da Antiguidade, os hebreus já contavam sobre o seu cotidiano e a sua história através de crônicas, tais como as encontradas no Antigo Testamento da Bíblia Sagrada, Livro de Crônicas I e II¹¹⁴. Ali está descrita a trajetória de um povo e suas origens, lutas, virtudes e dificuldades. Nesse momento, o papel da Crônica é informativo, uma forma de descrever a memória da história de um povo.

O *achamento* da carta de Caminha na Torre do Tombo em 1773 por Seabra Silva até os dias atuais apresenta um aspecto circunstancial, a marca de registro feito por um narrador-repórter que relata um fato a um determinado leitor. A literatura brasileira desde a Era Colonial passou por várias etapas, percorrendo os caminhos de um processo que procurava como ponto principal, alcançar o abasileiramento das letras. A narrativa curta do tipo crônica dessacralizou o ato de escrever para um público escolhido e popularizou-se nas folhas de jornais já no século XIX.

Já dizia Machado de Assis que “a história é a crônica da palavra nas cabeças salientes do passado, que com suas bocas eloqüentes nos legaram relatos de seu tempo [...]”; a história não é um simples quadro de

¹¹⁴ *Bíblia Sagrada* – Edição Pastoral. São Paulo: Editora Paulus, 1990.

acontecimentos, é mais, é o verbo feito livro”¹¹⁵. Mikhail Bakhtin¹¹⁶ defende a idéia de que “a palavra é o signo ideológico por excelência e também uma ponte entre mim e o outro.” O que nos faz pensar com base nessas afirmativas que a história pode ser contada através da crônica, apresentando a ideologia do seu tempo, estabelecendo pontes entre os interlocutores, entre o autor da crônica e os leitores de todos os tempos. A crônica é um gênero que perpassa as características do jornalismo e da literatura e dirige-se a uma classe que tem preferência pelo jornal em que ela é publicada, o que significa dizer que a crônica sofre certa censura, uma limitação quanto à ideologia do veículo que corresponde aos interesses dos consumidores e direcionamento dos proprietários do periódico e/ou editores-chefes de redação. A crônica do ponto de vista estrutural sofre com o limite de espaço a ela destinado, uma vez que a página comporta outras notícias e matérias, o que impõe a cada um dos escritores um número limite de laudas, obrigando o cronista a ser mais econômico em função do pouco espaço do qual usufrui para mandar seu

¹¹⁵ Machado de Assis Além de escrever grandes obras literárias em diversos gêneros, destacando os romances e contos, também colaborou em jornais e revistas de sua época, sendo considerado um dos primeiros cronistas de qualidade da imprensa brasileira. Os periódicos que publicaram os textos de Machado de Assis, também serviram para lançar alguns de seus livros em capítulos. Iniciou sua carreira de cronista por volta da década de 1850. *O jornal Diário do Rio de Janeiro*, foi fundado em 1º de julho de 1821, saiu de circulação em 1859, e quando retornou em 1860, contratou Machado de Assis para escrever notícias. Em 1861, o escritor começou a assinar as crônicas “Comentários da Semana”, seção encerrada em 5 de maio de 1862, quando seus escritos foram suspensos por conter fortes críticas ao gabinete ministerial do governo. Porém, permaneceu no jornal escrevendo uma nova série de crônicas “Ao Acaso”, realizada até o ano de 1865. Neste período, também publicou cartas e textos no *Jornal do Povo*, e *O Futuro*. O jornal *O Parahyba* ainda contava com Quintino Bocaiúva e Manuel Antônio de Almeida como colaboradores. A atividade de colaborador e cronista na imprensa brasileira perdurou até o início do século XX. Machado de Assis criticava o sensacionalismo praticado na imprensa referente às notícias policiais e utilizava o jornal como espaço de comunicação com seus leitores como forma de encontrar as melhores soluções e sugestões para os seus textos. ¹¹⁵ ASSIS, Machado de. *Crônicas Escolhidas*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

¹¹⁶ Cf. Bakhtin, 1993. P.17.

recado¹¹⁷. E é justamente essa “economia” necessária das palavras que desperta a criatividade do escritor e transfere ao texto, por vezes, características literárias.

Em sentido tradicional, a definição de crônica passa pelo relato de fatos dispostos em ordem cronológica, isto é, na ordem de sua sucessão, de seu desenvolvimento. Nessa acepção, crônica é um gênero literário histórico que se desenvolveu na Europa, também durante a época medieval e renascentista. “É nesse lugar, que se define [...] o ponto exato [...] em que a Crônica histórica de Fernão Lopes exercitará a sua melhor forma, isto é, o seu modo de estar na linguagem, na sua narrativa, e no conhecimento contemporâneo. Como cronista, Fernão Lopes narra, sobretudo em D. Pedro I e D. Fernando, a política de fixação da terra”¹¹⁸.

Em fins do século XIX, no tempo de João do Rio (Paulo Barreto 1881-1921), a crônica se constituía em uma seção quase que informativa, um rodapé onde eram publicados pequenos contos, pequenos artigos, ensaios breves, poemas em prosa, tudo o que pudesse informar os leitores sobre os acontecimentos daquele dia ou daquela semana, recebendo o nome de folhetim. Entretanto, foi com a criatividade de Paulo Barreto que esse enfoque do folhetim mudou no que tange ao uso da linguagem e à estrutura, porque passou a usar o espaço para contar fatos do dia-a-dia do carioca, com isso consagrou-se como o cronista mundano por excelência, dando à crônica roupagem

¹¹⁷ SÁ, Jorge de. *A Crônica*. Série Princípios. São Paulo: Ed. Ática, 1985.

¹¹⁸ *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*/ Antônio Candido [et al] Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. P. 29.

mais literária que, mais tarde será enriquecida por Rubem Braga. Assim, a crônica em vez de ser um simples registro formal, passa a ser o comentário de acontecimentos de conhecimento público e também criação do imaginário do cronista. Ao examinar pelo ângulo subjetivo do real. Jorge de Sá define crônica assim:

[...] o cronista age de maneira mais solta, dando a impressão de que pretende apenas ficar na superfície de seus próprios comentários, sem ter sequer a preocupação de colocar-se na pele de um narrador, que é principalmente, personagem ficcional (como acontece nos contos, novelas e romances). Assim, quem narra uma crônica é o seu autor mesmo, e tudo o que ele diz parece ter acontecido de fato, como se nós, leitores, estivéssemos diante de uma reportagem. Ocorre, porém, que até as reportagens – quando escritas por um jornalista de fôlego – exploram a função poética da linguagem, bem como o silêncio em que se escondem as verdadeiras significações daquilo que foi verbalizado. Na crônica, embora não haja a densidade do conto, existe a liberdade do cronista. Ele pode transmitir a aparência de superficialidade para desenvolver o seu tema, o que também acontece como se fosse por acaso [...]

119

Em sentido contemporâneo, a crônica pode ser um texto de jornal que, em vez de relatar ou comentar acontecimentos do dia, oferece reflexões sobre literatura, teatro, política, acidentes, crimes e processos, e sobre os pequenos fatos da vida cotidiana sobre variados assuntos. A crônica tem por característica marcante estar no tempo presente e seu tema se prende à atualidade, entretanto sem excluir a nostalgia do passado. Pode apresentar uma tendência a ser crítica, mas

¹¹⁹Cf. SÁ, 1985. P.9-10.

sem agressividade. Costuma misturar sentimentalismo e humorismo. Para Antonio Candido¹²⁰, “a crônica se ajusta à sensibilidade de todo o dia, porque elabora uma linguagem que fala de perto ao modo de ser mais natural”. Trata de assuntos por meio de uma composição textual aparentemente solta, “do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir”¹²¹.

A crônica também é assunto da sociologia da literatura: tem importância notável para a situação material dos escritores, muitos dos quais não poderiam sobreviver sem escrever crônicas, enquanto outros as escrevem por vocação. Por esse motivo, a crônica é gênero cultivado por tão grande número de escritores que sua história completa equivaleria a um corte transversal através das literaturas ocidentais dos séculos XIX e XX.

Os fatos do cotidiano, os acontecimentos diários é que ensejam reflexões ao cronista, estes são os assuntos preferidos das crônicas. Em torno desses fatos, o cronista emite uma visão subjetiva, pessoal e mesmo crítica. Uso de linguagem coloquial, às vezes sentimental, ou emotiva ou, às vezes, irônica, crítica. As crônicas podem ser de três tipos: crônica-comentário, crônica lírica e crônica narrativa. Antonieta de Barros produz à crônica-comentário, traz reflexões filosóficas sobre os acontecimentos de sua época, principalmente tratando de assuntos como educação, ética, valores e política.

¹²⁰ Candido, Antônio. *A Vida ao Rés-do-chão*. In.: *A Crônica* (Org.) Setor Campinas/SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992

¹²¹ Idem. Op. Cit. 1992.

A crônica em jornal apresenta-se diferente de uma notícia publicada em jornal porque não busca exatidão da informação. No entanto, a notícia relata fatos que acontecem, enquanto que a crônica os analisa, dá-lhes um colorido subjetivo, mostra diante dos olhos do leitor uma situação corriqueira e singular. O leitor da crônica é urbano e, em princípio, um leitor de jornal ou de revista. A preocupação com esse leitor é que faz com que, dentre os assuntos tratados, o cronista dê maior atenção aos problemas do mundo urbano e contemporâneo, apresentando os pequenos acontecimentos do dia-a-dia, tão comuns nas grandes cidades. É assim que se pode dizer, com base teórica em Jorge de Sá¹²² e Antônio Cândido¹²³ que a crônica é uma mistura de literatura e jornalismo, porque traz a observação atenta da realidade cotidiana em uma construção de jogo verbal como característica da linguagem empregada. A crônica geralmente é publicada primeiro em jornal e revista, mas quando editada em livro, de certo modo, assume um caráter de durabilidade.

Machado de Assis em uma de suas crônicas escreveu que “O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento”, porque nele estão expostos temas variados em gêneros textuais variados, que vão desde os informativos aos literários. Para ele, o jornal “é a locomotiva intelectual, em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, atualmente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si as idéias e o fogo das condições.” Nessa afirmativa, para Machado de Assis o jornal é democrático e liberal, permitindo ao escritor e ao leitor fruir sobre os assuntos os mais diversificados

¹²² Cf. SÁ, 1985.

¹²³ Cf. CANDIDO, 1992.

possíveis. O autor ainda afirma que “o jornal é a liberdade, é o povo, é a consciência, é a esperança, é o trabalho, é a civilização.” E é ali, no jornal que a crônica se estabelece, vive e solidifica-se como literatura, justamente por este caráter pueril, livre e ao mesmo tempo engajado nos acontecimentos do seu tempo e espaço. Em uma de suas crônicas intitulada *O nascimento da crônica* esclarece que:

O nascimento da crônica

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjecturas acerca do sol e da lua, outra sobre a febre amarela manda-se um suspiro a Petrópolis, e La glacê est rompue está começada a crônica. (...)

124

Quando define a função do jornal, Antonieta de Barros, em sua crônica *Falando aos Moços*, publicada em *O Idealista*, em junho de 1945, diz o seguinte: “Não se compreende a vida de povos civilizados sem imprensa. E isso, porque o Jornal é uma alta tribuna do povo, que só deve ocupar os que sentem e compreendem a dignidade deste mesmo povo.” E em sua opinião,

o jornalista não incensa, não bajula, não rasteja, não tem espinha flexível, não desce à lama, mas, também, não denigre reputações, não mente, não enodoa nomes, não semeia ódios, não apedreja inocentes, não se deixa cegar pelas paixões

¹²⁴ ASSIS, Machado de. *Crônicas Escolhidas*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

pessoais, nem vive o sadismo dos iconoclastas; não destrói o bem, não macula, não mata o Ideal, não se mercantiliza, mas preserva as coisas boas, mas constrói, mas respeita cada indivíduo, como parcela de uma coletividade, mas estimula o que ainda pode sonhar, mas reage contra a própria maldade, para ser luz, nos caminhos alheios[...]¹²⁵

E a crônica é um gênero textual que nasce no jornal. É na sua simplicidade de manifestação que a crônica se torna atraente ao escritor que quer chegar ao seu público. Então, a definição de crônica passa pela questão da linguagem empregada, pela temática abordada e pelo aporte textual utilizado, a fim de conquistar o leitor todos os dias. O cronista dialoga com o seu público e neste diálogo interage e faz o leitor interagir e refletir sobre acontecimentos sociais corriqueiros, cotidianos, mas também, pode fazer o leitor viajar, sonhar, rir, chorar, divertir-se.

A crônica surge em um primeiro momento no jornal, herdando a sua precariedade, esse seu lado efêmero de quem nasce no começo de uma leitura e morre antes que se acabe o dia, no instante em que o leitor transforma as páginas em papel de embrulho, ou guarda os recortes que mais lhe interessam num arquivo pessoal. O jornal, portanto, nasce, envelhece e morre a cada 24 horas. Segundo Jorge de Sá¹²⁶, a crônica assume essa transitoriedade, os acontecimentos são rápidos e o cronista precisa ter um ritmo ágil para poder acompanhar tudo. Existe uma sintaxe solta, mais próxima de uma conversa direta com o leitor, um coloquialismo que impera um dialogismo que equilibra o coloquial e o literário, permitindo que o lado espontâneo e sensível permaneça como

¹²⁵ ILHA, Maria da. *Falando aos Moços. Jornal O Idealista*. Junho de 1945.

¹²⁶ Cf. SÁ, 1985. P.10-11.

elemento provocador de outras visões do tema e do subtema que estão sendo tratadas em uma determinada crônica.

Essas concepções se aplicam neste estudo por estar se tratando de ler a crônica escrita por Antonieta como texto literário, cujo aporte textual apresenta-se em jornal e em livro, cujos leitores com os quais a cronista dialoga são os leitores de todos os tempos, a personagem principal é sempre a “Humanidade”, cujos algozes são a “egolatria” e a “ganância do homem”; os fatos tratados em suas crônicas são os do cotidiano, ligados à escola, às crianças, à cidade e, principalmente, às reflexões sobre vultos históricos e datas sociais comemorativas. Em suas crônicas Antonieta traz a voz do outro, através de citações diretas ela constrói seus textos com base no intertexto e no diálogo direto com o leitor. Pensando na *Vida Literária* de Antonieta foi elaborado o quadro biográfico, contam-se seus passos, a fim de dar suporte ao estudo e à tese, olhando a professora em todas as instâncias de atuação.

Segundo Vinicius de Moraes¹²⁷ em *O Exercício da Crônica*, a estruturação de uma crônica pressupõe o conhecimento de certas características do gênero: “Escrever prosa é uma arte ingrata. Eu digo prosa fiada, como faz um cronista; não a prosa de um ficcionista, na qual este é levado meio a tapas pelas personagens e situações que, azar dele, criou porque quis. Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino.”¹²⁸ Ou seja, escrever crônica também é uma arte, especialmente

¹²⁷ Vinicius de Moraes (1913-1980) foi cronista, crítico de arte, mas acima de tudo foi um poeta lírico da segunda geração do Modernismo da Literatura Brasileira. *O Exercício da Crônica* – texto em *Para viver um grande amor* apud Jorge de Sá, 1985. P. 73.

¹²⁸ Cf. SÁ, 1985. P.73.

porque em um espaço finito de jornal o cronista tem que criar um texto que desperte a atenção do leitor, o que requer talento.

A crônica só pode ser valorizada mediante uma leitura crítica, no descortinar sua significação. Sabe-se que todo texto literário pressupõe várias leituras, sendo que a primeira costuma ser bastante superficial, feita por um leitor ingênuo, pelo simples ato de ler; mas uma leitura crítica depende do quanto o texto repercute no leitor e isso só pode acontecer mediante várias leituras de um mesmo texto, assim, a partir da segunda leitura a carga emotiva da crônica já tinge o leitor com maior profundidade. Também não se pode esquecer que a leitura da crônica no nível interpretativo pressupõe sua localização na página do jornal ou no contexto do livro em que foi reunida com outras crônicas. A característica polissêmica do conteúdo da crônica pode estar relacionada a outros elementos que a permeiam, seja nas notícias ou matérias do jornal do dia, acontecimentos da semana, a própria função do veículo em que está publicada, bem como em relação a outras crônicas reunidas em um livro. Vale ressaltar que ler a crônica na página de jornal para a qual o texto foi produzido suscita interpretação variada da leitura realizada da mesma crônica publicada em livro. Isto ocorre em função do contexto em que a crônica está inserida.

A leitura da crônica de Antonieta de Barros no jornal e a leitura da mesma crônica escolhida e publicada em *Farrapos de Idéias* podem conter interpretações diferentes. Separadamente cada crônica apresenta certa característica semântica e estética, de base temática crítica e política, reunida e seqüenciada em livro compõem um valor catequético, quase que doutrinário, apresentando e ressaltando a intertextualidade com os preceitos bíblicos. Na leitura realizada aqui procuro evidenciar

a leitura das crônicas sob o primeiro enfoque, reunindo-as por temática abordada e não pela seqüência dada pela autoria, isso por que tive a oportunidade de ler as crônicas dissociadas da disposição dada pela autora, bem como busquei ler de várias formas o livro, pontuando a intertextualidade com a filosofia e a mitologia, bem como com autores como Dante Alighieri, Rui Barbosa, José Engenieros, dentre outros.

2.3 Antonieta na Literatura Catarinense

Em 1970, um grupo de mestres, pesquisadores, estudiosos e intelectuais de Santa Catarina organiza e assina cada qual em sua área de atuação profissional e intelectual, uma coleção em quatro volumes que aparece com a finalidade de divulgar, de possibilitar conhecimentos e como fonte de pesquisa sobre o Estado, um compêndio de ciência histórica, intitulado *História de Santa Catarina*¹²⁹. No terceiro volume, na primeira parte, destinada à Literatura aparece uma citação sobre Antonieta de Barros, à página 28:

¹²⁹ CABRAL, Oswaldo Rodrigues [et al.]. *História de Santa Catarina*. Vol 1 a Vol 4. Curitiba/PR: Grafipar., 1970. Assinam a obra os professores: Vol 1. Dr. Oswaldo Rodrigues Cabral ; Vol 2. Prof^o Theobaldo Costa Jamundá, Dr^o Oswaldo Rodrigues Cabral, Prof^o Almiro Caldeira de Andrada, Prof^a Anamaria Beck, Prof^o Silvio Coelho dos Santos; Vol 3. Prof^o Celestino Sachet,

[...]

Em 1937, Antonieta de Barros, com o pseudônimo de Maria da Ilha, editava *Farrapos de Idéias* (Imprensa Oficial do Estado) reunião de crônicas ligeiras, a maioria delas impregnadas de profundo sabor existencial onde está ausente a busca de perfeição gramatical e estética¹³⁰.

Aqui parece estar a primeira citação sobre Antonieta escritora, o último parágrafo, que finaliza o texto sobre uma retrospectiva histórica da Literatura feita em Santa Catarina, sob o título *Um Longo Compasso de Espera*, item VIII, uma passagem pela literatura produzida em Santa Catarina na virada do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Logo em seguida vem o item IX, em que o autor trata sobre o movimento literário que teve seu início em 1947, o *Grupo Sul*.

Esta menção no último parágrafo do item VIII do referido texto sobre Antonieta mostra o quanto sua obra marca um momento de transição. Transição entre o período marcado pela poesia de cunho estético parnasiano e simbolista e a prosa com nuances de realismo, marcada pelo existencialismo e pelo humanismo, pensamentos filosóficos que imperaram durante o período do pós-guerra em todo o mundo. Entretanto, esta mesma prosa já apresenta tendência à liberdade de estrutura estética, que não se preocupava em seguir padrões estéticos pré-estabelecidos, características dos textos com tendências modernistas, embora arraigadas em uma temática de cunho

Nuno de Campos, Drº Oswaldo Rodrigues Cabral, Profº Pérciles Luiz Medeiros Prade, Profº Martinho Calla do Júnior; Vol. 4 Antônio Pichetti.

¹³⁰ SACHET, Celestino. *Literatura*. Primeira Parte do Vol. 3. In.: História de Santa Catarina. Curitiba/PR: Grafipar, 1970. P. 28.

religioso e social, como se pode notar dentro da literatura produzida no Brasil do final do século XIX e início do século XX, de um grupo de escritores que marcaram essa transição, período chamado de pré-modernismo.

Então, sob este enfoque, a literatura produzida por Antonieta apresenta textos com características temáticas calcadas na crítica social, tendendo ao proselitismo provinciano de caráter urbano e marcado por uma linguagem com forte apelo didático e religioso, no culto aos valores humanísticos e cristãos.

Em 1979, em *A Literatura de Santa Catarina*¹³¹, Antonieta de Barros é citada no capítulo dezessete, capítulo destinado aos “Autores Bissextos”

Autores bissextos para esta Literatura de Santa Catarina é um grupo de homens e mulheres que, pelas mais variadas circunstâncias, publicou só um ou dois livros, em edição do Autor, tiragem limitada e, quase sempre, distribuídos para amigos e conhecidos.

Os possíveis méritos dessas obras estarão a cargo do leitor.

[...]

BARROS, Antonieta de. (pseudônimo Maria da Ilha). *Farrapos de Idéias*, crônicas. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado, 1937¹³².

Segundo Manoel Bandeira, em *Antologia de poetas brasileiros bissextos contemporâneos*, “bissexto é todo poeta que só entra em

¹³¹ SACHET, Celestino. *A Literatura de Santa Catarina*. Florianópolis/SC: Ed. Lunardelli, 1979. P. 269.

¹³² Idem. Op. Cit. P. 269.

estado de graça de raro em raro”¹³³. Percebo aqui que esta definição para Antonieta não estaria de todo apropriada, isto porque, embora tenha publicado um só livro, editado em três edições, uma em vida e duas *após sua morte*, suas crônicas são encontradas na imprensa do estado, com certa regularidade, durante o período de 1929 a 1952. Também, verifico que Antonieta produziu e publicou em jornal, crônicas e não poemas. Entretanto, vale a lembrança presente neste momento, já que poderia não estar sendo citada como merece; mais adiante, porém, seu *status* dentro da configuração da *Historiografia da Literatura Catarinense* modifica-se.

Em 1989, Celestino Sachet e Iaponan Soares lançaram o livro *Presença da Literatura Catarinense*¹³⁴ que consistia em mostrar a produção literária do Estado de Santa Catarina desde o primeiro texto, escrito em 1541, no qual Alvar Nuñez Cabeza de Vaca se declara a serviço de Sua Majestade o rei da Espanha, até as experiências com o poema em língua do imigrante italiano-vêneto, no final do século XX. Esta coletânea foi construída sobre bom número de obras e de temas da literatura produzida pelos autores de Santa Catarina, constituindo como prática da teoria estabelecida e exposta no livro *A Literatura Catarinense*¹³⁵. No livro *Presença na Literatura Catarinense* o nome de Antonieta de Barros é citado no capítulo destinado à estética literária “Realismo/Parnasianismo”. Neste capítulo os autores relatam que as duas dezenas e meia de autores e textos, agrupados às páginas

¹³³ BANDEIRA, Manoel. *Antologia de poetas brasileiros bissexto contemporâneos*. Rio de Janeiro: Editora d’Our, 1956. P. 13.

¹³⁴ SACHET, Celestino; SOARES, Iaponan. *Presença da literatura catarinense*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1989. P.73

¹³⁵ SACHET, Celestino. *A Literatura Catarinense*. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1985.

73-103, cobrem quase todo o século XX, amarradas as duas pontas em 1910 – ano da morte de Luiz Delfino e de Antero dos Reis Dutra – e 1983, quando a família de Arnaldo S. Thiago publica-lhe *Poesias reunidas*, obra póstuma.

Para os organizadores da coletânea, as produções percorrem as mais diferentes linhas, tais como: a sátira de Ogê Mannebach e Gilberto da Fontoura Rey; a oratória de Edmundo da Luz Pinto, Mafredo Leite, Nereu Ramos e D. Joaquim Domingues de Oliveira.; o ensaio cultural, literário-estético ou filosófico de Crispim Mira, José Boiteux, Gustavo Neves, Othon d'Éça, Altino Flores, Osvaldo Rodrigues Cabral, Henrique Fontes e *Antonieta de Barros*; a força poética de Barreiros Filho, Carlos Corrêa, Antenor Moraes e João Batista Crespo; o teatro musicado e populesco de Clementino de Brito e Mâncio Costa.

Segundo Sachet & Soares (1989), os temas e textos selecionados são uma forte amostra do fazer literário de uma geração quase sem livros, mas de constante presença nos jornais e nas revistas e que, por isto, não deixa de ter – e reter – uma pesada influência no gosto – ou no desgosto - estético, dentro de sua época e dentro das gerações que vinham se preparando para o Modernismo do Grupo Sul e para as múltiplas tendências dos escritos dos anos 60-80¹³⁶. O texto de *Antonieta de Barros* aparece com o pseudônimo de “Maria da Ilha”, sob o título *O grande trapézio*¹³⁷.

¹³⁶ Cf. SACHET; SOARES, 1989. P.73

¹³⁷ Idem. P. 91.

Diferentemente desta abordagem, se considerar o período historiográfico da Literatura Brasileira¹³⁸, a fim de situar historicamente os textos de Antonieta de Barros, a literatura realizada por ela, de 1929 a 1952, e o período de sua existência tem-se dois períodos delimitados: o Pré-modernismo¹³⁹ e o Modernismo¹⁴⁰.

Sucintamente, o que se convencionou chamar de pré-modernismo no Brasil, não se constitui em escola literária, ou seja, não há um grupo de escritores ou de autores afinados em torno de um mesmo ideário, seguindo determinadas características, o que faz do termo pré-modernismo apenas uma situação, um termo genérico para designar uma vasta produção literária que se caracteriza e se instala nas primeiras décadas ou nos primeiros vinte anos do século XX e estende-se até o advento da Semana de Arte Moderna, ocorrida no Sudeste Brasileiro em 1922. No grupo considerado como pré-modernistas encontram-se desde poetas parnasianos e simbolistas que continuavam a produzir até escritores que começavam a desenvolver um novo regionalismo, outros realistas preocupados com a literatura política e outros, ainda, com propostas realmente inovadoras. Por apresentarem uma obra significativa para uma nova interpretação da realidade brasileira, bem como pelo valor estilístico, muitos manuais didáticos trazem como importantes neste período e posterior a ele Euclides da Cunha, Lima Barreto, Graça Aranha, Monteiro Lobato, Augusto dos Anjos, Rui Barbosa.

¹³⁸ CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. São Paulo: Ed. Ouro S/Azul. Nova Edição, Volume único, 2006.

¹³⁹ BOSI, Alfredo *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix. 43ª Edição, 2006

¹⁴⁰ Idem. Op. Cit. P.161.

Celestino Sachet ¹⁴¹, refletindo sobre o momento literário do início do século XX em Santa Catarina, traça um quadro desolador, quando trata de definir os *Fundamentos da Literatura Catarinense* deste período:

Na virada do século, enquanto um Euclides da Cunha dava ao Brasil a sua imensa tragédia grega – Os Sertões – a triste constatação de uma realidade nacional, através da luta entre o Sertão e o Mar, entre a Cidade e o Interior, entre a Civilização e a Barbárie; enquanto Graça Aranha apresentava ao Mundo o seu Canaã – cujo tema, o choque da civilização alemã, poderia ter tido como cenário este excelente pedaço de Santa Catarina, originalmente alemão, - enquanto a literatura brasileira se conscientizava da existência de um mundo brasileiro, em Santa Catarina tem-se um inexplicável marasmo literário..¹⁴²

Isso foi escrito em 1970, embasado nos ditames de Oswaldo de Melo Filho, o historiador, que creditava o “suposto marasmo” da ocasião a alguns acontecimentos políticos e sociais, tais como: A revolução federalista de 1893 que eliminou por fuzilamento em Anható-Mirim uma geração de intelectuais catarinenses; as disputas de fronteiras com o Paraná, que nos primeiros anos do século XX tiveram ocupadas a espada e toda a capacidade intelectual dos catarinenses de então; a Iª Grande Guerra Mundial de 1914 a 1918; as novas correntes estético-filosóficas que vinham da Europa para o Brasil; a doença espanhola e a Guerra dos Fanáticos do Monge Antônio Maria.

¹⁴¹ SACHET, Celestino (et alli). *Fundamentos da Cultura Catarinense*. Florianópolis: Editora LAUDES, 1970. P.90

¹⁴² Idem. Op. Cit.

Entretanto, para Sachet¹⁴³, esses argumentos não convencem isso porque, afirma ele, “as grandes criações do espírito nascem nos momentos de grande angústia pessoal ou nos grandes momentos de tensões universais”, por extensão, diria, em grandes momentos de lucidez contextual e social. Também em 1970, Celestino Sachet afirmou que: “a pesquisa ainda está para ser feita e os jornais de nossa Biblioteca Pública estão à espera de alguém que se enfronte neles tirando de lá uma resposta ao problema”.¹⁴⁴ De lá pra cá, já são 40 anos, durante este tempo, a universidade tem procurado enriquecer os estudos e pesquisas a respeito dos escritores catarinenses do período, nativos ou não. Vale ressaltar que sob a orientação do Professor Sachet, Josefina da Silva realizou em 1991 o resgate dos textos inéditos de “Maria da Ilha” e realizou análise das crônicas de *Farrapos de Idéias* em sua dissertação de mestrado. Ficou estabelecido como características do texto de Antonieta prerrogativas da estética realista com nuances de modernidade, o que colocaria Antonieta de Barros inserida no rol de escritores antecessores do Modernismo, ou seja, uma precursora do “Grupo Sul” dentro da historiografia da Literatura Catarinense. Entretanto, observo que a autora ainda mantém muitos traços da estética realista do final do século XIX.

O modernismo tem seu início com a realização da Semana de Arte Moderna no Teatro Municipal de São Paulo, nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, idealizada por artistas que pretendiam colocar a cultura brasileira a par das correntes de vanguarda do pensamento europeu, ao mesmo em tempo que pregava a tomada de consciência da

¹⁴³ Ibidem. Op.Cit . P. 91

¹⁴⁴ SACHET, (et al), 1970. P.90

realidade brasileira. Mário de Andrade¹⁴⁵ em sua famosa conferência “O Movimento Modernista”¹⁴⁶, promovida pela Casa do Estudante do Brasil, no Rio de Janeiro, em 30 de abril de 1942, dimensionou o acontecimento declarando:

Manifestado especialmente pela arte, mas manchando também com violência os costumes sociais e políticos, o movimento modernista foi o prenunciador, o preparador e por muitas partes o criador de um Estado de espírito nacional. A transformação do mundo, com o enfraquecimento gradativo dos grandes impérios, com a prática européia de novos ideais políticos, a rapidez dos transportes e mil e outras causas internacionais, bem como o desenvolvimento da consciência americana e brasileira, os progressos internos da técnica e da educação, impunham a criação de um espírito novo e exigiam a reverificação e mesmo a remodelação da inteligência nacional. Isto foi o movimento modernista, de que a Semana de Arte Moderna ficou sendo o brado coletivo principal.¹⁴⁷

A Academia Catarinense¹⁴⁸ foi fundada em 1922, antes era chamada de Sociedade Catharinense de Letras¹⁴⁹, por escritores que viviam do jornalismo e dos cargos públicos, sempre ligados ao poder e não às inovações¹⁵⁰, como já se referia Celestino Sachtet ao tratar da geração dos moços que fundaram a Academia nos anos 20 do século

¹⁴⁵ BOSI, Alfredo *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix. 43ª Edição, 2006. P.162

¹⁴⁶ Idem. Op. Cit. P. 161,

¹⁴⁷ Ibidem, Op.Cit. P. 161.

¹⁴⁸ SACHET, Celestino. *A Literatura Catarinense*. Florianópolis: Lunardelli, 1987.

¹⁴⁹ CORREA, Carlos Humberto. *História da Cultura Catarinense: O Estado e as Idéias*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.

¹⁵⁰ SACHET, Cestino. *A Literatura de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

XX. O modernismo demorou trinta anos para aportar na literatura da Ilha de Santa Catarina. Se o modernismo já se apresentava na literatura européia no final do século XIX, somente em 1920, com o advento da semana de arte moderna de 1922 ele chega ao Brasil. E quase trinta anos depois, em 1947, com a criação do Grupo Sul, a literatura moderna dá ares de sua graça na Ilha de Santa Catarina. A dificuldade residia no forte e extremo tradicionalismo e elitismo, tanto da classe intelectual quanto da sociedade florianopolitana como um todo. Enquanto o resto do Brasil avançava em relação às vanguardas culturais, Florianópolis continuou apegada às tradições que já estavam superadas, tradições estas que foram defendidas nas décadas de 20 e 30 pela geração da academia, os moços¹⁵¹.

2.3.1 A Crônica de Antonieta

Qual o lugar que ocupa a crônica de Antonieta de Barros no espaço literário da Ilha de Santa Catarina, no contexto em que vivia a partir da interpretação de seus textos, da leitura de sua vida e obra? Ela fazia parte de mais de um grupo social: das normalistas, dos políticos, dos intelectuais e escritores da *Sociedade Catharinense de Letras*. O contexto em que vivia era a provinciana e pacata Ilha de Santa Catarina. O espaço ocupado pela crônica de Antonieta de Barros era o

¹⁵¹ SACHET, Celestino. *As Transformações Estético-Literárias dos anos 20 em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli Representações, 1974.

da primeira página do jornal, na seção política, do Jornal *República* e depois no Jornal *O Estado*, dentre outros; a partir de 1937 algumas crônicas selecionadas aparecem editadas em livro como texto literário. Nas crônicas predominam os antecedentes pré-modernistas e a retomada do estilo da estética e linguagem do realismo. Há nos seus textos a voz do outro, de autores que ela leu, para referendar o que quer expressar, criticar, comentar, ensinar. Com o intuito de antecipar exemplos do intertexto presente nos textos da escritora, abaixo selecionei citações presentes em algumas crônicas *Farrapos de Idéias*, o livro:

[...] põe-me n'alma os cânticos dulçurosos dos que chegaram ao Sinai dos seus sonhos! [...] (Dê Joelhos).

[...] E tão grande é esse dever que Ele, o devassador das "alamedas interiores", o pregou de forma imperativa: "Ama o teu próximo como a ti mesmo. (pág. 18).

[...] nos arrojos condoreiros do seu pensamento para o bem da coletividade. [...] (pág. 29).

[...] E, sereno, sem vaidade, olhando a própria obra, e vislumbrando, nos encantados mundos interiores, as paisagens feiticeiras do muito que há por fazer e que se pode fazer, o cavaleiro andante do Ideal, sente reacender-se-lhe, no íntimo, a labareda sagrada do sonho de novas tentativas, de novas conquistas, porque na alma inquieta do sonhador, o último lampejo de vida a extinguir-se é o do Ideal. [...] (pág. 29).

[...] À claridade romântica da lua, diante da qual era nula a luz fraca dum lampião a querosene, os Romeus costumavam nesta nossa Ilha, encantar as Julietas, com a maviosidade do “Acorda, oh! Minha bela!” Ou simplesmente, os menos audaciosos, com uma música muito doce, lembrando, talvez, a entrada do Paraíso de Dante.[...] (pág. 45).

“[...] Mente são em corpo são [...] (pág. 50)

[...] E, entre os humanos, os que não ressuscitam no juízo final, segundo uns, ressuscitarão, para outras vidas, segundo outros.[...] As pátrias bárbaras foram feitas por soldados e por eles batizadas com sangue; as pátrias morais fá-las-ão os mestres sem mais armas que o abecedário – Ingenieros. (pág. 60)

[...] Como afirmando nada existir de novo sobre a terra, procura-se reviver as cenas dantescas.[...] É lei atávica. [...] Veio de Caim e rolará com os séculos. [...] E as pátrias serão sempre bárbaras. (pág. 61)¹⁵²

Os excertos acima apresentam temáticas variadas e remetem invariavelmente a valores cultuados pela humanidade há milênios. A cronista utiliza-se de variados discursos de todos os tempos, fruto de sua leitura e do seu ofício em lecionar Psicologia e Língua Portuguesa na escola. Boa parte das citações provém de textos e livros encontrados na Biblioteca da Escola Normal e de sua própria biblioteca, possivelmente livros e autores apreciados por Antonieta, os quais a faziam refletir e inspiradas por estas palavras faziam-na escrever, tal é

¹⁵² ILHA, Maria Da. *Farrapos de Ideias*. 2ª Ed. Florianópolis: ETEGRAF, 1971. (Homenagem Póstuma)

a incidência de certos autores em relação a outros. Nos excertos, então, há o uso da voz de Castro Alves na alusão aos “arrojos condoreiros”, de Shakespeare quando se refere aos “Romeus” e às “Julietas”, de Dante Alighieri ao se referir a “a entrada do Paraíso de Dante”, à Sócrates quando cita “Mente sã em corpo são”, à Bíblia Sagrada e ao Livro do Espíritos de Alan Kardec quando se refere à página 60 sobre a ressurreição cristã e a reencarnação espírita; à José Ingenieros também na página 60 quando cita a frase do filósofo argentino “As pátrias morais fá-las-ão os mestres sem mais armas que o abecedário”. Só para citar alguns.

Percebo que a linguagem utilizada por Antonieta de Barros nas crônicas que publicou em seu livro busca inspiração, como modelo a ser alcançado, nas crônicas de época, sendo o nome mais famoso o do escritor Machado de Assis¹⁵³ e no estilo de linguagem retórica presentes nos textos de Rui Barbosa¹⁵⁴, bem como nos valores filosóficos e religiosos da catequese do Padre José de Anchieta, dos

¹⁵³ ASSIS, Machado de. *Crônicas Escolhidas*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

¹⁵⁴ **Rui Caetano Barbosa de Oliveira** (Salvador, 1849 – Petrópolis, 1923), bacharel em direito e talentoso orador. Na década de 1880, impõe-se como orador abolicionista e liberal. Estuda ademais reformas de ensino elaborando um plano para o ensino secundário e superior em 1882 e para o primário em 1883. Proclamada a república, assume o Ministério da Fazenda, opõe-se a Floriano Peixoto e exila-se em Londres, na Inglaterra. Em 1907, é enviado à Conferência de Paz de Haia, na qualidade de embaixador do Brasil, sustenta a tese da igualdade jurídica das nações menores. Obras Principais: *O Papa e o concílio (1877)*, *Cartas da Inglaterra (1896)*, *Discursos e Conferências (1907)*, *Páginas Literárias (1918)*, *Cartas Políticas e Literárias (1919)*, *Oração aos Moços (1920)*, *A Queda do Império (1921)*. O estilo de Rui Barbosa era argumentativo, escrevia para convencer, eloquente, de tradição retórica, influenciado pelo estilo clássico e doutrinário de Isócrates, Cícero e Quintiliano; seguidor das letras vernáculas, utiliza-se da sintaxe seiscentista de Vieira e do léxico opulento de Herculano, Castilho e sobretudo Camilo Castelo Branco. Adepto do purismo linguístico que dominou a vida literária brasileira durante o período antimodernista. In.: BOSI, Alfredo *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix. 43ª Edição, 2006 .P. 255-259.

ditames apostólicos do Novo Testamento da Bíblia Sagrada de cunho Cristão; ao mesmo tempo em que foge de uma linguagem e estruturas convencionais. Antonieta utiliza-se de figuras de linguagem e de citações, usa o discurso da alteridade, com predomínio de um cunho didático, ou seja, traz um assunto, argumenta e tenta convencer o leitor, por meio dos exemplos e embasada com o uso de citações, utilizando de intertextos, da voz do outro, como sendo sua. São as citações, a consistência dos seus farrapos.

“Farrapos” significam em sentido literal pedaços de pano velho, gasto pelo tempo e uso; trapo, peças de roupas muito velhas e rasgadas; Historicamente, significa o apelido dos republicanos na Guerra dos Farrapos, no Rio Grande do Sul, 1835, aludindo aos Farroupilhas. Mas, pode retratar a construção de uma rede semântica de relações em tessitura, um texto, produzido polifonicamente em que as vozes de autores lidos por Antonieta ecoam em suas citações diretas, indiretas e indiretas livres, rede de conceitos que são tratados em suas crônicas e por meio delas chega ao grande público. Seria, portanto, uma colcha de retalhos construída com idéias e valores de domínio público, às vezes de pensamentos filosóficos de textos veiculados em jornais e revistas de época, como sendo um diálogo da leitora e da escritora, às vezes, seus textos e temas enveredam a tratar de acontecimentos ou de situações que podem ser relacionados com acontecimentos, histórias e valores veiculados e de domínio público a partir do conhecimento universal. Prova irrefutável disso são as menções aos textos bíblicos, aos filósofos gregos, à mitologia, á *Divina*

Comédia, aos textos de José de Anchieta e Padre Antônio Vieira, ao diletantismo de Rui Barbosa, aos preceitos do pensamento filosófico pedagógico de José Ingenieros, às citações de notícias veiculadas em jornais de outras localidades da época, aos acontecimentos sociais, às discussões políticas de época, às menções ao circo, ao cinema, à luz elétrica, ao avião, às transformações ocorridas na cidade, às guerras mundiais, aos movimentos sociais, textos e idéias feministas, às questões de ética, moral e valores espirituais.

Mas, não se verifica, como temática recorrente nas crônicas, a questão relacionada à cor da pele, o que parece ser um hiato em sua produção artística; não há, portanto, uma referência a sua condição de afro-descendente nos textos; mas sim uma alusão direta à pobreza, á falta de recursos, uma crítica ao descaso com a educação do povo por parte dos governantes, uma crítica do descaso com a figura do professor e seu magistério, uma forte apelação aos valores e à não-violência, um apelo ao cuidado que se deve ter na educação dos “pequenos”. Também um apelo à não-dissimulação, para que a “Humanidade” retire as “Máscaras” e mostre-se como é.

A partir da leitura de Antonieta, não só das crônicas de seu livro, mas também das crônicas dispersas em jornais¹⁵⁵, tem-se o panorama reflexivo de uma época, são pensamentos de vinte e um

¹⁵⁵ Refiro-me às crônicas publicadas em jornais como: *Jornal A Semana* – 1929 a 1930; *Jornal República* – 1929 a 1937; *Jornal Dia e Noite* – 1937 a 1938; *Jornal O Estado* – 1934 a 1952; *Jornal A Pátria* – 1931 a 1935; *Jornal Correio do Estado* – 1934; *Jornal O Idealista* - 1945 a 1947; *Folha Acadêmica* – 1929.

anos, tempo de sua produção compilada no uso de uma linguagem que aponta para características realistas, tendendo à temáticas modernistas, como já referido, sem deixar de usufruir do uso de figuras de linguagem para dar ao texto o teor literário. “As Alamedas Interiores”, “A Lei atávica”, “A Humanidade”, “Canaã Feiticeira”, “Cenas dantescas”, “Capital de casos e ocasos raros”, “Sinai dos seus sonhos” são algumas dessas alegorias.

Na realização de um estudo sobre a tendência teórica de um determinado texto literário pressupõe-se uma dupla leitura, uma pautada em subsídios teóricos e a outra descompromissada com estes. Os caminhos considerados novos e/ou contemporâneos para os estudos da teoria literária não podem desconsiderar as noções de intertextualidade, a relação dialógica entre a escritura-leitura e mesmo entre o dito e o seu contexto. Também, precisa pensar a obra aberta (que se reporta ao leitor e deixa-o interpretar como bem entende, utilizando-se do artifício da pergunta, sem pontuar a resposta, mas sugerindo reflexão.) e a noção do texto como um jogo (em que argumentos são lançados, as respostas são imprevisíveis, o texto busca no leitor respaldo dialógico), entre a forma, função e conteúdo. Por isso não se pode deixar de lado o valor que as contribuições dos estudos lingüísticos, semânticos e semiológicos desde a metade do século XX vêm tendo na abordagem do texto literário.

Júlia Kristeva¹⁵⁶ já acentuava esta questão ao citar o axioma de Mallarmé: “o poema não se faz com idéias, mas com palavras.” Por analogia e por apropriação, afirmo que uma crônica não se faz somente com idéias, mas também com palavras e conceitos. Aliado a isso, não se pode também negar a contribuição da sociologia, filosofia, psicologia e da história para estabelecer subsídios à leitura e investigação ou mesmo para a compreensão do texto literário, quando este texto está impregnado de conceitos e tal natureza. Assim, as significações que uma teoria pode trazer ao texto literário não anulam outros enfoques que também são válidos. Citando Gérard Genette¹⁵⁷, “uma significação nova não é, forçosamente, nova, mas apenas um novo tipo de ligação de forma e de sentido” ao texto literário e mesmo à obra. Lembrando que a interpretação dada pelo leitor ao texto vai depender do quando ele se apropriou dos conhecimentos ali veiculados pelo autor, a fim de compreender os comentários do autor.

Edda Ferreira¹⁵⁸ pondera que se torna oportuno lembrar que a obra de Arte é fruto da livre capacidade criativa do homem, o que significa dizer que o texto literário, condicionado à História, ultrapassava; “assim, sua abordagem se nos afigura como uma aventura perigosa, mas atraente – abordagem contida, de certa forma, pelos parâmetros das teorias, os quais, no entanto, não reduzem nem empobrecem o nosso contato com os textos, mas, ao contrário, enriquecem a nossa

¹⁵⁶ KRISTEVA, Júlia. *Sémanalyse et production Du sens*. In.: GREIMAS, A.J. e outros. *Essais de semiotique poétique*. Pais, Larousse, 1972. P 210.

¹⁵⁷ GENETTE, Gerard. *Discurso da Narrativa*. Lisboa: Veja/ Universidade, s.d.

¹⁵⁸ FERREIRA, Edda Arzúa. *O Texto Literário: a prática da interpretação*. Florianópolis: Editora UFSC. Ed. Lunardelli, 1983.

interrogação sobre os mesmos.”¹⁵⁹. Considerando isso, posso afirmar que a crônica de Antonieta de Barros, por seu caráter polifônico e intertextual, merece destaque no momento literário pelo qual passava a literatura produzida na Ilha de Santa Catarina nas décadas de 30 e 40 do século XX, antes do advento do Grupo Sul, porque tenta realizar algo diferente do habitual, ou seja, enquanto os literatos da academia escreviam poesia, ela escrevia crônica.

Abaixo uma crônica de Antonieta de Barros, publicada no livro *Farrapos de Idéias*, página 61. Nela há citações de José Ingenieros, de Dante e do Provérbio 17, 15. O texto trata da inconformidade da cronista com a guerra, com a violência que explode em todo o mundo. Questiona a humanidade sobre o valor do abecedário (alfabetização), da cultura, das letras e da Literatura. Afirma que a Literatura se faz com ações, muito mais do que com palavras. Antonieta usa de figuras de linguagem para deixar o tom do texto mais emblemático, usa das citações para argumentar sobre a necessidade do homem parar de guerrear, pensando no futuro. Cita a expressão “cenas dantescas” numa alusão direta à leitura do livro *Divina Comédia* de Dante, quando o poeta desce às profundezas do Inferno e do Purgatório. “Cenas dantescas” são sinônimos de horror e de calamidade. Como se pode perceber, o texto está imbricado com o discurso do outro para referendar o seu próprio discurso, em um diálogo permanente com o leitor do início ao fim, por meio dos questionamentos, como que solicitando ao leitor uma posição e um ponto de vista em relação aos acontecimentos mundiais.

¹⁵⁹ Idem. Op. Cit., P.13.

“As pátrias bárbaras foram feitas por soldados e por eles batizadas com sangue; as pátrias morais fá-las-ão os mestres sem mais armas que o abecedário” – Ingenieros

“Futuro longínquo o sonhado pelo filósofo.

A Humanidade de hoje, embora se julgue civilizada, conserva e desenvolve resíduos da barbaria antiga, de que, como afirmando nada existir de novo sobre a terra, procura-se reviver as cenas dantescas. Os homens conhecem o abecedário, que é a arma fraquíssima diante do seu egoísmo, e, no entanto, armam-se e fazem desse conhecimento, arma, ainda, mais terrível. Que valem os argumentos, quando os que nos ouvem, são surdos voluntários?

O batismo de sangue se dará em todos os tempos, enquanto, sobre a terra, pisarem dois homens.

É lei atávica.

Veio de Caim e rolará com os séculos.

E as pátrias serão sempre bárbaras, porque de balde se apregoam e se louvam sentimentos postiços, não integralizados na consciência dos povos.

Que a civilização mundial diante do caos em que se debate a Humanidade?

Soam por toda a parte as fanfarras da destruição.

Guerreia-se como civilizados, nos requintes da ferocidade.

É na América, é na Europa. E, onde, ainda, não se luta, prepara-se a luta.

Onde está o valor do abecedário?

E, porque, como o soltar das águas é o princípio da contenda (Provérbio 17,15), quando acorda, nos homens, a sede vermelha, nada os detém.

E os que pensam e auscultam e olham, com o coração, o instante desastroso por que passa o Universo, sentem a ineficácia da cultura.

Não é bastante que os livros demonstrem civilização, não são suficientes palavras, é preciso

que os fatos concretizem os pensamentos, que os atos consubstanciem as palavras.

A literatura educativa mais ainda, mais produtiva, é a que se pratica, e não a que se escreve.

Na vida, nota-se, justamente, o contrário.

Daí a calamidade que assola o mundo, e que abate e entristece os “simples de coração”, que tinham Fé na grandeza espiritual do presente e sorriam à Esperança do futuro melhor. (1932)¹⁶⁰

Vale lembrar que Antonieta de Barros e outros escritores, da década de 20 foram considerados pelo crítico literário da época Professor Altino Flores como “poetas menores”, o que os deixou de fora da ocupação das cadeiras da Academia Catarinense de Letras em ocasião de sua fundação e organização. Estes escritores ditos “menores” formaram e fundaram o *Centro Catharinense de Letras*.¹⁶¹, deste grupo faziam parte também as mulheres e os homens de cor.

Segundo o historiador Fábio Garcia¹⁶² os interesses de grupos, indivíduos e as articulações com os políticos de época transformaram a literatura catarinense num “campo de guerra” e os escritores no início do século XX dividiram-se, “tomando lados opostos na trincheira de batalha”. Essas discussões encontram-se delineadas nos jornais de época e mencionadas nos livros da história e cultura catarinenses¹⁶³.

¹⁶⁰ ILHA, Maria da. *Farrapos de Ideias*. 2ª Ed. Florianópolis: ETEGRAF, 1971. P. 61-62

¹⁶¹ CORREA, Carlos Humberto P.. *História da Cultura Catarinense: O Estado e as Idéias*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.

¹⁶² GARCIA, Fábio. *Negras Pretensões*. Edição do autor, 2004. P.28.

¹⁶³ SACHET, Celestino. *As Transformações Estético-Literárias dos anos 20 em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli Representações, 1974. CORREA, Carlos Humberto P. *Lições de Política e Cultura. 1920/30*. Florianópolis: Edições A C. L, 1966; *História da Cultura Catarinense: O Estado e as Idéias*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997. BERTOLINO, Pedro. *Viagens com Maura: ensaio de esboço bibliográfico em Maura de Senna Pereira*. Florianópolis: Jornal Folha Rosea. Ed. A.C.L, 1993.

Os Professores Altino Flores e Ildefonso Juvenal representavam lados opostos. De um lado os “beletristas” ou geração da Academia e de outro os “poetas menores”. O grupo dos “beletristas” era composto por Altino Flores, Othon Gama D’Êça, Barreiros Filho, Tito Carvalho e Laércio Cadeira; o grupo dos poetas menores era composto por Delminda da Silveira, Ildefonso Juvenal, Trajano Margarida, Ogê Magalhães e Nicolau Nagib Nahas. Como “arma” de ataque os “beletristas” apelavam para acusações de desconhecimento da gramática portuguesa; inferioridade étnica, social, de gênero, e por defeitos físicos. Os “poetas menores” evocavam o valor da sua dedicação ao estudo da língua portuguesa, à irrelevância da origem social e da cor da pele em relação ao aprimoramento intelectual. A divergência entre os grupos evidenciava uma discussão estética entre os parnasianos, simbolistas e ainda ultra românticos. O pilar de sustentação das acusações de Altino Flores residia nas teorias absorvidas de pensadores europeus que incutiam a idéia de inferioridade em relação à cor da pele. Entretanto, os catarinenses e o Brasil tinham Cruz e Sousa, poeta simbolista negro, conhecido nacionalmente por seus versos e essa sua notoriedade alcançada parte em vida e muito mais após sua morte, servia como sustentação da “capacidade intelectual” dos negros.

Dentre “os poetas menores”, Trajano Margarida (1889-1946) e Ildefonso Juvenal (1894-1965) formaram parceria em diferentes momentos de suas trajetórias profissionais, juntos inauguraram a Associação dos Homens de Cor em 1915, participaram do Centro Cívico e Recreativo José Boiteux em 1920 e participaram da criação do Centro Catharinense de Letras em 1925. Em 1915, Trajano Margarida aparece

como colaborador do Jornal Literário *Folha Rosea*, cujo redator-chefe é Ildfonso Juvenal, além disso, entre 1914 e 1919 editaram livros



poéticos, peças teatrais e de história.



Ildfonso Juvenal ¹⁶⁴

Margarida ¹⁶⁵

Trajano

¹⁶⁴ GARCIA, Fábio. *Negras Pretensões*. Edição do autor, 2004. P. 81.

¹⁶⁵ Idem. Op. Cit. P.88.



Folha Rosea, tiragem quinzenal, produzido na Escola de Artífices, redator-chefe Ildefonso Juvenal, redator secretário João Mechíades. ANNO I , 26/12/1915. Acervo Seção de Obras raras da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina. Foto acervo pessoal.

Segundo Correa (1997), diante do marasmo cultural a que estava sujeita a cultura local, havia a necessidade de criação de outra entidade que reunisse os literatos da terra, esta foi a razão da criação do *Centro Catharinense de Letras*, integrada por alguns membros da *Academia Catharinense de Letras*, descontentes com o rumo que ela tomava, principalmente sob a regência de Altino Flores. A referência

aos poetas menores, segundo Correa (1997), diz respeito a uma longa discussão pelas páginas das revistas e jornais de Florianópolis nos fins de 1920. A *Revista Terra*, em um artigo de Altino Flores sobre a necessária fundação da Academia de Letras em Santa Catarina, começou a analisar os poetas para integrar à Instituição, texto publicado em *Revista Terra*, ano um, n. 17, 24 outubro de 1920. P.4:

A meu ver seria um contra-senso fundar uma Academia com literatos que não escreveram ainda nenhuma obra e outros que já escreveram abundantes, mas péssimas... Há aqui oito ou dez legítimos homens de letras, não por terem lançado ao público alguns volumes de prosa e verso, mas legítimos pelo carinho com que cultivam a Arte e o tacto com que versam as ciências. Para eles, a publicação de um livro é coisa séria, sequíssima. [...] o resto é uma ciganaria literária de quinta classe, composta de fabricantes de maciças brochuras ou linfáticos folhetos vis, onde os pronomes andam como gatos em saco e os conceitos lembram monólogos idiotas em corredores de manicômio...¹⁶⁶

A crítica ferrenha de Altino Flores não era menor do que a de Othon Gama D'Éça que escreveu o seguinte: “[...] a situação no Estado era de doer o coração mais duro. A não ser Araújo Figueiredo e João Crespo, a poesia dos demais era um amontoado de chatices ignobilmente rimadas de rabonas e chapéu côco, saracoetando um cancan alvejado de loas e erotismos furambulescos.¹⁶⁷ Anos antes, em 1916, Altino Flores já apresenta uma crítica ferrenha sobre a influência que Cruz e Sousa exercia sobre os demais poetas negros, decantando sua

¹⁶⁶ CORREA, Carlos Humberto P.. *História da Cultura Catarinense: O Estado e as Idéias*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.

¹⁶⁷ *Revista Terra*, Florianópolis, ano I, n. 17. 24 de outubro de 1920. P.7

opinião sobre os versos de Ildefonso Juvenal, mostrando, ostensivamente, preconceito literário sobre escritores negros, o que era comum no pensamento Acadêmico Literário em voga naquela época:

Cruz e Sousa foi um bem e foi um mal para as letras catarinenses: foi um bem porque, dando-nos versos admiráveis, tornou o nome de nosso Estado conhecidíssimo entre os demais; foi um mal porque, por ser negro, despertou em todos os negros de Santa Catarina, que acompanham a evolução literária do Brasil pelo texto dos almanaques, a veleidades de poetas. Ildefonso Juvenal, por exemplo, é um destes (...), Ildefonso é bronco, iletrado, vaidoso, embora se cubra do verniz da modéstia, não tem o mínimo sentimento do eu, ou seja, do ritmo poético e ignora todas as condições de prosa artística. Desconhecendo a técnica do verso e as leis sintáticas que condicionam a integridade estrutural do período na prosa portuguesa, não pôde, até hoje, fazer coisa que prestasse. E não poderá nunca [...] ¹⁶⁸

Ildefonso Juvenal, 1923, rebate estas idéias com o mesmo tom retórico, na capa do Jornal *O Elegante*, sob o título: *Cruz e Sousa e seus admiradores*:

Andam a falar encomiasticamente de Cruz e Sousa e de sua obra os maiores inimigos da infeliz raça a que o poeta se orgulhava de pertencer. E aqueles que nutrem preconceitos absurdos que, não tem o desprendimento nobre dos homens virtuosos e dignos que não vêm nos indivíduos de cor de epidermes quando as ações são puras e os sentimentos nobres, não podem absolutamente emitir opinião sobre Cruz e Sousa e sua obra, sob pena de serem apontados como profanadores de sua augusta e venerável memória. Vivesse Cruz e Sousa nesta época, e por certo encontraria em

¹⁶⁸Cf. CORREA, 1997. P. 167.

cada um desses exclusivistas um amigo insincero, desleal, invejoso que haveria tramar contra ele as mais nefandas maquinações de intriga, para vê-lo abatido moralmente, de rojo no abismo do obscurantismo impatriótico e do ridículo revoltante¹⁶⁹.

Toda uma discussão intelectual travada nos periódicos da cidade e a falta de ação cultural efetiva ocasionaram uma ruptura no grupo da Academia, de onde surgiu em 1925 o *Centro Catharinense de Letras*, cujo quadro era composto também por negros e mulheres.

Antonieta de Barros não fez parte da Academia, fazia parte do Centro Cívico das Normalistas, não há registros escritos de que ela publicava nesta época. Após o ano de 1922, foi ativista da Liga do Magistério e fez parte em 1925 da formação do Centro, tornando-se mais adiante inclusive membro da diretoria. Seu livro será publicado somente em 1937. Não se encontrou registros de que Antonieta tenha produzido poesia, salvo o fato de ter sido aluna de Barreiros Filho, José Boiteux e de Altino Flores na escola Normal e ainda colega de classe de Maura de Senna Pereira, uma poetisa¹⁷⁰. Maura fará parte da Liga do Magistério, do Centro Catharinense de Letras e será convidada, como já referido, a ser a primeira mulher, 1927, a adentrar no mundo masculino da Academia Catarinense de Letras¹⁷¹.

¹⁶⁹ GARCIA, Fábio. *Negras Pretensões*, 2004. Trecho extraído do Jornal *O Elegante* de 23/04/1923.

¹⁷⁰ KALKIMANN, Reginalda. *Maura em Flor.: Uma fotobiografia*. Dissertação de mestrado. Florianópolis/SC: UFSC, 2007. P.22.

¹⁷¹ CORREA, Carlos Humberto P. *Lições de Política e Cultura. 1920/30*. Florianópolis: Edições A C. L, 1996.

Professor José Boiteux¹⁷²Professor Altino Flores¹⁷³Professor Barreiros Filho¹⁷⁴

¹⁷² Foto acervo IHGSC.

¹⁷³ Foto acervo IHGSC

¹⁷⁴ Foto acervo IHGSC



Foto da posse em 1927 de Maura de Senna Pereira, primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Catharinense de Letras.¹⁷⁵

Havia nos quadros da Academia homens que não possuíam livros publicados como foi o caso de Barreiros Filho, professor de Língua Portuguesa, no entanto, foi honrado com uma cadeira, por ser Professor lente da Escola Normal. O preconceito exacerbado de Altino Flores e de Othon Gama D'Éça fez com que os esforços de incentivar a cultura e a literatura na Ilha e no Estado fossem minados mesmo antes de começar, por algum tempo. Mas os perseverantes continuaram lutando e a atuação do *Centro Catharinense de Letras* foi bem mais ativa até 1929 do que a atuação da Academia, já que tanto o Professor Barreiros Filho passou a fazer parte, bem como Maura de Senna Pereira,

¹⁷⁵Cf. CORREA, 1997. P. 217.

junto com outros intelectuais dissidentes da *Academia Catharinense de Letras*.



Foto do centro da cidade de Florianópolis/SC, década de 20.
Acervo IHGSC.

2.4 A Intertextualidade e o dialogismo nas crônicas de Antonieta

Diante das considerações do item anterior, pensa-se na definição de texto literário segundo a teoria da intertextualidade, iniciada em Bakhtin¹⁷⁶, retomada e aprofundada por Kristeva¹⁷⁷. Então,

¹⁷⁶ BAKHTIN, Mikhail. *Le roman polyphonique de Dostoievski et son analyse dans la critique littéraire*. In.: *La poétique de Dostoievski*, Paris, Seuil, 1970. P.31-81. Apud. FERREIRA, Edda. *O Texto Literário*. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1983.

além disso, como princípios norteadores de inserção da escritora cronista Antonieta de Barros, consideram-se as noções de Roland Barthes¹⁷⁸ sobre o texto literário, definido como um tecido; a noção de texto como um jogo em Derrida e de obra aberta em Umberto Eco¹⁷⁹. Também, pensa-se na definição de Literatura apontada no ano de 1970 por Sachet¹⁸⁰:

Para haver uma literatura, é necessário que haja um homem, inserido num determinado tempo, dentro de um determinado espaço geográfico. [E por extensão, a Literatura Catarinense] Só pode ser aquela criação do espírito, aquele produto do homem catarinense. Dentro de um espaço geograficamente catarinense. Num determinado tempo historicamente catarinense.

Assim, Antonieta é uma professora, uma mulher negra e de prestígio social, considerada uma intelectual, proprietária de uma escola, escreve crônica para um público interessado nos acontecimentos cotidianos, natural da Ilha de Santa Catarina, portanto catarinense, que vive em um espaço geograficamente catarinense, produz literatura, suas crônicas apresentam intertextualidade, na construção dos seus *Farrapos de Idéias*. Refletindo sobre o conceito de Sachet (1970) tem-se uma genuína catarinense produzindo literatura com certa regularidade, durante o período compreendido entre 1929 a 1952, considerando os textos esparsos publicados em jornais como *Folha Acadêmica* (1929), *A*

¹⁷⁷ KRISTEVA, Júlia. *Sémanalyse et production Du sens*. In.: GREIMAS, A.J. e outros. *Essais de semiotique pœtique*. Pais, Larousse, 1972. P 210..

¹⁷⁸ BARTHES, Roland. *O grau zero da escritura*. São Paulo: Cultrix, 1971.

¹⁷⁹ ECO, Umberto. *A Obra Aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1968.

¹⁸⁰ SACHET, Celestino. *Literatura*. In.: *História de Santa Catarina*, primeira parte do terceiro volume. Paraná: GRAFIPAR, 1970. P. 7-43.

Semana (1930-31), *A Pátria* (1931), *República* (1931 -1934; 1935), *Correio do Estado* (1934), *O Idealista* (1945-1947), *O Estado* (1948-1949,1951-1952); publicou um livro em 1937, o livro *Farrapos de Idéias*. Não estou considerando aqui os discursos, que fazem parte de sua produção legislativa e de sua oratória. Antes disso, aparece a produção da crônica: *O Espírito de José Maria*, publicada em *A Pátria*, mas datada de 1927, a qual é reproduzida abaixo, o que parece ser o primeiro texto publicado:

“O Espírito de José Maria”

Voltando, uma noite destas, da casa de uma amiga que fazia anos, encontramos com o Major Chico Madruga. E ele, amigo que é duma prosinha, não nos dispensou a companhia:

- Oh! Assim se chega à casa sem sentir, disse o Major, levantando apressadamente, com as mãos enluvadas, a gola do sobretudo.

Vínhamos a falar nesses mil nadas com que se procura matar o tempo em tais ocasiões, quando ao voltarmos uma esquina, vimos ao longe um vulto que com passo incerto, ziguezagueando, vinha pelo outro passeio. Era um ébrio. Passou por nós a falar baixinho, ruminando as mágoas e as cóleras que o álcool acende e faz crepitar...

O som do seu arrastar dos passos, no passeio, áquela hora da noite, tinha um não sei quê de enervante.

Penalizados ante aquela ruína de homem, que por nós passara, pusemo-nos a falar nesse vício terrível e suas fatais conseqüências.

O major é já velhusco; tem o nariz levemente acurvedo e usa óculos fumados, tão escuros eu nunca lhe pude saber a cor dos olhos. Todavia, graças ao seu hábil alfaiate, que magistralmente lhe corata e faz à almofadinha, é ainda, um homem bem apessoado. Tem o gênio

muito alegre e gosta de fazer espírito com tudo e por tudo. Não o sensibilizou aquele encontro.

- É natural e comum um homem beber. Os que não bebem, formam, hoje, exceção. De mais a mais, desse ele confiando o cavanhaque já grisalho, se nós formos penalizar e boquiabrir por tudo o que nos parece torto... adeus!adeus! E filosofou: cada um sempre o que Deus determina.

O silêncio, que se seguiu as suas palavras mostrava de modo eloqüente, a má impressão por elas causadas. Mas o major Chico não é homem que por pouco se cale. Vendo que ninguém dizia palavra, ele, a sorrir continuou:

- Este infeliz me faz lembrar um amigo de meu pai, que Deus haja. Senão me engano, chamava-se José Maria da Silva. Era uma inteligência, como bem poucas tenho visto; alto, magro, tinha as feições regulares e os olhinhos que brilhavam de gaiatice e esperteza. Depois, desgostos da vida jogaram-no nas garras da embriaguez. Tinha porém, uma particularidade: somente bebia vinho. Não havia um só de seus amigos que não procurasse meios para convencer de que não devia mais beber. Às vezes, calava-se; outras, replicava-lhes: “É inútil.Sou um homem infeliz e desgostoso; só no vinho encontro o paladar. Deixar de bebê-lo é ver a morte de todas as minhas impressões gustativas”.

E, quando assim falava, os seus olhinhos miúdos riam doidamente. Depois de uma pausa, o Major prosseguiu:

- Uma noite, num café o doutor Tomaz e outros apertaram-no num círculo vivo de conselhos. Mas, José Maria logo deu parte de vencido e jurou não mais beber. Ficaram todos satisfeitíssimos por terem triunfado. Imaginem agora o que fez o peralta! À tarde do outro dia, foi encontrado no mesmo café, com uma grande mamadeira cheia de vinho... “Que é isso, José? Perguntou-lhe o primeiro que deu com aquela extravagância. “Ora que é!? Eu me explico, eu me explico. O doutor de Tomáz me fez prometer que não mais beberia; e, eu cumpro a palavra: agora não bebo, - mamó!”

Embora não quiséssemos, tivemos que rir. O Major riu de verdade e, ainda a rir, de nós se despediu, pois, felizmente, havíamos chegado!.
(1927)¹⁸¹

Na crônica, Antonieta escreve seu texto a partir de um diálogo; de um fato corriqueiro, discorre sobre o vício do álcool usando uma linguagem irônica, a partir de um momento comum do dia-a-dia. Com personagens comuns, cria uma pequena narrativa em um cenário urbano, uma rua no período noturno do centro da cidade de Florianópolis, porém este episódio poderia ocorrer em qualquer lugar. O leitor se envolve com o texto e fica aguardando o seu desfecho, que aparece como surpreendentemente irônico. Aqui se tem episódios que se sobrepõem, quando o leitor está em um cenário, com determinadas personagens e é levado a pensar em outro episódio e a interagir com outro personagem que de fato é o ponto central da narrativa do personagem “Major”; tem-se aqui uma história sobrepondo outra; um ébrio que lembra outro ébrio, um texto costurado com outro texto. Neste caso o texto da narradora Antonieta apresenta-se inserido, imbricado, com o texto da narrativa de memória do personagem Major, há mais de uma voz no texto, o que faz dele um texto polifônico. Se o episódio aconteceu ou não fica difícil de afirmar, o que se percebe é uma narrativa ficcional curta que envolve o leitor e leva-o ao riso.

¹⁸¹ ILHA, Maria da. (Antonieta de Barros). *O Espírito José Maria*. A Pátria, 19 de fevereiro de 1931)

Kristeva¹⁸² afirma que: “O texto é uma intertextualidade, uma permuta de textos.” Na formulação da sua teoria da intertextualidade com base na leitura de Bakhtin, ela reitera que o texto não é apenas o objeto tomado pela impressão do que se chama um livro, mas a totalidade concreta, vista ao mesmo tempo como produto decifrável e trabalho transformador, ou seja, não se pode chamar de texto tudo o que se produz ou se lê, mas sim entender que no espaço de um texto, há vários enunciados que se cruzam ou se neutralizam, sendo que todo o texto é absorção e transformação de uma multiplicidade de outros textos.

A intertextualidade deve ser compreendida como uma rede de conexões, sendo um diálogo com outros textos. Essa noção aparece em Bakhtin¹⁸³ quando escreve *La poétique de Dostoievski*, tratando do romance polifônico, caracterizado como uma pluralidade de vozes irredutíveis a uma mediação unitária. Kristeva procura explicar a intertextualidade através do que chama contexto pressuposto, ou mesmo, atos de pressuposição, uma economia de diálogo entre o sujeito o seu interlocutor, não dita, nem explícita, mas com implicaturas de submissão do leitor à escrita; assim, o texto passa a ser definido por ela como uma generalização. Os textos, segundo ela, pressupõem várias classes de discurso, contemporâneos ou anteriores e se apropriam deles para confirmá-los ou recusá-los, mas que de qualquer forma, para possuí-los; sendo que o contexto que precede o texto age, pois, como uma pressuposição generalizante. Assim, a intertextualidade pode ter uma conotação que indica ser o texto uma espécie de leitura da História

¹⁸² Kristeva, 1973. Apud. FERREIRA, Edda. *O Texto Literário*. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1983. P. 55

¹⁸³ BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

e nela se insere, de forma que o concreto de relações e conexões da intertextualidade de um texto específico dará a caracterização maior de uma estrutura sócio-econômica-cultural; por isso, em uma visão abrangente, pensar o texto e sua intertextualidade pressupõe pensá-lo em relação à sociedade e à História no qual está inserida, no momento de sua produção e também a finalidade dessa produção de sentidos. Isso porque o texto tem uma dupla direção, tanto para o sistema significativo no qual se produz e para o processo social do qual participa enquanto discurso. Dentro das questões de Intertextualidade, a presença da Heterogeneidade Enunciativa e das posições dos sujeitos e as múltiplas vozes do texto e do discurso se manifestam.

O termo heterogeneidade é utilizado por Jaqueline Authier¹⁸⁴, aprofundado no Brasil por Eni Orlandi¹⁸⁵, em Portugal por Fonseca¹⁸⁶, o qual identifica a presença das vozes nos textos e discursos de forma constitutiva ou mesmo como discurso relatado, citação direta, indireta ou indireta livre, objetos de estudo da Análise do Discurso para facilitar a compreensão, interpretação e análise literária ou mesmo lingüística de um determinado texto e discurso. A heterogeneidade pode ser mostrada ou mesmo constitutiva, apresentando e investigando como método a posição do sujeito no discurso e a função que cada um ali representa. Orlandi (2005) diz que “devemos ainda lembrar que o sujeito discursivo

¹⁸⁴ ALTHIER-REVUS, Jaqueline. *Heterogeneidade Enunciativa*. Trad. Celene M. Cruz; João Wanderlei Geraldi. In.: Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas, nº 19, 1990. P.25-42.

¹⁸⁵ ORLANDI, Eni, *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 6ª edição, 2005.p. 48-49. Pensar aqui a noção de sujeito discursivo, pensado como posição entre outras vozes aparentes no texto.

¹⁸⁶ FONSECA, 1992. Reflete sobre o conceito de sujeito e suas múltiplas funções, citado em ORLANDI, Eni. *A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4ª Ed. Campinas, SP: Pontes, 1999.

é pensado como “posição” entre outras posições”, segundo ela, “não é uma subjetividade, mas um “lugar” que ocupa para ser sujeito do que diz Foucault (1969): é a posição que deve e pode ocupar todo indivíduo para ser sujeito do que diz.”¹⁸⁷

A Teoria Feminista se baseia nas questões de heterogeneidade para aprofundar questões relacionadas ao gênero e aos sujeitos na reflexão de narrativas femininas e textos de autoria feminina. Segundo Kamita (2005) “o feminismo contribuiu para a reavaliação de antigos conceitos, estabeleceu novos posicionamentos em relação aos estereótipos relativos aos temas e gêneros literários, assim como lançou luz às sombras das convenções da escrita produzida por mulheres, que passaram a sujeitos da história e da criação literária.”¹⁸⁸

Em outra crônica - publicada primeiramente em *República*, 10 de abril de 1932, ano do segundo congresso para o *Progresso Feminino*, ocorrido no Rio de Janeiro e encabeçado por Berta Lutz - Antonieta de Barros escreve seu texto citando outras vozes para referendar a sua posição em relação ao tema abordado. Na expressão “Não sei que escritor diz[...]” está se referindo à crítica em jornais de época ou mesmo a Lima Barreto quando escreveu contra o movimento pelo “Progresso Feminino”; também refere-se à “Rosa Cruz”, uma entidade da qual participou Maria Lacerda de Moura, na expressão “[...] conceber a vida como roseira [...]”; nas expressões : *literatura romântica à Delly*, eram os romances de bolso muito comuns à época, de linguagem fácil e com histórias de amor, “*tout le monde*”, refere-se aos críticos literários da época; citando o provérbio 19,

¹⁸⁷ Cf. ORLANDI, 2005. P. 49.

¹⁸⁸ KAMITA, Rosana Cássia. *Resgates e ressonâncias: Mariana Coelho*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005. P. 150.

versículo 11 da Bíblia Sagrada :“o entendimento retém a ira, e a glória é passar sobre a transgressão” , mostra o quanto a personalidade possui a grandeza de não se deixar abater por motivos de crítica.

“Farrapos de Idéias”

Não sei que escritor diz que a criatura, para concretizar o fim a que se destina moralmente, deve conceber a vida como uma roseira, cujas flores se acham, sempre, acima – de sua cabeça e fora do alcance de seus braços.

Na verdade, assim se poderá ascender.

E a vida deve ser, tem de ser, para a sua finalidade integral, uma escalada para a Perfeição.

Viver fora do objetivo de colher as flores morais que um simples impulso de braço não deve ser suficiente para alcançar, é conduzir-se fora da espécie humana.

Entre os espíritos femininos conscientes do seu idealismo elevado, fora da órbita comum, encontra-se inegavelmente, a Sra Maria Lacerda de Moura.

Esta senhora é n a verdade, como, com acerto, já foi julgada, um fenômeno mental na literatura feminina brasileira.

Não pode deixar de constituir um fenômeno a sua fuga à tradicional literatura feminina, a literatura de ficção, essa literatura romântica à Delly, para embrenhar-se nos sérios e delicados problemas sociais.

Escritora harmoniosa, as idéias lhe saem da pena, num estilo que não cansa, mas empolga pela naturalidade, por uma beleza intrínseca.

Sente-se-lhe a alma, no próprio pensamento, livre, sem peias, sem medir conveniências, sem temer borrascas, sem o desejo destruidor de satisfazer a “*tout le monde*”.

E, quando as borrascas se desencadeiam, convicta de que “o entendimento retém a ira, e a glória é passar sobre a transgressão” (prov. 19,11), a nobre escritora, aos seus presentes e futuros

insultadores, retribui-lhe as injúrias, com o silêncio bom de uma piedade imensa, tão alta, que não quer humilhar.

Se não admiráveis as idéias deste talento, excepcional, muito mais admirável é a coragem, o destemor, a ousadia de rebelde com que as diz, o desassombro com que focaliza tudo quanto lhe parece mal, torto, apodrecido, embora seja a sua voz, uma voz isolada dentre o grande número dos que conhecem as ruínas do edifício carcomido da nossa civilização, mas que, apagados ao comodismo, ao egoísmo demolidor, se deixam ficar de braços cruzados e mentes fechadas.

Maria Lacerda de Moura não é o que, na acepção vulgar do termo, se chama uma feminista.

O seu ideal paira mais alto, porquanto no seu lindo sonho de liberdade, deseja a reabilitação integral do imenso rebanho dos domesticados.

Lendo-a, embora não se lhe espossem as idéias, embora não se lhe comunguem dos pensamentos, é impossível não admirar a individualidade com que escreve, a sua serenidade diante das borrascas, desencadeadas pela sua pena rebelde, (como a de 1928, cujos ecos ultrapassam as fronteiras); é impossível não admirar, mais ainda, o alto objetivo que a anima, num anseio e profundo “esforço para mais Harmonia e mais Amor”.¹⁸⁹

Neste texto, Antonieta fala de Maria Lacerda de Moura¹⁹⁰ e utiliza-se de outros textos para construir a sua opinião e o seu comentário sobre a escritora. O texto apresenta-se laudatório, e apesar de Antonieta não comungar com as idéias de Maria Lacerda de Moura, mostra seu apreço e admiração. Parece até “ironia” tal demonstração

¹⁸⁹ ILHA, Maria da..(Antonieta de Barros). *Farrapos de Idéias*. República, 10 de abril de 1932.

¹⁹⁰ Maria Lacerda de Moura nasceu em Manhuaçu, Minas Gerais em 16/05/1887 e faleceu no Rio de Janeiro, Rio Janeiro em 20/03/1945. Foi professora, escritora, anarquista e fundou a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, a favor da luta pelo sufrágio feminino. Publicou em jornais de São Paulo, trabalhou em Rádio e escreveu livros e conferências. Sua última Conferência foi realizada no Centro Rosa Cruz, intitulada *O Silêncio*.

para um leitor contemporâneo, no entanto, o elogio parece verdadeiro, demonstrado na frase “Esta senhora é na verdade, como, com acerto, já foi julgado, um fenômeno mental na literatura feminina brasileira” . Antonieta utiliza-se de expressões estrangeiras, cita o provérbio bíblico, um autor que não revela o nome e uma frase da própria Maria Lacerda de Moura. Então, Antonieta utiliza outras vozes, outros discursos para proferir o seu. Neste texto, então, Antonieta se reporta às discussões que ocorriam em todo o Brasil sobre o avanço do Movimento Feminista pelo Progresso Feminino. No final fica a certeza de que Antonieta está fazendo um comentário elogioso e respeitoso, valorizando a atuação de Maria Lacerda de Moura. Atuante no movimento, em jornal de época.

No excerto abaixo, veja-se o pensamento de Maria Lacerda de Moura, quando de comentário sobre as “vitórias” das mulheres:

a cada passo, vemos a expressão – vitórias do feminismo – referente, às vezes, a uma simples questão de moda. Ocupar posição de destaque em qualquer repartição pública, viajar só, estudar em escolas superiores, publicar um livro de versos [...] divorciar-se três ou quatro vezes [...] atravessar a nado o Canal da Mancha, ser campeã de qualquer esporte, tudo isto constitui as “vitórias do feminismo”¹⁹¹

Antonieta também se refere ao “burburinho” de época em que “Homens e mulheres no Brasil geralmente usavam o vocabulário ‘feminismo’ de forma leviana ajudando assim a banalizar o

¹⁹¹ HAHNER, June E. *Emancipação do Sexo Feminino: A luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003. P.321.

movimento.”¹⁹² As feministas brasileiras faziam persistentes tentativas de dissociar-se da imagem de feministas violentas e agressivas, no estilo das sufragistas inglesas, as quais retalhavam quadros ou quebravam vidraças [...]”¹⁹³ As brasileiras não apenas glorificavam a maternidade e a moralidade, mas muitas também afirmavam que as mulheres poderiam ser feministas mantendo-se femininas. Mesmo Maria Lacerda de Moura, que era incansável na busca por redefinir o papel da maternidade nas vidas das mulheres, defendendo o direito de ter e criar filhos fora do casamento, continuava a celebrar a maternidade como a missão da mulher.”¹⁹⁴ Maria Lacerda de Moura caracterizava seus “criticóides de monóculos ou óculos de tartaruga [...] [como] autores de versinhos chorosos e sensuais, e que se arvoram em críticos de obras sérias, quando sua própria vida ‘séria’ se passa nas portas das confeitarias a ouvir jazz-band, no cinema, ou nos bailes dos hotéis elegantes [...] Sem nunca haverem produzido senão versinhos de pé quebrado ou idiotices ao sabor do público medíocre [...], detestam mulheres pensadoras.”¹⁹⁵ Então, “a conquista do território da escrita pelas mulheres foi longa e difícil.[...]. O reconhecimento institucional é, sem dúvida, um passo importante, pois recentemente essa literatura não era considerada objeto legítimo de pesquisa.”¹⁹⁶ Hoje, não só é objeto de pesquisa, como também constitui-se um olhar brasileiro sobre estudos feministas, haja vista a publicação freqüente não só de resgates, bem como de

¹⁹² ILHA, Maria, da.(Antonieta de Barros). *Farrapos de Idéias. República*, 10 de abril de 1932. Também em SILVA, 1991...

¹⁹³ HANNER, 2003. P.. 320

¹⁹⁴ Idem. P. 321.

¹⁹⁵ HANNER, 2003, P.318.

¹⁹⁶ ALMEIDA, Vendiane. *História (d)e mulheres: Um livro, muitas vidas*.UFSC. Dissertação de Mestrado. 2007.

conhecimento científico sobre gênero e diversidade étnica, frutos de grandes discussões na contemporaneidade, um exemplo disto é a publicação da *Revista de Estudos Feministas* e os *Cadernos Pagu*.

2.5 Sobre o conceito de Negritude e a (in) visibilidade na crônica de Antonieta.

Ao ler os textos de Antonieta não se percebe uma discussão clara, visível sobre a questão da cor da pele ou mesmo sobre o preconceito étnico do qual poderia ter sido vítima ao longo da vida. Mas, denota-se que o discurso de Antonieta é velado e realiza denúncias sobre o sofrimento dos menores, utilizando-se de metáforas. E quem seriam estes “menores”, seriam tão somente as crianças para quem lecionava ou seriam uma alusão direta aos escritores considerados “poetas menores”, os quais não foram aceitos na Academia Catarinense de Letras? Há uma questão que não cessa ao longo de todo esse tempo de pesquisa: Antonieta não teria entrado na Academia após editar o seu primeiro livro por ser negra? Ou por que escrevia um gênero textual de pouco prestígio à época? Resposta precisa não se tem. Divagar sobre a questão da cor da pele não seria coerente com a postura e posição da própria Antonieta, já que a mesma não se referia a este tema e também porque não tinha “pretensões literárias”, como bem afirma no Prefácio de seu livro. Entretanto, o que há são suposições ou mesmo especulação

sobre o caso. Fato notório consiste em perceber que ter ou não pertencido à Academia não fez diferença para a perpetuação da memória histórica e literária de Antonieta. Vale dizer que a autora não fez parte da Academia de Letras Catarinense, mas é patronesse na Academia Biguaçuense de Letras, bem como sua amiga Nila Sardá¹⁹⁷, o que consiste em um reconhecimento sobre sua função como intelectual, professora e cronista, independente da *cor da pele*. Também há de se observar que Antonieta não deixou de galgar espaços nas oportunidades sociais que apareceram ao longo de sua vida e dessas oportunidades construiu um legado, escreveu e editou seus textos e fez seu pensamento chegar a uma parcela da população, através de *Farrapos de Idéias, de outras crônicas e discursos*, de cunho político, feminista, filosófico e social. Não me parece que, embora tenha ascendência negra, ser Antonieta uma das representantes da literatura dita *Afro-brasileira*¹⁹⁸, tendo em vista a quase invisibilidade do tema em seus textos; ela faz uma literatura brasileira de características realistas, de temática urbana, voltada às questões sociais que envolvem a população pobre, analfabeta e carente em geral e não apenas de uma parcela étnica dela, isso não significa dizer que não era solidária ao sofrimento também dos afro-descendentes. O que quero dizer é que não há uma específica voz afro-descendente enunciando nas linhas do discurso e proclamando justiça social para o negro, sobre a presença de um “eu enunciador” que se quer

¹⁹⁷ **Nila Sardá**, normalista, escritora, foi professora e diretora do Grupo Escolar em Biguaçu. Descendente da família Sardá-Amorim. Escreveu textos em *Penna, Agulha e Colher*, um jornal de “Moças e Donzelas”, também escreveu em *Pétalas*, revista do Colégio Coração de Jesus, da década de 20 do século XX.

¹⁹⁸ Literatura afro-brasileira definida por DUARTE, Eduardo de Assis. *Na Cartografia do romance afro-brasileiro, um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves*. In. *Leituras de Resistência: Corpo, Violência e Poder*. Carmen Susana Tornquist... [et al.]. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009. P.325-348

e se proclama descendente de africanos. Entretanto, há um momento em sua vida que essa voz bradou, mesmo de forma pacífica, ao enaltecer a figura materna, no episódio histórico denominado *Intriga barata de senzala*, protagonizado pelo colega parlamentar Oswaldo Rodrigues Cabral e Maria da Ilha. Não há outro momento em que se acrescenta no texto de Antonieta o tema do *negro*, como individualidade e coletividade, inserção cultural e memória cultural. Salvo o posicionamento contrário à lei de 1951 sobre *preconceito racial*, crônica da qual destaco dois parágrafos em particular:

[...] Lendo a lei em foco, que nos vem chegando, quando, no cenário mundial, nós nos prometamos como uma potência, cuja capital deixou de ser para os nossos amigos europeus, Buenos Aires (tão mal nos conheciam!) sentimos que estamos a retroceder, educacionalmente. [...] A nossa própria formação étnica pelo elevado índice de cruzamentos raciais, que não nos podemos dar ao luxo deplorável de preconceitos de raça¹⁹⁹.

E, além de colocar-se em posição contrária, apoiando-se nos preceitos cristãos em que “todos são iguais perante Deus” e nos ditames didático e educacional em que não há diferença entre os alunos em uma sala de aula, Antonieta reflete sobre a lei, sugerindo, ensinando:

Que cada lar e cada escola, numa ação conjunta, seja a rica sementeira da nossa civilização, onde os preconceitos raciais não encontram clima, porque só aceitamos a aristocracia do espírito!

¹⁹⁹ ILHA, Maria da. *Farrapos de Idéias. O Estado*, 22/07/1951. Vide acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, seção Obras Raras.

Façamos do lar e da escola, núcleos, donde se projetarão como o brilho de sóis, os sentimentos cristãos de um Brasil, bem e profundamente brasileiro, de um Brasil, onde se julgam e consideram as criaturas pela nobreza de caráter, pelo esplendor das ações, pelo fulgor da inteligência, pelo amor ao trabalho, pela esteira de Bem que ilumina as caminhadas, sem se perder, nas tolas pequenices e insignificâncias de raça, cor, credo político e religioso!²⁰⁰

Hoje, diante do conjunto de sua *vidobra*, Antonieta merece um espaço de destaque nas letras catarinenses pela perpetuidade de seus feitos, uma menção honrosa pela vida não exígua de seus escritos, tão atuais e conceituadamente contemporâneos, como vimos acima e podemos ver na crônica como um todo, cuja temática e a discussão não deixa dúvidas quanto ao colocar-se como uma mulher brasileira, que lutou, estudou e conseguiu um espaço de destaque pelo próprio mérito. Nesta crônica, portanto, Antonieta de Barros critica não só a lei do governo federal e seus legisladores, bem como qualquer cidadão estrangeiro que não reconhece a história da formação étnica no Brasil. Reconhece, pois, que: “Se os fatos que provocaram o grito da lei, são praticados por estrangeiros, tiremos do nosso ambiente, os que procuram macular um dos mais belos traços de nossa formação moral.”²⁰¹

FARRAPOS DE IDÉIAS
O ESTADO – 22/07/1951.

Acaba o Legislativo Federal de nos dar uma lei, em que se reconhece, oficialmente, o preconceito racial no país. E, como um grito da alma brasileira – democrática, até mesmo, quando tínhamos a governar-nos cabeças coroadas – os legisladores

²⁰⁰ Idem.

²⁰¹ Ibidem.

apontam esse comportamento, como crime passível de pena.

Lendo a lei em foco, que nos vem chegando, quando, no cenário mundial, nós nos prometamos como uma potência, cuja capital deixou de ser para os nossos amigos europeus, Buenos Aires (tão mal nos conheciam!) sentimos que estamos a retroceder, educacionalmente.

Qualquer cousa de muito grave deve estar influenciando na nossa vida e roubando-nos a nós mesmos, para que os legisladores tenham tomado aquela medida.

O agasalho carinhoso que sempre demos a todos quantos, respeitando-nos as leis e a sensibilidade, quiseram partilhar de nossa vida, constitui a mais palpável manifestação do nosso alto índice de educação.

A nossa própria formação étnica pelo elevado índice de cruzamentos raciais, que não nos podemos dar ao luxo deplorável de preconceitos de raça.

Se os fatos que provocaram o grito da lei, são praticados por estrangeiros, tiremos do nosso ambiente, os que procuram macular um dos mais belos traços de nossa formação moral.

Mas, se, paradoxalmente, depois de termos dado, sem olhar cores ou raças, o sangue dos nossos pracinhas pela vitória da Liberdade da Democracia, descemos, neste Brasil do índio, do europeu e do negro, à estreiteza do preconceito, será uma lei que nos erguerá?

Não. Ninguém é bom ou mal, por um decreto. A beleza da alma não se consegue impor a ninguém.

A doçura de sentimentos que distanciam, mais a mais, a criatura dos brutos, não se alcança à força.

Lei alguma dilata e ilumina os horizontes do coração dando aos homens os gestos que os elevam, conscientemente. E isto, porque a lei inibe, mas não educa.

E os comportamentos humanos, capazes de glorificar as criaturas, libertando-as do acanhamento e da estreiteza dos sentimentos pequeninos, com os preconceitos, são frutos de educação.

E as sanções? Poderão perguntar-nos. Que representam elas para os maus conscientes, para aqueles cujo coração não se abre pára as cousas belas e perfeitas da vida?

O mau não teme as sanções, porque lhe falta educação para respeitar no próximo, tudo quanto é fonte de respeito em si mesmo.

Se o medo às sanções pudesse reter os gestos que amesquinham os homens pela ausência de afetividade ou os animalizam, numa vertigem de sangue, as Penitenciárias deixariam de existir pela sua desnecessidade.

No entanto, elas aí estão, para a recuperação do homem a quem faltou luz interior, para vencer-se, quando as circunstâncias o arrastavam no declive doloroso, em que o bruto foi mais forte.

E esta recuperação é obra da educação.

Daí, entendemos a inocuidade da lei, que faz do preconceito um crime, se, paralela e intensivamente, lar e escola não trabalharem no sentido de reconduzir o Brasil ao nível educacional donde não se devera ter desviado.

O trabalho é, pois, de educação, porque, só por meio dela, gestos e atitudes esplendem, refletindo as belezas, cuidadosamente e conscientemente, cultivadas nos mundos anímicos.

Fora disso, a lei não terá o valor construtivo que o legislador lhe quis emprestar.

Os que se deixarem contagiar pela deseducação sentimental de outros povos, os que vieram viver conosco, não querendo ajustar-se a nossa civilização, encontrarão, sempre, meios de burlá-la, pelos subterfúgios que a maldade ensina e que corroem os alicerces mais sólidos.

Ao poder destruidor na solércia dos maus e da maneira de agir dos que vivem fechados no acabamento do próprio EU, temos de opor a grandeza construtiva, uma educação que seja a nossa, para que não nos neguemos como povo superior.

Que cada lar e cada escola, numa ação conjunta, seja a rica sementeira da nossa civilização, onde os preconceitos raciais não encontram clima, porque só aceitamos a aristocracia do espírito!

Façamos do lar e da escola, núcleos, donde se projetarão como o brilho de sóis, os sentimentos cristãos de um Brasil, bem e profundamente brasileiro, de um Brasil, onde se julgam e consideram as criaturas pela nobreza de caráter, pelo esplendor das ações, pelo fulgor da inteligência, pelo amor ao trabalho, pela esteira de Bem que ilumina as caminhadas, sem se perder, nas tolas pequenices e insignificâncias de raça, cor, credo político e religioso!

E, reagindo assim, o céu não consentirá que sejamos vencidos.

A crítica de Antonieta a uma lei desta natureza tem respaldo em sua conduta pessoal, social e profissional. Independente da existência de um racismo vigente à época, ela venceu pelo trabalho e a grandeza de seu espírito não a colocava em uma situação de “vitimização”. Antes disso, verifica-se em suas palavras uma força que transcende o texto e leva a questão para a escola e para a educação. Segundo Antonieta, o respeito à igualdade e aos valores morais e éticos são aprendidos na escola e o preconceito deve ser erradicado neste espaço. Não há neste texto ou em outra crônica o uso do termo negritude, mesmo porque o termo não era empregado no Brasil e nem era de conhecimento de Antonieta. Entretanto, a negritude de Antonieta e sua luta de resistência aparecem como um ato. O ato de ser, ter e poder sobressair-se e ser respeitada como mulher e negra em uma sociedade em que o preconceito existia “veladamente”. A paciência e a persistência através do incansável trabalho de escrever, refletir e denunciar cotidianamente faz com que o ato de Antonieta fale mais alto do que seu tom de pele ou sua origem negra. Antonieta apropriou-se das ferramentas que o mundo ofertou, aproveitou as oportunidades dadas e fez delas sua arma contra a

“maldade da humanidade”, refugiando-se em seu “silêncio” e em sua “alameda interior”. Mas, não deixando de expressar ao mundo, por meio de seus “Farrapos”, a grandeza de seus sentimentos e virtudes. Ela faz isso, utilizando-se de uma linguagem apurada, bem estruturada, no uso de figuras de linguagem, de metáforas e alegorias, citações e excertos de autores reconhecidamente valorizados, o que enriquece o texto e transforma a crônica em diálogo com o leitor de seu tempo e com os leitores de todos os tempos.

Este dialogismo em Antonieta é um ato de resistência, porque na conversa com o leitor ela propõe alternativas para a educação e para o mundo, calcadas nos valores cristãos. E o leitor não tem raça, credo, partido político ou gênero, porque Antonieta escreve para cada um e para todos. Sua negritude se manifesta como um ato, conceito bem próximo do que definiu Jean-Paul Sartre²⁰² em relação aos versos de Aimé Césaire²⁰³. Só que o ato de Antonieta é a da não visibilidade do ser negro, mas no estar no mundo sendo negro por circunstância e não por “castigo”. A pele pode ser negra, mas o posicionamento é de domínio sobre as práticas do mundo não-negro. É filha de mulher negra e ex-escrava, mas não se sente na posição de “escrava” do mundo em que vivia, antes, torna-se partícipe dos movimentos da sociedade em que atuou, agindo como sujeito. Na afirmação de que todos são iguais perante Deus, em espírito, em alma, na negação do corpo, na preservação da mente, vale dizer que Antonieta foi definida à época de duas maneiras “ditas carinhosas” por parte de amigos, da irmã Leonor de Barros e de alunos: “Negrinha” e “Negra de alma branca”. A

²⁰² SARTRE, Jean-Paul. *Reflexões sobre o racismo*. Divisão Européia do Livro: São Paulo, 1965.

²⁰³ Aimé Césaire, poeta anilhano, que participou de movimentos políticos na França e Haiti.

primeira alcunha surgiu em 1930, quando do lançamento da colaboração de Antonieta de Barros no Jornal *República*; e a outra surgiu no Parlamento, em 1951, quando de sua morte, ocasião de tribuna em que um de seus patrícios, colegas de partido, elogiou a carreira de parlamentar da Professora Antonieta de Barros e usou da expressão para referir-se à condição de benemérita de Antonieta em relação às entidades que, com sua morte, ficavam órfãos de sua generosidade.

Sobre o conceito *Negritude*, Jean-Paul Sartre²⁰⁴ em seu artigo *Orfeu Negro* analisa os textos do poeta Antilhano e diz que os “belos versos pintam” a negritude como um ato, muito mais do que como uma disposição do ser negro. O termo negritude foi usado pela primeira vez por Aimé Césaire em 1930.

Minha negritude não é uma pedra, surdez que é
lançada contra o clamor do dia,
Minha negritude não é uma catarata da água morta
sobre o olho morto da terra
Minha negritude não é nem torre nem catedral
Ela mergulha na carne rubra da terra
Ela mergulha na ardente carne do céu/
Ela fura o opaco desânimo com sua precisa
paciência²⁰⁵.

Sartre define negritude como “um ato que se apresenta como uma determinação interior, num estar no mundo diante de um universo colorido”. Esclarece que a apropriação não é técnica, porque a relação com o universo permanece como apropriação. Em análise aos versos de Césaire, Sartre diz que para um operário negro não basta dizer que

²⁰⁴ Cf. SARTRE, 1965.

²⁰⁵ Idem.

trabalha com instrumentos que lhe emprestam de um mundo que não é o seu, mas que também as técnicas são um empréstimo. Essa questão de referência fica clara na expressão que Césaire impetra aos versos sobre o povo negro e sua negritude: Os negros são “Aqueles que não inventaram nem a pólvora nem a bússola, aqueles que jamais souberam domar nem o vapor nem a eletricidade, aqueles que não exploraram nem os mares nem o céu...”. São como “Os condenados da terra”²⁰⁶ que viveram uma espoliação ao longo dos séculos em que durou o colonialismo e ainda nos séculos do pós-colonialismo, por terem uma cor não branca, por se sentirem a mercê das invenções e do desenvolvimento, por serem o “braço forte”, mas não os comandantes das nações.

Essa visão decantada da negritude parece bastante complexa, bem como o termo em si. Ao se pensar em uma trajetória histórica, a partir de um estudo diacrônico do termo, autores que estudam tal fato, não esclarecem um único significado para o termo negritude, quanto mais a questão de sua referência, uma vez que a palavra é empregada para designar momentos e/ou movimentos ao longo do tempo e do espaço, no Brasil e no Mundo, na América, na Europa e na África. O termo em sua polissemia deve ser referenciado de acordo com o contexto em que é empregado. Isto porque no mundo de hoje em pleno movimento que estabeleceu o dia vinte de novembro - memória da morte de Zumbi do Quilombo dos Palmares - como o dia Nacional da Consciência Negra, o ser e o estar na negritude no Brasil e no mundo quer dizer muita coisa.

²⁰⁶Referência ao livro de Frantz Fanon. FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. 2ª Ed. Editora Civilização Brasileira S.A.: Rio de Janeiro, 1979.

As definições usadas por Sartre em *Orfeu Negro* e por Aimé Césaire em seus versos apresentam significados diferentes e remetem a questões diferenciadas, sentidos que podem ser um em decorrência do outro. Aimé é um poeta que decanta sua experiência de ser negro e a luta de um povo, enquanto que Sartre analisa sob a égide branca e social a questão de ser negro e sua manifestação artística, o eu do poeta que quer dizer ao mundo as impressões. Em Antonieta verifica-se a lacuna deste tema e a ausência do termo, mas não a negação do ato de resistência contra a noção de preconceito, Antonieta é uma negra, que vive no mundo do branco e age como um, usufruindo de todas as prerrogativas do cargo e função que ocupa para veladamente agir em prol de si e dos outros parecidos consigo.

Sobre essa complexidade do termo negritude trata Zilá Bernd²⁰⁷ ao discutir a polissemia, que aparece também nos livros de Frantz Fanon²⁰⁸. Ela mostra a luta do negro por um espaço, *vozes que clamam no Desterro* e ao mesmo tempo retratam o sentimento íntimo de *emparedados*. Frantz Fanon em seu livro relata a experiência vivida por um negro e conta as dificuldades que o homem de cor encontra ao enfrentar o mundo não negro, muitas vezes conflitos íntimos que passam despercebidos em uma invisibilidade que atordoia. Essa mesma invisibilidade e parca marcação de territorialidade do mundo negro também é tema dos artigos organizados por Ilka Boaventura Leite²⁰⁹.

²⁰⁷ BERND, Zilá. *A Questão da Negritude*. Editora Brasiliense: São Paulo, 1984.

²⁰⁸ Frantz Fanon, pensador e psicanalista antilhano, que escreveu: *Os condenados da Terra e Pele Negra e Máscaras Brancas*, dentre outros.

²⁰⁹ LEITE, Ilka Boaventura (org.). *Negros no Sul do Brasil*. Letras Contemporâneas: Ilha de Santa Catarina, 1996.

Visões diferentes, épocas diferentes, mas uma mesma preocupação: tornar visível o que antes parecia não existir; tornar aparente uma discriminação que atordoava ao longo da história; tornar demarcada uma presença do ser e estar negro em um determinado lugar e suas impressões de angústia, um possível retrato de luta; entretanto, salvaguardadas as questões de vitimização, o termo negritude pode ser usado em diferentes momentos e referencializado por autores consagrados, brancos ou negros. Zilá Bernd²¹⁰ defende que Negritude, como toda a ideologia, é mutável no tempo, sendo uma questão aberta para a qual não se encontrou uma resolução definitiva.

Aimé Césaire, por volta de 1930, afirmou que o “Haiti foi o país onde a negritude ergueu-se pela primeira vez”, pois as rebeliões de escravos e suas tentativas de se organizarem social e politicamente representaram o início de uma luta por uma vida autônoma, longe da vigilância implacável do colonizador. O criador do conceito de negritude nasceu na Martinica, Ilha do Caribe, em 1913 e morreu em 17 de abril de 2008, com 94 anos. Palavras de Aimé: “Existem duas maneiras de perder: por segregação, *emparedado* no particular ou por diluição no universal. [...] Minha concepção do universal é de um universo rico de todo um particular com a existência e aprofundamento de todos os particulares...”. Em 1931 ele ganhou uma bolsa de estudos e foi estudar em Paris; em 1934 fundou a Revista *L'Étudiant Noir* (O Estudante Negro) com Léopold-Sedar Senghor (político e poeta senegalês, morto em dezembro de 2001) e outros militantes do movimento negro. Em 1936 Aimé começou a escrever e três anos mais tarde retornou à Martinica. Fundou a revista *Trópicos* e a partir de 1945

²¹⁰ BERND, Zilá. *A Questão da Negritude*. Editora Brasiliense: São Paulo, 1984

iniciou a carreira na política. Aimé foi eleito prefeito da capital, Fort France, chegando mais tarde a ser eleito também deputado. Manteve as duas carreiras até 2001. Ele foi um dos militantes negros mais importantes do século XX e uma das figuras fundamentais na luta contra o racismo, segundo opinião do movimento negro do Brasil. Foi na Revista *L'Étudiant Noir* (O Estudante Negro) que a palavra “Negritude” foi empregada pela primeira vez, designando a rejeição da assimilação cultural de certa imagem do negro pacífico, incapaz de construir uma civilização. Como todo movimento reivindicador, a “Negritude” foi marcada por uma literatura que, mais do que um movimento literário, foi um ato político, uma afirmação de independência, um clamor por reconhecimento. Nessa época o objetivo era a união para combater a discriminação, dando-se ênfase à reflexão com o colonizador. Assim, intelectuais haitianos, senegaleses, caribenhos, criaram em Paris, as revistas *La légitime Défense* (A Legítima Defesa) e *La Revue Du Monde Noir* (A Revista do Mundo Negro), considerado por Aimé Césaire (Antilhas), Léopold Sédar Senghor (África) e Léon Damas (Antilhas) como parte do movimento “Negritude”. O movimento “Negritude” sofreu contestações, a começar pelo nome; pois alguns escritores ocidentais diziam que a negritude era um movimento racista. Essa manifestação dos intelectuais se deu em função do movimento falar de raça, realçando os seus valores, sua dignidade para poder afirmar-se. Senghor considerava que “Negritude” era um humanismo, porque todas as raças tinham um lugar neste universo civilizacional de inspiração do homem²¹¹. Vale dizer que o movimento Negritude não surgiu apenas

²¹¹ Idem. Op. Cit..P. 185.

para recuperar a dignidade e a personalidade do homem negro africano, mas também como um movimento que impulsionou a descolonização em África. Aimé Césaire escreveu diversos ensaios, entre eles: *Discursos sobre o colonialismo* e *Toussant Louverture: a revolução francesa e o problema colonial*. Segundo o site da Assessoria Internacional da SEPPR/R/PR – Associação Cachoeirense da Cultura Afro – Aimé Césaire escreveu inúmeras poesias e peças de teatro, mas é pouco conhecido no Brasil, onde só esteve uma vez. Ainda assim, não se pode falar de promoção de igualdade sem citar seu nome. *Orfeu Negro* de Sartre bem mostra a profundidade dos versos deste poeta e militante que não deixou de bradar sua onisciência e sua raça. Sartre²¹² comenta que:

[...]o que acontecerá se o negro despojando sua negritude em proveito da Revolução não quiser considerar-se senão como proletário? O que acontecerá se não se deixar mais definir senão por sua condição objetiva? Se ele se obrigar, para lutar contra o capitalismo branco, a assimilar as técnicas brancas? Estancará a fonte da Poesia? Ou, apesar de tudo, tingirá o grande rio negro o mar em que se lança? Não importa: a cada época sua poesia; em cada época as circunstâncias da história elegem uma nação, uma raça, uma classe para retomar o facho, criando situações que só podem exprimir-se ou superar-se pela Poesia; e ora o ímpeto poético coincide com o ímpeto revolucionário, ora divergem. Saudemos hoje a oportunidade histórica que permitirá aos negros “com tal vigor gritar o grande grito negro que os alicerces do mundo sejam abalados.”²¹³

²¹² No artigo *Orfeu Negro*, pag. 129. In.: SARTRE, Jean-Paul. *Reflexões sobre o racismo*. Divisão Européia do Livro: São Paulo, 1965.

²¹³ Aimé Césaire in *Les armes miraculeuses*, p. 156. Apud SARTRE, Jean-Paul. *Reflexões sobre o racismo*. Divisão Européia do Livro: São Paulo, 1965.

Césaire definiu o movimento Negritude por volta de 1936, como uma “revolução na linguagem e na literatura que permitiria reverter o sentido pejorativo da palavra negro para dele extrair um sentido positivo”. Para Bernd, no início, o desejo de reagir contra a assimilação está na base da negritude. A tendência dos povos negros colonizados, tanto na África quanto nas Antilhas, de assimilar a cultura européia, alienando-se dos valores da cultura africana, originou a contrapartida da negritude que traz em seu bojo a vontade de reencontrar uma identidade perdida. Este fenômeno de assimilação foi captado por Fanon²¹⁴ ao criar a metáfora das “mascaras brancas” referindo-se aos homens de pele negra que acreditam que para ascender socialmente devem identificar-se com o branco, alisando o cabelo, assumindo sua música, sua religião, seus costumes e sua cultura.

O termo negritude vai aparecer em 1939 no poema de Césaire: *Cahier d'un Retour ou Pays Natal* (Caderno de um Regresso ao País Natal): “Minha negritude não e nem torre nem catedral/Ela mergulha na carne rubra do solo/Ela mergulha na ardente carne do céu/Ela rompe a prostração opaca de sua justa paciência.”²¹⁵ Sartre²¹⁶ no Prefácio de *Orfeu Negro* alerta para o perigo de o movimento pela negritude tornar-se, por causa de sua radicalização, um “racismo anti-racista”, ou seja, um racismo às avessas. Sartre, como filósofo francês, reflete e vê que a negritude é uma etapa a ser ultrapassada, diz ele: “É para se destruir, é passagem e não término, meio e não fim último”.

²¹⁴ Fanon. Idem. Op. Cit. P. 173.

²¹⁵ Idem. Op. cit.. p.175.

²¹⁶ SARTRE, Jean-Paul. *Reflexões sobre o racismo*. Divisão Européia do Livro: São Paulo, 1965.

Todo esse movimento pela negritude tem suas raízes na progressiva aculturação do negro ao ser transplantado de sua terra para as Américas, em fins do século XVI, provenientes de várias regiões da África para serem escravos. Em poucas gerações acentua-se o processo de aculturação do negro ao novo meio, o que acarreta a perda progressiva de sua identidade. A perda, segundo Bernd, é o elemento mais dramático da história do negro nas Américas, por ao entrar em contato com o branco, esquecer-se de suas raízes culturais sem a contrapartida do ganho de uma consciência nacional, dada a permanência na condição de cativos até o século XIX. A relação de dominação do branco em relação ao negro está bem retratada na peça de Shakespeare, através dos personagens, Próspero e Calibã, que representam respectivamente a civilização e a barbárie, dominador e dominado. Próspero simboliza o poder absoluto e Calibã o aculturado. Aimé Césaire com base na peça *Tempestade* de Shakespeare, escreve *Une Tempête*, recriando Próspero como o colonizador branco e Calibã como o escravo revoltado, refletindo os conflitos fundamentais entre as classes e as “raças”; em que Calibã simboliza todos os cativos e escravos que ao perderem sua cultura e sua língua perdem sua noção de identidade, revoltando-se contra Próspero, responsável por esta usurpação.²¹⁷

Lilian Kesteloot²¹⁸, estudiosa da Negritude, por volta dos anos setenta, em seu artigo publicado em 1973, traz múltiplas significações do vocábulo Negritude, apresentando como um neologismo que surgiu na língua francesa há cinquenta anos. Nesse artigo, o vocábulo

²¹⁷ BERND, Zilá. *A Questão da Negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

²¹⁸ KESTELOOT, Lilian Apud BERND, Zilá. *A Questão da Negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1984. P. 13

“Negritude” remete: 1. Ao fato de se pertencer à raça negra; 2. À própria raça enquanto coletividade; 3. À consciência e à reivindicação do homem negro civilizado; 4. À característica de um estilo artístico ou literário; 5. Ao “ser-no-mundo-do-negro”, expressão usada por Sartre em *Orfeu Negro*; 6. Ao “conjunto de valores da civilização africana”, termo utilizado por Senghor em a *Revista do Mundo Negro* na França por volta de 1936. No Brasil, a palavra Negritude é registrada pela primeira vez em 1975:

Negritude – [De Negro + itude], s.f. 1 Estado ou condição de pessoas negras; 2. Ideologia característica da fase de conscientização, pelos povos negros africanos, da opressão colonialista, a qual busca reencontrar a subjetividade negra, observada objetivamente na fase pré-colonial e perdida pela dominação da cultura branca ocidental.²¹⁹

No novo dicionário da Academia Brasileira de Letras²²⁰ o termo “Negritude significa 1. Estado, condição ou qualidade do que é negro; 2. Movimento ideológico de exaltação dos valores culturais e do imaginário dos povos negros.

Vive-se no início do século XXI o movimento pela Diversidade Étnica. Há correlações mais abrangentes que passam pela questão da diversidade e não só pela questão da negritude ou de seu conceito. O negro ou descendente direto de negros já possui espaço para discutir a

²¹⁹Cf. FERREIRA, 2000. Novo Dicionário de Aurélio Buarque de Holanda, 2000.

²²⁰ Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. Academia Brasileira de Letras. São Paulo: Campanhia Editora Nacional. 2ª Ed., 2008.

questão de ser ou estar negro em uma sociedade dominada pela cultura não-negra; existem leis que regularizam e abominam o preconceito social e étnico. A questão relacionada à “vitimização” já parece estar superada na medida em que há conscientização e visibilidade social. Após anos de esclarecimentos e de discussão, a questão do conceito de raça está em vias de superação, em seu lugar aparece uma definição do ponto de vista étnico. Os ventos que sopram da América do Norte decantam um espaço privilegiado aos negros que estudaram. Um negro na Casa Branca faz toda a diferença no mundo, bem como o reconhecimento dos estudos africanos e seus correlatos também. O movimento negro é uma realidade e a identidade negra também. Existem negros ricos, bem sucedidos e negros pobres, bem como brancos ricos e brancos pobres. Uma questão sócio-cultural e ideológica precisa de muito mais elementos do que a simples questão relacionada a um passado histórico. O presente necessita de atenção, garantindo às gerações futuras a igualdade de direitos. A questão da cor e o conceito de racismo ainda é um bom motivo de discussão, considerando as muitas etnias no mundo, mas já não traz soluções viáveis à questão relacionada com resoluções que envolvam uma luta armada, como ocorreu no passado não muito distante. Vive-se em um mundo em que urge a pacificação entre os povos e a conscientização da diversidade; uma vez que todos merecem ter seu espaço de vivência e de convivência harmoniosas, e uma condição de respeito que precisa garantir conquistas e paz. Afinal, vive-se no Brasil, há uma constituição federal²²¹, datada de 1998, que determina em seu artigo primeiro:

²²¹ A Constituição Federal do Brasil, título 1 – Dos Princípios Fundamentais, Artigo terceiro, estabelece que: “Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: I –

“Todos são iguais, sem distinção de gênero, raça, credo ou cor”. Resta à sociedade colocar este preceito em prática.

Ao ler a crônica de Antonieta sobre a questão da lei e do preconceito racial, percebe-se no discurso o clamor de uma voz que lutou pelo reconhecimento a partir do compromisso social e de sua atuação como professora, escritora, deputada. Antonieta é uma personalidade reconhecida também pelo movimento negro no Brasil, seu nome ficou na história. Antonieta não só é reconhecida como também reverenciada, inclusive em letras de Samba Enredo, Tema de Escola de Samba e Bloco de Carnaval, como vai ser mostrado no item 4, sobre *o legado de uma vida*.

A crônica reproduzida no início deste tópico torna-se atual e poderia figurar em qualquer espaço educacional de discussão sobre o tema referente à questão da diversidade étnica. Isso mostra o quanto a cronista estava “antenada”, ou seja, perceptiva em relação aos acontecimentos no mundo e no país. Enquanto Aimé Cesaire discutia e estudava na França, Antonieta aqui já trabalhava e atuava na educação dos pequenos, a fim de ajudá-los a conquistar um lugar ao sol. Ildefonso Juvenal já editava o seu *Folha Rosea* e mostrava que um negro podia ser um escritor. Antes de Cesaire usar o termo negritude e entoar o canto de visibilidade do negro, Ildefonso Juvenal e Antonieta de Barros já faziam parte do *Centro Catharinense de Letras*, atuantes na sociedade ilhoa dos anos 20 e 30.

Construir uma sociedade livre, justa e solidária;II - Garantir o desenvolvimento Nacional; III- Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; IV – promover o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.”



Foto da Revista da
Associação Mulheres
Negras Antonieta de
Barros. Ano 2001.
Acervo ALESC

2.6 O Progresso feminino no século XX e os reflexos no pensamento de Antonieta.

Pensar o Feminismo e parte de suas teorias advém da discussão na constituição de contextos que se diferenciam no discurso e na consideração de um conjunto de categorias da teoria feminista decorrentes da reflexão sobre identidade e experiência como parte de um processo de autoconhecimento, a partir dos postulados de feminista como Chandra Mohanty²²², Judith Butler²²³, Thereza de Lauretis²²⁴

²²² **Chandra Talpade Mohanty** (1955), natural de Mumbai, Índia. Ela é Ph.D e Mestre pela Universidade de Illinois, Estados Unidos. Professora de “Women’s studies”. Constitui-se em uma promine teórica do feminismo pós-colonial e transnacional.

²²³ **Judith Butler** (24/02/1956), natural de Cleveland, Ohio, USA .Professora no Departamento de Retórica e Literatura Comparada da Universidade da Califórnia, Berkeley. É uma filósofa americana pós-estruturalista, que tem contribuído para os estudos sobre filosofia política, teoria queer, feminismo.

dentre outras. São reflexões para compreender a luta das mulheres de todos os tempos.

A conquista do território da escrita pelas mulheres foi longa e difícil. [...] O reconhecimento institucional é, sem dúvida, um passo importante, pois recentemente essa literatura não era considerada objeto legítimo de pesquisa. Reconhecem-se três fases dessa conquista: a primeira fase se deu quando a mulher passou a imitar a escrita masculina, adotando pseudônimos, vestuário e padrões de condutas masculinas como tática para contornar os preconceitos sexistas no campo da recepção e da crítica literárias. A segunda fase foi marcada pelo protesto contra o rebaixamento e a exclusão. A última das fases, a escrita fêmea, marcada pela ainda recente conscientização deslanchada a partir dos anos 60, assim a última das fases com maturação e a auto-realização da escrita da mulher²²⁵

Um leitor circunstancial do texto se detém na contemplação do objeto lido, porque não o pré-ocupa o estudo desse objeto. Para este tipo de leitor, a literatura é um conjunto de essências que não precisam ser explicadas — apenas fruídas.

A natureza especulativa da literatura é anti-essencialista, porque tudo aquilo que o texto literário coloca à frente do leitor, pede explicação e dedução. Ora, literatura não tem nada de essencial: nenhum texto literário vive em estado

²²⁴ **Teresa de Lauretis**, nasceu na Itália e radicou-se nos Estados Unidos. É escritora e professora de História da Consciência na Universidade da Califórnia, em Santa Cruz. Fez seu doutorado em Línguas e Literaturas Modernas na Universidade Bocconi, em Milão, antes de ir para os EUA.

²²⁵ CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Gênero. In.: JOBIM, José Luiz (org). *Palavras da Crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. P.121.

de pureza, nenhum texto pode ser um objeto intocável que se explica a si próprio — ou como é quem se pode saber que um texto se explica a si próprio se não existir um leitor que tome consciência dessa essencialidade? —, nenhum texto é inexpugnável — ou não haveria história da literatura²²⁶.

Portanto, a literatura é uma arte não-essencialista, porque se preocupa com a descrição do objeto lido mais do que com a prescrição (regras que fazem um texto ser literário, por exemplo). Este pressuposto é válido quer para a literatura, quer para a crítica da literatura. Para as teorias feministas contemporâneas, o conceito de essencialismo tornou-se uma espécie de eco que todos ouvem, comentam, repelem, mas raramente definem de forma explícita. O essencialismo feminista diz respeito à determinação da natureza específica da mulher. Desde o livro de Simone de Beauvoir²²⁷ *O Segundo Sexo* (1942) que esta concepção universalista tem merecido várias críticas. A tese de Beauvoir é a de que não se nasce mulher, porque a **mulher faz-se**. Esta tese foi motivada por ideais marxistas que recusam a definição essencialista da mulher, já que se trata de um conceito fabricado culturalmente pelas forças opressoras do patriarcado. O essencialismo feminista não é, pois, diferente do programa humanista — se esta palavra não representasse tudo àquilo que a feminista mais ortodoxa deseja contrariar.

Ora, defende-se que este feminino é uma visão masculina da mulher, porque a vê como simples realidade biológica, porque reduz a mulher a uma diferença biológica preconceituosa: a mulher fica limitada

²²⁶ Idem. Op. Cit.

²²⁷ BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p.343

à sua função reprodutora, a mulher tem limitações neurológicas, neurofisiológicas e endócrinas, a mulher não tem a mesma capacidade física do homem. Também pode jogar contra a construção de uma verdadeira identidade da mulher quando esta for circunscrita socialmente por razões naturalísticas: a mulher é *naturalmente* incapaz de certas funções por causa das suas características morfológicas. E quando estas crenças se generalizam, o universalismo torna-se também um caso de essencialismo: as mulheres partilharam determinados atributos que as impedem de construir a sua identidade. Quer dizer, qualquer tentativa de negar a existência de uma essência no homem ou na mulher deixa-nos num beco sem saída para o sexo que estiver no lado oposto.

Ao levantar estas considerações sobre o essencialismo e a literatura, verifica-se que na definição do papel da mulher na sociedade em que viveu Antonieta de Barros, as profissões exercidas eram em geral: ser dona de casa, ser professora ou ser comerciária, porque a essência de ser mulher estava em educar os pequenos para a vida. Antonieta critica este reducionismo no tocante à função social da mulher na sociedade, contribuindo para o pensamento de que a mulher precisava ser um agente social, seja em casa, seja no local de trabalho. Veja o que diz Antonieta de Barros em 22 de maio de 1932 no jornal “República”, na coluna *Farrapos de Idéias*:

Os jornais nos dão a nova alviçareira de que o Governo acaba de assinar o decreto regularizador do trabalho feminino. Enfim. Já era tempo.

Foi preciso que o Brasil idealista se levantasse num movimento de cataclismo, para que a mulher indivíduo tivesse, em lei, a garantia do seu esforço.

Não queremos saber se essa medida faz parte básica dos programas comunistas, como nos dizem os telegramas.

Para nós, ela se acha dentro do mais são e mais nobre princípio de equidade. Se o trabalho é o mesmo, por que se depreciar o esforço feminino, ou explorá-lo, pagando menos?

O império das circunstâncias da vida de hoje não permite que na classe proletária e na média, mesmo, as mulheres desempenhem, tão somente, o cômodo papel de donas de casa, ou e mãe de família. É preciso trabalhar. [...] ²²⁸

Quanto mais o leitor se envolve no estudo dos conceitos veiculados ao longo dos anos pelas feministas, tanto mais se percebe que o conhecimento da teoria passa pela prática das idéias, pela experiência polifônica dos discursos, pela natureza da identidade de um sujeito que aspira à igualdade e à fraternidade, *sem sair do salto*²²⁹. A discussão no campo da categoria identidade recai na questão do conceito de ser mulher, seja através da história de mulheres no século XIX, na militância do século XX, seja nas conquistas do século XXI. Talvez o curioso desse estudo esteja em perceber o quanto a linguagem se manifesta e dá voz a diferentes discursos, nos diversos espaços geográficos por onde a teoria foi e é disseminada. O leitor do texto acima pode perceber que Antonieta advoga por uma mulher que trabalhe fora e exerça sua função de cidadã e provedora do lar. Lembrando que

²²⁸ Excerto de Ilha, Maria de. (Antonieta de Baros). Crônica inédita. *Farrapos de Idéias*, jornal *República*, 22 de maio de 1932... Compilado por SILVA, 1991. P.128-130.

²²⁹ *Sem sair do salto* é uma expressão utilizada para identificar a mulher que se apresenta feminina.

Antonieta não casou e não teve filhos e desde cedo, a partir dos dezenove anos, começou a trabalhar e a sustentar-se.

A partir da emancipação feminina, mulheres mundo afora exigiram ser ouvidas, respeitadas na preservação e conquista de direitos sociais e de participação coletiva nas discussões relacionadas à tomada de decisões entre sociedade e governo²³⁰. Não foi diferente nas primeiras décadas do século XX, quando as mulheres levantaram a bandeira pela busca da representatividade no parlamento. Entretanto, na medida em que se buscava a conquista de alguns direitos, foi ocorrendo também, na construção teórica, o esvaziamento do sujeito feminino, do próprio conceito de “mulher” e a perda da própria essência de ser, convergindo à reflexão e ao pensamento contemporâneo dialético e paradigmático, quando se pensa no efeito de todos estes estudos e dos movimentos de mulheres em final do século XX e início do século XXI.

Já foi discutido que o feminismo passou a incorporar nos dias atuais uma extensa gama de discursos diversificados, resultando em uma grande variedade de feminismos. Contudo, essa heterogeneidade interna não fragmentou nem enfraqueceu a importância política do feminismo, pois,

ela traz em seu bojo a necessidade de construção de articulações entre as diversificadas posições de sujeito, o que por sua vez compõem a força

²³⁰ HANNER, June E. *Emancipação do Sexo Feminino: A luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940*. Florianópolis: Editora Mulheres. EDUNISC., 2003. Tradução Eliane Tejera Lisboa. cap3. P.183

específica do feminismo diante dos outros movimentos ou discursos sociais.²³¹

A heterogeneidade enunciativa do discurso feminista proporcionou a construção de uma teoria multifacetada, em que várias vozes aparecem, dialogando e refletindo questões teóricas, na reivindicação de um direito, porém, por vezes, distanciando-se da militância ativa e aplicada. Desse distanciamento resultou a divisão de um grupo aparentemente coeso no início do século XX sob a égide em defesa das mulheres, para uma diversidade de sujeitos agrupados em função da agregação das diferenças, tais como: cor da pele, papel social, nacionalidade, classe social, opção sexual, origem, as quais geraram uma identidade feminista mais individualista, calcada na experiência ou na ação. Nessa discussão interna do movimento feminista, entre o discurso e a experiência militante, ficou, uma perda de coesão e de coerência, de um norte que unisse todas novamente em uma “causa única” (a luta pelo voto feminino, por exemplo, no passado e a luta por igualdade de direitos uniam todas as feministas em uma única bandeira) e não tão relativa (No século XXI, cada grupo reivindicava direitos particulares e não tão coletivos). É claro que o esvaziamento não significa a perda da teoria, ao contrário, como reflete Costa (2002). A teoria apresenta seus fundamentos e continua a ser disseminada, mas, faz-se necessário pensar nas categorias: sexo, “raça”, posição social, experiência, identidade, dentre outras possíveis.

No entanto, a questão pertinente da não unidade aparece em início do século XXI, ocasionando o aparecimento de feminismos, com

²³¹ COSTA, Cláudia de Lima. *O Sujeito no feminismo: revisitando os debates*. Cadernos Pagu (19) 2002. P. 59-90.

discursos e práticas não equivalentes, variando no espaço geográfico mundial, a partir da diferença entre as culturas e do ser ou estar mulher nessa inserção. Daí advém a necessidade de, por exemplo, um resgate cultural no livro: *Dicionário de Mulheres do Brasil*²³² e do livro *Mulheres Negras do Brasil*²³³, a fim de delimitar a abrangência das discussões em grupo, só para citar uma faceta comum na facção de mulheres, as mulheres negras e suas lutas particulares. No grupo das mulheres negras, Antonieta de Barros ocupa um espaço de reverência e referência.

Na luta contínua por um espaço social, a teoria feminista vem discutindo as relações sociais relacionadas ao gênero, a partir da reflexão do objeto central de estudo; também vem buscando, através de análise, desconstruir as relações estabelecidas socialmente, intervindo nas estruturas e desigualdades sociais, às vezes de forma enfática, ora como coadjuvantes do processo político-social de fomentação na igualdade de direitos entre todos os sujeitos. Para Teresa de Lauretis²³⁴, o conceito de gênero alude à representação de uma relação a partir da categoria sexo e diferença social. Há problemas caso se considere a categoria sexo como dado primário. Mas isso não é possível de mensurar, pois nascemos dentro de um universo simbólico. Existem verdade e realidade, como categorias, mas só são vistas a partir de nossa significação; são muitas as verdades e muitas as realidades que

²³² SCHUMAHER, Shuma; VITAL BRAZIL, Érico (Orgs.). *Dicionário Mulheres do Brasil de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

²³³ SCHUMAHER, Shuma; VITAL BRAZIL, Érico. *Mulheres Negras do Brasil*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007

²³⁴ LAURETIS, Theresa de. *A tecnologia do gênero*. In *Tendências e impasses: o feminismo com crítica da cultura*. Org. Holanda, Heloísa Buarque de. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. P. 206-242.

constroem um contexto comum que reúne os indivíduos em grupos sociais; a posição do sujeito define o seu discurso o que pode gerar conflito em relação a outro sujeito com opinião contrária; o espaço do conflito também gera discurso e aí temos o veio da teoria. Já para Linda Nicholson²³⁵ o conceito de “mulher” passa pela interseção das categorias de gênero, raça e sexualidade, constituindo o sujeito em um indivíduo inserido na relação de trabalho, também definida por sujeitos e socialmente calcada na materialidade e na necessidade de cada um.

No século XX, em meados dos anos 60 e 70, Lauretis (1994) discute a teoria feminista, considerando a tecnologia do gênero, mostrando as deficiências do pensamento feminista, que estabelecia o conceito de gênero como diferença sexual e seus conceitos derivados, construídos a partir de um conjunto de valores que formavam a cultura de ser mulher, a partir da questão relacionada à maternidade, à diferença de escrita feminina e a característica da feminilidade. Assim, ser mulher pressupunha gerar uma criança, ter atitudes e comportamentos diferentes dos homens, ser feminina e ter uma escrita com características marcadas pelo tom agudo, fala pausada, com uso na escrita de adjetivos, por exemplo ou de diminutivos, dependendo do dialeto e da língua usada para a comunicação. Ou seja, a mulher só existia em contraste com o homem, numa relação dicotômica instituída pela diferença biológica e pela sexualidade, desconsiderando as opções sexuais e o papel social de cada um, até mesmo a experiência e a identidade.

Antonieta de Barros foi a primeira mulher no parlamento catarinense em uma época em que este feito seria praticamente

²³⁵ NICHOLSON, Linda. *Interpretando o gênero*. Revista Estudos Feministas v. 8, n.2. P. 9-41, 2000.

improvável. Exerceu o mandato em meio a homens, teve um papel atuante, propondo leis, projetos, discussões, ignorando a supremacia do gênero oposto. E além de ser mulher, era uma descendente direta de escrava, situação bastante inusitada para os anos trinta, um fato histórico. Além disso, ousava escrever o que pensava em jornais de época sobre assuntos variados.

Judith Butler²³⁶ aprofunda a discussão sobre gênero trazendo questões importantes relacionadas ao conceito de raça e de etnia, para “apimentar” ainda mais as diversidades de categorias ou de conceitos que determinam o objeto de estudo feminista. A base de discussão de Butler (2003) corresponde à situação de segregação étnica e/ou racial existente nos Estados Unidos. A autora esclarece que não pode haver uma categoria fixa para as questões relacionadas à raça, em função da diversidade geográfica e nacionalidade de cada indivíduo, ocorrendo aí uma relativização da categoria raça, considerando os conceitos de performatividade em contraste com performance, que são discutidas também em Austin e Derrida. Butler (2003) traz em seu texto o conceito de “heterossexualidade melancólica”, em que a genealogia critica a ontologia de gênero, assim, a autora trabalha os conceitos em separado e tenta romper com o efeito binário de causa e efeito. A base da teoria de Judith é Foucault, com isso ela subverte o conceito de gênero e apresenta-o como uma formação discursiva, sendo o corpo efeito de discursos e o sexo uma prática discursiva. Para ela, a experiência produz discurso, bem como o discurso também produz

²³⁶ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Cap.1. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.

experiências. O que fica entre? Seria a essência, porém, para Butler, o objeto do desejo torna-se aquilo que foi proibido, a identidade de gênero é resultado de proibição, bem como produz o que está sendo proibido. As constituições estabelecidas por lei são as mais fáceis de serem transgredidas. A lei é gerativista e plural e o poder opera por estruturas complexas, gerando a categoria da representatividade política.

Judith Butler posiciona-se contra as noções de essencialismo e de construtivismo, porque fora do discurso não há materialidade, assim nenhum discurso captura a materialidade prévia, porque o corpo é um referente enganoso, está sempre em construção. Susan Fridman²³⁷ afirma que há um limite para a construção, sendo que o referente não está no efeito lingüístico, mas em uma realização do discurso. Ou seja, a verdade e a realidade estão no mundo como referentes diretos, porém são efeitos de linguagem quando estão no campo do discurso, bem como efeito de verdade, porque não há verdades absolutas no mundo e nem na linguagem, muito mesmo no discurso polifônico. Fridman afirma então que há um limite para o construtivismo, isso nos permite criar múltiplas referências ou referenciais, constituindo no complexo da transcendência, o entre meios, o entre lugar, como nos traz Deleuze.

Para além da discussão do binarismo para o estabelecimento do conceito de gênero e de mulher, Fridman afirma que as narrativas culturais, quando se pensa a questão da raça, refletem realidades materiais e até mesmo as constitui. O conceito de posicionalidade relacional vai além do binarismo branco e negro, porque cada indivíduo vive a experiência de sua raça, cor da pele ou etnia de forma muito

²³⁷ FRIDMAN, Susan. *Mappings: Feminism and the Cultural Geographies of Encounter*. Cap.I e II. Princeton University Press, 1998.

pessoal, estabelecendo ou não estratégias. Pensando em Antonieta e na posição social que ocupou como professora da Escola Normal, como Diretora e como Parlamentar, percebe-se a vivência de uma experiência pessoal que por vezes transparece em alguma crônica, principalmente na crônica *Silêncio*, em que a autora escreve sobre a experiência de ficar sozinha e de pensar sobre si e na sua singularidade.

A singularidade e a diferença identificam a importância histórica de Antonieta para o Feminismo brasileiro, como um exemplo possível, dentro de postulados e pressupostos da teoria feminista e dos estudos culturais que se baseiam na questão da essência como construção discursiva, no anti-humanismo, no anti-essencialismo, no não-reducionismo, no materialismo histórico, na análise do poder, do discurso e na questão política.

Assim, o processo de identificação e não de identidade, discutidas com base em Althusser²³⁸, estabelece que as teorias feministas e as práticas políticas devem caminhar conjuntamente, pensando e refletindo uma questão: *de que lugar se está falando?* E assim, entender que, segundo Scott²³⁹ a experiência é um evento lingüístico, produto da interpretação e do discurso da experiência do outro, vista como pré-discurso, como uma posição crítica. A experiência também pode ser um produto da consciência espontânea, um elemento subjetivo da experiência, articulador com a experiência visual,

²³⁸ **Louis Althusser** (Birmandreis, 19/10/1918 – Paris, 22/10/1990) foi um filósofo francês de origem Argelina

²³⁹ SCOTT, Joan W. *Experiência: tornando-se visível*. In. SILVA, Alcione Leite et alli. Falas de Gênero. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

contrapondo com a percepção. Mohanthy²⁴⁰ e Anzaldúa²⁴¹ apresentam outro conceito para experiência, pensando nas narrativas femininas literárias e sua militância política, consideram os deslocamentos e o feminismo transnacional, sem fronteiras, sem barreiras, cujo foco está na questão de como se vive a experiência e de como essa experiência se forma em função da construção do sujeito. A questão aqui passa por um agenciamento do sujeito que escolhe ser um ou ocupar uma determinada posição social em relação a outra. Isso é possível de observar na narrativa feminina. O conceito que traz Anzaldúa é o de posicionalidade do sujeito no discurso, estabelecendo em discussão o lugar do “queer” na teoria, o lugar do “estranhamento”, o lugar do “diferente”.

Refletindo sobre o texto de Mohanty e Martin²⁴², *Identidade, sangue, pele e coração*, vamos ter um interesse das autoras em configurar o lar, a identidade e a comunidade no poder e sentido de “lar” como um conceito e um desejo, sua ocorrência como metáfora na escrita feminina e sua presença estimulante na retórica de um novo direito. É significativo que a noção de “lar” tenha sido tirada no reflexo da luta representada pelas escritas de mulheres de cor, que não conseguem assumir facilmente o “lar” sem o contexto da comunidade onde estão inseridas. Uma vez que a dificuldade de uma mulher não-branca em se

²⁴⁰ MEDIATORE, Shari Stone. *Chandra Mohanty y la revalorización de la “experiencia”*. HIPARQUIA. Ano 1999, vol. X.1. Pág. 85-109

²⁴¹ COSTA, Cláudia de Lima & ÁVILA, Eliana. *Glória Anzaldúa, a consciência mestiça e o “feminismo da diferença”*. Estudos Feministas / Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Comunicação e Expressão. V.7, n1-2. Florianópolis: UFSC, 1999.

²⁴² Sobre o texto *Feminist Politics: What’s Home Got to do With it?*. Inserido em *Feminist studies. Critical Studies*. Editado por Teresa de Lauretis. Indiana University Press. Bloomington. Twelve. 1986..

estabelecer no grupo dominante não é uma tarefa das mais simples, no entanto, ainda que ocorra esta inserção.

Neste sentido, ao pensar nos textos de Antonieta de Barros, vamos ter uma mulher negra que não fala desta circunstância, embora tenha tido uma origem humilde, não fazia referência ao seu lar, mas sim aos problemas sofridos pela comunidade. No entanto, não se pode esquecer que o lar também era uma escola, neste sentido, falar dos problemas da escola não seria falar dos problemas do lar? Precisar isto não é possível, porque não há referências escritas sobre este detalhe da vida de Antonieta, o que pode haver são pistas de como “os pequenos” deveriam pautar seu comportamento pelos preceitos bíblicos. Então, Antonieta não trata de colocar-se como “símbolo de uma raça” ou como “ícone de um determinado grupo social”, ela busca fugir deste reducionismo. Em seus textos e discursos ela fala do lugar que ocupa como professora, mesmo na função de deputada ou diretora.

Simone Schmidt e Vânia Rossi²⁴³ discutem a problemática e a polêmica da aplicação da categoria “raça” na construção do conceito na contemporaneidade; isso porque o conceito, totalizante e definidor de identidade, precisou ser desconstruídos, de forma que na teorização recente, a “raça” é frequentemente referida entre aspas, como conceito posto “sob rasura”, “já que nomeia aquilo que, ao ser nomeado, precisa

²⁴³ SCHMIDT, Simone P. ; ROSSI, Vania. *Caminhos de um (des)encontro: gênero e raça em revistas acadêmicas feministas brasileiras*. Um artigo que apresenta uma pesquisa em artigos da Revista Feminista e os Cadernos Pagu sobre os temas correlacionados à discussão no Brasil e no mundo sobre as categorias de gênero e raça.. In. STEVENS, Cristina. (Org.). *Mulher e Literatura 25 anos: Raízes e Rumos*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010. P. 209-235. (no prelo).

ser, ato contínuo, problematizado e desconstruído.”²⁴⁴. Segundo as autoras, também, além dos problemas de conceito e do debate que suscita, faz-se necessário que “a categoria raça” continue a ser convocada, para que os problemas em torno dela, de fundo histórico e muito presentes nas sociedades que, como a nossa, vivenciaram a experiência do colonialismo – tais como o preconceito racial, a mestiçagem - possa ser discutida em profundidade ²⁴⁵.

Do período de 1901 a 1952, principalmente à época de vida pública de Antonieta de Barros, o conceito de “raça” assumia a conotação referida. Mas, insisto na questão de que a não visibilidade do tema nas crônicas e discursos de Antonieta denotam um silêncio que perturba o estudioso do tema. Ela não se refere e nem usa os termos “raça”, “negro”, nem “negritude” de forma ostensiva, não se utiliza da condição de escritora para refletir a respeito. Reitero, no mais, o que vai aparecer neste sentido será uma crônica, transcrita no item anterior como vimos, sobre uma lei que em meados dos anos 40 tramitava pela câmara dos deputados, cuja notícia chegava através dos jornais vindos da capital federal, para a qual ela se colocava em posição contrária, não só a estas questões como também a qualquer lei que advogasse sobre o tema da “discriminação racial” no Brasil. Outro momento da vida de Antonieta, como já referido, em que o tema relacionado ao preconceito racial tenha vindo a público diz respeito a uma resposta dada no Jornal *O Estado*, assinado com o pseudônimo Maria da Ilha, em que ela responde a um “insulto” proferido por Oswaldo Rodrigues Cabral, chamando-a de “barata de senzala”. Neste texto em resposta ao então

²⁴⁴ Idem.

²⁴⁵ Ibidem.

deputado, em 1951, seu colega de legislatura na Câmara de Deputados do Estado de Santa Catarina, Maria da Ilha assume sua condição de descendente de uma negra ex-escrava, referindo-se à sua mãe D. Catarina de Barros (falecida em 1937) e do orgulho que sentia de sua natureza. Nesse texto, a condição de ser negra em uma sociedade preconceituosa surge como um “grito”, na evocação de respeito por “ser professora negra” e ter sido educada por uma negra. Só nesse momento, o que parecia velado e cuidado, ausente e não-visível, ecoa e torna-se público, surgindo, talvez desse momento em diante o *mito de uma “raça”*.

Voltando ao conceito de “raça” e sua problematização, ainda em Schimidt & Rossi, tem-se uma síntese a partir da teorização contemporânea. As autoras evocam Appiah (1997) e Hall (2003) para referirem-se à desconstrução do conceito “raça” e sua visibilidade. Para Appiah²⁴⁶, “raça” é um conceito que incapacita os sujeitos históricos, porque se baseia no pressuposto de alianças estabelecidas “naturalmente” entre eles: “Em suma, penso ser bastante claro que uma concepção de raça enraizada na biologia é perigosa na prática e enganosa na teoria: a unidade africana e a identidade africana precisam de bases mais seguras do que a raça.” Stuart Hall²⁴⁷ indaga-se “que negro é esse na cultura negra?”, entendendo que o uso do significante “negro” na cultura negra cumpriu papel historicamente importante, já que “nada poderia ter sido feito para intervir no campo dominado da

²⁴⁶ APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai; a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. P. 245

²⁴⁷ HALL, Stuart. “*Que ‘negro’ é esse na cultura negra?*”. In: *Da diáspora; identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. P. 344.

cultura popular *mainstream*, para tentar conquistar algum espaço lá, sem o uso de estratégias através das quais aquelas dimensões fossem condensadas no significante “negro”. Hall (2003) acredita que a criação de novas estratégias é necessária para a superação do *momento essencializante*²⁴⁸. Quando se estabelece um processo de *dês-historicização* do significante “negro” os estudos e discussões ao redor da categoria “raça” tendem, segundo Hall, a valorizar “pela inversão, a própria base do racismo que estamos tentando desconstruir.”²⁴⁹ Nesse sentido, Schmidt & Rossi (2010) esclarecem que o impasse teórico se refere ao debate em torno de categorias como gênero e raça, a quais operam teórica e politicamente em constante deslizamento entre a *afirmatividade política* e a *negatividade teórica*, em outras palavras, “faz-se necessário reivindicar aquilo que se nega: para as investigações em torno da “raça” e do “racismo”, é preciso operar em simultaneidade com a reivindicação estratégica da raça, em nome de afirmação de identidade e de direitos sociais, e com a desconstrução de seu significado enquanto eixo aglutinador de significados fixos e *essencializantes*.”²⁵⁰

Sueli Carneiro²⁵¹ se destaca como uma das intelectuais negras que se dedicaram a mostrar a importância de se articular gênero e raça na produção de um pensamento feminista contemporâneo no Brasil. Ela denuncia o que considera o viés eurocêntrico do feminismo brasileiro,

²⁴⁸ Momento essencializante significa para Stuart Hall, 2003: 345, o momento que naturaliza e dêshistoriciza a diferença, confunde o que é histórico e cultural com o que é natural biológico e genético.

²⁴⁹ HALL, Stuart, 2003. P. 245.

²⁵⁰ Cf. STEVENS, 2010. P. 209-235.

²⁵¹ CARNEIRO, Sueli. *Gênero e raça*. In: BRUSCHINI, Cristina e UNBEHAUM, Sandra G. (orgs). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Ed. 34, 2002. P. 191

evocando “toda uma história de resistências e de lutas”, em que as mulheres negras têm sido protagonistas “graças à dinâmica de uma memória cultural ancestral”. Nessa linha de pensamento, posso citar aqui a escritora Maria Firmina dos Reis²⁵², professora, mulata, bastarda, prima do escritor maranhense Sotero dos Reis, por parte de mãe, nasceu em 11 de outubro de 1825, na Ilha de São Luís do Maranhão e morreu em Guimarães, pobre e cega, em 1917. No estudo realizado por Muzart (2000) sobre Maria Firmina dos Reis, relata que ela pode ter escrito o primeiro romance de autoria feminina, “considerada no Maranhão, a primeira mulher escritora não só maranhense como também a primeira do Brasil”²⁵³. No entanto, para Muzart (2000: 265) essa tese pode ser contestada, porque seu romance é publicado no mesmo ano em que a catarinense Ana Luísa de Azevedo Castro publica o seu, no Rio de Janeiro. Ficam, portanto, as duas consideradas pioneiras deste gênero literário escrito por mulheres no Brasil, até que se prove o contrário.

Segundo o Professor Eduardo de Assis Duarte²⁵⁴ em seu texto *Maria Firmina dos Reis e os Primórdios da Ficção Afro-brasileira*, “ao publicar *Úrsula*, a autora desconstrói igualmente uma história literária etnocêntrica e masculina até mesmo em suas ramificações afro-descendentes”. Maria Firmina dos Reis, segundo Duarte (2009) desconstrói não apenas a primazia do abolicionismo

²⁵² MUZART, Zahidé Lupinacci. *Maria Firmina dos Reis*. In MUZART, Zahidé Lupinacci (orgs.) *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000. P. 264-284.

²⁵³ Cf. MUZART, 2000. P. 265.

²⁵⁴ DUARTE, Eduardo de Assis. *Maria Firmina dos Reis e os Primórdios da Ficção Afro-brasileira*, In. REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula: A escrava/ Maria Firmina dos Reis*; atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2009.

branco, masculino e senhorial, mas também, constrói para si mesma outro lugar: o da literatura afro-brasileira, isso ao estabelecer uma diferença discursiva que contrasta em profundidade com o abolicionismo hegemônico na literatura brasileira de seu tempo.

Úrsula não é apenas o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira, fato que, inclusive, nem todos os historiadores admitem; mas, é também, o primeiro romance da literatura afro-brasileira, entendida esta como produção de autoria afro-descendente, que tematiza o assunto negro a partir de uma perspectiva interna e comprometida politicamente em recuperar e narrar a condição do ser negro em nosso país. Acresça-se a isto o gesto (civilizatório) representado pela inscrição em língua portuguesa dos elementos da memória ancestral e das tradições africanas.²⁵⁵

Por que *Úrsula* torna-se importante aqui? Por se tratar de um texto fundador, porque polemiza com a tese segundo a qual nos falta um “romance negro”, segundo Duarte (2009), “pois apesar de centrado nas vicissitudes da heroína branca, pela primeira vez em nossa literatura, tem-se uma narrativa da escravidão conduzida por um ponto de vista interno e por uma perspectiva afro-descendente”²⁵⁶.

Para, talvez, compreender melhor a questão relacionada à luta de mulheres pelo reconhecimento histórico e cultural, no entendimento das categorias de identidade e experiência, preciso voltar mais ou menos um século atrás e lembrar mulheres que escreveram e manifestaram sua opinião e fizeram literatura de autoria feminina, além

²⁵⁵ Idem. Op.Cit. P. 277.

²⁵⁶ Ibidem. Op. Cit. P. 278.

de participarem do movimento social em prol da campanha abolicionista, por exemplo. Nessa perspectiva escreve Maria Lúcia de Barros Mott, em *Submissão e Resistência*, sobre mulheres pioneiras que, sejam brancas, mulatas ou negras, manifestaram-se em seu tempo e lutaram por liberdade, igualdade e não violência, produzindo uma literatura pouco reconhecida pela Academia. São citadas Nísia Floresta, que na primeira metade do século XIX, ou seja, quase um século antes de Antonieta surgir no cenário público, como cronista, Nísia vem à público e proferiu uma conferência em prol da emancipação dos escravos, da liberdade dos cultos religiosos e da federação das províncias. Luciana de Abreu que foi professora e consta por tradição oral que poderia ter ascendência negra, proferiu as conferências intituladas: *Educação das Mães de Família e Emancipação da Mulher*. Segundo Mott (1988), para as mulheres, a participação no movimento abolicionista talvez tenha sido a primeira experiência de militância política organizada, a nível nacional.

Foi aí que muitas delas se iniciaram politicamente, o que lhes deu experiência para enfrentar posteriormente a campanha pelo sufrágio feminino e os movimentos contra a carestia do começo do século XX. Sobre a luta das mulheres pela conquista do voto, esclarece Mott (1988) que ela já havia se iniciado no final do século XIX e terminou apenas em 1932, mais de 40 anos depois já no século XX. “Foram então empregadas várias formas de participação, [...] como panfletagem, passeatas e pressão popular, no Congresso. Em 1928 foi eleita a primeira prefeita do país Alzira Soriano para o município de Lages no Rio Grande do Norte. Em 1935, foi eleita Antonieta de Barros, a

primeira deputada negra do país, para o legislativo de Santa Catarina.²⁵⁷

Para entender esta discussão teórica sobre a teoria feminista aqui e suas categorias marcadas discursivamente, seja através de exemplos, seja através de conceitos, posso dizer que em Antonieta de Barros, na formação de sua identidade, têm-se a imbricação das categorias de raça e gênero, como fatores de destaque social, tendendo a acentuar a categoria “raça”, a partir da definição de ser uma “mulher negra” que ascende socialmente. No entanto, a categoria de identidade que perpetuou os estudos sobre sua pessoa, não é fonte de inspiração e tema de suas crônicas. Antonieta pode ser uma cronista de destaque para uma literatura afro-brasileira como Maria Firmina dos Reis? Não me parece, reitero, pois a autoria dos escritos não aponta para a temática de cunho afro-descendente, entretanto, verifica-se muito mais em seus textos a marcação da questão da categoria gênero, por ser uma mulher que escreve e propõe reflexões sobre o tema do feminismo, fala da mulher e de sua profissão traz discussões sobre a luta pelo Progresso Feminino e passa ao leitor uma crítica social sobre o assunto.

No entanto, não dá para comparar as intervenções de Antonieta com as de Nísia Floresta²⁵⁸, considerada a primeira feminista do Brasil, nem mesmo com Maria Lacerda de Moura²⁵⁹, uma feminista utópica, nem do feminismo em resgate e ressonâncias de Mariana Coelho²⁶⁰.

²⁵⁷ MOTT, Maria Lúcia de Barros. *Submissão e Resistência: A mulher na luta contra a escravidão*. São Paulo: Editora Contexto, 1988. P. 15.

²⁵⁸ DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2005.

²⁵⁹ LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Maria Lacerda de Moura: uma feminista utópica*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2005.

²⁶⁰ KAMITA, Rosana Cássia. *Resgates e ressonâncias: Mariana Coelho*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2005.

Antonieta de Barros traz uma posição mais tênue em relação ao feminismo, mas não menos engajada. Poderia dizer nessa linha de pensamento, que Antonieta foi uma feminista engajada, porque politizada. Quer dizer, uma mulher que venceu em sua profissão, trabalhou, estudou, fez de sua vida um luta constante, uma mulher no meio de políticos homens, que exerceu sua função com maestria. Ela defendia a liberdade feminina em poder trabalhar. Admirava Maria Lacerda de Moura, mas não concordava com tudo o que ela dizia, lia-a com olhos críticos de admiração.

Maria Lacerda de Moura não é o que, na acepção vulgar do termo, se chama uma feminista.[...] Lendo-a, embora não se lhe esposem as idéias, embora não se lhe comunguem dos pensamentos, é impossível não admirar a individualidade com que escreve, a sua serenidade diante das borrascas, desencadeadas pela sua pena rebelde, (como a de 1928, cujos ecos ultrapassam as fronteiras); é impossível não admirar, mais ainda, o alto objetivo que a anima, num anseio e profundo “esforço para mais Harmonia e mais Amor”.²⁶¹

Antonieta foi uma feminista engajada na causa da educação. Segundo relato oral de um ex-aluno seu, ela dizia às meninas e aos meninos que deviam estudar e ter uma profissão para poderem crescer na vida, a fim de que cultivassem o valor do trabalho e a virtude do direito a um lugar na sociedade.

²⁶¹ ILHA, Maria da..(Antonieta de Barros). *Farrapos de Idéias*. Jornal *República*, 10 de abril de 1932.

2.6.1 De que lugar se está falando...

No século XX inúmeros visitantes estrangeiros louvavam as transformações físicas ocorridas nas principais cidades brasileiras, modernizadas e embelezadas por governos progressistas e empreendedores preocupados com o comércio e a imagem externa do país. Notavam também com aprovação a presença e um maior número de mulheres de classe alta nas grandes avenidas recém-abertas, fazendo compras, passeando, tomando chá e indo ao cinema, tudo isto sem companhia masculina. Tinham notícia de que não só mulheres abastadas ingressavam, cada vez mais, nas escolas superiores, passando, depois de diplomadas, a ocupar profissões variadas e nobres, mas ainda de que, a cada momento, um número maior de escritoras levava a cabo a edição de novas obras. Mas poucos sinais de mudança podiam ser detectados nas vidas de mulheres pobres lutando para sobreviver em moradias escuras e úmidas ou labutando em oficinas abafadas e fábricas sem segurança, longe da vista dos estrangeiros.²⁶²

Ao pensar na mulher da classe menos favorecida do início do século XX, que trabalhava e lutava por melhores condições de vida, lembro-me da lavadeira, da costureira, da bordadeira, da comerciária, da professora, da escritora. No século XX há mulheres que escreveram e ficaram pouco reconhecidas, pouco refletidas na academia e com pouca

²⁶² HAHNER, June E. *Emancipação do Sexo Feminino: A luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940*. Florianópolis: Editora Mulheres. EDUNISC., 2003. Tradução Eliane Tejera Lisboa. cap3: p.183.

visibilidade no cenário nacional, principalmente aquelas que poucos recursos tiveram para a projeção em uma sociedade ainda excessivamente machista e capitalista. Os anos vinte e trinta são exemplos disso, quando me refiro ao sul do Brasil. Salvo as mulheres que participaram no Sudeste do país da Semana de Arte Moderna e da luta pelo direito ao voto, no restante do país há as que pouco reconhecidas foram, e que também fizeram a sua parte nessa história.

Sabe-se que não houve na Ilha de Santa Catarina um movimento popular em prol das lutas das mulheres das primeiras décadas do século XX. O que houve foi um movimento em prol do trabalho feminino. Ao pensar nesse contexto, este é o lugar do qual falo e onde me situo, este é o lugar em que viveu Antonieta de Barros. Nesse espaço posso destacar, por exemplo, o grupo das normalistas. Em especial, como já citado, a professora, poetisa, jornalista Maura de Senna Pereira. Também vale lembrar aqui da poetisa e cronista, também professora de Língua Portuguesa nas escolas de Florianópolis, Delminda Silveira (Florianópolis/1855-1932). As já não tão ilustres, mas não menos importantes na luta feminina por um lugar ao sol: as professoras Beatriz Teles de Brito, as irmãs Nila Sardá e Maria Sardá, as normalistas do Colégio Coração de Jesus e da Escola Normal Catarinense. As professoras e diretoras de Grupos escolares: Maria da Glória Oliveira (D. Glorinha, diretora nos anos 40 do Grupo escolar São José), Maria Flora de Souza Pausenwang (Professora e diretora do Curso Normal Regional Brigadeiro Silva Paes na Trindade, nos anos 50), a professora Leonor de Barros (irmã de Antonieta e diretora do Curso Antonieta de Barros, já nos anos 50 até os anos 70). Poderia citar

tantas outras, no entanto, fiz um recorte, priorizando o espaço educacional, apenas alguns exemplos de mulheres, que exerceram com eficiência e eficácia suas funções sociais, cada qual em sua atividade, as quais de alguma forma influenciaram direta ou indiretamente a sociedade de uma época, por serem as educadoras da época.

Em entrevista realizada em 29 de maio de 2008 conheci Dona Arani de Almeida (01/03/1926), natural de São João Batista, com quem conversei por duas horas ao visitar sua loja de roupas. Dona Arani, que aos 80 anos ainda mantém sua loja na Rua \Fernando Machado, ex-aluna de Antonieta de Barros e que conheceu pessoalmente Leonor de Barros, conversou comigo sobre esse tempo. Dona Arani estudou no Instituto de Educação, formou-se normalista e lecionou na Escola Profissional Feminina a arte da costura e da moda. Votou em Antonieta de Barros para Deputada no segundo mandato em 1948 e aos 15 anos já exercia o magistério. Para ela, Antonieta de Barros era uma mulher firme, enérgica, excelente professora de Português, sempre muito austera e elegante em sua simplicidade. Dona Arani em depoimento oral, disse que “Aprendi a cuidar da minha vida, a ter uma profissão, a cuidar da loja do pai, que depois da sua morte ficou para mim e a ser independente, não tendo marido e não dependendo de ninguém”. A opção feita por Dona Arani foi transformar sua casa em uma loja e de seu ofício de costura, construiu a sua liberdade, sem deixar de cultivar valores, como ela bem frisou, pois aprendeu isso na escola. Ela não se considera feminista, aliás, contou-me que este termo não era bem visto em seu tempo de juventude, tendo em si uma carga semântica negativa. Disse ser cristã e católica, indo regularmente à missa e cultivando

valores, e também que quer trabalhar enquanto houver saúde, porque não saberia fazer outra coisa que não fosse cuidar de seu trabalho.

Assim como Antonieta e Dona Arani, as mulheres citadas assumiram serem cidadãs integradas no ambiente em que viviam e a serem atuantes e respeitadas na opção de vida que fizeram geograficamente marcadas pela experiência de “tomarem as rédeas de suas vidas”. Umhas deixaram legado escrito e família que cuidassem da memória, outras não casaram e por se dedicarem à profissão de professoras e diretoras de escolas, abdicaram do direito de ser mãe, de ter marido, não escreveram um livro ou publicaram no jornal da época e só constam em registros oficiais do Museu da escola Catarinense e nos documentos oficiais de gabinete ou como responsáveis pela assinatura de um Certificado Escolar. A vida de cada uma dá um livro recheado de alegrias, tristezas, vitórias, derrotas, superações, cada qual na condição de mulher, contribuiu para a educação no estado de Santa Catarina, na Ilha de Santa Catarina.

No sul do país, Antonieta de Barros rompeu com muitas fronteiras que circunscreviam os preconceitos de sexo e raça. Filha de uma lavadeira e de um jardineiro, Maria da Ilha, como ficara conhecida, nasceu em 1901, em Florianópolis. Com apenas 21 anos fundou o jornal “A Semana”, ficando responsável por ele até 1927. Integrante da Frente Negra Brasileira e militante da FBPF, a jornalista, professora de português e psicologia filiou-se ao Partido Liberal Catarinense e conquistou uma vaga de deputada estadual em 1934. Desse modo, tornou-se a primeira negra a assumir um mandato popular no Brasil. Dona de uma carreira política voltada

para o engrandecimento da pátria através da educação e pela valorização da comunidade negra, Antonieta retornou à Assembléia Legislativa de Santa Catarina em 1947, mantendo o pioneirismo de ser, até aquela data, a única afro-descendente a ocupar um cargo eletivo no país²⁶³.

No período compreendido 1901-1952, uma mulher viveu em um mundo bucólico e pacato, ganhou espaço na vida intelectual e política da época, teve sua própria escola e seu método para alfabetizar. Dialogava semanalmente com seus conterrâneos por meio de crônicas publicadas em jornal, dali descrevia a terra onde nascera e vivia, o jeito de ser das pessoas simples, informava sobre as lutas de sua classe e se seu povo. Denunciava, veladamente, os absurdos acometidos pela “Humanidade”, pelos homens e pela falta de conhecimento e instrução. Para ela, a escola de qualidade para os pequenos resolveria a falta de solidariedade, acabaria com a egolatria e poria fim às guerras que aniquilam com o ser humano. Sua voz tornou-se forte e sua realização aparente, a ponto de ser hoje nome de escola, de medalha, de túnel, de museu e de condecorações na assembléia legislativa. Antonieta fez e faz história. E sua memória tem sido reverenciada pelo movimento negro, pela escola catarinense, pela vida pública e em trabalhos de dissertação e tese nas Universidades do Estado.

Quando pensou em reunir seus escritos, Antonieta de Barros, sob o pseudônimo “Maria da Ilha”, não pensou em fazer literatura. Seus textos não estão datados e a organização não recomenda a leitura linear, muitas vezes torna-se mais prazeroso ler aleatoriamente uma ou outra página do livro, sem a preocupação da seqüência dos textos ali

²⁶³ SCHUMAHER, Schuma & BRAZIL, Érico Vital. *Mulheres Negras do Brasil*. SENAC Editora, 1998. P. 317

organizados, mas refletir sobre as idéias veiculadas. Para ler os textos de Antonieta de Barros faz-se necessário, também, estar desprovido de pré-conceitos pra começar; também, faz-se necessário lê-los por temática abordada, ao mesmo tempo em que parece não apresentar uma coesão, podem, em certas folhas, gerar uma cronologia ligada ao calendário escolar. Por ser professora e escrever semanalmente, a escritora preza as datas comemorativas e faz alusão a elas em seus textos. Dialoga o tempo todo com o leitor e utiliza-se de elementos ou palavras cuja significação está presa ao contexto de época. São efetivamente, alguns textos de *Farrapos de Idéias* alusões à historiografia de época e outros recortes do cotidiano, com comentários da vida simples do lugar em que habita, tratando também das pessoas simples desse lugar e do comportamento, remontando, às vezes, o cenário local para tratar do universal; assim, traz elementos universais para tratar dos acontecimentos camuflados da vida pública local. A leitura articulada de *Farrapos de Idéias* com os textos de jornais de época é importante e parece ser mesmo fundamental para se entender a rede de sentidos gerados pela criação literária da autora, pois são muitos os eufemismos e as metáforas de época presentes em seus textos, ligadas ao contexto onde se encontra. Ou seja, muito do que ela escreve está diretamente relacionado a sua experiência de vida. Sua identidade fica estabelecida pelo conjunto de sua obra e vida, compreendida pela escrita e pelo que escreve no contexto do discurso, mas, também, como se pode perceber na fala de seus ex-alunos, da imagem que passava, a partir de sua conduta profissional e pessoal.

Como exemplo da Antonieta que filosofava no espaço semanal do jornal *República*, extraí o texto abaixo, publicado em seu livro. Neste texto a escritora provoca a mulher para que lute para ser um indivíduo e não viver à margem social. Ela questiona a mulher sobre a sua própria condição humana e reivindica o direito ao trabalho, a uma profissão e ao estudo superior, isso em meados da década de 30. *Que seremos nós, as Mulheres?* Na sua concepção, não devem ser *parasitas*, nem mesmo apenas *domésticas* ou *feministas de cigarro à boca*. A escritora exige o reconhecimento de direito ao pensamento, à reflexão, à tomada de decisão, ao desenvolvimento do cérebro feminino e à inteligência, deixando de estar à margem ou à sombra dos homens. A mulher não mais vista como objeto de prazer ou de beleza ou apenas com a função da maternidade, mas uma mulher que possa ampliar sua atuação na sociedade como um ser inteiro e não apenas como a *metade do gênero humano*.

[...] Acode-nos degradante situação de parasita, pois que a decantada maternidade é missão e não profissão.

Não somos feministas, se se entende por feminismo a aspiração política, cigarro à boca, etc. Daí não nos poderem julgar despeitadas.

A Mulher teve, até a pouco, as regalias de bibelô caro, de qualquer cousa quebradiça e de alto preço, para qual. Não, então, à mente a pergunta que deve existir em todo cérebro feminino, neste momento: Que seremos nós, as Mulheres? Irracionais ou domesticadas? Porque esta questão de inteligência e aptidões femininas, era em foco, se resume, digamos de passagem, em classificar a Mulher entre as criaturas superiores ou entre irracionais. Se ela é um ser superior, tem o direito líquido de agir, pensar, trabalhar, ser indivíduo. Se não é superior, que se contente em viver à sombra, na cômoda, mas

discutimos direitos. Apontamos necessidades, a coisa única que tem poderes discricionários sobre todos os seres.

Se a evolução mental do nosso povo não aceita ainda a Mulher, como indivíduo, não lhe todos tinham olhares, sorrisos, gestos e atitudes protetoriais.

É isto que está agonizando e querem reviver. foi a esse ridículo que roubaram a Mulher.

Pode negar a necessidade, que tem todo ser vivente, de comer.

Os irracionais trabalham, lutam para a conquista do seu alimento. E a Mulher?

Inferior aos próprios irracionais, doméstica e domesticada, se contentará, eternamente, em constituir a mais sacrificada metade do gênero humano?²⁶⁴

A partir das palavras de Antonieta, pode-se refletir sobre as mudanças que o papel feminino, o desafio das mulheres e a mudança de comportamento vêm ocorrendo na sociedade há cem anos. Por exemplo, a mulher já é mais da metade da força de trabalho mundial. As mulheres e o papel do feminino na sociedade vêm sofrendo mutações, obtendo conquistas no âmbito político, econômico e social. O Dia Internacional da Mulher, comemorado a cada ano no dia oito de março foi inicialmente uma proposta da virada do século 20.

Entretanto, os conflitos gerados pela independência feminina não são poucos e nem parecem terminar, a luta por condições de vida dignas ainda parece ser a tônica do movimento político feminista.

²⁶⁴ ILHA, Maria Da. *Farrapos de Ideias*. 2ª Ed. Florianópolis: ETEGRAF, 1971. P.153. Também publicado em *A República*, 15/04/1934.)

Entretanto, os espaços em todas as carreiras foram sendo ocupados por mulheres, desde as militares até as políticas. Muitas mulheres ao redor do mundo já foram chefes de estado ou ministras, existem secretarias especiais para discutir políticas para as Mulheres, estabelecendo políticas públicas e a Constituição do Brasil estabelece e assegura igualdade de direitos a todos perante a lei, “sem distinção de qualquer natureza”.

Antonieta foi uma mulher que ocupou um espaço antes eminentemente masculino, mesmo sendo a “bendita entre eles” exerceu sua função de deputada em prol dos assuntos relacionados à educação, atuou com singularidade na função de professora, exerceu a crítica social através da escrita de crônicas, bem como discursou para muitos, com uma oratória firme e enfática. No item 4 desta tese, discorro sobre dados biográficos da deputada e mostro fotos e fatos., de uma feminista engajada socialmente com os assuntos relacionados á educação.

3 Dos Vestígios à Biografia Ilustrada

3.1 Vestígios

Neste item da tese, vou retomar alguns eventos, fatos e dados, tratando agora exclusivamente de Antonieta de Barros, reunindo o material que motivou toda a tese e ajudou a construir o item 4, a biografia ilustrada propriamente dita. Essa construção da biografia não foi tarefa das mais simples, porque procurou efetivamente ser fiel à

trajetória de vida da professora Antonieta, considerando o espaço de tempo delimitado entre o nascimento e a morte e os poucos recursos preservados. Foi necessário como já referido no item 2 uma criteriosa seleção de acontecimentos que marcaram a vida da professora, dando relevância ao contexto sócio-político-econômico e literário do período 1901-1952. A essa seleção realizada chamei de significativa porque traz informações estabelecidas na rede de conexões culturais da época. O resgate da memória que o tempo poderia ter apagado para sempre, caso não se documentasse devidamente ou mesmo se preservasse, foi realizado como leitura e releitura dos mesmos dados e fatos como se o biógrafo ou o pesquisador voltasse no tempo, em um mesmo espaço, a fim de reconhecer uma parte da cidade que ainda sobrevive ao redor de uma praça e nos casarios preservados, que um dia já foram descritos em crônica. Ao mesmo tempo, ao olhar esse presente, vislumbrei um futuro, ao pensar nas gerações que procurarão por sua história e poderão não mais encontrá-la.

Na verdade, não é possível voltar, não existe um “túnel do tempo”, mas sim caminhar para frente, seguindo passo a passo por “Alamedas Interiores” ou ladeando as praças, já que o mar, desde as transformações ocorridas durante o século XX, só se avista quando elevados em algum imóvel ou morro da cidade, ou da janela de um gabinete, ou quem sabe mesmo sobre o túnel, olhando para fora da janela, para além do horizonte. Essas divagações entre o ir e vir do texto da crônica e o espaço físico concreto ao redor de mim e embaixo dos pés viraram fotografias. Algumas uso no item 4, outras estão no acervo de fotos do Apêndice. O que mais usei foram as poucas fotos de

Antonieta, as que consegui encontrar e reproduzir. As vezes, as imagens valem muito mais do que as palavras postas no rodapé da foto ou os farrapos selecionados para a conexão do tema, do tempo e da imagem.

Vale lembrar que são da interpretação das metáforas e do ouvido atento às polifonias que se podem preencher lacunas deixadas pelo tempo, ou mesmo por quem não documentou a história, ou pedaços de uma história que por eventos foi consumida em chamas. Essas chamas aludem ao episódio de incêndio em 16/09/1956 na Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina. O prédio sede do parlamento catarinense foi inaugurado pelo Governador Gustavo Richard em 17/09/1910, a primeira sede oficial situada no largo da Praça Pereira Oliveira no centro da cidade de Florianópolis/SC, uma construção de traços neoclássicos. “O prédio foi inteiramente destruído por um incêndio que consumiu parte do acervo documental com registros de 125 anos de história.²⁶⁵”

Estes registros bem podiam conter vestígios da carreira de Deputada de Antonieta de Barros e de outros correligionários da época, entretanto, foram perdidos para sempre naquelas labaredas de 1956. Por isso não adianta apenas repetir dados, sem que estes possam ser confirmados de fato. Trato de dizer isto aqui porque a repetição de informações nos sites de busca, como o do Google, cria a imagem de uma afro-descendente que foi vitimada pelo preconceito, sendo “deixada de lado” na organização de dados biográficos de pessoas ilustres da literatura de uma determinada época. Essa negligência realmente

²⁶⁵ Fonte de informação: Centro de Memória ALESC e também Site: ww1.alesc.sc.gov.br.

aconteceu em um ou outro historiador catarinense²⁶⁶, entretanto, há menções em livros sobre Antonieta que enaltecem a sua personalidade²⁶⁷, como os já mostrados ao longo desta tese, por exemplo: “Professora Antonieta de Barros, ainda jovem, intelectual e política de grande influência na sociedade catarinense.”²⁶⁸

Voltando a falar dos textos e arquivos e seu conteúdo nos sites da Internet, reitero que muitas informações trazidas ali são figurativamente hiperbólicas e não contribuem para a veracidade dos fatos e para o reconhecimento natural da personalidade intelectual que foi Antonieta. Como, por exemplo, citar o fato de que ela poderia ter fundado o periódico *A Semana*, o que de fato não é verídico; ou mesmo a citação no *site bolsademulher* quando diz que “Antonieta foi a primeira prefeita da cidade”; estas duas informações não condizem com a verdade histórica, porque Antonieta de Barros não fundou periódicos, apenas contribuiu significativamente para os jornais, publicando crônicas. Fatos importantes e que merecem o devido reconhecimento são: o primeiro de ter sido a primeira mulher negra a ser deputada, exercendo mandatos por duas vezes em um espaço eminentemente masculino; o segundo é o de ser uma professora incansável que dialogava com o leitor de jornal através de suas crônicas sobre os assuntos relevantes da época.

²⁶⁶ Aqui me refiro ao livro que não cita Antonieta de Barros em momento algum ao listar autores da Literatura Catarinense: ALBERICE, Pedro. *Literatura Catarinense. 2º grau e vestibulares*, ensaio didático histórico. Tubarão, estado de Santa Catarina, edição do autor, 1982. Outros citam, mas apresentam poucas informações da vida da professora, os quais estão arrolados na bibliografia do final deste texto no item “Menções”.

²⁶⁷ Referência aos historiadores e especialistas em Literatura Catarinense que constam nas referências bibliográficas deste texto.

²⁶⁸ Cf, CORREA, 1997. P. 165.

Além disso, quando do resgate de documentos históricos de relevância para a construção de um panorama da presença da mulher escritora e deputada e de sua importância em um cenário tipicamente masculino, percebe-se o quanto Antonieta de Barros, fez história, transformando-se em um ícone do século XX na Ilha. Talvez isso tenha ocorrido por ela ter tido uma origem humilde, ter ascendência negra, ser professora em muitos lugares e alfabetizar muita gente; e quando de sua atuação na carreira política, ter sido uma parlamentar assídua. Como não bastasse tudo isso, ainda exercia semanalmente ou quando possível a função de articulista e cronista, escrevendo nos periódicos da cidade da época, tais como: *O Estado, República, A Semana, A Pátria, O Idealista, Folha Acadêmica*.

Muzart²⁶⁹, a partir da pesquisa em periódicos da cidade de Desterro (Século XIX), comenta: “Pelo que se pode depreender da leitura de velhos jornais de Desterro, à mulher desterrense não lhe foram completamente fechadas às portas do estudo, da cultura. Antes [...] a mulher foi incentivada ao progresso nas letras e até mesmo em outras profissões...”. Observando o que se sabe até aqui, com Antonieta não foi diferente, desde cedo, conforme relatos e documentários foi-lhe possibilitado estudar (SILVA, 1991)²⁷⁰.

No início da pesquisa encontrei no *site* da Prefeitura Municipal de Florianópolis/SC, no *link* do Arquivo Histórico do Município de

²⁶⁹ MUZART, Zahidé Lupinacci. *Mulheres Desterrenses*. In.: Revista Lítéro-cultural TEIAS, nº 1 – DLLV/UFSC – Setembro/1989

²⁷⁰ SILVA, Josefina da. *Antonieta de Barros – Maria da Ilha: Discurso e Catequese*. Dissertação de Mestrado DLLV/ PGL – Literatura Brasileira/Teoria Literária. UFSC. Florianópolis/SC/1991.

Florianópolis²⁷¹, a seguinte menção sobre a professora Antonieta de Barros no subtítulo “Educadores”:

Educadores

Antonieta de Barros

(1901-1952). Instalou o curso Primário que tem seu nome. Foi professora do Instituto de Educação e Colégio Dias Velho. Publicou livro de crônicas intitulado Farrapos de Idéias.

No processamento da pesquisa *on line* sobre “Antonieta de Barros” apareceu uma lista de arquivos em *sites*, contabilizando mais de duzentas mil menções. Essas menções estão escritas ou descritas em forma de biografias, artigos, trabalhos acadêmicos, homenagens, e, ainda, como nome de referência a obras públicas (túnel Antonieta de Barros, Auditório Antonieta de Barros), ruas Antonieta de Barros (uma no bairro Estreito e outra nos Ingleses na cidade de Florianópolis/SC), instituições públicas (Escola Básica Estadual Antonieta de Barros até 2007, Memorial Antonieta de Barros) e Associações (Associação Mulheres Negras Antonieta de Barros). Uma fortuna crítica que manipulada e analisada, sob o trato metodológico, contribuiu para produzir uma biografia a mais completa possível.

²⁷¹ Informação encontrada no site [_pmf.sc.gov.br/arquivo-historico/ilustres.php#poeta](http://pmf.sc.gov.br/arquivo-historico/ilustres.php#poeta)

Nessa construção, passo a passo, vai sendo descortinada uma época, em que a Sociedade, a Cultura e a Literatura na Ilha de Santa Catarina viviam um período de transformações e ao mesmo tempo de conflitos e marasmos, segundo especialistas em História, Cultura e Literatura Catarinenses²⁷². Muitos dos intelectuais e escritores catarinenses atuantes já haviam se retirado da ilha nos fins do século XIX e se instalado, boa parte, na capital do país (Rio de Janeiro). O período da primeira República traz para a Ilha de Santa Catarina a escola dos Jesuítas (Colégio Catarinense), que educava os moços e a Congregação das Irmãzinhas do Sagrado Coração de Jesus (Colégio Coração de Jesus), que educava as moças de famílias consideradas de boa renda e situação social elevada, em fins do século XIX. A população de baixa renda, em sua maioria e os negros libertos das fazendas e chácaras não tinha o acesso à educação facilmente, o que provocou necessidade de mudanças que vão ocorrer nas primeiras décadas e não param. O século XX durante as primeiras décadas vai ser palco de conflitos, transformações, dificuldades e de avanços em todos os níveis da sociedade.

Entretanto, no campo das letras, embora importante como instituição, as transformações não ocorrem tão somente em função da criação da *Sociedade Catharinense de Letras*²⁷³ por um grupo de

²⁷²Aqui faço referência a: a) CORRÊA, Carlos Humberto P. *História da Cultura Catarinense: O Estado e as Idéias. Vol.I.* Florianópolis: Ed da UFSC, 1997 b) SACHET, Celestino. *As Transformações estético-literárias dos anos 20 em Santa Catarina.* Florianópolis: UDESC. Edeme, 1974. c) PIAZZA, Walter & BOITEUX, Lucas A . *Notas para a História da Academia Catarinense de Letras.* Porto Alegre: Edições Flama, 1971.

²⁷³ Sociedade Catharinense de Letras foi uma idéia de Othon Gama D'Éça em 1912, colocada em prática em 1920 por um grupo de intelectuais e escritores que viviam do jornalismo e dos cargos públicos, ligados ao poder e não adeptos às transformações estético-literárias que vinham do Sudeste brasileiro e da Europa; os quais tinham a pretensão de incrementar a

jovens intelectuais da época, os quais posteriormente vão originar o grupo da *Academia Catharinense de Letras*²⁷⁴ em meados da década de 20. Também, embora de uma relevância social e cultural incomuns, não é somente com o Centro Catharinense de Letras²⁷⁵ criado por um grupo de intelectuais que divergiam do grupo da estética dominante, nos anos de 1925 até 1929, que as transformações culturais vão ocorrer. Mas, sim pela criação da Escola Normal Catarinense, em função da reforma educacional promovida pelo governo de Vidal Ramos de Oliveira Júnior, também, a partir da construção e instituição dos *Grupos Escolares*²⁷⁶, além da instituição da *Educação Pública, obrigatória e Gratuita, para crianças de 7 a 14 anos*, a partir de 1910.

O índice de iletrados e de analfabetos na ilha, no estado e no Brasil era exorbitante. Afinal, do que adiantava criar e construir uma cultura ou literatura ou mesmo uma história literária, se não havia

cultura e a literatura feita em Santa Catarina após período de engrandecimento no século XIX. A sociedade foi criada em maio de 1921, deu origem à Academia Catarinense de Letras, conforme menção em SACHET, Celestino. *A Literatura de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1979. .

²⁷⁴ Academia Catharinense de Letras foi instituída em janeiro de 1924. A Lei 1664 de 15/10/1929 decretada pelo então governador do Estado de Santa Catarina declara a Academia Catarinense de Letras como de utilidade pública. No município de Florianópolis., somente com a Lei 870 de 16/05/1968 ela é declarada e reconhecida como Academia.

²⁷⁵ Centro Catharinense de Letras foi criado pela necessidade de uma nova instituição que reunisse os literatos da terra, diante do clima de marasmo cultural por que passava o estado em 1925. O Centro integrava alguns membros da Academia que estavam descontentes com o rumo que ela havia tomado sob a regência de Altino Flores. Além desses, formavam o Centro Catharinense de Letras um bom número de outros escritores que haviam sido excluídos por preconceito étnico ou estético, assim, o centro era composto por intelectuais negros como Ildefonso Juvenal e Antonieta de Barros. O Centro tratou de se coligar com a Liga do Magistério Catharinense, o que proporcionou a aproximação de estudiosas e literatas entre as quais se destacava Maura de Senna Pereira. CORREA, Carlos Humberto P. *Lições de Política e Cultura. 1920/30*. Florianópolis: Edições A C. L, 1996.

²⁷⁶ A criação dos Grupos Escolares ocorreu no início do Século XX, quando da Reforma de Ensino em Santa Catarina, promovida pelo governo (1910-1914), de Vidal de Oliveira Ramos (* 24/10/1866 a + 02/01/1954).

quem as lesse e principalmente quem as escrevesse? O direito à instrução pública permitiu a todos e a todas oriundos das diversas classes e etnias, freqüentarem uma escola e serem alfabetizados. Com isso um maior número da população da Ilha de Santa Catarina passou a ter acesso à leitura e à escrita. Com o maior número de meninos e de meninas, brancos, pardos e negros lendo, com o tempo, leitores e escritores apareceriam, movimentando o espaço cultural da cidade. Esses eventos facilitaram gradativamente a disseminação dos *Jornais*²⁷⁷, dos *Centros Acadêmicos*²⁷⁸ e das *Escolas Normais*²⁷⁹, além de promover a necessidade, em longo prazo, da criação do ensino superior gratuito; assegurando às futuras gerações do século XX e XXI sair do ostracismo, do analfabetismo e do esquecimento, mesmo em meio às oscilações políticas e sociais.

Através dos passos de Antonieta, uma história possível se conta, a história do tempo de vida de uma educadora, de uma mulher política e de uma articulista crítica, que não media esforços, trabalho e dedicação à escola, à alfabetização e à difusão da leitura e da escrita; fomentando valores humanistas²⁸⁰ e culturais provenientes das leituras

²⁷⁷ Sobre os jornais de época pode-se dizer que foram o veículo de disseminação do pensamento intelectual, literário e político da Sociedade Florianopolitana e Catarinense desde 1850, quando do lançamento do primeiro jornal na Ilha de Santa Catarina, meados do século XIX até os dias de hoje.

²⁷⁸ Centros Acadêmicos criados por grupos de profissionais para promover a discussão social e política na sociedade do início do século XX. Agremiações de estudantes.

²⁷⁹ Escolas Normais foram criadas para que as moças pudessem estudar e formarem-se professoras, uma profissão bem aceita para as mulheres no início do século XX. A primeira Escola Normal pública situava-se na rua atrás do Palácio do Governo, ao lado do Liceu Provincial e da Biblioteca Pública da cidade, rua do Livramento, hoje rua Trajano.

²⁸⁰ Na leitura e análise das crônicas de Antonieta de Barros no livro *Farrapos de Idéias*, percebe-se a influência dos postulados do Humanismo e do Positivismo, decorrentes da formação obtida na escola normal, sob a batuta do Professor Orestes Guimarães. In.: DALLABRIDA, Norberto (Org.) *Mosaico de Escolas: Modos de educação em Santa Catarina na Primeira República*. Florianópolis: Cidade Futura, 2003.

de autores brasileiros e estrangeiros, que ela mesma realizava, através de suas palavras e da disseminação de sua filosofia nas crônicas que publicava nos jornais de época²⁸¹. Sabe-se que a biografada possuía uma biblioteca, que não foi localizada, porém, conforme informações de historiadores, tais livros foram doados para a Biblioteca do Instituto de Educação e para a Biblioteca Pública²⁸² do Estado de Santa Catarina.

Reitero que escrever sobre Antonieta, não é apenas falar da mulher e da professora, mas também refletir e escrever sobre a pessoa pública que exerceu dois mandatos eletivos na Assembléia Legislativa²⁸³. Nos discursos Antonieta legislava em favor de sua classe profissional: o magistério, em prol de uma qualificação profissional das moças e mulheres da cidade, da organização da instrução pública e pela instituição de concursos públicos para os cargos de diretor de grupo escolar; combatendo, na medida do possível, o favorecimento na roda viva dos cargos públicos e do apadrinhamento político. Sua atividade política estava diretamente voltada para o tema educação e nos últimos dias de sua vida, em suas últimas crônicas de *O Estado*, combateu arduamente as demissões e perseguições políticas exercidas pelo governador do Estado Irineu Bornhausen.

²⁸¹ Antonieta publicou crônicas em jornais do tipo: República, O Estado, O Idealista, Correio do Povo, A Semana, A Pátria.

²⁸² As instalações da Biblioteca Pública do Estado foram se modificando ao longo do século XX, antes era na Rua do Livramento (Rua Trajano, próxima ao Liceu), depois passou a ser no mesmo prédio da Assembléia Legislativa, somente em meados do século XX obteve instalação própria

²⁸³ Sobre os mandatos de Antonieta e a Assembléia Constituinte vou tratar na segunda parte da tese, destacando o fato de que Antonieta foi a primeira mulher negra a ser deputada no sul do Brasil.

Antonieta então pode ser definida como uma cronista cujo texto e discurso tende ao pensamento pré-modernista²⁸⁴, mas não uma autora bissexta²⁸⁵, uma escritora que publicou e escreveu crônicas em jornais regularmente, mas que só publicou uma única vez a reunião destes textos. Uma “mulher catarinense”²⁸⁶, natural da Ilha de Santa Catarina,

²⁸⁴ Pensamento Pré-modernista é uma expressão utilizada para delimitar textos literários (romance, poesia, contos, crônicas) produzidos por autores que dentro da tradicional historiografia literária brasileira ficaram entre as estéticas do final do século XIX, leia-se Parnasianismo, Simbolismo e Naturalismo, e a década de 20, com a inauguração da Estética do Modernismo no Brasil, como advento da Semana de Arte Moderna. No período compreendido como Pré-modernismo estão os escritores regionalistas como Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Lima Barreto, Graça Aranha e João do Rio, estes últimos também cronistas. Penso que as crônicas de Antonieta, então, poderiam ser definidas e situadas sob a expressão Pré-modernista, considerando a Historiografia da Literatura em Santa Catarina; período compreendido entre o Romantismo Tardio de Delminda da Silveira (Final do Século XIX e início do Século XX) e a Geração parnasiana da Academia (1920-1940); antes do período considerado pela Historiografia Literária Catarinense de período Modernista, inaugurada com o advento do Grupo Sul (1947 em diante). In.: BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006. Pág. 306. SACHET, Celestino. *A Literatura de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1979. Antonieta de Barros seria, então, uma representante do Pré-modernismo na Literatura de Santa Catarina, porque suas crônicas apresentam traços modernos, mas com feições que tenderiam à estética do Realismo. Essas crônicas estariam situadas para designar o momento de transição do Parnasianismo para o Modernismo

²⁸⁵ Autor Bissexto é um termo utilizado por Celestino Sachet para designar no capítulo 17 de seu livro “*A Literatura de Santa Catarina*” os autores que publicaram um único livro. A expressão tem sua origem em Manuel Bandeira com a publicação da Antologia intitulada “Antologia brasileira de poetas bissextos” de 1947, na qual ele definiu poeta bissexto aquele que havia publicado um único livro de editoração própria e que produzia poemas de tempos em tempos, analogia ao dia 29 de fevereiro que aparece no calendário solar de quatro em quatro anos. Em resumo, um autor esporádico, mas não menos importante.

²⁸⁶ A expressão “Mulher Catarinense” está inserida na definição de “Homem Catarinense” - o termo homem entendido aqui como “Ser Humano Catarinense”. A expressão “Homem Catarinense” foi utilizada por Celestino Sachet. Para Sachet \Literatura Catarinense “só pode ser aquela criação do espírito, aquele produto do homem catarinense. Dentro de um espaço geograficamente catarinense. Referência em SACHET, Celestino. *Fundamentos da Literatura Catarinense*, capítulo 4, página 77 do livro SILVA, Jaldyr et alli. *Fundamentos da Cultura Catarinense*. Florianópolis: LAUDES, 1970. Dentro deste conceito situou as mulheres professoras: Delminda da Silveira e Maura de Senna Pereira produzindo poesia e Antonieta de Barros produzindo crônica na Ilha de Santa Catarina, século XX, mulheres nascidas, criadas e que estudaram em território exclusivamente catarinenses e que neste espaço produziram literatura.

na conjuntura historiográfica de uma vida pública dedicada à educação social²⁸⁷.

Entretanto, mesmo que se tente abordar todas estas facetas e histórias de Antonieta, há lacunas difíceis de serem preenchidas com dados, fatos ou mesmo fotos, porque há uma história que parece estar velada, entre as *Evocações* simbolistas de Cruz, a poesia do Parnaso Catarinense e as rajadas do *Vento Sul*.

Os espaços entre o isto e o aquilo podem ser interpretados mediante a leitura de mundo de eventos e de fragmentos tomando-se por empréstimo as informações dos passos de outras vidas no contexto de época. Entretanto, há acontecimentos que nem sempre estão bem registrados historicamente, seja por força da ação de agentes naturais como o tempo, seja por força da falta de arquivo de registros mais pessoais da própria biografada. Além do mais, fotos do início do século XX não são abundantes, e de Antonieta, muito menos. Isso tudo, então, leva-me a fazer um recorte para fins de pesquisa, ou seja, pensar e refletir sobre os fundamentos teóricos que levariam os textos de Antonieta a terem características literárias e reivindicar um lugar para a biografada na Historiografia Literária de Santa Catarina, já que a obra *Farrapos de Idéias*, publicado em três edições, é um material concreto, contendo as crônicas escolhidas para configurarem um livro; sem deixar de lado as crônicas publicadas em periódicos e transcritas por Silva

²⁸⁷ Foi construído ao longo da pesquisa e dos estudos pós-graduados na confecção da tese, um quadro biográfico e historiográfico para Antonieta de Barros compreendendo o período de 1901 a 1952; e para Além da Sepultura, informações sobre as homenagens que a biografada recebeu.

(1991)²⁸⁸ e os discursos proferidos durante os mandatos eletivos, que por si só configurariam outro livro. Foi o que fiz efetivamente até aqui.

Portanto, as crônicas de *Farrapos de Idéias* não se constituem tão somente em textos informativos, já que a mensagem da autora e “A razão de ser deste livro” está latente e sobrevive até hoje, na referência a seu feito e discurso. Há crônicas que possuem visão de mundo com características realistas²⁸⁹ e antecedentes modernistas²⁹⁰. Discordo em parte da modéstia da autora - essa “modéstia” é uma característica que perdura nas primeiras décadas do século XX, remanescente de características de textos de mulheres que escreviam já no século XIX - quando se dirige ao leitor no prefácio do livro: “[...] meus farrapos, eu os fiz, para que tivessem a vida breve, diminuta, exígua e quase despercebida de cada número de jornal. No entanto, este livro ressuscita as crônicas ligeiras do rodapé de *República*, aos domingos”²⁹¹.

A foto feita da página 30 do Jornal *República* de 24/10/1931, em que há a publicação de estréia do texto de Antonieta de Barros, assinado por ela mesma, consiste em um comentário sobre o aniversário do governo do Estado Novo de Getúlio Vargas. Nele a autora expressa toda a sua admiração pela conquista sem força e sem violência do novo regime, mostrando-se ufanista e patriota, utilizando de uma linguagem bem estrutura sintaticamente. Após esta publicação, os demais textos

²⁸⁸ SILVA, Josefina da. Antonieta de Barros – *Maria da Ilha: Discurso e Catequese*. Dissertação de Mestrado DLLV/ PGL – Literatura Brasileira/Teoria Literária. UFSC. Florianópolis/SC/1991.

²⁸⁹ BOSI, Alfredo *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix. 43ª Edição, 2006. P. 255.

²⁹⁰ Idem. Op.Cit. 43.P.301.

²⁹¹ “República”, jornal fundado em 14 de julho de 1909, sob a direção de José Arthur Boiteux. In.: MEIRINHO, Jali. *Datas Históricas de Santa Catarina 1500-2000*. 2. Florianópolis: Insular, Editora da UFSC, 2000.

que aparecem já são assinados por Maria da Ilha. Este texto não está no livro de crônicas e nem em outro estudo realizado sobre Antonieta.

O período de estréia de Antonieta de Barros no jornal *República* merece destaque aqui. Vou mostrar eventos que ocorreram no mês de outubro do ano de 1931, que fazem o leitor contemporâneo pensar, refletir, cismar e mesmo fazer conjecturas. A seguir tem a foto da primeira página do jornal com o texto de estréia de Antonieta de Barros, publicado no dia 24/10/1931, em seguida a transcrição.

Faz hoje um ano a República Nova.

Com o alvorecer de 24 de outubro de 1930, devia surgir, no horizonte da pátria brasileira, o sol esplendente da vitória dos ideais populares.

Um povo não é grande pela sua expressão numérica, nem pela extensão territorial que ocupa, mas pelo seu civismo, pelas suas conquistas espirituais, pelos ideais que lhe norteiam os destinos, pelo poder da sua vontade orientada, sempre, para horizontes mais largos.

O Brasileiro tem dado ao mundo provas incontestáveis do seu valor.

Não é esta a nossa primeira arrancada cívica.

Vinte-e-quatro de outubro é a repetição de quinze de novembro, como este o foi o sete de abril.

Foi há um ano que um frêmito de civismo, percorrendo, de norte a sul, o país, o despertou, para a grande reivindicação.

Deve-se ao verbo e à pena incandescente dos idealistas duma pátria melhor, a mais completa e soberba das realizações – a derrocada do regime, que já não satisfazia a mentalidade do Brasil novo e altaneiro.

Creio no poder da força bruta, da força armada, mas creio também, no poder indiscutível e maravilhoso da força mental.

A vitória de vinte-e-quatro nada mais é que a concretização dos ritmos e anseios anímicos que, dispersos até então, se reuniram e potenciaram, enquanto a alma brasileira esteve aflita, genuflexa, palpitante, diante dos destinos da nacionalidade.

O triunfo de vinte-e-quatro, em que a Razão venceu à Força e à Prepotência, é a consubstanciação, a transfiguração, em realidade palpável, do desejo e milhões e milhões de almas.

E, porque, assim é:

Brasileiros! No primeiro marco da nova fase vital do Brasil, confraternizemo-nos, e, agora e sempre, sem ódios nem ressentimentos, elevemos, coesos, aos céos, o coração pelo ideal comum tornar a mais linda das nações, na mais feliz das pátrias.

Antonieta de Barros.

Dias antes, uma semana antes precisamente, em 18/10/1931, no *Caderno Domingo Literário* sob a direção de Maura de Sena Pereira, sai publicado, à página 3, o conto *A Negrinha* de Monteiro Lobato.



Foto da pagina do *Domingo Literário*, seção do *Jornal República*, sob a Direção de Maura de Sena Pereira. Data 18/10/1931.

Já na edição de 24/10/1931, sai na seção *Vida Social* uma nota sobre o aniversário de Leonor de Barros:

República, Sábado 24/10/1931
Vida Social.

Fazem anos hoje: A exma sra D. Maria das Dors Claudio, esposa do Sr Cícero Claudio [...]; o menino \Orlando Melo, filho do nosso colega de

imprensa Sr. Oswaldo Melo [...]. Aniversariaria-se hoje a exma sra d. Leonor de Barros, professora normalista.

Em 01 de novembro de 1931, à página 10 do Jornal *República*, Antonieta publica o texto *Finados*, na seção *Farrapos de Ideias*, já assinando como Maria da Ilha.

Ao observar os eventos ocorridos de 18/10/1931 a 01/11/1931, pude perceber na leitura das edições de jornais destes dias uma movimentação bastante curiosa em relação a duas colaboradoras: Maura de Sena Pereira e Antonieta de Barros. Parecia haver uma disputa não declarada, sobre a ocupação dos espaços do jornal. Vejamos, Antonieta estréia no jornal assinando o texto com o seu próprio nome e posiciona-se a favor do regime político de Getúlio Vargas, expõe-se publicamente.

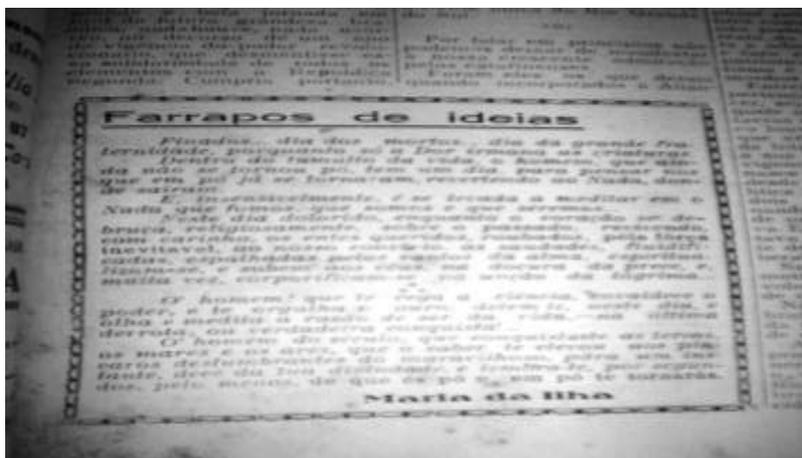


Foto do Jornal República de 01/11/1931, página 10.

Farrapos de Ideias

Finados... dia dos mortos... dia da grande fraternidade, porquanto só a dor irmana as criaturas.

Dentro do túmulo da vida, o homem, que ainda não se tornou pó, tem um dia, para pensar nos que em pó já se tornaram, revertendo ao nada, donde saíram.

E, insensivelmente, é se levada a meditar em o nada, que fomos, que somos e que seremos... Neste dia dolorido, enquanto o coração se debruça, religiosamente, sobre o passado, revivendo, com carinho, os entes queridos, roubados pela força inevitável, ao nosso convívio, as saudades, fluidificadas, espalhadas pelos cantos da alma, espiritualizaram-se, e sobem aos céus, na doçura da prece, e, muita vez, corporificam-se na unção da lágrima.

Ó homem! Eu te cega a ciência, envaidece o poder, e te orgulha o ouro, detem-te, neste dia, e olha e medita a razão de ser da vida, na última derrota, ou verdadeira vitória conquista!...

Ó homem do século, que conquistaste as terras, os mares e os ares, que o saber te elevou aos píncaros deslumbrantes do maravilhoso, pára um instante, dece da tua divindade, e lembra-te, por segundos, pelo menos, de que és pó e em pó te tornarás. (Maria da Ilha).

Na semana seguinte, o texto não trata de política e reporta-se ao feriado de *Finados*, um texto recheado de metáforas sobre a vida, sobre a morte e sobre a morte em vida. Não seria nada de mais, se o texto viesse assinado pela própria Antonieta, porém, ela usa o pseudônimo, por quê? Não pude entender isso, mas nas semanas seguintes o que vai aparecer é apenas o pseudônimo, ficando Antonieta mascarada, camuflada, submersa em Maria da Ilha. Se juntar este fato a outros dois, quais sejam: a publicação provocativa, talvez elogiosa ou não, do conto “A Negrinha”, dias antes de Antonieta estreiar no jornal e a publicação do texto de Maria da Ilha e de Maura de Sena Pereira lado a lado na página do dia 1/11/1931 sobre o dia dos Mortos, *Finados*.

Uma semana depois, Antonieta, ou melhor, Maria da Ilha passa a frequentar as páginas de política e crônica social e Maura permanece no *Caderno Domingo Literário*, assinando com o seu próprio nome. Por que isso foi realizado assim? Será que foi para deixar claro para o leitor do jornal que Maura fazia poesia e Antonieta prosa? Para mostrar que Maria da Ilha não era Maura de Sena Pereira? Talvez, mas, isso seria especulação. Fica a certeza de que as duas escritoras publicavam na mesma época e no mesmo jornal, e geralmente nos mesmos dias, entretanto, só a poetisa fez parte da Academia, a cronista não. Por que à época, como já dito, a crônica não era considerada literatura de primeira linha.

Dessa leitura, fica a alegria de termos duas mulheres respeitadíssimas produzindo ativamente nos anos trinta, cada qual no seu estilo e no seu gênero textual, contribuindo para que a escrita feminina tivesse vez e voz na sociedade florianopolitana deste período.



Fotos da página do jornal *República* de 01/11/1931.

Voltando ao livro *Farrapos de Ideias*. As crônicas de Antonieta reunidas em livro não só “ressuscitam” o texto em si publicado no Jornal *República*, mas também toda uma discussão sobre os temas que afligiam a sociedade às primeiras décadas do século XX, temas estes também contemporâneos, quando o leitor descortina as alegorias, as metáforas, escuta as polifonias, ou seja, os diálogos que a autora trava com outros autores, como, por exemplo: Dante Alighieri, Aristóteles, o filósofo argentino Ingenieros, filósofos positivistas e humanistas, e, principalmente com os autores do Novo e Antigo Testamento da Bíblia Sagrada²⁹³. Atentar para o uso da intertextualidade, do discurso relatado direto e indireto livre, que se faz presente em cada crônica, às vezes como mote, outras vezes como exemplo, outras como preceito

²⁹³ SILVA, Josefina da. Antonieta de Barros – *Maria da Ilha: Discurso e Catequese*. Dissertação de Mestrado DLLV/ PGL – Literatura Brasileira/Teoria Literária. UFSC. Florianópolis/SC/1991.

moral. As crônicas cujos temas são relacionados à educação trazem reflexões que se assemelham às atuais preocupações latentes na escola de educação básica, além de atacar a egolatria, a falta de ética e de moral. Ao pensar nas crônicas vem a reflexão de que não são conhecidas do grande público.

Pensando novamente nos *sites*. Quando se lê sobre Antonieta, os dados aludem à informações biográficas e pouco ou nada das crônicas aparece como exemplo, citação ou estudo sistemático. Nos textos sobre o tema da diversidade étnico-racial, a tônica são as informações biográficas, sobre a vida e a atuação profissional, sem uma alusão direta sobre os textos. Estes textos transformam a biografada em uma representante fiel de luta pela força de sua negritude. Percebe-se que o fantasma do biografado aparece e reaparece de tempos em tempos e está presente em meio eletrônico na Internet (rede mundial de computadores). Esses fragmentos biográficos dos *sites* apresentam características de serem esparsos, repetitivos, não aprofundados, com informações difusas e sem clareza; percebo que citam a autora, mas não revelam seus fragmentos, seus textos, suas idéias; falta a digitalização do livro *Farrapos de Idéias* para que todos possam ter acesso. Uma das pretensões ao término desta tese será a digitalização do livro, a fim de que as crônicas possam figurar no *Portal Catarina*, bem como a confecção de uma ficha biográfica com dados consistentes a ser publicada na rede.

Nos textos dos *sites* ainda há divergências no tocante às datas, funções, feitos relacionados à Antonieta. Nos livros e nas

dissertações²⁹⁴ de mestrado que tratam da biografada²⁹⁵, as informações são mais confiáveis. Percebo, nesse caso, que a confiabilidade do dado e do fato está diretamente relacionada com a fonte de origem primária, buscada nos acervos preservados nas instituições e bibliotecas oficiais.

Quanto aos vestígios encontrados, as fotos. A imagem que mais chama a atenção é a de Antonieta usando a Beca de formatura, a Antonieta normalista, a foto com idade anterior a esta não foi encontrada. Esta seria a primeira imagem. Depois, a foto da Antonieta professora posando com seus alunos e sua irmã Leonor de Barros com a turma do Curso Primário Antonieta de Barros, localizado na rua Fernando Machado, número 32. A imagem de Antonieta escritora aparece com a pose em frente ao portão de sua casa, em que ela está segurando os óculos e o jornal “República, momento em que seu texto sai pela primeira vez no jornal, nesta foto, Antonieta está sorrindo, com os cabelos presos e usando um conjunto de saia e casaco de lã. A Antonieta política está sentada junto aos Deputados da constituinte de 1935, ao lado de Nereu Ramos. A professora aparece de corpo inteiro no álbum de formatura da Escola Normal Catarinense. A Diretora do Instituto de Educação posa para uma foto publicada no jornal *O Idealista*, cujos alunos integrantes do Centro Cívico Antonieta de Barros, prestam-lhe uma homenagem. A oradora e paraninfa vai

²⁹⁴ NUNES, Karla Leonora Dahse. *Antonieta de Barros: Uma História*. Florianópolis, Inverno de 2001. UFSC – Dissertação de Mestrado. CFH. E SILVA, Josefina. *Antonieta de Barros – Maria da Ilha: Discurso e Catequese*. Dissertação de Mestrado em Teoria Literária. UFSC. Novembro de 1991.

²⁹⁵ Idem. Op.Cit. p. 35- 36.

aparecer na foto do quadro de magistrandas do Colégio Coração de Jesus, junto aos outros professores e de suas alunas brancas. A Antonieta amiga aparece na foto junto à Nila Sardá. A Antonieta cidadã comum, mulher que vai à praia passear, posa junto de amigos na praia de São Miguel, localizada no município de Biguaçu/SC. Todas estas Antonietas mostram as faces da mulher, sua atuação social e função como personalidade pública. De todas as Antonietas encontradas em fotos, somente em uma encontrei os pés...foi no acervo do Museu da Escola Catarinense, antigo prédio em que funcionava o Instituto Dias Velho. Foi exatamente neste lugar que Antonieta passou parte de sua vida e nele se aposentou. Atribuí como título desta tese a expressão: “Nos Passos de Antonieta”, porém, poderia ter sido “Os passos para Antonieta”; isso depois de ter pensado três outros, Antonieta de Barros: o mito e a mulher; Maria da Ilha: O Mito e a Mulher, uma fotobiografia; Nos Passos de Antonieta: O Mito e a Mulher – uma fotobiografia. Na medida em que fui pesquisando e delineando o objeto de estudo, as escolhas foram se formando, assim fui descartando os títulos. Então, por que “Nos Passos de” e não “Os passos para”? Esta é a questão que está diretamente relacionada com dois fatos: a devoção de Antonieta, sua fé inabalável no “Senhor dos Passos: Jesus Cristo”, considerando seus escritos e o fato de ter sido membro da congregação do Senhor dos Passos; e a tentativa da biógrafa de traçar uma trajetória²⁹⁶ historiográfica da vida e obra da

²⁹⁶ A intencionalidade do trabalho biográfico tem fins também didáticos. Por isso mostra que a trajetória de uma mulher afro-descendente, professora na Ilha de Santa Catarina, levou-a a se tornar a primeira deputada negra do sul do país, a partir da correlação de acontecimentos paralelos que proporcionaram as oportunidades não desperdiçadas pela personalidade, em uma época em que as condições não pareciam favoráveis a uma mulher negra. Mesmo assim, ela pôde se tornar o ícone de uma raça, uma celebridade nos campos social, político e cultural por

biografada, mas com a intenção de seguir em frente, em que ambas caminham na mesma direção, avançando, para um futuro sempre presente. Entretanto, a foto dos pés, essa foi a inspiração maior, ao pensar na escola, ao pensar na atuação da professora.

Tendo passado tôda a minha vida, por fôrça da profissão, entre pequeninos, por amor dêles, não hesitei em aceitar a sugestão da Senhora Carmem Linhares Colônia. Tudo me foi facilitado: o Governo deu a impressão e ao lápis de Malinverne Filho, devo a ilustração da capa. Livro do coração catarinense, [...] ²⁹⁷

No mesmo contexto histórico em que viveu Antonieta de Barros houve mulheres com um perfil semelhante para a época, as quais não são dotadas da mesma celebridade. Posso citar aqui dois casos: a Professora Leonor de Barros, irmã de Antonieta e a Professora Nila Sardá, amiga inseparável de Antonieta. A Professora Leonor de Barros, a Dona Nono, como carinhosamente a chamavam seus alunos, tem uma escola em seu nome, situada no bairro Itacorubi, em Florianópolis e uma rua, Rua Leonor de Barros, no bairro Pantanal, também na cidade de Florianópolis, lançou a segunda edição do livro *Farrapos de Idéias*, faz

causa de sua dedicação aos valores da classe a que pertencia; à cidade onde nasceu e aos estudos, à leitura, à profissão, à política e, principalmente, à escrita de crônicas em jornais de época, disseminando valores, gerando credibilidade social e respeito dos concidadãos. Em sua trajetória, pode-se considerar que a escrita de Antonieta possuía interlocutores de época, e era construídos com fragmentos de idéias retiradas a partir de suas leituras, fragmentos de outros textos. O texto de Antonieta apresenta polifonia²⁹⁶, alteridade, mas também uma autoria, resultado talvez de sua vivência intelectual, cotidiana, dialógica²⁹⁶, trazendo uma filosofia e uma ideologia. O que poderia ser considerada para a época “A máxima do magister, a eficácia da palavra, a atuação da palavra, a função do dito e do feito” por causa dos valores que discutia e refletia semanalmente em *República* e em *O Estado*. Há na cidade de Florianópolis um profundo respeito à memória de Antonieta, ao seu feito. São palavras de Antonieta.

²⁹⁷ ILHA, Maria Da. **Farrapos de Ideias**. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1937. Prefácio.

uma apresentação do livro ao leitor intitulada “Duas Linhas”²⁹⁸, no entanto, fora este, não se tem notícia de textos escritos ou publicados pela professora. Portanto, Leonor de Barros teve origem humilde, era de ascendência negra, formou-se professora, mas não foi política, nem escritora. A Professora Nila Sardá, também escreveu textos em prosa e poesia, mas não era afro-descendente, nem foi eleita para ser deputada, possui textos esparsos publicados na Revista *Pétalas*²⁹⁹ e no Jornal feito pelas normalistas para o público feminino: *Penna, Agulha e Colher*³⁰⁰, ambos da década de 20 do século XX. Os nomes de Nila Sardá e de Antonieta de Barros são homenageados pela Academia de Letras de Biguaçu. Na Academia de Letras de Biguaçu, o nome de Antonieta de Barros é reverenciado como patronesse da cadeira de número 06, ocupada atualmente pela Professora Zelka de Castro Sepetiba³⁰¹ desde 18/12/1996, com o título “Educador e Política”.

²⁹⁸ Na Apresentação do livro na sua 2ª edição, no texto “Duas Linhas”, a Professora Leonor de Barros se dirige aos Leitores com o seguinte texto: “Leitor Amigo: Apresento-lhe a 2ª Edição de *Farrapos de Idéias*, o livro que Antonieta de Barros, a nossa Maria da Ilha, publicou, em 1937, em benefício do Preventório, lar dos filhos dos internos da Colônia Santa Teresa. / Conservando-lhe a destinação de beneficência, ofereci-o à direção da Campanha Nacional das Escolas da Comunidade, para ser vendido em benefício do Ginásio Antonieta de Barros, com o fim específico de ajudar a construção de sede própria./ Com este meu gesto, quero prestar a homenagem da minha saudade àquela que me foi a Irmã, a Amiga e a Companheira de todas as horas, e que, neste ano de 1971, completaria o seu septuagésimo aniversário. (11-7-71)./ E, certa de que Você, Prezado Leitor, compreendendo os benefícios que o Ginásio vem prestando à coletividade, nestes dezoito anos de existência, também querará ajudá-lo, agradeço-lhe, antecipadamente, a valiosa cooperação.” 1971-outubro./ Leonor de Barros. In.: Ilha, Maria da. *Farrapos de Idéias*. 2ª Edição, 1971. P.15.

²⁹⁹ *Revista Pétalas* era o órgão informativo, ou seja, um jornalzinho que circulou até 1961 dos alunos da Escola Normal do Colégio Coração de Jesus.

³⁰⁰ *Penna, Agulha e Colher* era um jornalzinho das moças do Normal do Grupo Diocesano de São José, Florianópolis/SC..

³⁰¹ A professora Zelka, natural de Tijuca/RJ, escreveu “Uma introdução à análise Semiótica” como dissertação de Mestrado defendida na UFSC, na década de oitenta, é professora Mestre em Linguística Aplicada e política. Em 18/12/1996, por ocasião de sua posse, a Professora Zelka proferiu o Panegírico sobre Antonieta de Barros (Discurso de louvor à patronesse de sua cadeira na Academia).

Para se entender uma trajetória e seguir os passos há de se pensar no contexto de época e na configuração do lugar, dos valores e costumes de uma sociedade, pois, “a interpretação biográfica é um caminho que pára as portas dela, para compreendê-la, realmente, devemos atravessá-la”³⁰² porque a obra se desvincula do seu autor e se transforma em uma realidade autônoma; faz-se necessário, se preciso for, entrar na vida do lugar de origem para entender as reações da personalidade que está sendo biografada. “Aquilo que os escritores sempre souberam: os livros falam sempre de outros livros e toda história conta uma história já contada.”³⁰³ Por isso trato de uma biografia que valoriza os “detalhes” e procura afastar a idéia tradicional de biografia. Apóio-me, também, nas palavras de Benito Bisso Schmidt³⁰⁴:

não falo das biografias tradicionais – narrativas factuais e lineares da vida dos grandes homens desde o nascimento até morte – cujo objetivo principal é o de apresentar o biografado como modelo de conduta a ser seguido: “um discurso de virtudes” nas palavras de Michel de Certeau.. Nem das biografias sensacionalistas – do estilo “Os segredos de...” – destinadas a saciar os apetites voyeuristas dos leitores. Refiro-me, sim às biografias que, partindo das experiências de

³⁰² Na obra BAUMGARTEN, Christina. *O Espírito de uma Época*, Blumenau/SC: HB Editora, 1999. P.12. A autora sintetiza bem esta questão crucial para quem pesquisa momentos históricos e personalidades de época. Para ela é inegável que a interpretação biográfica seja um caminho que pára as portas dela e que para compreendê-la faz-se necessário o distanciamento do autor e da obra, transformando-se em uma realidade autônoma. Esse livro trata da saga de Herman Baumgarten e da Saga de uma família alemã durante o período de colonização do Vale do Itajaí.

³⁰³ ECO, Umberto. *Pós-escrito a O nome da rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. P.20.

³⁰⁴ SCHMIDT, Benito Bisso. *Em Busca da Terra da Promissão: a história de dois líderes socialistas*. Porto Alegre: Editora Palmarinca, 2004. Na introdução, página 20, o autor traz a explicação e as referências e metodologia utilizadas para a construção das biografias de Carlos Cavaco e Conselheiro Xavier da Costa, dois socialistas gaúchos.

um indivíduo, abordam questões mais gerais relacionadas à época na qual o mesmo viveu³⁰⁵.

E Antonieta de Barros (1901-1952) vive durante as cinco primeiras décadas do século XX, décadas em que ocorreram grandes transformações em todos os níveis de desenvolvimento social e cultural; períodos de conflitos e de incertezas. Também período de surpresas e de avanços. Ela presenciou a mudança gradativa da Educação na Ilha de Santa Catarina durante sua meninice e juventude, sendo uma das protagonistas de mudanças na fase adulta da vida na função de deputada. Acompanhou os arroubos de revoluções e de perseguições, durante os períodos de Guerra do Contestado, República Juliana, Guerras Mundiais e da Revolução de 30, a ascensão do regime getulista no Brasil. Presenciou o período de avanços tecnológicos e sociais da era Hercilista na década de 20, a supremacia política da Oligarquia Ramos nas décadas de 30 e 40 e a essência da ditadura Getulista. De norte a sul do país, tudo estava em constante mudança. Antonieta viveu um período de ascensão e progresso da Mulher como cidadã, sendo uma das protagonistas do movimento pelo voto direto na Ilha de Santa Catarina, através de sua atuação como secretária da Liga do Magistério Catarinense; e de sua participação ativa na vida pública da comunidade e da cidade onde viveu por toda a sua vida, sem deixar de ler e acompanhar sobre o que acontecia na capital (Rio de Janeiro) do país e no mundo. Na página 137 de *Farrapos de Idéias* Antonieta comenta sobre a notícia lida do jornal do Rio, denotando seu interesse pela leitura

³⁰⁵SCHMIDT, Benito Bisso. *Luz e Papel, Realidade e Imaginação: As Biografias na História, no jornalismo, na Literatura e no Cinema*; In.: SCHMIDT, Benito (Org.) *O Biográfico: Perspectivas Interdisciplinares*. Santa Cruz: EDUNISC, 2000. P. 68.

dos acontecimentos da capital do país. “Não matarás. Os jornais do Rio nos trazem a notícia de que a mocidade se movimenta, formando uma liga contra a guerra. É a mais necessária das ligas. Precisamos da insubordinação da gente mûça contra os desvarios dos maiores.”³⁰⁶

Assim, não é possível falar de Antonieta e de suas crônicas sem mencionar acontecimentos da gente e da vida social do lugar de origem e mesmo de acontecimentos da capital do país, porque de uma forma ou e outra, há uma interação entre os fatos, gerando dados e de certa forma crônicas.

Primeiro de Maio

Dentro da vida, só há um caminho para as grandes conquistas: O trabalho. [...] Os lábios balbuciam o infinito de preces que há no gesto lindo do que semeia do que impunha as ferramentas.³⁰⁷

Tais referências à memória da biografada e aos seus feitos tem, pelo próprio meio utilizado, um alcance muito maior do que o espaço fechado da escola ou mesmo do lugar de origem da autora. A personagem biografada nos artigos veiculados na Internet é de uma Antonieta de Barros que possui um status de personalidade nacional e pode sim ser acessado de qualquer lugar do mundo. Não raro há quem não sabe e nunca ouviu falar de Antonieta no seio da própria cidade em que nasceu, viveu, trabalhou, morreu e foi enterrada. São contradições

³⁰⁶ ILHA, Maria Da. *Farrapos de Ideias*. 2ª Ed. Florianópolis: ETEGRAF, 1971. (Homenagem Póstuma). P.177.

³⁰⁷ Fragmentos da crônica “Primeiro de Maio”. ILHA, Maria Da. *Farrapos de Ideias*. 2ª Ed. Florianópolis: ETEGRAF, 1971. (Homenagem Póstuma) P. 82.

que cercam o mito³⁰⁸ e a mulher. Por isso que as informações na Internet precisam ser elaboradas dentro de um padrão institucional, a fim de que a memória da personagem e suas idéias possam ser conhecidas, sem sentimentalismo ou excessos, mas com clareza e seriedade. Como bem frisado em *O Espírito de uma Época*:

As lembranças de uma comunidade não são menos reveladoras do que os seus projetos e embora se procure o passado, não se tem idéia clara do que se é e do que um dia se foi. Vivemos o mito e a negação, idolatrando alguns fatos e esquecendo outros³⁰⁹.

Relembrando certos passos, deixa-se por vezes a lacuna contemporânea com esquecimentos significativos – a censura histórica da verdade ou de mentiras. O estudo da vida, da morte e da obra de Antonieta de Barros, portanto sua Biografia³¹⁰ coloca-me frente à relação com outras vidas, como já frisei, no ambiente intelectual vivido por pessoas contemporâneas dela, vidas em consonância. Tal qual o fato

³⁰⁸ Segundo ROCHA, Everardo. *O que é mito*. 8. Re-impressão. São Paulo: Brasiliense, 1999. (Coleção Primeiros Passos). Com base em Umberto Eco e Roland Barthes, Rocha afirma que: “O mito não possui sólidos alicerces de definições. Não possui verdade eterna e é como uma construção que não repousa no solo. O mito flutua. Seu registro é o do imaginário. Seu poder é a sensação, a emoção, a dádiva. Sua possibilidade intelectual é o prazer da interpretação. E interpretação é jogo e não certeza.” Na página 95 de seu livro base, o autor afirma que o mito é uma narrativa através da qual uma sociedade se expressa, indica seus caminhos, discute consigo mesma. O mito consola a todos nós muitas vezes. Pode nos enganar também. Mas, o importante é que saibamos seus poderes, que saibamos com ele jogar. Seja o jogo de sentir e se emocionar, seja o jogo de interpretar e pensar o mito.

³⁰⁹ BAUMGARTEN, Christina. *O Espírito de uma Época*, BlumenauSC: HB Editora, 1999.

³¹⁰ Vou atentar para um conceito contemporâneo de Biografia e sua discussão teórica, já que a biografia moderna corresponde a uma das grandes narrativas legitimadoras de que fala Jean-François Lyotard (LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986) e que estaria perdendo sua força, seja, em perspectiva crítica, para atribuir valor estético à obra do biografado, seja, em perspectiva teórica, para atestar a plenitude e confiabilidade do vínculo autorial. In. **Literatura e Mídia**. (Org.). Artigo: CARDOSO, Marília Rother. *Retorno à biografia*. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 1997. P. 113.

de em algum momento da infância e juventude ter encontrado a poetisa Maura de Senna Pereira; de ambas estarem presentes na formação do Centro Catharinense de Letras e da Liga do Magistério, além de publicarem textos no Jornal *República*. Outras vidas em consonância seriam Nereu Ramos, Leonor de Barros, Nila Sardá, Barreiros Filho, Altino Flores, dentre outros.

O “fantasma” do biografado parece interrogar o biógrafo durante a especulação de acontecimentos históricos e de memória. Sua sombra fala mais alto em muitos momentos da pesquisa. Parece, como frisa Baumgartem³¹¹ que “o escritor costuma violar o código e dizer o que não pode”, ou seja, parece existir um sistema de proibições, tácitas, porém imperativas, que formam o código e costumam dizer o que não se pode dizer. O que está nas entrelinhas ou mesmo o que se repete ininterruptamente em cada texto pesquisado e mesmo na leitura da crônica e do discurso da biografada. Há informações pouco reveladoras e por isso mais instigantes.

Aqui faço a releitura da história, revejo fatos, recupero eventos ou mesmo elementos que compõem a trajetória da biografada, a fim de resgatar pedaços, farrapos, fragmentos de uma história possível, talvez costurada com elementos do mito. Portanto, esta tese poderia ser uma tentativa de reconstituição histórica e biográfica da memória de gente da Ilha de Santa Catarina que viveu nas “Alamedas interiores”³¹² e ao redor de uma praça, mas que pára às margens dela, porque este intuito

³¹¹ Op. Cit. P. 64.

³¹² A expressão “Alamedas Interiores” é utilizada mais de uma vez por Antonieta de Barros em suas Crônicas de *Farrapos de Idéias*. É uma metáfora. Sua significação será discutida na parte da tese referente à análise das Crônicas de Antonieta.

ficou difícil de alcançar em sua integridade. Por três motivos/obstáculos básicos: os efeitos do desgaste do papel ao passar do tempo, as enchentes que destruíram documentos em porões da antiga Escola Normal, a ação do fogo. Os documentos históricos são poucos, estão danificados pela ação do tempo e pela ação do fogo que destruiu acervos na Ilha de Santa Catarina ao longo do tempo, como se observou no estudo dos fatos históricos – as atas da Assembléia Legislativa, do Hospital de Caridade, a má conservação e acondicionamento de documentos, as mudanças de local da Biblioteca Pública, da Escola Normal, do Instituto de Educação, das Assembléias Legislativas, da morte e mudança de domicílio da família de Antonieta de Barros, da extinção dos prédios onde morou e da casa onde funcionou a escola primária de alfabetização.

Uma personalidade ou a vida de uma pode se tornar um Mito ou mesmo a imagem fluídica de uma trajetória. Rocha ³¹³ afirma que o Mito é uma narrativa, um discurso, uma fala, uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, suas dúvidas e inquietações; porque o mito pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de “estar no mundo” ou as relações sociais. Por traz do significado do mito pode estar contida uma constelação de idéias, uma versificação de sentidos, um conjunto de fenômenos difusos, pouco nítidos ou mesmo complexos. Entretanto, o mito não seria uma narrativa qualquer ou uma fala qualquer, porque se assim o fosse ele se descaracterizaria, perderia sua especificidade. O mito é uma narrativa especial, particular, capaz de

³¹³ ROCHA, Everardo. *O que é mito*. 8. Re-impressão. São Paulo: Brasiliense, 1999. (Primeiros Passos, 151).

serem distinguidas das demais narrativas humanas. O Mito pode ser um fato ou uma passagem muito antiga; por trás do mito existe uma tradição, que se apresenta como uma forma alegórica que deixa entrever um fato natural, histórico e filosófico; assim, o mito carrega consigo uma mensagem que não está dita diretamente, uma mensagem cifrada, que esconde algo, não expressamente literal, não sendo objetivo, mas dotado de uma sutileza, fala sério sem ser direto e óbvio. Por estas características, o mito há de ser um desafio. Portanto, que verdades são possíveis de serem encontradas em um mito? Quais suas possíveis interpretações e origens? Um fato pode ser um fato, mas também pode ser uma representação fotográfica da realidade e dessa realidade subtrair a imagem imanente de um ser.

O uso da imagem influenciada pelo tempo e pela conservação não tão minuciosa é representado por fotos comentadas na construção da biografia em forma de imagens. Desta forma, fotografar passa a ser o ato de parar o fluir de uma imagem já existente, não um processo de obtenção e reprodução dessa imagem; mas, sim a possibilidade da fotografia de um documento histórico, uma relíquia reproduzida por uma câmera digital, um olhar moderno e contemporâneo. Com isso, pode-se dizer que uma fotografia é uma possibilidade de parar o tempo, retendo para sempre um momento, uma imagem, um acontecimento; um processo capaz de gravar e reproduzir com perfeição imagens de tudo ao redor. Porém, a fotografia de uma foto antiga passa a ser a reinvenção do momento passado, em um ângulo obtuso, visto não de lado, mas de cima, como se o fotógrafo sobrevoasse a imagem publicada em livro ou em jornal, o ângulo obtuso gera outra visão, uma visão tangenciada,

comprometedora, em função da posição em relação ao referente, gera uma imagem às vezes distorcida, às vezes desfocada, necessitando de tratamento especial e sem brilho, com contraste e saturação da imagem, preservando o tom amarelado, envelhecido.

A fotografia envelhecida e a reprodução dela compreendem um documento histórico, à princípio uma prova irrefutável de uma verdade, seja qual for. Ou mesmo, a possibilidade mágica de preservar uma fisionomia, um jeito e até mesmo um pouquinho da alma de alguém. No entanto, não passa de uma ilusão de ótica que engana os olhos e o cérebro com uma porção de manchas sobre o papel, deixando uma sensação viva de que se está diante da própria realidade retratada. Olhando as fotos de Antonieta, fico a perguntar: qual sua cor? Qual seu jeito? Que poses são estas, que feições tão difusas... E ao mesmo tempo, tão reveladoras.

Kubrusly ³¹⁴ afirma que “a imagem da vida na fotografia e, posteriormente no cinema e na televisão, torna fácil, para o homem comum, assumir a posição de espectador, levando-o a reconsiderar muitos dos valores estabelecidos. [...] a imagem não está limitada pela barreira da linguagem e da alfabetização”. Roland Barthes³¹⁵ descreve que ao ser alvo da atenção de um fotógrafo ou quando precisava posar para uma fotografia, sentia-se observado pela objetiva e tudo se transformava, pois ele passava a posar, fabricando-se instantaneamente em outro corpo, metamorfoseando-se a priori em imagem, não sabendo como agir, de dentro, sobre o seu aspecto. O que leva a pensar que a

³¹⁴KUBRUSLY, Cláudio Araújo. *O que é Fotografia?*. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos; 82).P. 12

³¹⁵BARTHES, Roland. *O Efeito do Real*. Trad. Mario Laranjeira. In: *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

fotografia é algo camuflado, produzido, uma imitação do real, uma mimesis. E a biografia ilustrada seria uma tentativa de contar uma narrativa possível do que há sobre uma personalidade, no caso em questão, Antonieta de Barros e sua construção histórico-social e literária.

3.2 Farrapos e Fotos

Neste item da tese reúno citações de Antonieta de Barros e realizo uma composição com fotos, então mostro alguns farrapos presentes ao longo de seus textos e atribuo uma imagem, na tentativa de criar a biografia, depois, utilizo todas estas imagens no item 4.

- 1) "[...] *O magistério é a missão máxima de entusiasmo, de ação de vida.*"³¹⁶

³¹⁶ ILHA, Maria Da. *Farrapos de Ideias*. 2ª Ed. Florianópolis: ETEGRAF, 1971.p. 95.

“Professora Antonieta de Barros, ainda jovem, intelectual e política de grande influência na sociedade catarinense.”³¹⁷ Antonieta de Barros na formatura da Escola Normal Catarinense no dia 08 de dezembro de 1921. Na foto do livro de Correa (1997:165) a normalista está trajando sua beca de formatura, segurando o seu diploma, em posição distinta, com a tez lívida, serena e discreta, um rosto na flor de seus vinte anos.



*A alma popular guarda, carinhosamente, tudo quanto individualiza e distingue as nacionalidades.*³¹⁸

Foto do Jornal *Republica*, 30/10/1931, onde há a publicação da Crônica de Antonieta sob o título *Farrapos de Idéias*, assinado com o pseudônimo “Maria da Ilha”.³¹⁹



2) *A escola é uma ponte entre o lar e a sociedade – Ingenieros.*³²⁰

³¹⁷ CORRÊA, Carlos Humberto P..*História da Cultura Catarinense: O Estado e as Idéias*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997. P.165.

³¹⁸ ILHA, Maria Da. *Farrapos de Ideias*. 2ª Ed. Florianópolis: ETEGRAF, 1971. P. 44.

³¹⁹ Foto tirada na Biblioteca Pública do Município de Florianópolis direto do exemplar arquivado de “República”, datado de 20/11/1931, primeira página do caderno de Política. 2008.

³²⁰ Cf. ILHA, 1971. P. 1109.

Prédio da Antiga Escola Normal Catarinense, fundada em 06/03/1924. Consta que a Professora Antonieta de Barros foi professora e diretora da Instituição. Hoje Museu da Escola Catarinense, até 2007 funcionou como instalação da Faculdade de Educação (FAED) da Universidade do Estado de Santa Catarina.³²¹



3) *“A Educação, desde o lar, devia baseia-se no princípio do respeito próprio.”*³²²

Turma de alunos do Curso Primário Antonieta de Barros em 1931, que funcionou na Rua Fernando Machado, nº 32 até 1964. Na foto, Antonieta está à direita e sua irmã Leonor de Barros está à esquerda.³²³



4) *A vida, diz o poeta, é luta.
Não chores, meu filho,
Não chores, que a vida
É luta renhida*

³²¹ Foto do Acervo do Museu da Escola Catarinense. 2008.

³²² Cf. ILHA, 1971. P.86

³²³ Foto tirada livro sobre a biografia com imagens de Antonieta de Barros, produzido pelo Gabinete da Deputada Ideli Salvati em 2001. Acervo da Casa da Memória.

Viver é lutar.
(Gonçalves Dias)³²⁴

- 5) [...]Na Escola, transformada em templo pela hóstia do Amor, que santificará todos os vossos sacrifícios, e renúncias, ensinai aos pequeninos que, o respeito a si mesmos, estão na felicidade dos que não se aviltam, não rastejam, não apedrejam, não magoam; mas se elevam, sem acotovelamento; mas caminham o seu caminho com dignidade; mas estendem as mãos ao próximo; mas dulcificam os pesadumes alheios. [...],³²⁵

Antonieta de Barros como paraninfa da Turma de Normalistas do Curso Normal do Colégio Coração de Jesus em 1939. O quadro ficou por muitos anos no Hall de entrada do Colégio. A Solenidade de formatura ocorreu no Teatro Álvaro de Carvalho. Na ocasião, Antonieta proferiu o discurso que está publicado na 2ª edição do Livro Farrapos de Idéias. Foto da Turma de Magistrandas de 1939 do Colégio Coração de Jesus, fonte acervo iconográfico do Museu da Escola Catarinense.³²⁶



Foto do Colégio Coração de Jesus em 2007. A Professora Antonieta de Barros lecionou Língua Portuguesa e Psicologia

³²⁴ Cf. ILHA, 1971 P.123.

³²⁵ Cf. ILHA, 1971. P. 231. Excerto do discurso de Paraninfa à alunas do Colégio Coração de Jesus.

³²⁶ Foto tirada diretamente do Acervo do Museu da Escola Catarinense, 2008.

na Escola Normal do Colégio Coração de Jesus de 1937 a 1945.



- 6) [...] Mas, minhas diletas Amigas, para ensinar a viver, é preciso saber viver. Ides ensinar pequeninos. E os pequeninos são um lindo sonho que vivificaremos pelo nosso zelo, pela nossa dedicação de Mulheres, cujo destino o Senhor marcou com uma estrela de luz. [...]³²⁷

Foto de Antonieta de Barros, no lado esquerdo está Leonor de Barros, no lado direito está Nila Sardá. Em visita à família Sardá-Amorim, na localidade de São Miguel ³²⁸. Na foto estão ainda Maria Sardá, irmã de Nila, Aláide Sardá, amigos e crianças da família Sardá-Amorim. Os Amorim formavam uma oligarquia política influente no município de Biguaçu nas décadas de 20-30.



- 7) [...] Deixei, Sr. Presidente, a seara harmoniosa da escola, onde não há ódios, onde o amor é o princípio e o fim, onde

³²⁷ Idem. Op. Cit. P. 231

³²⁸ Ibidem. Op. Cit. P. 67.

todo trabalho é construtivo, para responder presente à chamada do meu Partido. E aqui estou, coração e espírito cheios de boa vontade, para colaborar com os meus dignos pares. [...]³²⁹

Antonieta de Barros
 posa junto aos
 Deputados da
 Constituinte de
 1935.
 Foto oficial dos
 Deputados
 Constituintes de
 1935.
 Antonieta de Barros
 está sentada ao lado
 de Nereu Ramos.³³⁰



- 8) [...] Mas, se assim procedi, Sr. Presidente, foi, é, porque assim creio que, nesta Casa, como na Escola, acima dos partidos, sem distinção de credos, a preocupação máxima, a preocupação única é Santa Catarina! Santa Catarina por si mesma! Santa Catarina, dentro do Brasil!³³¹

Prédio da Assembléia
 Legislativa, situada
 próxima à Praça
 Pereira e Oliveira e
 Teatro Álvaro de
 Carvalho. Foi
 totalmente destruído

³²⁹ Ibidem, Op. Cit. P. 216. Excerto do discurso de Antonieta de Barros ao assumir como suplente, a cadeira de deputado em 1948.

³³⁰ Foto do Acervo ALESC.

³³¹ Cf. ILHA, 1971. Op. Cit. P. 216. Excerto retirado de discurso de posse na Assembléia Legislativa.

em 16/09/1956 por
um incêndio.³³²



- 9) [...] [...] Já se procura, seguindo o grande filósofo grego – conhecer-se a si mesmo – devassar as alamedas interiores, aumentar-lhes a beleza, procurar em si, o mundo que espera por um deus. O profundo egoísmo das criaturas nega-lhes a luz, para tudo quanto não seja elas mesmas. [...]³³³

Foto da caricatura de
Antonieta de Barros,
desenho de Oswaldo
Rodrigues Cabral, seu
colega na Assembléia
Legislativa, feito em
papel e identificado
como “Ela”.³³⁴



- 10) [...] As individualidades artísticas dêste quilate, a sabedoria já deu um diadema de graça e entregou a coroa da glória.³³⁵

³³² Foto do Acervo do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina. 2008..

³³³ Cf. ILHA, 1971. Op. Cit. P. 98.

³³⁴ Foto tirada do Acervo ALESC/2008.

³³⁵ Cf. ILHA, 1971. Op. Cit. P. 191.

Homenageada, para além da sepultura. Foto do busto de Antonieta de Barros (Julho/2007). O Busto de Bronze ficava localizado no Hall de entrada do Colégio Estadual Antonieta de Barros. Foi cunhado para homenagear a personalidade em ocasião das comemorações do Centenário de Nascimento em 2001. No mesmo Hall estava uma Placa em alusão à homenagem.³³⁶



[...] Sem cultura, não se consegue a independência moral, apanágio de todos os que são genuinamente livres, senhores da sua consciência, conhecedores do seu valor, integralizados na sua individualidade; a independência moral, que transforma pequenos em gigantes, e dá aos homens, força para enfrentar os mais sérios obstáculos.[...].³³⁷

Arte do fuxico, bandeira do município de Florianópolis confeccionada pelas mulheres da Associação de Mulheres Negras Antonieta de Barros, estande presente na Festa das Nações em 2007, promovida pela Fundação Franklin Cascaes e Prefeitura Municipal de Florianópolis/SC



338

³³⁶ Foto tirada na Escola Estadual Antonieta de Barros, Hall da Escola, DEZ/2007.

³³⁷ ILHA, Maria Da. **Farrapos de Ideias**. 2ª Ed. Florianópolis: ETEGRAF, 1971. P. 21.

³³⁸ Foto tirada no evento "Festa das Nações" em 2007..



São mentirosos os que dizem que sou triste”.
Palavras no verso da Foto. Aqui pode-se ver a
figura de Antonieta de Barros segurando um
jornal e um par de óculos, trajando um conjunto
de lã, casaco, saia e colete, sorrindo, parada em
frente ao portão de ferro e próximo ao jardim da
casa.³³⁹

³³⁹ Foto tirada do Acervo ALESC.

4. Nos Passos de Antonieta

*[“...] Se a vida não tivesse estes oásis de beleza espiritualizada, não valeria a pena vivê-la.”*³⁴⁰

³⁴⁰ Ilha, Maria da. Farrapos de Idéias, 1ª edição. Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1937; p.18.



Figura 1

Capa da primeira edição do livro *Farrapos de Idéias*.

Foto tirada na Biblioteca Pública de Santa Catarina – Acervo obras raras/ 2007.



Figura 2

Antonieta de Barros posa para o álbum de formatura da Escola Normal Catarinense, no ano em que é Parainfa. Foto encontrada no Museu da Escola Catarinense, num álbum de formatura, doado por Maria Carolina Galotti K.



Figura 3.

Rubrica de Antonieta de Barros encontrada nos Projetos de Lei e despachos dos textos na Assembléia Legislativa durante os mandatos eletivos de 1935 e 1948. Fonte: Acervo da Alesc (Biblioteca da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina).



Figura 4
Documento de Despacho de Antonieta de Barros sobre a Indicação 286 na ALESC, 1948.



Figura 5

Foto da página do site de busca WWW.Google.br.
Fonte: Rede Mundial de Computadores (Internet)

Figura 6

Fotos de livros de pesquisa. Fonte: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, sessão de obras raras, 2008.



4.1 Num Pedacinho de Terra perdido no mar...



Figura 7

Foto do Mapa da Ilha de Santa Catarina.
Fonte site WWW.pmf.org.br

*Num pedacinho de terra beleza sem par
Jamais a natureza reuniu tanta beleza
Jamais algum poeta teve tanto pra cantar.*³⁴¹

³⁴¹Idem.



Figura 8.

Foto do centro da cidade de Florianópolis/SC, meados dos anos 40. Fonte IHGSC. Foto em Preto e Branco. Ao fundo, avista-se a Ponte Hercílio Luz e abaixo o Miramar.³⁴²

O número das cousas santas. Vida, morte e ressurreição. Quando a cidade desperta. O que vimos do retângulo aberto dum gabinete

Disse-nos, há dias alguém, que três é o número de todas as cousas santas.

³⁴²Fonte IHGSC – Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

E, matutando sobre o assunto, depois de encontrarmos várias cousas santas, pusemo-nos a pensar que o mistério da existência consta, também, de três fases: vida, morte e ressurreição.

Jesus, a pedra angular do cristianismo, viveu, morreu e ressuscitou.

A própria natureza que vive no verão, morre no inverno, para ressurgir, milagrosamente, na primavera.

E, entre os humanos, os que não ressuscitam no juízo final, segundo uns, ressuscitarão, para outras vidas, segundo outros.

A ressurreição traz consigo um fundo de harmonia sedutora, um como que vestígio de candura, dum sossego espiritual não encontrado dentro da vida – luta, por excelência – e da morte – estagnação completa.

O despertar das cidades, a sua volta à vida, tem, nos primeiros instantes, um encanto maravilhoso.

Florianópolis, a capital pequenina engastada – na Ilha dos ocasos deslumbrantes, com os seus contornos verdes, tem o despertar das crianças sadias.

Do retângulo aberto do meu gabinete, numa dessas manhãs sufocantes (quando nos convencemos de que, de fato chegar à janela é de certa modo, sair de casa, sem de ela arredar o pé) assistimos em parte, à ressurreição da cidade.

As casas sonolentas, ainda, abrem as janelas, vagorosamente, numa displicência de quem tem saudade do sossego.

A passos apressados passam o operariado: homens, com o cigarro ao canto da boa, deixando, no caminho percorrido, uma tênue nuvem de fumaças...

E as mocinhas das fábricas, sobraçando embrulhos, conversando fatos do serviço, rindo muito.

Depois... Os empregados do comércio: elas ligeiras, passo miúdo, pulverizando-se, olhando ao espelho da bolsa; eles, ajeitando o colarinho, arrumando a gravata...

E toda essa gente que caminha apressada, tem um único objetivo: - a conquista nobilitante do pão de cada dia.

Nessa hora de ressurreição, o mercado e o açougue são os pontos de maior convergência.

Para lá se dirige uma multidão, mais ou menos apressada, mais ou menos descansada, uma parte munida de balaios, a outra, de jornais, muito dobrados...

E os comerciantes abrem os estabelecimentos, enquanto, na rua, os vendedores ambulantes, cantando sempre, em tons diversos, apregoam as suas mercadorias.

Lá para os lados da Praça 15, ouvem-se os gritos dos garotos, anunciando o jornal da manhã.

Trepidando sobre o paralelepípedo das ruas, passam velozes fonfonando, os autos e os ônibus.

Carroças de pão e carrinhos cruzam-se, numa ânsia de vida, de conquista, de trabalho.

Garotos, olhos meio cerrados, mãos nos bolsos, chapéu no alto da cabeça, num desafio ao futuro misterioso, assobiam, gostosamente, a canção em voga: - No Rancho Fundo.

E a cidade, risonha e feliz, entoando, sob diferentes aspectos, um hino ao trabalho, ressurgue para a vida...³⁴³

Na crônica reproduzida acima, Antonieta descreve a cidade como sendo “Florianópolis, a capital pequenina engastada – na Ilha dos ocasos deslumbrantes, com seus contornos verdes, tem o despertar das crianças sadias” Esse é o despertar de um dia comum, de uma segunda-feira depois do feriado, o cotidiano na Ilha de Santa Catarina das pessoas comuns. Na crônica, a autora descreve o povo e trata de enaltecer os movimentos dos moradores, dos trabalhadores humildes que fazem o comércio pulsar.

A Ilha de Santa Catarina, localizada na região sul do Brasil, América do Sul, Hemisfério sul do mundo, não tinha contato terrestre com o continente até o ano de 1926, quando da inauguração da Ponte Hercílio Luz, que se constituiu no grande marco para o desenvolvimento econômico da cidade; porque o insulamento a partir deste fato deixou de assombrar a população, já que a travessia poderia ser feita por meio de carro ou a pé, mesmo em dia de vento sul e mar revolto. Nas primeiras

³⁴³ ILHA, Maria da. *Farrapos de Idéias. Crônica O número das cousas santas*. P. 51 – 54.

décadas do século XX, a chegada e saída da Ilha só podiam acontecer via marítima. O comércio pesqueiro no Mercado Público era o centro da economia local. Do mercado à beira mar, nas docas, tudo era comercializado e levado para o Centro da cidade.

Florianópolis era uma cidade dividida em pequenos povoados: O Centro político, a Trindade no cultivo de laranjas e criação de gado, o povoado pesqueiro de Santo Antônio de Lisboa e do Ribeirão da Ilha, a Vila da Barra da Lagoa e da Lago da Conceição, O Distrito de Canasvieiras e Ingleses do Rio Vermelho, o povoado do Pântano do Sul e Armação, dentre outros lugarejos, com os engenhos de farinha e de açúcar, com plantação de milho e mandioca e atividade pesqueira. Esta divisão já existia desde a época do povoamento, a partir da idéia de fortificação e proteção de todos os lados da Ilha. Boa parte da região central até meados de 1901, ainda apresentava extensa área verde, com as chácaras recheadas de árvores frutíferas. Mas, isso tudo foi antes da abertura das Alamedas do interior do centro da cidade, formando um polígono: Avenida Rio Branco, Avenida Mauro Ramos, Avenida Hercílio Luz e calçamento da Rua Felipe Schmidt e Rua Francisco Tolentino.



Figura 9. Foto do Mercado Público da cidade, 1920. Fonte: IHGSC



Figura 9.1 Foto da movimentação do Comércio Pesqueiro no centro da cidade, praça Fernando Machado. Fonte IHGSC.



Figura 10. Foto do Largo Fernando Machado, onde ficava o Miramar, o ponto de ônibus, na década de 30. Fonte IHGSC.

A vida de Antonieta e de sua família tinha por contexto a região do Centro da Cidade, o hoje conhecido centro histórico e político, localizado na zona urbana e não na zona rural ou praieira. O cenário das crônicas de Antonieta é urbano, a cidade, a *urbis et orbis*. A descrição de uma Florianópolis de “causos e acasos raros”, com suas “alamedas interiores”, gente comum como em qualquer lugar do planeta, uma humanidade que vivia ao redor e nas praças.



Figura 11. Foto dos anos 40 do entorno da Praça XV. Fonte IHGSC

A reflexão sobre a vida e o pensamento filosófico sobre a Humanidade são temas constantes nas crônicas de Antonieta. Sabe-se que sua trajetória de vida teve como cenário uma cidade que já não mais existe, em lugar das casas onde morou, prédios; no lugar da Assembléia onde trabalhou um banco comercial. As casas onde funcionaram os centros cívicos já não mais existem, tudo já foi demolido e outras edificações foram erguidas. Ficaram os prédios das escolas onde estudou e lecionou, mesmo assim, ali nada se encontrou de material escrito.

A cidade no início do século XX pulsava ao redor da Praça da Matriz de Nossa Senhora do Desterro (atual Catedral Metropolitana e Praça XV de Novembro), ladeando este local situava-se o palácio do

governador da província, hoje Museu Cruz e Sousa. O centro político e cultural situava-se, a partir do início do século ao redor da Praça Pereira Oliveira, onde está localizado o Teatro Álvaro de Carvalho e onde existiu o antigo prédio da Assembléia Legislativa até 1958. Na Praça Pereira Oliveira encontra-se hoje um monumento em homenagem ao Governador Vidal Ramos pela regulamentação da instrução pública e gratuita e pela instituição dos grupos escolares. As homenagens cívicas dos grupos escolares ocorriam no largo do Fagundes e na Praça Getúlio Vargas, onde ocorriam desfiles cívicos das alunas da escola Normal do Colégio Coração de Jesus; hoje ali está o batalhão da polícia militar e o Corpo de Bombeiros, o Colégio Coração de Jesus, a igreja do Divino Espírito Santo. Nas praças, a vida pulsava, as pessoas passeavam, conversavam, descansavam e liam o jornal.

Ilha da velha figueira
Onde em tardes fagueiras,
Vou ler meu jornal...³⁴⁴

³⁴⁴ Versos do “Rancho de Amor à Ilha”, Hino da cidade de Florianópolis, Santa Catarina, autor poeta Cláudio Alvim Barbosa.



Figura 12.
Foto da Figueira da
Praça XV de
Novembro, de
meados dos anos 70,
século XX. Fonte
IHGSC.



Figura 13.
Foto da Praça Pereira e Oliveira, onde se situava ao fundo o
Prédio do Legislativo Catarinense até 1956. Fonte: IHGSC.



Figura 14.

Foto do entorno da Praça XV, lado direito de quem sobe partindo do mar em direção à matriz, década de 40. Na foto está o prédio da antiga Prefeitura e da Câmara de Vereadores de Florianópolis/SC. Fonte IHGSC



Figura 15. Foto da década de 20 do Palácio da Província (Casa Rosada) e antiga Sede do Governo de Estado até meados do século XX. Fonte IHGSC.



Figura 16. Foto da Praça Getúlio Vargas, mais conhecida como Praça dos Bombeiros. Foto datada de 2007. Vista do monumento em homenagem ao governador Hercílio Luz, quando plantou árvores, na ocasião da reurbanização do centro da cidade. A placa está escrita em Latim. Fonte: Acervo Pessoal



Figura 16.1. Foto do monumento à Anita Garibaldi, parque da Ti Linha, Praça Getúlio Vargas. Foto de 2007. Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 17. Foto da escadaria do Rosário, passagem da rua Trajano para a parte de cima da cidade. No alto está a igreja de Nossa Senhora do Rosário, construída pelos escravos da Ilha de Santa Catarina no século XVIII. Foto de 2007, acervo pessoal.



Figura 18. Largo do Fagundes, hoje local onde se localiza as Lojas Americanas e a Praça entre a Rua Felipe Schmidt e a Rua Tenente Silveira. Ali ocorriam vez ou outra formatura do Grupo Escolar e Escola Normal. Foto tirada da Seção Memória do Diário Catarinense, 2007.



Figura 19. Foto da atual Praça Pereira Oliveira, onde está situado o monumento ao Governador Vidal Ramos de Oliveira Júnior. Monumento ao governador que instituiu a Regulamentação da Instrução Pública no Estado de Santa Catarina. Foto de 2008. Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 20. Foto da entrada do Colégio Coração de Jesus, datada de 2007, onde está escrito “Coração de Jesus: Cem anos na Frente”. Acervo Pessoal.



Figura 21. Desfile cívico das Normalistas nos anos 30. Acervo do Museu da Escola Catarinense.

A vida e a obra de Antonieta de Barros e sua trajetória intelectual e política estão diretamente relacionadas ao desenvolvimento da educação popular e da intervenção governamental ocorridas na Ilha de Santa Catarina no início do século XX.

Durante o império e nos primeiros anos da república, a escola não era obrigatória e os espaços escolares consistiam em casas dos professores, sem uma intervenção direta do estado. Uma educação institucionalizada só veio a acontecer na Ilha a partir da instalação e construção dos colégios de congregações religiosas da Divina Providência (Colégio Coração de Jesus) e dos Jesuítas (Colégio Catarinense), já no fim do século XIX. O ensino público e gratuito obrigatório começou a vigorar a partir da construção dos grupos escolares e da instituição da Instrução Pública.

Até 1850 não havia educação formal na Ilha. As novidades ocorridas no mundo e no Brasil vinham por meio de jornais e livros trazidos pelos barcos. A partir de 1870, os panfletos e jornais começaram a ser produzidos na Ilha por intervenção de oficiais militares a revelia da Monarquia. Com os manifestos republicanos e com o advento da república a partir de 1889, a Ilha passou a ter seus próprios jornais e revistas, muitas produzidas por letrados que vinham de fora ou que pertenciam a famílias de classe social com poder econômico e domínio político, as quais mandavam seus filhos estudarem fora do país ou mesmo na capital Rio de Janeiro.

A educação formal para as mulheres ocorreu com a instituição das escolas normais. As normalistas podiam estudar na Escola Normal Catarinense, instrução pública ou no Colégio Coração de Jesus, no ensino particular, por isso boa parte das alunas provinham de famílias de

bom poder aquisitivo, oriundas de várias regiões do estado. Quando formadas ou eram designadas e contratadas para os grupos escolares distribuídos pelo território do Estado ou abriam sua própria escola particular com subvenções do governo para suprir a carência de instituições de ensino destinadas às classes com menor poder aquisitivo. No início do século XX, após o período de consolidação da República, começaram a acontecer em todo o país reformas em todos os campos, mas, principalmente, na área de educação. Santa Catarina seguiu o modelo da reforma educacional promovida em São Paulo. Em 11 de setembro de 1910 o então Governador do Estado Vidal José de Oliveira Ramos sanciona a Lei nº 846, que trata da Reforma no Ensino Público. Trouxe para comandar a reforma e para ser o instrutor público o professor Orestes Guimarães. Essa reforma foi um marco na consolidação das mudanças de ordem política que já haviam se iniciado no Estado na gestão anterior. O governador Vidal Ramos assume o compromisso que os republicanos tinham em fazer da escola a peça fundamental para a construção da sociedade.

Assim, a partir de 1910, o Estado de Santa Catarina e em consequência, a Ilha de Santa Catarina passou a cumprir o dever republicano em chamar para o espaço escolar as camadas mais populares e menos abastadas da sociedade, incluindo aí os negros e as mulheres. Entretanto, no início, a inclusão dos negros na escola deveu-se em alguns casos a oportunidades apadrinhadas. O caso mais conhecido é Cruz e Sousa, ainda no século XIX, o qual foi alfabetizado por sua madrinha e assim que dominou as primeiras letras foi matriculado em um colégio regular (Liceu e Colégio dos padres

jesuítas). Cruz e Sousa destacou-se entre os colegas, com desempenho elogiável, em uma demonstração explícita de que quando possível dada à oportunidade existe a possibilidade de sucesso para o negro. Cruz e Sousa não só aproveitou as oportunidades como de fato, sua genialidade, o transformou no poeta simbolista que conquistou o reconhecimento internacional. Outro negro de destaque neste período foi o Professor Pedro Antônio Cândido, pioneiro em ser o professor descendentes de negros que foi nomeado para lecionar no primeiro grupo escolar do Estado, o Grupo Escolar Vidal Ramos, localizado em Lages, em 1913. Com a reforma do ensino as crianças que não possuíam poder aquisitivo de todas as etnias tiveram a oportunidade de ingressar na escola e dali aproveitar as oportunidades oferecidas democraticamente. O povo pode, portanto, com o advento da instrução pública obrigatória e institucionalizada ter acesso ao conhecimento, aos livros e ao letramento.



Figura 22.

Foto do Jornal *República* – Órgão informativo do Partido Republicano



Figura 23. Foto do Jornal *Penna, Agulha e Colher*, jornal de moças e donzelas, escrito por mulheres e para as mulheres. A voz feminina do início do século XX. Publicado em 1918 e 1919.



Figura 23.1 *Penna, Agulha e Colher* – P, A e C. Edição de sete de novembro de 1918. Nesta edição foi divulgado o resultado do Concurso Literário. Escreveram para o jornal as estudantes normalistas: A.W.V. Rosa, Alzira Melckíades, Isabel Ferreira Rodrigues, Maria das Neves Lisbôa, Maria Moura, Nila Sardá e Thelma, todas da capital do estado. O prêmio consistia em publicação do texto no jornal. Nila Sardá, amiga de Antonieta de Barros, teve um texto seu publicado no ano seguinte, intitulado “Joãozinho”.



Figura 24. Foto do jornal *Folha Rosea*. Jornal produzido pelos “Homens de Cor”. Redator Chefe Ildfonso Juvenal e Redator – Secretário João Melchíades. Anno I, 26 de dezembro de 1915, número 3, edição quinzenal.

Além da reforma educacional, a Ilha de Santa Catarina passou a sofrer transformações de ordem geográfica, a fim de que seus limites pudessem ser atingidos não só por via marítima. Acontece, então, a construção da ponte Hercílio Luz, ligando a ilha ao continente; a abertura de alamedas no entorno do centro, formando um polígono, a fim de constituir acessos mais facilitados para o interior da ilha; o saneamento dos rios que cortavam o centro da cidade e o gradativo aterro da baía sul.



Figura 25. Foto da ponte Hercílio Luz, primeira ligação da Ilha com o continente. Fonte IHGSC.

De 1887 a 1921, o rio da Bulha, o córrego da localidade chamada de Fonte Grande, atravessava o polígono central desde a Praia de Fora (Av. Beira Mar Norte) até o largo 13 de maio (atual Centro Cívico Tancredo Neves, antiga Praça da Bandeira), praticamente toda a extensão da Avenida Hercílio Luz e Avenida Mauro Ramos. Quando o rio da Bulha alcançava a sua parte terminal, a leste da cidade, o curso d'água adquiria uma “aparência degradante” pelo acúmulo do lixo e esgoto que nele eram lançados, isso acontecia no largo da Toca, bairro Prainha, próximo ao local onde hoje se situa a entrada do Morro do Mocotó, a Assembléia Legislativa, a Escola Básica Celso Ramos, toda a região abaixo do Túnel Antonieta de Barros. Ali os detritos pululavam

antes de desagüarem no mar; com o tempo, a beira do mar, a prainha, foi sendo assoreada, restando uma lama ao longo de toda essa baía. Mais tarde, toda essa região será aterrada para por fim ao “esgotaço”. A ausência de uma política de saneamento mais global impedia que se concretizasse a melhoria necessária, assim, ao longo do rio da Bulha, existia uma parte da população destituída de poder aquisitivo, em consequência, as habitações se assemelhavam a pardieiros, semelhantes a favelas de hoje. Beco e vielas eram habitados por uma população carente, com hábitos inadequados de higiene e habitações precárias, o que concorria para dar ao bairro um aspecto degradante. Ainda nesta época, os morros eram preservados, com muito verde, a monotonia do verde era quebrada apenas pela opulência do Hospital de Caridade, localizado na Rua Menino Deus.



Figura 26.
Foto do Hospital de Caridade, datada década de 1926. Bairro banhado pela Baía Sul onde desaguava o rio da ,Fonte Grande, o rio da Bulha. Acervo IGHSC.

A partir da década de 20, houve uma crescente renovação urbana, noticiada pelo periódico da cidade de Florianópolis:

Uma grande obra de saneamento: a área que se estende das fraldas do Antão ao Córrego da

Bulha, toda cortada pelos tributários de lodo e detritos, de miasmas e podridões, está sendo saneado dum modo que exalta a administração atual. Os riachos tortuosos e fétidos, os regos de lama, [...] largos alagadiços de morte, tudo isto vai desaparecendo, surgindo como vida nova, como nova terra. [...]. “Para que ocorresse o saneamento foi construída a ‘Grande avenida’ então chamada Avenida do Saneamento, depois Avenida Hercílio Luz que, demolindo casarões antigos e “velhos pardieiros” – “ninhos de micróbios”, como os que constituem o “Beco Irmão Joaquim” – transformou-se no “logradouro predileto do público de classe média.”³⁴⁵

Foi no Governo de Hercílio Luz que as medidas saneadoras de maior vulto ocorreram, aliadas às obras de paisagismo que valorizavam a área e dotaram-na de um caráter mais elitizante. A iluminação dos becos e pontilhões da região do polígono central da cidade foram algumas das ações que impulsionaram a metamorfose operada, documentada pelo jornal *República* :

Avenida Hercílio Luz: Após alguns dias de trabalho os operários conseguiram demolir as abóbadas da ponte de pedra do Rio da Bulha, à rua Tiradentes. As abóbodas bem como o pilar Central constituíam um maciço de alvenaria de pedra consistente, resistindo dias e dias à ação da picareta e do dinamite [...]. Uma turma de operários do Saneamento está ativamente trabalhando ali para a mudança da rede de canalização de água. Ao lado do quartel já foi retirado todo o encanamento. Continuam os serviços de demolição das casas desapropriadas na rua Pedro Soares, esquina com Fernando Machado; já foi completamente demolida a casa

³⁴⁵ Periódico *Boletim Comercial* Janeiro de 1922.p. 62. Apud VEIGA, 2008. P. 214-215.

ali existente. As escavações seguindo nivelamento da avenida, já alcançaram a rua Pedro Soares. Em toda extensão do trecho da avenida estão sendo colocados pela superintendência blocos de granito destinados à construção do meio fio. O lado da residência do Senhor Pedro Cruz, onde existiam antigamente alguns casebres, está completamente aterrado, apresentando um magnífico aspecto. [...]

[...]A avenida Hercílio Luz passou a ser uma das regiões residenciais prediletas da classe média e ali se multiplicaram habitações de fachadas ecléticas, dotadas de conforto e padrões higiênicos sadios. Aquele logradouro foi oficialmente inaugurado em 22 de julho de 1920, apresentando um magnífico aspecto. [...]³⁴⁷

Para a municipalidade e a população de renda mais elevada, a construção da Avenida Hercílio Luz foi uma solução para o embelezamento, moralização e saneamento da cidade. No entanto, para os moradores do espaço onde ela foi construída, aquele era mais um golpe da urbanização que os pegou desprevenidos. Assim, vários cortiços e habitações pobres foram demolidos por serem considerados ameaça à saúde pública, desvio moral, deterioração do visual da cidade, bem como por ocuparem espaços centrais por onde o progresso deveria passar. “Esta foi uma das mais longas e surdas batalhas que se travou entre forças desiguais nesse processo de criação de uma nova cidade”³⁴⁸, pois, se os sanitaristas viam a necessidade de demolição, os proprietários queriam garantir suas rendas nos aluguéis, uma vez que a maioria desses espaços não era habitada pelo senhorio, mas sim por

³⁴⁶ Excerto retirado do Jornal *Republica* de 20/02/1920:p.2. Apud VEIGA, 2008. P.215.

³⁴⁷ Idem. P.215.

³⁴⁸ Ibidem. P. 216.

vários inquilinos, era, então, a população mais pobre que lutava por um teto. Notícia no jornal “Gazeta Oficial”³⁴⁹

A desagradável impressão que causam as velhas e feias casas à rua Arcipreste Paiva, com fundos para a rua Padre Miguelinho, que tornaram-se já em focos de infecção, impõe a necessidade urgente de uma desapropriação, não só para o embelezamento, mas como mediade higiênica da cidade. Por isso solicito, deste ilustre Conselho autorização em ordem para poder entrar em acordo com os proprietários no sentido de o quanto antes tornar em realidade, a demolição das casas em questão.³⁵⁰

De uma maneira ou de outra, as pessoas desalojadas passaram a instalar-se nas periferias e nos morros da cidade. Então, a partir deste contexto, há de se compreender que a cidade passou por muitas transformações nas primeiras duas décadas do século XX, saindo de uma situação provinciana para se tornar um local de fácil acesso migratório, por ser a capital do Estado

Diante do contexto, a família de Antonieta de Barros, antes proprietária de uma pensão na antiga moradia, localizada na rua Arcipreste Paiva com a rua Vidal Ramos, migra na década de 20 para uma casa na Rua Fernando Machado, onde irá ser instalada a Escola Primária, Curso Antonieta de Barros, a fim de atender à clientela nova de moradores da região saneada e por apresentar uma imagem de “desenvolvida” e “próspera”.

³⁴⁹ Excerto retirado do Jornal *Gazeta Oficial*, Florianópolis, nº 10, 15 abr. 1905, p.2.

³⁵⁰ PEREIRA, Ivonete. *As Decáidas: Prostitutas em Florianópolis (1900-1940)*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2002

4.2 Família, nascimento e formação

Da Rua Arcipreste Paiva à Rua Fernando Machado

Consta na dissertação de mestrado de Silva³⁵¹ que Antonieta morava com a família em uma casa situada na Rua Arcipreste Paiva, número 15, esquina com a Rua Vidal Ramos, próximo à Catedral Metropolitana. Sua primeira casa ficava a duas quadras da Escola Normal da Rua Trajano e uma quadra do Grupo Escolar Lauro Muller, subindo a escadaria da Igreja do Rosário. Tudo indica que Antonieta e sua família permaneceram neste endereço até a formatura na escola Normal. Em 1922, já estão morando em outro endereço, onde ocorre a abertura do Curso Primário Antonieta de Barros na Rua Fernando Machado, 32.

³⁵¹ SILVA, Josefina da. Antonieta de Barros – *Maria da Ilha: Discurso e Catequese*. Dissertação de Mestrado DLLV/ PGL – Literatura Brasileira/Teoria Literária. UFSC. Florianópolis/SC/1991.



Figura 27
Visão central da
cidade de
Florianópolis.
Anos 20.



Figura 28.

Foto da Rua Arcipreste Paiva, e vista da Rua Fernando Machado na década de 20. Acervo Casa de Memória.

Ilha da moça faceira,
da velha rendeira,
tradicional...³⁵²



Figura 29. Foto de uma mulher negra segurando o filho, capa do Livro *Mulheres Negras do Brasil.*, foto de Antonieta de Barros, aos vinte anos.

Em 1901, uma mulher dá a luz a uma menina que é registrada no Ofício de Registro Civil das pessoas naturais do município de Florianópolis, comarca da Capital – Iolé Luz Faria, às oito horas da manhã do dia onze de julho, cujo registro foi realizado sob o número duzentos e seis, na folha noventa e cinco do livro de Registros de Nascimentos A-7, assento realizado em dezoito de julho de 1901, testemunhado por Epaminondas de Oliveira e Lindolfo de Campo-Junior, o declarante foi o senhor João Antônio de Almeida. Na certidão de nascimento consta o nome dos avós maternos Henrique de Souza e

³⁵² Versos do Rancho de Amor à Ilha. Cláudio Alvim Barbosa.

Maria Waltrick, naturais da cidade de Lages. A menina Antonietta foi batizada na matriz de Nossa Senhora do Desterro, hoje Catedral Metropolitana da cidade de Florianópolis, no dia vinte de agosto de mil novecentos e um, sendo padrinhos o senhor Maximiliano Freyslebem e Maria Josepha Cúnes e o Vigário o Padre Francisco Topp.

Na certidão de batismo consta que Catarina Waltrick tem uma filha natural, batizada de Antonietta, o assento da Cúria Metropolitana foi realizado nos livros de Batismo de 1899-1902, folha 136, número 280. Sabe-se que o Nome Antonieta de Barros foi registrado na Certidão de Nascimento a partir do nome da mãe Catarina de Barros. Antonietta é uma palavra de origem italiana, significa o diminutivo de Antônia, aquela que está pronta a se aventurar, cheia de energia, que possui uma personalidade ativa e decidida, que não vê graça em uma vida sem desafios. E por ser uma líder por natureza, atrai as outras pessoas com seu entusiasmo. Barros tem origem latina, significa lugar, o barro, a terra. Significa aquele que sabe o que quer, com determinação realiza os sonhos. Aquele que é dono de uma memória perfeita e cheia de hábitos enraizados, pode demorar a aprender, mas quando aprende, não esquece, o que torna as lições profundas.

Qual o verdadeiro nome do pai de Antonieta, isso não consegui precisar e nem definir. Sabe-se que na maior parte das biografias registradas consta que o nome de seu pai era “Rodolfo de Barros”, informação que não encontrei documentada, nem mesmo na certidão de Leonor de Barros, irmã de Antonieta, nem nas certidões de óbitos das referidas senhoras.

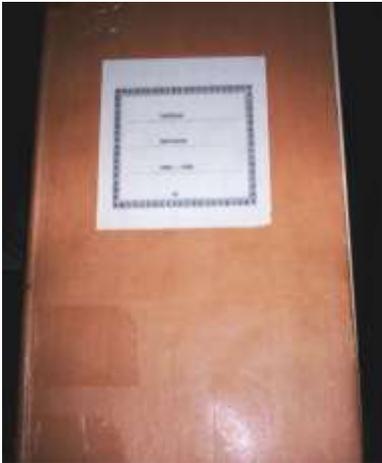


Figura 30.

Foto do Livro de Batizados número 40, 1899 – 1902, na Igreja de Nossa Senhora do Desterro, Catedral Metropolitana, Cidade de Florianópolis/SC. Foto tirada durante pesquisa no Arquivo Eclesiástico da Diocese de Florianópolis/SC em 2008, situado na Rua Esteves Júnior, Centro.

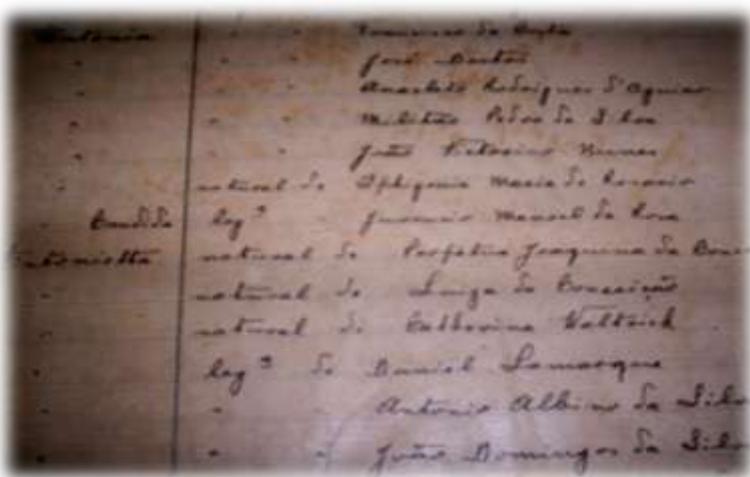


Figura 30.1.

Foto do Registro do Assento na Folha 136, N°280. No registro consta que a criança batizada de nome Antonietta é filha natural de Catarina Waltrick. Foto tirada durante pesquisa no Arquivo Eclesiástico da Diocese de Florianópolis/SC em 2008, situado na Rua Esteves Júnior, Centro.

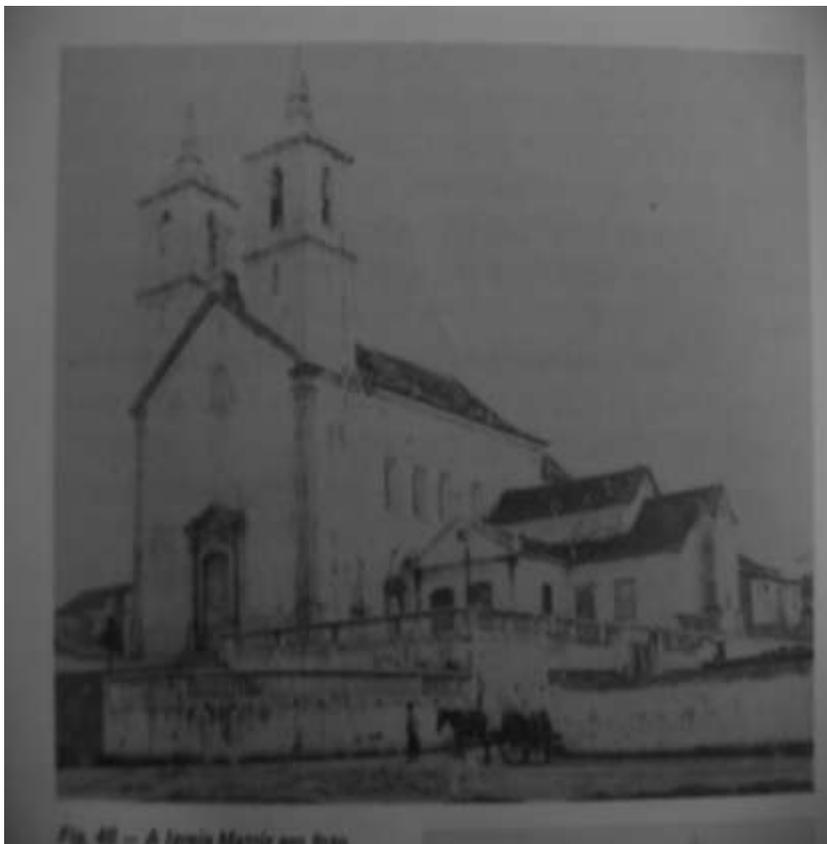


Figura 31.

Local de Batismo de Antonietta em 20/08/1901. Foto da Matriz de Nossa Senhora do Desterro, 1900 – antes da reforma – Catedral Metropolitana da Diocese de Florianópolis/SC. Acervo Biblioteca Pública do Estado de SC.

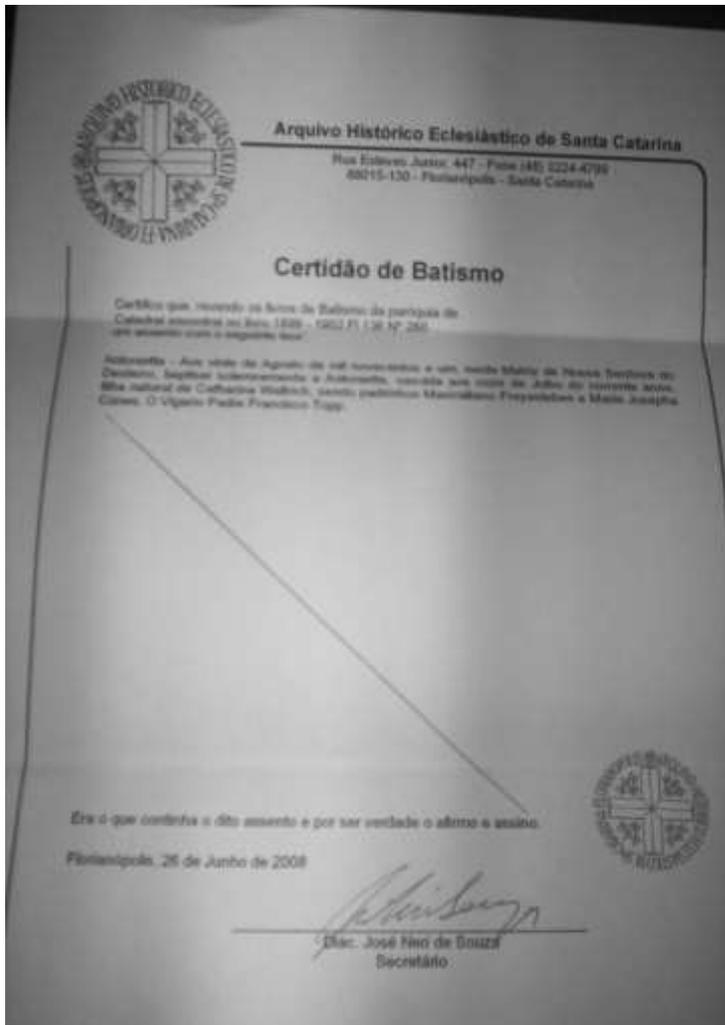


Figura 32.

Foto da Certidão de Batismo de Antonietta de Barros. Livro de Assentos de Batismo 1899-1902. Fonte Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina.

Consta nas biografias de Antonieta de Barros que sua mãe fora empregada na Fazenda da Família Ramos em Lages, assim Catarina Waltrick e seus pais ou mesmo irmãos teriam sido ex-escravos em um lugar denominado de Coxila Rica³⁵³. Isso significa dizer que Catarina Waltrick não nasceu livre, pois seu nascimento data de 29/10/1868. A Lei do Ventre Livre foi assinada e promulgada em 28 de setembro de 1871, libertando toda a criança nascida de mãe escrava. A Lei dos Sexagenários data de 28 de setembro de 1884, liberta todos os escravos acima de sessenta anos. A Lei Áurea nº 3353 data de 13 de maio de 1888, liberta todos os escravos.

Entretanto, será que Catarina Waltrick e seus pais escravos viveram até a abolição da escravatura em uma senzala ou viveram na casa grande, servindo os seus senhores? Sabe-se que na região da Coxila Rica criava-se gado, cavalo, sendo que a maioria dos escravos era destinada ao trato familiar, aos serviços caseiros, não vivendo em senzalas propriamente ditas, mas em dormitórios coletivos.

Precisar isso me pareceu importante, a fim de delinear a Árvore genealógica da biografada; entretanto, esta informação não foi obtida de fontes primárias, o que gerou uma insatisfação do biógrafo que tenta remontar uma história sem documentação apropriada, mas mesmo assim, pode considerar tal informação relevante.

Tão logo saiu a lei Áurea, boa parte dos escravos continuou a trabalhar nas fazendas, como empregados ou seguindo os seus patrões. Foi o caso de Catarina, ela veio junto da família Ramos para a capital do estado quando Vidal Ramos foi eleito vice-governador, por volta de 1898, seu ofício nesta época era ser uma lavadeira.

³⁵³ Coxila Rica, região localizada no município de Lages/SC.

Catarina passou a viver nas imediações do Palácio do governo, na parte de traz destinada aos empregados, no ofício de lavadeira. Mais tarde conheceu o jardineiro Rodolfo de Barros com quem vai contrair matrimônio, conforme consta em sua certidão de óbito, onde se lê: “estado civil viúva”. Quando este matrimônio ocorreu não se pôde precisar, sabe-se, no entanto, que ela assumiu o nome de Catarina de Barros. O curioso nesta história é o fato de ter sido Antonieta de Barros considerada filha natural de Catarina Waltrick, mas ter sido registrada como “de Barros”.



Figura 34.

Foto extraída da seção “Memória Catarinense” do Jornal Diário Catarinense. Família do Governador Vidal Ramos. “Na foto de 1910, o então governador de Santa Catarina Vidal Ramos, com familiares, logo após a posse no governo do Estado; o futuro líder político Nereu Ramos é o primeiro da esquerda para a direita”.

Os patrões de Catarina moraram no Palácio do governo, enquanto Vidal Ramos foi governador, 1910-1914. Dona Catarina por este tempo, segundo fontes orais e biográficas de Antonieta, já não só

lavava roupa para fora, mas sim cuidava de uma pensão para moças, a fim de sustentar suas duas filhas: Antonieta e Leonor. Leonor de Barros nasceu dois anos depois de sua irmã, em 1903. Não foi possível encontrar a certidão de nascimento de Leonor, a fim de verificar a ascendência paterna. Segundo fontes secundárias, Catarina teria se casado com Rodolfo de Barros logo após o nascimento de Antonieta e desta união teriam sido gerados mais dois filhos, Leonor, portanto e um irmão chamado de Cristalino.



Figura 35.
Foto da Casa
do Governador
de Santa
Catarina. Hoje
Museu Cruz e
Sousa. Vista
frontal Praça
XV de
novembro. Font
e: Acervo
Pessoal



Figura 36

Foto da Rua Arcipreste Paiva. Na casa da esquina, segundo consta, no número 15 ao lado da Catedral Metropolitana, esquina com a Rua Vidal Ramos morava a família de Antonieta. Estas casas foram demolidas na época do saneamento promovido pelo Governador Hercílio Luz. Fonte, por volta de 1920. Acervo foto tirada livro de VEIGA, 2008³⁵⁴.

³⁵⁴ VEIGA, Eliane Veras da. *Florianópolis: Memória Urbana*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2008.p. 154.



Figura 37
Foto da Rua
Fernando
Machado. Vista
de um sobrado.
Ano 1970.
Acervo
Biblioteca
Pública do
Estado de SC



Figura 38

Foto da Placa da esquina da Rua Fernando Machado com a Avenida Hercílio Luz. Segundo o IPUF, as numerações da Rua Fernando Machado foram invertidas por volta de 1970. Rua Fernando Machado, local para onde se mudou a família de Antonieta de Barros. Consta nas biografias que no número 32 funcionava uma pensão, sendo que após o ano de 1922, na casa passou a funcionar o Curso Primário Antonieta de Barros até o ano de 1964.



Figura 39
Foto datada de 2008. Na Rua Fernando Machado, número 32. No local onde existiu o Curso Primário Antonieta de Barros e sua casa, ergue-se hoje um edifício residencial, segundo informações de ex-aluno de Leonor de Barros.

A ascendência da biografada por parte de pai não seria precisa em relação a sua cor de pele, já que fotos antigas não deixam transparecer com exatidão a cor da tez, pois camuflam este dado em função da técnica utilizada para manutenção e restauração, ou mesmo da qualidade do filme e do papel de revelação. Fato é que os traços do rosto denotam a origem negra, por ascendência materna. Entretanto, saber se o pai dela era ou não afro-descendente ou mesmo ex-escravo não seria possível precisar; por isso não descarto de todas as informações secundárias sobre um suposto pai jardineiro, ilhéu e também afro-descendente, de nome Rodolfo de Barros, mas que morreu cedo e fez Antonieta e Leonor órfãs. A árvore genealógica de Antonieta começaria, portanto, com os avôs maternos, o nome de solteira da mãe, depois com o nome das filhas, de um lado com valor de verdade documental; do outro lado, considerando a verossimilhança e o valor de verdade relacional e a intertextualidade dos discursos, teríamos o nome do pai, um suposto irmão e uma suposta irmã por parte de mãe, moradora de

Lages, Maninha, a qual gerou a sobrinha que herdou segundo consta em dados secundários, os bens da biografada.

Sabe-se que Antonieta não casou e não gerou filhos, nem mesmo consta que sua irmã Leonor de Barros tenha gerado descendência, o que se verifica nos dados existentes nas certidões de óbito. Então, sobre a veracidade das informações sobre a família fica uma névoa difusa e difícil de delimitar, o que gerou um desconforto para a biógrafa e por vezes deixou a pesquisa “travada”. O que fazer diante deste caso? A resposta quem dá é a “Maria da Ilha” na dedicatória do livro *Farrapos de Idéias*: “À minha MÃE, a grande Amiga que não morreu, e à minha irmã, Saudade, Gratidão e Amizade. 937 – agosto, Maria da Ilha.”³⁵⁵ Portanto, não há referência no livro ao pai ou ao irmão.

Na certidão de óbito da mãe, Catarina de Barros, consta no item estado civil a palavra viúva. Então, a dúvida parece esclarecida de alguma forma, existiu um senhor Barros. E por conjectura, o casal não era casado oficialmente, por esta razão não há o registro institucionalizado.

³⁵⁵ Palavras que constam na Dedicatória do livro. Em 1937, data da publicação do livro “Farrapos de Idéias”, Antonieta, sob o pseudônimo “Maria da Ilha” dedicou-o tão somente às duas mulheres, mãe e irmã, não mencionando nem pai e nem irmão.

Prefeitura Municipal de Florianópolis
Secretaria de Urbanismo e Serviços Públicos
Departamento de Serviços Públicos

Cemitério : I T A C O R U B I

Sepultamento : 14360 Livro: 15

N o m e : ANTONIETA DE BARROS

Ocorrido em : 28/03/52

Á r e a : PREFEITURA Quadra: A Sepultura: 0191

Cartorio : PROTASIO LEAL
Óbito : 15398 Folha: 46V Livro: 32

Falecimento : 28/03/52 Hora: 10:30 Local: HOSPITAL DE CARIDADE

Profissão : PROFESSOR Sexo: FEMININO

Natural : SANTA CATARINA Idade: 51 Est.Civ: SOL

Pai/Mae : CATARINA DE BARROS

Declarante : DEMETRINO SILVA

Médico : DANILO FREIRE DUARTE

Causa Mortis : INFECCAO URINARIA COMA DIABETICA

Figura 40.

Foto da certidão de óbito de Antonieta de Barros Fonte:Acervo da Prefeitura Municipal de Florianópolis, Secretaria de Urbanismo e Serviços Públicos, Departamento de Serviços Públicos, Cemitério do Itacorubi



Figura 41.

Foto da certidão de óbito de Leonor de Barros, irmã de Antonieta. Fonte: Acervo Da Prefeitura Municipal de Florianópolis, Secretaria de Urbanismo e Serviços Públicos, Departamento de Serviços Públicos, Cemitério do Itacorubi.



Figura 42.

Foto da Certidão de Óbito de Catharina de Barros. Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Florianópolis, Secretaria de Urbanismo e Serviços Públicos, Departamento de Serviços Públicos, Cemitério Itacorubi.

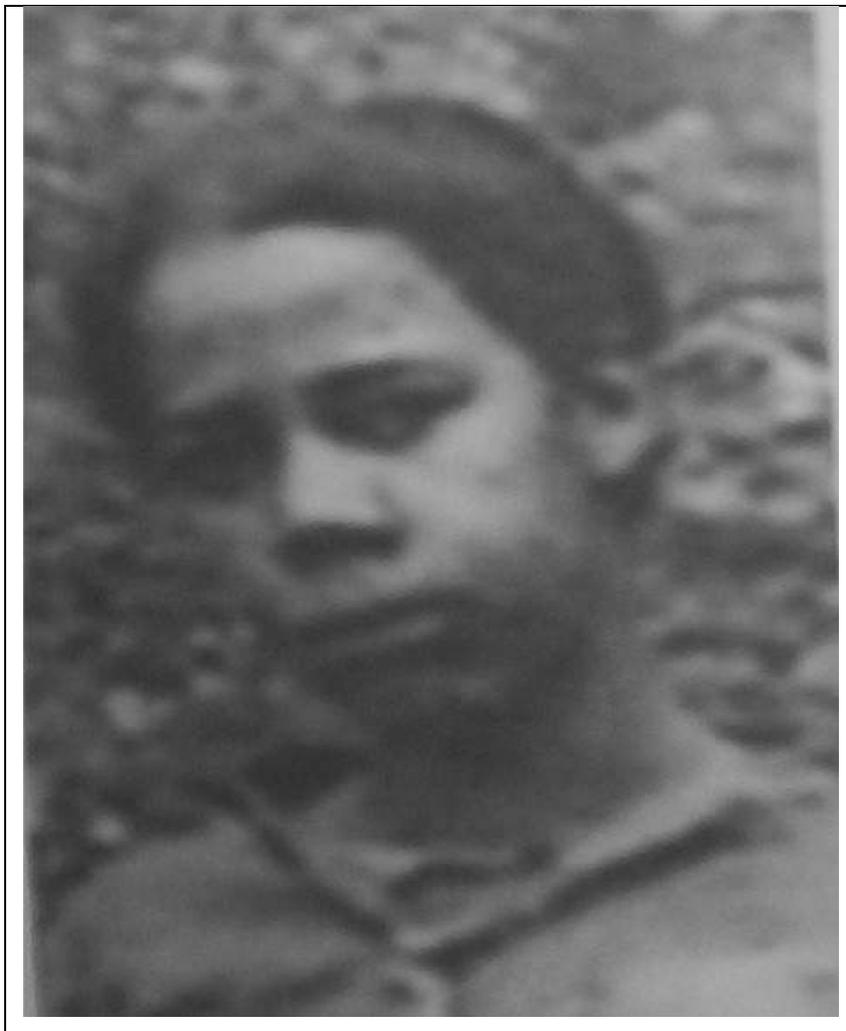


Figura 43.

Antonieta aos 21 anos. Acervo Biblioteca da ALESC.





Figura 43.1
Antonieta aos 30 anos. Acervo Biblioteca da ALESC.



Foto 44. Antonieta de Barros aos 44 anos. Foto tirada do *Jornal O Idealista* de 1945. Acervo da Biblioteca do Estado de Santa Catarina.



GENEALOGIA

AVÓS MATERNOS / ORIGEM LAGES/SC	AVÓS PATERNOS
MARIA WALTRICK HENRIQUE DE SOUZA	DESCONHECIDOS
MÃE CATHARINA WALTRICK ORIGEM LAGES/SC Profissão: Lavadeira (*29/10/1868 + 10/09/1934)	PAI RODOLFO DE BARROS ORIGEM DESCONHECIDA. Profissão: Jardineiro (datas de nascimento e morte desconhecidas)
Catharina de Barros casou-se com Rodolfo de Barros Da união nasceram três filhos...	

Filha de Catarina	Antonieta de Barros (11/07/1901 +28//03/1952)	Leonor de Barros (24/10/1903 +12/04/1973)	Cristalino de Barros Datas de nascimento e morte não encontradas
Maninha Waltrick (Irmã) Lages/SC	Florianópolis/SC Solteira Profissão: Professora, Escritora e Política.	(Irmã) Florianópolis/SC Solteira Profissão: Professora	(Irmão) Origem desconhecida
Casada			

OBS.: Em Lages, houve uma suposta filha branca de Catarina Waltrick: Maninha. Foi para a filha de Maninha, a Sobrinha de Lages para quem ficaram os pertences de Antonieta ao morrer.

A referência a uma origem escrava ou mesmo uma discussão apurada sobre a condição do negro na sociedade Florianopolitana não faz parte da retórica dos textos que Antonieta escreveu desde o início de sua carreira como intelectual e escritora nos jornais da época, o que

levaria um crítico literário ou mesmo um estudioso da teoria literária a não dar tanto valor a esta questão. No entanto, algumas metáforas utilizadas por Antonieta poderiam aludir à condição de dificuldades que vivia a Humanidade, os pequenos em relação às condições de vida que foram modificadas a partir das transformações ocorridas na geografia da cidade.

A questão relacionada à cor de sua pele foi, conforme fonte em jornal³⁵⁶, citada preconceituosamente por Oswaldo Cabral³⁵⁷ em ofensa dirigida à deputada, já no final de sua vida. Este fato pode ter acentuado ou mesmo ter gerado o mito para a sua “raça”, como foi visto no item dois. Entretanto, só aí parece que a cor da pele tenha causado polêmica e tenha sido assunto de uma crônica de jornal da capital. Mesmo assim, sabe-se por relatos, fontes secundárias e por pesquisas que a personalidade não pode ficar restrita à discussão relacionada à diversidade, como ocorre hoje, no início do século XXI. É necessário pensar Antonieta no contexto de sua época e dar o devido valor ao seu intelecto e a sua *luta por um lugar ao sol*. Uma vez que a biografada dialoga em suas crônicas com todas as etnias e com todas as classes. Entretanto, gostaria de frisar que para os seus alunos Antonieta era especial como pessoa e profissional. Não há referências por parte deles

³⁵⁶ Jornal *O Estado* de 29/04/1951. Episódio “Intriga barata de senzala”. Segundo texto de Maria da Ilha, estas foram palavras do Deputado Oswaldo Rodrigues Cabral ao comentar o texto do editorial de domingo (22/04/1951), quando Maria da Ilha critica as atitudes do atual governador do Estado em exonerar os professores das escolas estaduais que não pertenciam ao seu partido.

³⁵⁷ **Oswaldo Rodrigues Cabral** foi historiador, professor de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, presidente da Assembléia Legislativa do Estado e Constituinte de 1947, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e membro da Academia Catarinense de Letras.

sobre atos de discriminação ou de rebeldia sobre a cor da pele da professora. O respeito a sua intelectualidade superou a questão relacionada à cor, por uma imposição da própria Antonieta. Estudou e lecionou em meio a todos, superou seus próprios limites e tornou-se a primeira mulher negra a assumir uma cadeira no Parlamento do sul do Brasil e isso, considerando o insulamento a que estava acostumada não foi pouco.

Antonieta sofreu, sim, o preconceito por parte da crítica literária da Academia, como, aliás, todos os demais de sua cor, porém, não se abateu e persistiu tanto na *Liga do Magistério*, bem como no *Centro Catarinense de Letras* e após quinze anos daquele episódio da *Revista Terra*, conseguiu publicar o seu primeiro e único livro. Aliás, não há indícios do tema sobre a negritude em seus textos, antes sim um silêncio, *o mesmo silêncio que mexia* com suas “Alamedas Interiores”, o mesmo Silêncio que a fazia produzir e produzir.

Franz Fanon em *Pele Negra, máscara branca* reflete sobre o “ser negro” e a necessidade que o “negro” tem, ao assimilar a cultura Ocidental dita branca, de enxergar-se. A consciência moral supõe uma espécie de cisão, uma ruptura da consciência, com uma parte clara que se opõe a uma parte sombria. Para que haja moral é preciso que desapareça o negro. Então o negro, em todos os momentos, combate ³⁵⁸a própria imagem. Após ter sido escravo do branco, ele se auto-escraviza. O negro é, na máxima acepção do termo, uma vítima da civilização branca. Refletindo sobre esta questão, observa-se que os textos de Antonieta, crônicas de uma ilha, também não trazem traços de outra civilização que não seja branca, haja vista as citações utilizadas por ela e

³⁵⁸FANON, Franz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. EDUFBA: Salvador, 2008. P. 162.

a maneira pela qual se remete ao leitor: “moços”, “moças”, “homens”, “mulheres”, “pequenos”, “Humanidade”, portanto não há uma adjetivação sobre o termo que denotaria o tema. Antonieta se refere a todos e a todas, sem definir a cor de sua pele.

O fato de sua origem negra por ascendência materna já demonstra o quanto a luta por um lugar na sociedade foi grande. Vale lembrar que tanto a mãe de Antonieta, bem como a própria foram auxiliadas pela família Ramos do ponto de vista financeiro. Consta que Nereu Ramos³⁵⁹ era um amigo de Antonieta, conforme depoimento em 1991 da Professora Olga Brasil³⁶⁰, amizade que se transforma em companheirismo nos encaminhamentos políticos e atuação na vida pública, porque foi com o convite de Nereu Ramos que ela entrou para o Partido Liberal, sendo a única candidata do sexo feminino na eleição da Assembléia Constituinte de 1935. Os caminhos foram oportunizados. As oportunidades não foram deixadas de lado, antes consistiram em um

³⁵⁹ **Nereu de Oliveira Ramos** nasceu na região de Coxilha Rica, distrito de Lages, 03/09/1888 e faleceu em um acidente de avião em São José dos Pinhais em 16/06/1958. Foi o primeiro e único catarinense a ocupar o cargo de presidente do Brasil. Foi senador, deputado federal, deputado estadual, governador do Estado de Santa Catarina e constituinte em 1935. Foi colega de classe do também ex-presidente Getúlio Vargas em São Leopoldo/RS, e formou-se em Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1909. Iniciou sua carreira política em 1911, quando chegou à Assembléia Legislativa. Foi governador, senador, ministro, vice-presidente da República. Em 1949 ocupou a presidência durante viagem do então chefe do Executivo Eurico Gaspar Dutra aos Estados Unidos. Presidiu o Brasil de 11/11/1955 a 31/01/1956, quando empossou o eleito Juscelino Kubitschek. Fonte: Jornal *Diário Catarinense* de 06/06/2008, seção Política, página 10.

³⁶⁰ **Olga Brasil da Luz** era natural de Florianópolis/SC, nasceu em 1925 e faleceu aos 82 anos em 7/02/2007 em Florianópolis/SC. Professora, dedicou boa parte de sua vida a ensinar alunos na região. Ex-integrante do Conselho Estadual de Educação. A dedicação ao ensino mereceu reconhecimento, sendo homenageada com a medalha Antonieta de Barros, medalha de mérito da Câmara de Vereadores e Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina. Em 1958 fundou a Escola Alferes Tiradentes, anexa à casa onde morava. Era membro da Irmandade do Senhor dos Passos. Fonte Jornal *Diário Catarinense* de 08/02/2007, seção Geral, página 29.

trampolim para que a luta e a persistência da mulher Antonieta frutificassem, seja como professora atuante, seja como política dedicada seja como escritora cronista a exercer uma crítica social engajada para o seu tempo.

Na crônica *O Silêncio* Antonieta confia ao leitor o prazer que sente ao ficar em silêncio, momento de revelação de um “poder mágico”. Mas, também, um momento de “tortura” em que se vê ruir as esperanças da existência. O silêncio é um momento íntimo de contradições. É com o silêncio que ela produz. É envolta em silêncio que ela consegue ficar consigo mesma, com suas dúvidas, anseios, enlevos, realizações, perda. É no silêncio que as fraquezas se transformam em força para o enfrentamento do cotidiano, das batalhas diárias a que todo trabalhador se depara. Nesse momento a magia do despertar a alma acontece.

O Silêncio³⁶¹

Nos instantes de grande inquietação, quando em torno de nós, há uma carícia envolvente, o silêncio ergue os reposteiros de veludo para a revelação do seu poder mágico.

E constrói e ressuscita, para nosso enlevo ou para nossa tortura, todo o castelo fantástico, onde agasalhamos os nossos anseios, que, as mais das vezes, vemos ruir, no malogro constante das esperanças que nos enchem a existência.

Quando ele se faz tão profundo que parece a própria vida, se paralisou e a alma, insensivelmente, se engolfa em si mesma, pelo poder da sua magia, o silêncio acorda, levanta, movimenta, e passa-nos, na tela maravilhosa do pensamento, os dias vividos, toda a glória ou toda derrota, a ronda espectral dos

³⁶¹ ILHA, Maria Da. *Farrapos de Idéias*. 2ed. Florianópolis: ETEGRAF, 1971.p. 55-56.

sonhos, tombados à margem do caminho nessa nossa infinita ânsia construtora de mais vida, de mais perfeição...

Dos grandes silêncios, daqueles que obrigam as criaturas a uma interiorização perfeita consigo mesma, é que surge todo o maravilhoso da existência.

O idealista, o rebelde, o revolucionário, o cientista, o artista, todos os espíritos criadores, é, sob a carícia do silêncio, que elaboram os planos dos novos e dilatados horizontes.

Lá fora, no embate com as criaturas, no jazz-band formidável da Vida, nada se produz.

A parte divina, que cada um de nós possui, como que amedrontada, refugia-se nos cantos mais secretos da alma, e lá se deixa ficar adormecida.

Só o silêncio, o mágico por excelência, tem o poder de despertar para a alma, os grandes planos, sementes das soberbas realizações.

“Cada escritor tem uma situação na sua época, cada palavra sua repercute, assim como cada silêncio”, palavras de Jean-Paul Sartre publicadas no jornal *O Estado*, de 20 de maio de 1951, na seção “Prosa e Verso”. Assim, o silêncio e a palavra têm um mesmo peso, uma mesma medida. No silêncio da noite, as máscaras se desfazem, a cortina se fecha, o castelo dos sonhos é o refúgio do malogro do dia que fenece. Porque, segundo Antonieta: “[...] A parte divina, que cada um de nós possui, como que amedrontada, refugia-se nos cantos mais secretos da alma, e lá se deixa ficar adormecida. [...]”. Ao ler este texto, percebe-se que Antonieta não se sente vitimada, ou mesmo desencantada com a vida que tem e leva. Observa-se uma Antonieta reflexiva diante de sua vida diária agitada. Só quando ficava em silêncio conseguia conversar consigo mesma e por em ação seus planos de realização. E dentre suas realizações, estava o desejo de estudar e ser professora, lutando por seus ideais e pelos valores nos quais acreditava o que de fato ocorreu em

1922, o mesmo ano em que no Sudeste brasileiro ocorria em São Paulo a Semana de Arte Moderna.

Formação e Educação de Antonieta

Em 1906, a menina Antonieta, aos cinco anos, foi alfabetizada na escola particular da Professora Maria Meira Lima. Em 1908 faz a primeira comunhão em 05 de dezembro na Igreja Matriz da cidade. Durante o ano de 1910, a pequena Antonieta passa a freqüentar uma escola pública para crianças, sob o comando de direção da Professora Maria das Dores Rosa Conceição e Souza. No ano seguinte, 1911, freqüenta a escola pública, no prédio anexo ao que será o “Grupo Escolar Lauro Muller”. Posteriormente, com a reforma educacional na Instrução Pública pelo então Governador do Estado Vidal José de Oliveira Ramos (1910 a 1914),

Antonieta vai ser matriculada oficialmente no quarto ano primário do Grupo Escolar Lauro Muller. A inauguração oficial do grupo escolar foi em vinte e quatro de dezembro de mil novecentos e doze, ano em que Antonieta conclui o primário e passa para o Ginásio. Antonieta fica no Grupo Escolar Lauro Muller até a sua formatura no ginásio. Em 1916, aos quinze anos, faz o primeiro ano do Complementar no mesmo Grupo Escolar. Em 1917, aos dezesseis, prepara-se aos o exame de admissão da Escola Normal Catarinense.

Com a reforma do ensino e com a instituição, em dezanove de abril de mil novecentos e onze, dos grupos escolares, passa a ser obrigatório o ensino público e gratuito para as crianças de sete a quatorze anos. O que facilitou a vida de trabalho não só para Catarina,

mas para todas as mulheres de baixo poder aquisitivo, pobres e humildes, que precisavam de um ambiente de estudo para seus filhos ficarem parte do dia. Assim, não só Antonieta pode estudar como também sua irmã Leonor. Com isso, a escolarização das meninas estava praticamente garantida. Antonieta terminou o quarto ano primário com dez anos, passando então a fazer o complementar e posteriormente o ginásial. Naquele tempo quem não tinha possibilidades de passar direto para o ginásio, fazia dois anos de complementar. A formatura da já adolescente Antonieta aconteceu em 1917, no Grupo Escolar Lauro Muller.



Figura 45. Grupo Escolar Lauro Muller. Foto do acervo pessoal.

Em 1918, com dezessete anos, a moça Antonieta ingressa na Escola Normal Catarinense para o curso de Magistério para abraçar o ofício para o qual vai dedicar toda a sua vida. A escola Normal Catarinense situava-se ao lado da Biblioteca Pública. Antonieta de Barros freqüentou o Curso de 1918 até 1921, cuja formatura foi realizada em oito de dezembro. Na escola Normal, além de ter conhecido Maura de Senna Pereira, sua colega de turma, Antonieta foi aluna de pessoas ilustres da cultura catarinense, tais como: José Boiteux, Francisco Barreiros Filho e Altino Flores.

A Escola Normal Catarinense foi criada em 10 de junho de 1892. A instituição funcionava na esquina da Rua Trajano com a Rua Tenente Silveira, atrás do palácio do Governador, hoje Museu Cruz e Sousa, então sede do governo do Estado.



Figura 46. Escola Normal Catarinense até 1924. Rua Tenente Silveira esquina com a Rua Trajano, Centro, atrás do Palácio do Governador do Estado e próxima à biblioteca pública.³⁶²

Em maio de 1924, durante o governo Hercílio Luz, a escola ganhou nova sede, em um prédio na Rua Saldanha Marinho, no Centro de Florianópolis, onde ficou até 2007 o Centro de Ciências Humanas e a Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, atual Museu da Escola Catarinense. Em janeiro de 1947, a Escola Normal Catarinense trocou de nome pela primeira vez: virou Instituto de Educação Dias Velho. Em 1949, a instituição passou a ser chamada Colégio Dias Velho. O Colégio recebia um número cada vez maior de aluno e precisava de mais espaço. Para abrigar as novas instalações, foi escolhido o terreno do Campo do Manejo, onde havia um quartel do Exército, localizado onde hoje fica o ginásio Rozendo Lima³⁶³

³⁶² CORREA, Carlos Humberto P. *História de Florianópolis Ilustrada*. Florianópolis: Insular, 2007

³⁶³ A Escola Normal nasceu em 1892. Há 115 anos, através do decreto 155 do governador provisório Manoel Joaquim Machado. De 1892 a 2007, a instituição cresceu e atualmente é um ponto de encontro de pessoas de várias cidades da Grande Florianópolis/SC. O Instituto Estadual de Educação localiza-se no espaço onde existia o Campo do Manejo, uma área utilizada para manobras militares do Exército. Era um local bem diferente do atual, no qual casas geminadas dividiam espaço com circos e ciganos que passavam por onde hoje ficam o tribunal de Contas do Estado (TCE) e o Ministério Público Federal (MPF). A Avenida Mauro Ramos era de chão batido e não havia o aterro da Baía Sul. “Isso aqui era cheio de mamoneiras e muitos cavalos pastavam aqui”, lembra o Professor e Diretor Ademilton Bernardes. Com o projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer, a obra demorou de 1950 a 1964. Em 1964, foram inauguradas as novas instalações do Instituto Estadual de Educação. Fonte sítio do Instituto Estadual de Educação. (WWW.iee.gov.br)



Figura 47. Escola Normal Catarinense após 1924/1926. Depois Instituto de Educação até 1960. Após Faculdade de Educação FAED da UDESC até 2007. Hoje Museu da Escola Catarinense. Fonte: Acervo do Museu da Escola Catarinense.



Figura 48 Foto do Colégio Estadual Antonieta de Barros, antes Colégio Dias Velho. Acervo Pessoal. 2007.

No livro *História da Cultura Catarinense: O Estado das Idéias Volume um*, Carlos Humberto P. Corrêa publica uma foto de Antonieta de Barros³⁶⁴ com a Beca de formatura e o diploma na mão obtido da Escola Normal em 1921, ano de sua conclusão e formatura. Abaixo da foto, Correa (1997) na menção da figura 25, na página 165, observa: “Professora Antonieta de Barros, ainda jovem, intelectual e política de grande influência na sociedade Catarinense”.

³⁶⁴ Figura 49. Antonieta de Barros de Beca e segurando o diploma de Normalista, 1921.



FIGURA 25 – Professora Antonieta de Barros, ainda jovem, intelectual e política de grande influência na sociedade carolinense.

165

4.3 A atuação na vida social e intelectual na sociedade de uma época.

É geral o fascínio pelas conquistas destruidoras³⁶⁵

Um instante de observação dá-nos a idéia do profundo sentimento de destruição que domina os homens, mundo em fora.

Fugiram-lhe d'alma todas as migalhas da esfarrapada fraternidade existente.

Há uma ânsia contínua de dominar, vencer, de esmagar.

Debalde se fazem salamaleques de concórdia; debalde se cogita de desarmamento; debalde se finge uma superioridade espiritual, muito distante, ainda.

O século XX, onde se requintaram as conquistas da ciência; onde um Marconi zomba das distâncias, e, de bordo do seu “Electra”, no Velho Mundo, ilumina mundos novos; onde os pássaros de aço cruzam os ares nunca dantes navegados, aos bandos; o século XX, o século das Luzes, tem primado pelo entreechoque das armas, pelas guerras, em todos os pontos da orbe terrestre, transformando-o na mais triste e dolorosa Babel.

A inteligência, essa graça, dádiva característica da superioridade da nossa condição humana tem concorrido, naturalmente, com as suas conquistas para o aniquilamento da mesma humanidade.

Nos laboratórios, consomem-se cérebros, à procura – de meios mais eficientes de se matarem homens.

É geral o fascínio pelas conquistas destruidoras.

Os que as alcançam, são apontados a dedo pelas multidões admiradas e agradecidas.

Éstes são os frutos duma sabedoria elevada a um grau inconcebível de desenvolvimento, mas vencida pelo terrível mal da egolatria.

Esta é a fraternidade do século XX.

E a tudo isso dá o nome pomposo de alta civilização.

E tudo isto significa progresso de que nos devemos orgulhar.

Neste caos, iluminado pela ciência, a humanidade, como se desconhecesse a finalidade da vida, parece sentir a alegria das crianças perversas, que se distraem, destruindo, com um simples pontapé, todos os castelos de pedacinhos de madeira, levantados, pacientemente, pelo simples de coração, os bem-aventurados de todos os tempos.

Nesta crônica há uma visão genérica do século XX segundo o olhar de Antonieta. Ela se refere ao progresso, às inovações, às guerras em geral, à fabricação da bomba atômica, ao egoísmo humano.

³⁶⁵ ILHA, Maria da. *Farrapos de Idéias*, 1971. P.131-132

No mesmo ano em que Antonieta entra para a Escola Normal, o mundo vive o fim da I Guerra Mundial (1914-1918). Santa Catarina e Paraná encerravam uma briga por terras na divisa dos estados em que mais de nove mil casas haviam sido queimadas e vinte mil pessoas mortas, era o fim de uma “guerra santa” de cinco anos, a Guerra do Contestado (1911-1916).

Quando Antonieta se formou na Escola Normal, no início da década de 20, o Brasil vivia um momento de grande efervescência cultural e política, marcado por insatisfações e pela busca de soluções para os problemas existentes como, por exemplo, a corrupção no sistema eleitoral e o problema do alto índice de analfabetismo. A escolarização era vista “como um problema vital, pois a solução dele dependia o encaminhamento adequado dos demais problemas nacionais.”³⁶⁶ No plano econômico a década de vinte se caracterizou como um período de passagem do sistema agrário-comercial para o urbano-industrial nos grandes centros, como nas cidades do Sudeste brasileiro.

Em 1922 ocorre no plano cultural a realização da Semana de Arte Moderna, em São Paulo, e no plano político ocorre uma revolta de militares, na capital federal, Rio de Janeiro, conhecida como os “Dezoito do Forte” de Copacabana. Ocorre uma movimentação pública e política pela criação do Partido Comunista Brasileiro e pelo crescimento do feminismo em busca do sufrágio universal.³⁶⁷

Antonieta por este período fazia parte da Liga do Magistério como secretária. Por esse período a Liga do Magistério recebeu o

³⁶⁶ Nagle, 1974. P.109

³⁶⁷ Hanger, 2003, Nagle, 1974, Soihet, 2000

convite para participar do movimento em favor do Progresso Feminino. O movimento pelo estabelecimento do voto feminino no Brasil foi essencialmente um movimento de classe média em prol de uma mudança judicial para garantir o voto daquelas mulheres que haviam alcançado a mesma qualificação que os homens, “não uma tentativa de revolucionar o papel da mulher na sociedade, nem a própria sociedade em si.”³⁶⁸

As mulheres urbanas não originárias da elite viam na escola normal uma possibilidade de acesso ao “crescimento educacional e social”. A grande concentração de mulheres nesse setor de ensino indica que consideráveis contingentes humanos começavam a ver na profissionalização dos elementos femininos da família de ascensão social do Grupo como um todo.³⁶⁹ Nessa perspectiva a Escola Normal era defendida para a “mocidade feminina”, como espaço de igualdade. O jornal *A Barricada* de orientação anarquista, em 1915, já informava que: “No mesmo pé de igualdade, pobres e ricas, brancas ou não ombreiam [...] (umas com as outras) diariamente nos bancos da Escola, recebendo a mesma educação.”³⁷⁰

Nessa campanha pela qualificação e luta por direitos da mulher, surge a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, FBPF, a qual organizou a *1ª Conferência pelo Progresso Feminino*, em 1922, ano de sua fundação; e o *II Congresso Internacional Feminista*, em 1931.

³⁶⁸ HAHNER, June E. *Emancipação do Sexo Feminino: A luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003. P.31

³⁶⁹ SAFFIOTTI, Heheith lara Bongiovanni. *A mulher na sociedade de classes. Mito e realidade*. São Paulo: Quatro Artes, 1969. P.202-12.

³⁷⁰ Idem, Op. Cit. .P. 196

Ambos aconteceram no Rio de Janeiro e mereceram uma enorme cobertura da imprensa escrita, pelo que se pôde observar nos recortes de jornais encontrados no acervo da Biblioteca Pública. Representações do Ser feminino para as mulheres eram comumente reafirmadas pela Federação, embora esse pensamento não fosse unânime entre as suas associadas.

Na citada Conferência de 1922, na discussão sobre *Educação Profissional* era trazida a seguinte fala do professor Aprígio Gonzaga no Conselho de Educação de São Paulo: “A escola tem de encarar a mulher sob duas faces: a mulher casada e a mulher solteira. A missão principal da mulher é de ser: “mãe de família, esposa, quando necessário for, trabalhadora ao lado do homem, para se manter, sem dependências ou humilhações.” E pelas características de sua natureza: meiga, paciente, dócil, maternal, afetiva, entre outras, a profissão de magistério para a infância, por exemplo, lhe era adequada. O discurso ameno e reformista do grupo ligado a FBPF provocou alguns “rachas” no movimento feminista que se constituía

Como o descontentamento político e os protestos contra a oligarquia cresciam, tornava-se maior a possibilidade de direito ao voto feminino encontrar seu lugar em meio às exigências de reforma eleitoral da classe média urbana.³⁷¹ Nesse contexto, destacam-se grupos interessados em marcar posição de forma mais amena, frente à sociedade e ao poder instituído; entre eles encontra-se a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino que tinha por objetivo a conquista por parte das mulheres, de maiores direitos civis e políticos, tendo como principal bandeira a luta pelo voto feminino, “uma bandeira já levantada

³⁷¹ Hahner, 2003, p.269

no final do século XIX, após a instauração da República, mas negada pelo Congresso Constituinte, em 1891”³⁷² e só conquistada pelo decreto de 24 de fevereiro de 1932.

A Federação teve origem na Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher. Considerada como pioneira das lutas feministas. O nome que desponta nessa empreitada é o de Bertha Lutz, que havia estudado na Europa, licenciando-se em ciências na Sorbonne, voltando ao Brasil em 1918. No período de estudos teve contato com a campanha sufragista inglesa, fato estimulador para a criação da Liga, em 1919, juntamente com outras mulheres de classe média, entre elas Maria Lacerda de Moura³⁷³, uma professora primária e escritora de Minas Gerais. Também Mariana Coelho³⁷⁴, “uma professora e escritora do Paraná, que se destacou como uma trabalhadora incansável e uma feminista dignidade respeito, tendo como dominante em seus escritos a preocupação com a situação da mulher e seus direitos”³⁷⁵. Mariana Coelho integrou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e esteve presente em congressos feministas de 1922, 1933 e 1936 promovidos por esta entidade, como representante do Paraná.

³⁷² Idem, cf. Hahner, 2003, p.29

³⁷³ **Maria Lacerda de Moura**, professora, escritora e membro da Federação para o Progresso Feminino. Foi uma feminista ativista.

³⁷⁴ **Mariana Coelho** nasceu em Vila Real, Portugal em 10/09/1880 e faleceu aos 30/11/1954, aos 74 anos em Curitiba/PR. Foi professora, escritora e ativista feminista.

³⁷⁵ MUZART, Zahidé Lupinacci. (Org.) *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. Vol. II. Florianópolis: Editora Mulheres; Edunisc, 2004. Página 890.

Rosana Kamita³⁷⁶, ao estudar Leontina Cardoso e o livro de biografias “Almas”, comenta o seguinte sobre as lutas das mulheres no início do século XX:

As tentativas e conquistas femininas aconteciam lentamente e se intensificaram alguns anos mais tarde com a campanha sufragista. Pelo que Leontina Cardoso deixou registrado em seus livros, ela foi uma mulher de vanguarda, não ficou impassível diante dos esforços que suas contemporâneas empreendiam pela conquista de direitos civis. Elogiou, por exemplo, a atuação de duas feministas de sua época, Bertha Lutz, uma das principais líderes do movimento sufragista e Maria Eugênia Celso, escritora e feminista, a certa altura da biografia de Nísia Floresta, que fora, a seu ver, no século XIX, ‘propulsora das aspirações que só hoje se tornaram realidade, depois de doze anos de campanha ininterrupta pela energia inquebrantável de Bertha Lutz e pela inteligência de Maria Eugênia Celso’.

A Liga era apenas um grupo de estudos, de orientação laica, que buscava a “emancipação intelectual” da mulher. No tempo de sua criação, as duas mulheres concordavam sobre a necessidade de se apresentar alternativa, além das já existentes Associações Cristãs ou da Legião da Mulher Brasileira.³⁷⁷ Na chamada oficial para a fundação, dizia Bertha Lutz:...o melhor papel para as mulheres seria o de ‘tornarem-se instrumentos preciosos ao progresso do Brasil.’ Bertha Lutz opunha-se ao tratamento indulgente dispensado às mulheres, sempre tratadas como brinquedos ou crianças mimadas, e expressava

³⁷⁶ KAMITA, Rosana. *Leontina Licínio Cardoso*. In.: MUZART, Zahidé L. (Org.) *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. Vol. II. Florianópolis: Editora Mulheres; Edunisc, 2004. Página 573.

³⁷⁷ HAHNER, June E. *Emancipação do Sexo Feminino: A luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003, p.289

sua fé no poder da educação para remediar esse estado de coisas, pois o Brasil ainda estava muito atrasado em relação aos países dominantes do mundo.³⁷⁸

Por divergências de idéias, Maria Lacerda de Moura não participa da fundação da Federação. Enquanto Bertha Lutz prioriza a luta pela ampliação dos direitos políticos e legais da mulher, ansiando pela melhoria da situação econômica da mulher dentro da sociedade brasileira. Tudo indica que “o direito de voto traria benefícios principalmente às mulheres de classe média, muito mais que uma substancial ajuda ao grosso da população brasileira ou maiores alterações na estrutura social do país”.³⁷⁹



Maria Lacerda de Moura



Bertha Lutz

³⁷⁸Idem, cf. p.288

³⁷⁹Ibidem, cf. pág.291-2.

O enxerto da crônica, escrita por Antonieta e reproduzida abaixo, data de dois anos após o II Congresso Internacional Feminista ocorrido em 1931.

Nós precisamos de paz e de uma sã fraternidade³⁸⁰

Comunicam-nos do Rio, da Federação pelo Progresso Feminino, na Convenção Eleitoral Feminina ali havida, de três a seis do corrente, foi votada, unanimemente, a repulsa ao serviço militar feminino.

Não nos causou estranheza aquêlo gesto. Outra não podia ser, nem devia ser a atitude das mulheres, não por fraqueza, mas por dever.

O serviço militar lembra, sempre, imediatamente, a guerra. E a Mulher não deve cooperar num átomo, para que a vida fuja do seu curso natural e se embrenhe nos fervedouros terríveis da guerra, da destruição, da miséria.

A Mulher não deve empregar o seu esforço, para o mais ingrato dos frutos do egoísmo.

A Mulher não deve reforçar as fileiras dos que se deixam matar pelos sonhos alheios, pelo bem-estar de certos.

*** [...]

Não é para o bem das coletividades que se fazem as guerras, mas, sim, para o proveito de alguns e a ruína das massas

O pensamento de Antonieta de Barros sobre o tema feminismo apresenta-se controverso. Há crônicas em que ela embate a novidade e em outras ela enaltece o movimento, mostrando-se sempre conectada ao que acontecia na Capital do país. Ela se utiliza do espaço no jornal *República* semanalmente e comenta em certas ocasiões as decisões tomadas pelo Movimento da FPF. Antonieta, como pode ser percebida em seus discursos, era a favor de que a mulher trabalhasse na escola em prol da educação dos “pequenos”, a fim de transformar o “homem”; ela própria não casou e nem teve filhos, optando pela vida de solteira e de dedicação ao magistério como um sacerdócio, uma vocação.

³⁸⁰ *República*, 24 de dezembro e 1933. ILHA, Maria da. *Farrapos de Idéias*, 1971. P.127-136.

Afirma Antonieta em um de seus discursos de Paraninfa: “[...] O contrário seria mentir ao meu sacerdócio a este sublime sacerdócio, cuja prática a posse do diploma vos possibilita neste dia, que não digo vosso, porque é meu também, e de todos os que comungam do vosso triunfo. [...]”; “[...] Sim, porque nós, os que nos dedicamos a plasmar na parte psíquica do homem, a beleza da perfeição, ampliando-lhe as migalhas de divindade lá existentes, nós fazemos desse esforço o meio para chegarmos a uma sociedade melhor, a uma Pátria cada vez melhor e, conseqüentemente, a um mundo melhor. [...]”; “[...] Mulher, à proporção que mais penetro na vida, mais compreendo as responsabilidades que nos cabem na felicidade do mundo. [...]”³⁸¹

Segundo Kamita (2004: 573) “essa era uma época em que, apesar de ainda vigorarem os antigos conceitos segundo os quais o ideal seria que a mulher permanecesse com a família e cuidasse apenas dos afazeres domésticos, ela não mais se limitava à estreiteza do lar e, junto dos homens, já surgia como força de trabalho significativo”. Esse novo comportamento da mulher levava-a a ocupar determinada profissão, sendo contratada para atividades de menor remuneração, isso porque a sociedade ancorava-se em velhos padrões de tratamento desigual entre os gêneros. Kamita (2004) ainda afirma que “nas primeiras décadas do século XX distingue-se a participação da mulher na imprensa, seja como autora, seja como tema; a discussão sobre os direitos da mulher começou a ocupar valioso espaço na sociedade brasileira.” Na capital surgiam outras formas de pensar e agir das mulheres, sob a influência do pensamento de outros lugares do mundo, como Europa e Estados

³⁸¹ILHA, Maria Da. *Farrapos de Ideias*. 2ª Ed. Florianópolis: ETEGRAF, 1971.. P. 226-227.

Unidos, informações que vinham através do cinema, do teatro, do rádio, das manifestações do movimento modernista, como a Semana de Arte Moderna de 1922. Essa “nova mulher”, conforme afirma KAMITA (2004) apresentava-se diferente, em “ares” de liberdade. As mulheres da elite viam-se na possibilidade de ampliarem sua atuação, não se limitarem aos rígidos comportamentos exigidos de suas mães e avós. “Esse clima foi propício para que se questionasse a situação política da mulher e o movimento sufragista tornou-se a grande bandeira feminista.”³⁸²

Diante da empreitada feminista e da efervescência dos pensamentos, atuações e eventos ocorridos no Sudeste brasileiro e na Capital Federal, aqui a vida passava também a ser transformada pelo progresso. Na Ilha de Santa Catarina, a década de vinte vem marcada pela transformação da paisagem urbana, pelo desenvolvimento dos transportes, pela construção da Ponte Hercílio Luz, primeiro acesso de ligação entre o continente e a Ilha; também no meio político é um período de domínio Hercilista; de criação da Sociedade Catharinense de Letras, futura Academia Catarinense de Letras. Em 1925 Antonieta faz parte do Centro Catharinense de Letras.

As mudanças urbanas na cidade surgem sob a bandeira do saneamento e em prol da saúde pública. O governador Hercílio Pedro da Luz constrói a Avenida do Saneamento que será inaugurada com o seu nome, Avenida Hercílio Luz. Muitas famílias e casas de famílias menos favorecidas foram retiradas das margens do rio da Bulha, também das casas existentes na Rua Arcipreste Paiva, esquina com Rua Vidal

³⁸² KAMITA, Rosana. *Leontina Licínio Cardoso*. In.: MUZART, Zahidé L. (Org.) *Escritoras Brasileiras do Século XIX. Vol. II. Florianópolis: Editora Mulheres; Edunisc, 2004. Página 573.*

Ramos, local onde residiu primeiramente Antonieta de Barros e sua família.

Com a regulamentação do ensino público, após a primeira conferência para o Progresso Feminino, muito da discussão ficou em relação à educação e ao trabalho de professor e quem exerceria melhor este papel.

A conferência tira Indicações sobre a possibilidade dos governos subsidiarem as escolas particulares que fossem abertas por professoras, enquanto a legislação educacional não garantisse a equiparação no sentido da nacionalização do diploma da Escola Normal. Se a lei não facilitar que as normalistas exerçam o magistério público fora do estado onde receberam seus diplomas, poderá o Governo auferir algumas vantagens às mesmas professoras caso estas estabeleçam cursos particulares mantidos de conformidade com o regimento e programas das escolas públicas e em zonas onde seja difícil a instalação de escolas públicas primárias. As resoluções tiradas na conferência propõem que o governo do estado onde a professora estabeleça um curso particular lhe concedesse uma sala com material apropriado à escola, desde que a matrícula atingisse um contingente de 25 alunos frequentando.

Ministrar aulas particulares era uma prática das professoras, porém, entrar no serviço público era um desejo. Uma das práticas mais comuns eram as aulas particulares, indo a professora à casa dos alunos ou recebendo-os em sua casa, limitando-se assim o trabalho ao espaço doméstico.

Nesse período, é grande a procura feminina de emprego no ensino público, onde se pode ingressar por concurso público ou por

tráfico de influência. São numerosas as solicitações às autoridades do governo, principalmente ao prefeito. Nesses pedidos, as candidatas não só expõem suas qualificações, como suas dificuldades financeiras, sendo um forte argumento a falta de um homem na família que sustente a casa. A mulher trabalha por necessidade, não por dever. Uma viúva, por exemplo, pede ao prefeito uma vaga no magistério alegando que lecionava antes e parou quando se casou. O marido morreu em um acidente de barco e ela precisava retornar à sala de aula³⁸³. Inicialmente são as mulheres solteiras, as órfãs e as viúvas que se dedicam ao magistério³⁸⁴. No início do século XX, a maioria das professoras era solteira e dedicava-se à escola de corpo e alma, como a um sacerdócio.

Um rol de mulheres solteiras abraçou a carreira e abdicaram de ter uma família: Antonieta de Barros, Delminda Silveira, Leonor de Barros, Nila Sardá, dentre outras.

Um ano após a formatura na Escola Normal, com o apoio do poder público e das mudanças advindas da Instrução Pública do Governo Federal, vamos ver Antonieta e sua irmã dedicarem-se ao Curso Particular de Alfabetização Antonieta de Barros, estabelecido para funcionar na Rua Fernando Machado, número 32. A escola passou a funcionar na casa de Antonieta.

³⁸³ Araújo, 1995, p.80

³⁸⁴ Louro, 1997, p.104.



Figura 52

Da esquerda para direita tem uma criança, Leonor de Barros, Antonieta de Barros, Nila Sardá Maria Sardá e outros amigos e membros da família Sardá-Amorim de Biguaçu. Acervo Casa da Memória e ALESC.

A escola das irmãs Barros tinha como meta preparar os alunos para a vida e para os exames de admissão do Ginásio do Instituto de Educação e da Politécnica. Além disso, no período noturno, oferecia cursos de Alfabetização de Adultos. Consta que, por depoimentos de ex-alunos, a Professora Antonieta atendia e alfabetizava pessoas ilustres, ligadas à política, a fim de que eles pudessem aprender a ler e a escrever.



Figura 53.

Turma do ano de 1931 do Curso Primário Antonieta de Barros. Na foto Leonor de Barros está à esquerda e Antonieta de Barros, à direita. Foto do acervo da Casa da Memória e ALESC

A regulamentação do funcionamento do estabelecimento de Ensino ocorreu em 1922, a sua instituição constituiu-se em um período de intenso trabalho para as irmãs, ambas normalistas formadas na Escola Normal Catarinense, Antonieta em 1922 e Leonor dois anos depois. Antonieta trabalhou ali até seu falecimento, datado de 1952, enquanto que Leonor de Barros permaneceu com o curso aberto até 1964.

Os motivos de fechamento, a princípio, deram-se por uma conjuntura de eventos: a morte de Antonieta desde 1952 e a extinção dos recursos provindos de sua função política e do magistério; a Professora Leonor já estava em vias de aposentadoria; a constante falta de recursos; as oportunidades de emprego e de vagas nas novas

instalações do Instituto de Educação a partir de 1960 para professores e alunos; a presença nos arredores do Centro de duas outras escolas primárias: o Curso Primário São José e o Alferes Tiradentes. Fato é que em 1960 o Instituto de Educação do Estado foi transferido para o Campo do Manejo, fins da Rua Fernando Machado, portanto bem próximo à escola. Talvez, também, porque com a abertura de vagas tanto para professores de carreira do Estado e para alunos em todos os níveis de ensino, o Instituto de Educação, gratuito, absorveu o contingente de alunos carentes e provenientes das camadas populares da Comunidade da Prainha, Mauro Ramos, Centro e das ruas adjacentes à Avenida Hercílio Luz.

O curso funcionou em período integral diurno durante toda a sua existência na casa onde moravam as irmãs. Atendia crianças em fase de escolarização e também pré-escola, no início as classes eram multisseriadas. O método de ensino seguia os padrões estabelecidos pelas Leis de Regulamentação do Ensino Primário do Estado, com forte apelo Positivista, com base na Leitura e na Escrita constantes. A filosofia que embasa a atividade docente tem influência direta de José Ingenieros, citado constantemente em suas crônicas. Antonieta, nas crônicas que escrevia, revela seu pensamento sobre como alfabetizar e educar as crianças, por isso, percebe-se que o seu próprio método delineia uma escola cristã, humanista, moralista, ética, positivista e voltada para o aperfeiçoamento constante, uma escola tradicional.

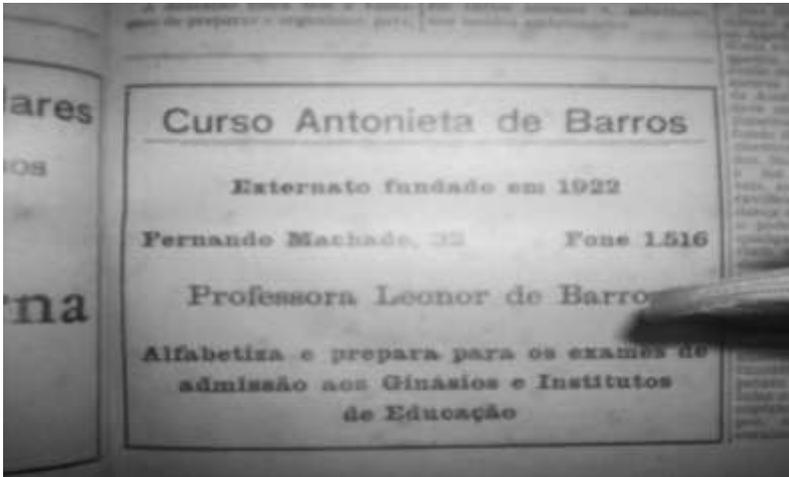


Figura 54. Propaganda no jornal República de 1931 do Curso Antonieta de Barros.

Tendo por base a leitura das Crônicas de Antonieta, tomei a liberdade de delinear a possível Metodologia e Filosofia de trabalho a que se dedicava, fruto de sua formação e de sua vivência, aliada as suas leituras. Portanto, posso verificar que ao escrever crônicas, Antonieta dá vazão à professora e educadora incansável. Abaixo está o que poderia ser um planejamento político pedagógico da escola, com base teórica na Filosofia de José Ingenieros, nos preceitos do Humanismo e do Cristianismo.

Assim, arrolo preceitos, conceitos e encaminhamentos feitos pela professora cronista/articulista ao delimitar o método de ensinar a partir do cultivo dos valores, da ética e da moral, fragmentos retirados de *Farrapos de Idéias*, com a indicação da página:

Preceitos:

a) Definição de Escola:

“O Lar e a Escola são as oficinas, onde se forjam e se aprimoram os caracteres. A ambos, pois, cabe, dentro da sua linda e soberba finalidade, preparar e adestra o espírito do que, inevitavelmente, entrará, amanhã, no grande combate, que não só abate os fracos, mas também os desprevenidos” (p.98) “A Escola, diz Ingenieros”, é uma ponte entre o lar e a sociedade.” (p.111) “Se a Escola é uma ponte entre o Lar e a Sociedade, é nessa ponte que se plasmam os caracteres.” (p.161).

b) Função da Escola:

“A Escola, na sua função única, prepara as criaturas para a vida, - luta intensa e complexa. Os títulos podem envaidecer os nulos, os fátuos, mas não lhes permitem vencer. Só vencem os capazes. E a capacidade revela-se na ação. Os nulos desaparecem na domesticação integral, com as primeiras desglórias de que a existência está cheia, e que a sua nulidade aumenta, multiplica, prolifera, espantosamente. [...] Daí a necessidade de se tornarem os moços aptos para a luta grandiosa que os espera; daí a necessidade de se ver a Escola, dentro de sua soberba e excepcional finalidade: - procurar, diariamente, como coração e máxima religiosidade, o Bem da Humanidade futura.” (p.161-162)

c) Função do Professor:

“Não basta, porém, ao professor ser o artista apaixonado pela obra linda de despertar, nas almas, maleáveis ainda, a admiração pela maravilha da vida. Urge ser o guarda cuidadoso do futuro, levando os pequeninos a conhecerem a deselegância do pensamento, o crime do gesto que há na transformação das oficinas, onde se deviam preparar os artífices da Inteligência, em fábricas de diplomas e títulos.” (p.162).

“O professor tem que ser mais que instrutor: o arquiteto apaixonado do futuro, o plasmador consciente das individualidades, um idealista impenitente. Trabalhar com a alma e o coração, postos no futuro, e ser, desse alvorecer deslumbrador, - que se divisa, além, muito além, ainda, o sol, e própria vida, eis o sério problema, eis o destino magnificante. É

preciso que o mestre não seja, tão somente, o transmissor dos programas, mas o deus criador, o espírito superior, capaz de despertar a infância, e a mocidade para as soberbas conquistas anímicas; do incutir-lhes, insuflar-lhes na alma, o infinito desejo dum futuro, sempre melhor; de fazer-se vibrar a parte divina, transformando-os em indivíduos, orgulhosos dum passado construtor e senhores dum futuro triunfante, pelos seus méritos e seu valor próprio.” (p.110)

d) Princípio Educacional:

“A Educação, desde o lar, devia basear-se no princípio do respeito próprio. Que aos pequeninos fosse ensinado a se conhecerem, a deixarem de errar, racionalmente, demonstrando-se-lhes que, no terreno da moral, não há exceções, todos têm os mesmos deveres; fazendo-se-lhes ver o lado hediondo das cousas más, das ações ruins, ainda mesmo das que, por uma voluntária miopia dos demais, permanecem ocultas, pois que continuam a existir e não deixaram de realizar-se” (p.85)

e) Função do Livro:

“Só a instrução, só o livro, elevando o homem, lhe dá o direito de ser homem; só a instrução consciente rouba as criaturas ao servilismo aviltante e procura alçá-las às cumeadas, onde o ar é puro e donde se descortinam todos os panoramas maravilhosos.” (p.162)

f) Importância da Biblioteca e do Livro:

“É lamentável o divórcio existente entre as crianças pobres e o livro. Em geral, elas só conhecem um livro: aquele que o professor exigiu para a leitura do ano; livro, cujos trechos, por muito revistos, perdem a atração da novidade e lhes desperta a indiferença. [...] A tragédia financeira, que é a vida do pobre, onde o desvio de alguns mil réis representa um déficit medonho, não comporta a alegria de presentear os pequeninos com livros, embora se reconheça serem eles “gérmen que faz a palma. Chuva que faz o mar!”(p.94) “Hoje, felizmente, já os pequeninos pobres podem, em quase todas as nossas escolas, penetrarem nos mundos encantados do pensamento, graças às Bibliotecas Escolares que vão se fundando.” (p.95)

g) Importância da Leitura:

“É preciso, portanto, que desde a escola, oficina de caracteres, a criança contraia o gosto pela leitura, sinta o prazer de penetrar, por intermédio do livro, nos mundos encantados da arte e do saber e conquiste, insensivelmente, o poder de realizar-se.” (p.94)

h) Metodologia diária:

“Será impraticável este sonho, que é necessidade, de dar mais pão ao espírito das crianças, pondo-as em contacto contínuo com o “audaz guerreiro que conquista o mundo inteiro? Não. A iniciativa deve partir dos que dirigem os nossos estabelecimentos primários; aliás, há no Regimento Interno dos Grupos, se não nos falha a memória, um capítulo sobre esta questão. O magistério é a missão máxima de entusiasmo, de ação, de vida. Que se movimentem, pois, as criaturas, cheias de boa vontade e de energia que estão à testa dos nossos educandários infantis! Que se verifique a letra do Regimento, por amor dos pequeninos, a quem os fados negaram o prazer de folhear os livros de recreio, impossibilitados de contrair o vício da leitura, que é virtude, que eleva que ilumina que fortalece!” (p.95)

i) Currículo e Conteúdos:

“Só o conhecimento da ciência da vida permite ao homem fugir das paixões negativas que proliferam lá fora, onde as competições se chocam e os homens se entre devoram. E, se, pelo desamor ou incúria dos que nos deviam guiar, - penetramos na grande luta sós, olhos vendados, ignorantes da dissimulação do ataque e da ginástica da defesa, quantas quedas e como os desencantos se encastelam em o nosso caminho!... Em meio aprendizado, apenas, já se sente a alma cansada, magoada, dolorosamente envelhecida, em farrapos... É forte e privilegiado são os que não sucumbem vencidos, e se deixa ir, arrastado no grande turbilhão.” (p.98)

“Nós precisamos fugir da Rotina; já deteriorada; precisamos deixar de fazer da nossa vida, reflexo, da vida dos outros e consubstanciar tudo quanto de maravilhoso há em nós, praticando o Bem, pela Beleza única da Bondade, sendo retos, pelo prazer ímpar de sê-lo. Não basta para os seres que procuram conhecer-se, a aprovação protocolar das platéias, é

necessário e suficiente que essa aprovação venha da sua consciência.” (p.86)

“Que aos pequeninos fosse ensinado a se conhecerem, a deixarem de errar, racionalmente, demonstrando-se-lhes que, no terreno da moral, não há exceções, todos têm os mesmos deveres; [...]” (p.86)

“A Literatura Educativa mais ainda, mais produtiva, é a que se pratica, e não o que se escreve.” (p.62)

“Não é bastante que os livros demonstrem civilização, não são suficientes palavras, é preciso que os fatos concretizem os pensamentos e os atos consubstanciem as palavras.” (p.62)

“Aplica à disciplina o teu coração, e os teus ouvidos às palavras do conhecimento”. (Provérbio, 23,12) (p.63).

“Somos dos que crêem no poder benéfico e construtor das leituras bem dirigidas, e dos que não se satisfazem com a alfabetização.” (p.93)

“Todos nós temos o dever e o direito de trabalhar, mas temos, também, necessidade de cultura, para viver, no sentido humano da palavra. [Porque] Nem só de pão vive o homem” (p.93)³⁸⁵

Em 1925, Antonieta participou ativamente da fundação da “Liga do Magistério”, como consta na crônica da página 171 do seu livro. Na Liga, ela exerceu a função de secretária e junto às professoras lutou pela conquista da emancipação da Mulher na vida social e o direito ao voto. “Recordemos: Foi em 1925 que Santa Catarina teve fundada a sua Liga do Magistério. /Era uma tentativa, concretizando os sonhos de três idealistas, não experimentadas, ainda, na aridez da vida.”
386

Segundo conta a própria Antonieta essa agremiação durou pouco, elas tinham recém saído da Escola Normal e tinham sonhos. As três de quem ela fala não pude precisar, mas tenho minhas hipóteses: Antonieta, Maura e Nila ou mesmo Leonor, também tinha nesse grupo

³⁸⁵ ILHA, 1971

³⁸⁶ Idem. Op. Cit. P. 171-173

Beatriz Teles de Brito, mas não foi possível verificar com precisão. O que a própria Antonieta conta diz respeito aos objetivos das moças: “Lançamos o nosso apelo. Queríamos a aproximação da classe, quebrar o insulamento em que vive o professor, quer na capital, nas cidades ou nos rincões extremos do Estado, onde o chama o dever.”

As expectativas das moças eram muito grandes, mas a receptividade por parte da classe não foi a mesma, por isso, Antonieta recorda que: “E desse intercâmbio, desse conagraçamento do professorado sob uma só bandeira, nós, os idealistas, esperávamos um infinito de frutos lindos.”

Porém, foram muitas as frustrações e a Liga não prosperou mais do que dois anos: “Surgiu a Liga, mas pouco tempo de vida teve. Falta de elementos? Não. De boa vontade? De persistência? Talvez... Os idealistas, arquitetos dos sonhos, são os eternamente decepcionados, mal compreendidos e muitas vezes, escanercidos... Mais um cadáver de ideal, na estrada poeirenta e tortuosa...” Desabafa a professora que não conseguiu realizar um sonho, reunir todos os professores catarinenses sob a mesma bandeira; o que ainda hoje não é muito diferente.

Em 1931, por indicação do Professor Barreiros Filho, lente da cadeira de Língua Portuguesa da Escola Normal e seu professor, foi nomeada para substituí-lo, interinamente. Em 06 de outubro de 1933 é nomeada Professora da Escola Complementar no Grupo Escolar Lauro Muller. Em 1934, é nomeada lente substituta da cadeira de Língua Portuguesa do Instituto Dias Velho.

A partir de 1936, Antonieta de Barros passa há dividir seu tempo entre o Curso Primário, a função de Deputada Constituinte e a

trabalhar como substituta na Cadeira de Língua Portuguesa e Psicologia da Educação no Curso Normal do Colégio Coração de Jesus, onde fica até o ano de 1945. Em 1939, recebe o convite para ser Patronesse da turma, foto abaixo, esta foto esteve pendurada no Hall de entrada do Colégio por longos anos. Em 1945, novamente é agraciada com o convite de Paraninfa, cuja solenidade ocorreu no Teatro Álvaro de Carvalho em 26 de novembro de 1945. Para a ocasião, a nobre professora proferiu uma Oração às Magistrandas, sob o título “Falando às Mestras”, texto publicado na página 224 a 229 do livro *Farrapos de Idéias*³⁸⁷

Antonieta trabalhou, portanto na Escola Normal Catarinense, no Colégio Coração de Jesus e no Instituto Dias Velho. Em 1944 foi elevada a lente e convidada pelo Interventor Nereu Ramos para dirigir o Instituto de Educação Dias Velho, onde permaneceu até a sua aposentadoria em 10 de janeiro de 1951.

Entre o ofício do magistério e a carreira de escritora de crônicas nos jornais de época, Antonieta exerceu com assiduidade dois mandatos eletivos: 1935 e 1948 e em 1937, publica o seu único livro.

Quando Antonieta de Barros foi a Diretora do Curso Normal do Instituto de Educação de Florianópolis, na inauguração do primeiro número do Órgão Informativo Oficial do Grêmio Cultural Antonieta de Barros, maio de 1945, foi noticiado que no dia 8/05/1945 a Alemanha se rendia e o “Dia da Liberdade” foi comemorado pelos alunos e professores, bem como por toda a parte. Fim da Segunda Guerra Mundial. *O Idealista* lançava o seu primeiro número e já comemorava a Liberdade de Expressão, fruto da colaboração do Interventor do Estado,

³⁸⁷ Ibidem. Op. Cit. P. 224-229.

Dr Nereu Ramos e da Direção do Instituto, Professora Antonieta de Barros. A foto de Antonieta figura da primeira página do Órgão Informativo que terá vida breve, apenas enquanto a professora for Diretora do Estabelecimento.



Figura . 55

Foto do quadro de magistrandas do curso Normal do Colégio Coração de Jesus, turma de 1939, em que Antonieta de Barros foi Paraninfa. A formatura ocorreu no Teatro Álvaro de Carvalho. O discurso de formatura foi publicado na segunda edição de *Farrapos de Idéias*. Acervo o Museu da Escola Catarinense.



Figura 56

Foto de Antonieta de Barros Paraninfa da turma de 1939 do Curso Normal do Colégio Coração de Jesus. Foi professora de Língua Portuguesa e de Psicologia no referido curso de 1939 a 1945, substituindo ao Professor Barreiros Filho, o qual assumiu a Direção do Departamento de Instrução Pública. Acervo do Museu da Escola Catarinense



Figura 57

Foto do álbum de fotografia de uma aluna da Escola Normal Catarinense, turma da qual Antonieta de Barros era professora. À direita percebe-se Antonieta de Barros, à esquerda o desfile da turma de meninas no sete de setembro. Acervo do Museu da Escola Catarinense.



Figura 58.

Foto tirada em 2008 do acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, seção Obras Raras. Trata-se da foto do órgão informativo oficial *O Idealista* do Grêmio Cultural Antonieta de Barros dos alunos do Curso Normal do Instituto de Educação de Florianópolis, datado de Maio de 1945.



Figura 59. Antonieta de Barros com sua amiga de profissão Professora e escritora Nila Sardá. Fonte Biblioteca da ALESC.

4.4 UMA PROFESSORA ESCRREVENDO CRÔNICAS

Antonieta de Barros escreveu crônicas, discursos e projetos de lei. As crônicas produzidas eram assinadas sob o pseudônimo Maria da Ilha, ocorrência comum entre os escritores e escritoras da época, e publicadas em jornais como *República*, *Folha Acadêmica*, *O Estado*, *A*

Semana, O Idealista, invariavelmente sob o título de “Farrapos de Idéias”. Do que se pôde apurar em pesquisas no acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, na sessão de obras raras, em jornais datados de 1922 a 1952, a primeira publicação de Antonieta de Barros ocorreu em 01/08/1929 no periódico “Folha Acadêmica”. O texto inicia com uma frase afirmativa e provocativa: “A multidão é, sempre, um ser acéfalo” referindo-se a uma manifestação ocorrida nas imediações da Escola Normal e do Palácio do Governo, quando a cronista presenciou a manifestação popular e o entusiasmo de quem conduzia a manifestação.

Em 24/10/1931 há um texto publicado em *República* que não segue o modelo das crônicas. Neste texto Antonieta elogia a atuação do primeiro ano da “República Nova”, governo de Getúlio Vargas. Antonieta assina este texto com o seu próprio nome, depois os demais textos vão aparecer com o pseudônimo “Maria da Ilha”. Assinar sob um pseudônimo era prática comum dentre os escritores do início do século, a fim de preservar a identidade e possíveis retaliações por parte de algum adversário político ou mesmo literário. Por que “Maria” e por que “da ilha” poderia estar ligada à temática de seus textos, que na maioria das vezes se reporta aos escritos bíblicos ou, talvez, por especulação, seria “Maria” para fazer alusão a uma mulher comum, que trata das coisas cotidianas e reflete sobre elas. “Da Ilha” está diretamente relacionado à questão de origem, naturalidade, uma mulher comum nascida na Ilha de Santa Catarina. Como já referido, em vida Antonieta publicou de 1929 a 1952, foram, portanto mais de vinte anos de produções em jornais de época. Há na Revista do Centro Catharinense de 1929 uma menção à escritora, sugerindo que ela já teria publicado

antes desta data, mas não consegui encontrar textos anteriores ao publicado na *Folha Acadêmica*

Segundo Fábio Garcia, historiador, ao falar dos negros que produziram literatura no início do século XX, diz que “ao longo da criação e desenvolvimento destas organizações outras pessoas estiveram presentes em sua dinâmica, a exemplo de Antonieta de Barros, conhecida educadora e política catarinense. Entretanto, sua atuação social terá início somente no ano de 1920, quando na formação do Centro Cívico das Normalistas.” As instituições as quais o historiador cita é a “Associação dos Homens de Cor” criada em 1915 por escritores negros como Ildefonso Juvenal proprietário do Jornal literário “Folha Rósea”, de Trajano Margarida colaborador do mesmo jornal e de João Rosa Júnior, escritor que publicou entre 1924 a 1930. Estas informações foram compiladas no estudo e pesquisa em jornais datados de 1915 a 1925, tendo por base os escritos dos estudiosos da História Catarinense como Sachet, Bertolino e Corrêa. Em duas notas publicadas em seu livro, Garcia afirma na nota de número 23:³⁸⁸

JORNAL O ESTADO. Florianópolis: 11 de outubro de 1920. Capa. A fundação do Centro Cívico das Normalistas marca o início na vida pública da professora Antonieta de Barros. Em 1920, presidiu o grupo de alunas da Escola Normal que era composto por Maria de Medeiros, Laura Caminha e Cidália Moreira. Com poucos dados disponíveis constatamos a existência no mesmo ano da criação do curso noturno para adultos. Durante o ano de 1921, nada foi encontrado nos jornais que

³⁸⁸ GARCIA, Fábio. *Negras Pretensões*, 2008: 70

indicassem o desdobramento das aulas noturnas. É possível que o centro cívico não tenha prosperado com haviam projetado as suas idealizadoras e, em decorrência Antonieta de Barros cria aos fundos de sua casa o curso de alfabetização para adultos Antonieta de Barros, 1922.

Em consonância com esta informações, a partir da leitura das crônicas de Antonieta em Farrapos de Idéias, encontra-se na segunda edição à página 171 uma referencia da própria Antonieta sobre a criação da “Liga do Magistério”, entidade que não frutificou, na crônica intitulada “Nem tudo está perdido”

Nem tudo está perdido

Quem, por segundos, somente, se tem posto à margem da vida, para melhor compreendê-la, há de sorrir do triunfo, do reclamo da civilização, pois que os homens permanecem os mesmos, girando em – torno de um egoísmo desmedido, dum egolatria profunda...

Todavia, nem tudo está perdido.

Não é que estejamos a ensaiar uma nova semana da boa vontade, mas porque isto nos indica o gesto simpático dos Professores Primários do Espírito-Santo, pensando em despertar os colegas catarinenses:

“Surge et ambula!” Levanta-te e caminha!

Acorda e trabalha! Deixa de ser tu para sermos nós! E estende a mão amiga, que a nossa aqui a espera!

Lindo gesto fraternal!

Na verdade, nem tudo está perdido...

Recordemos:

Foi em 1925 que Santa Catarina teve fundada a Liga do Magistério.

Era uma tentativa, concretizamos os sonhos de três idealistas, não experimentadas, ainda, na aridez da vida.

A mocidade tem desses arremessos.

A nós nos parece, porém, melhor fora abafar, no fundo da memória, certas idéias, quando se tem em desfavor a idade, o tempo e. o meio.

Lançamos o nosso apelo. Queríamos a aproximação da classe, quebrar o insulamento em que vive o professor, quer na capital, nas cidades ou n os rincões extremos do Estado, onde o chama o dever.

E desse intercâmbio, desse conagraçamento do professorado sob uma só bandeira, nós, os idealistas, esperávamos um infinito de frutos lindos.

Surgiu a Liga, mas pouco tempo de vida teve.

Falta de elementos? Não. De boa vontade? De persistência? Talvez.

Os idealistas, arquitetos de sonhos, são os eternamente decepcionados, mal compreendidos e muitas vezes, escarnecidos...

Mais um cadáver de ideal, na estrada poeirenta e tortuosa...

Revivendo estes fatos, e embora apreciando, entusiasticamente, o gesto dos professores do Espírito-Santo, ficamos a pensar se valeria a pena recomeçar o sonho e, o que é mais difícil, se, entre nós haverá mesmo, *ouvidos capazes de ouvir* não estrelas, mas a voz fraterna e conselheira dos patrícios capichabas.³⁸⁹

É fato que as datas não coincidem, mas a idéia de que Antonieta era uma pessoa atuante na sociedade de época parece bastante clara aqui. Sua atuação na Escola Normal e após a formatura são marcadamente producentes e contribuiram para que sua caminhada rumo à política fosse uma realidade. Entre os anos de 20 e 30, ela participou junto a outros intelectuais, professores, políticos, escritores, de aglomerações, instituições que visavam reunir, fortalecer e difundir valores éticos, estéticos, morais e culturais. Pode-se nomear as seguintes participações, calcadas nos relatos de historiadores, estudiosos e pesquisadores da época: 1) 1920 – Centro Cívico das Normalistas, ainda como aluna da Escola Normal, já que a formatura deu-se em dezembro de 1921; 2) Curso de Alfabetização de adultos noturno no Centro Cívico José Boiteux junto à Escola de Artífices, depois Politécnica; 3) 1925 – Centro Catharinense de Letras; 4) 1925 - Liga do

³⁸⁹ ILHA, Maria da. *Farrapos de Idéias*. 1970. Páginas 171-173

Magistérios Catarinense, com sede nos fundos da Escola Normal, situada na Rua Deodoro, fundos do Palácio do Governo.

Em quatro de janeiro de 1925, nas dependências da União Beneficente e Recreativa Operária – UBRO foi fundado o Centro Catharinense de Letras. A instituição, que se dizia democrática, era composta de associados que não se presumiam *deuses das Letras*, numa clara alusão aos membros da Academia de Letras Catharinense, mas sim *cultores modestos da arte de vernacularidade*. Assim, refere-se ao acontecimento marcante para a época, CORRÊA (1997)³⁹⁰ na nota 111 da página 169 do seu livro. Na fala de Corrêa, a transcrição do discurso proferido por Ildefonso Juvenal em dezesseis de 1925, mostra uma forte corrente preconceituosa por parte da Academia Catharinense de Letras e de seus membros, preconceito do qual foi vítima. Lembrando que Ildefonso Juvenal e Trajano Margarida são membros da Associação dos Homens de Cor. Então, fala Ildefonso:

Fala-se em imortalidade aqui seria profanar a santidade deste ambiente de modéstia, de paz, de ordem e de instrução; nascido de gente humilde e despreziosa...

Como sabeis, houve tempo, em nossa terra, tempo que não vai muito longe, em que o neófilo era um intruso nos domínios da Arte literária [...] A arte era um enigma que somente eles poderiam decifrar, porque somente eles poderiam ser portadores das chaves dos misteriosos segredos dessa esfinge. O principiante era ridicularizado, apupado e até enxovalhado na sua reputação. E o Centro foi a

³⁹⁰ CORRÊA, Carlos Humberto P. História da cultura catarinense. Florianópolis: Ed. da UFSC; Diário Catarinense, 1997.

formidável corrente abolicionista que quebrou os grilhões dessa escravidão do pensamento...³⁹¹

Conforme consta em CORRÊA (1997), a diretora inicial foi composta de Lupércio Lopes presidente; Anfilóquio Gonçalves secretário e Ildefonso Juvenal com o título de relator. Após quinze dias houve a instalação oficial com Anfilóquio na presidência, Lupércio Lopes na vice, e Nicolau Nagib Nahas como tesoureiro. Foram considerados fundadores Ildefonso Juvenal, Hermínio Millis, Lupércio Lopes, Trajano Margarida, Waldemar Luz, Porfírio Gonçalves, Rodolfo Bosco e Nelson de Almeida Coelho, (Nota em “O Estado”. Florianópolis, 06 de janeiro, 1925, p.2). Continua CORRÊA (1997), além desses e dos sócios correspondentes, compunham inicialmente o quadro as seguintes pessoas: João Silveira de Souza, Antonieta de Barros, Sebastião Vieira, Nelson D’Almeida, Pedro Garcia, Antônio Sbissa, Jovita Lisboa, Pedro Paulo Taborda, Araújo Figueiredo, Geraldino Azevedo, Juvenal Melquíades, Irineu Livramento, Dário de Bittencourt, Isaura Veiga de Faria, Garcia Rosa, Juvêncio Braga, Beatriz de Sousa Brito, Arthur Galleti, I. R. Barbosa, Oscar Ramos, José de Diniz e João Rosa Júnior. Demarcando bem os limites entre a instituição e a Academia de Letras frente à posição de autoritarismo intelectual de Altino Flores, também passou a fazer parte do Centro o acadêmico Antônio Barreiros Filho, um dos fundadores da Academia. Anfilóquio Gonçalves, por ter sido eleito para a Academia no ano anterior (inclusive como voto de Gama D’Éça), apesar de ainda não ter tomado

³⁹¹ O TEMPO. Florianópolis, 19 jun. 1925, p.5. Apud. CORRÊA, 1997: 170.

posse, deixou o Centro logo após sua fundação como o fez Laércio Caldeira de Andrada, também fundador da entidade. Mais tarde, Anfilóquio regressou. Arnaldo Claro S.Thiago, Crispim Mira e Carlos da Costa Pereira, que ingressaram na Academia depois, eram sócios correspondentes da instituição. Por ser uma entidade cultural, todos os sócios deveriam produzir e começaram logo em seguida.

Assim organizado, o Centro Catharinense de Letras passou a ter dois grandes destaques que o distinguiram da Academia de Letras: era composto por intelectuais negros, como Ildefonso Juvenal e de mulheres. A professora normalista negra Antonieta de Barros, já proprietária de uma escola primária e que mais tarde, em 1935, viria a ser a primeira mulher deputada estadual em Santa Catarina, constituinte, (posteriormente diretora do Instituto de Educação Dias Velho e novamente deputada em 1948), era o exemplo disto. Além do mais, o Centro tratou de coligar-se com a Liga do Magistério Catarinense, instituição composta somente de mulheres, trazendo para seu seio outras estudiosas e literatas como a presidente Beatriz Sousa Brito e a oradora e poetisa Maura de Senna Pereira. Antonieta de Barros era primeira secretária da Liga.³⁹²

O Centro publicou a *Revista do Centro* a partir do incentivo dado pelo governo do então governador Antônio Pereira Oliveira (governou de 25/10/1924 a 28/09/1926). Isso ocorreu em retribuição porque no primeiro número da revista saiu na primeira capa uma foto do governador sendo considerado presidente de honra do Centro. Também o jornal “O Tempo” criado no governo de Pereira Oliveira passou a ser

³⁹² CORRÊA, Carlos Humberto P. História da cultura catarinense. Florianópolis: Ed. da UFSC; Diário Catarinense, 1997. P.171-172.

o porta-voz do governo, sendo o redator-chefe Oscar Ramos, membro do Centro Catharinense de Letras, em consequência, o jornal passou a divulgar a instituição, o jornal teve um tempo exíguo de 1925 a 1926. O Centro promoveu uma manifestação popular defronte da casa do governador e na sede do Centro foi solenemente inaugurado o retrato do governador Antônio Pereira e Oliveira. Em maio de 1925 o Centro promoveu o Festival litero-musical que teve grande repercussão na cidade.

Segundo CORRÊA (1997)³⁹³, apesar das comemorações e solenidades patrocinadas pelo Centro de Letras e do apoio irrestrito do governo do Estado, pequenas desavenças internas começaram a surgir, fazendo com que Ildefonso Juvenal e Lupércio Lopes renunciassem aos cargos de primeiro secretário e vice-presidente, respectivamente. Os dois foram substituídos por eleição entre os membros por Hermínio Millis e Barreiros Filho, os quais passaram a dar maior sustentação ao presidente Anfilóquio Gonçalves. Em dezembro teve nova eleição, dividindo ainda mais os membros. A última diretoria conhecida foi formada por Barreiros Filho, Odilon Fernandes, Arnaldo Gomes Jardim, Porfírio Gonçalves e Nicolau Nahas. Anfilóquio, Millis e Maura ficaram encarregados da Revista.

Apesar do pouco tempo de existência, o Centro Catharinense de Letras teve um importante lugar na História da Cultura Catarinense. Representou uma oposição às discutíveis idéias estéticas emanadas pela Academia Catharinense de Letras num período morno de sua existência, porém, importante

³⁹³ Idem, p.176.

nacionalmente, publicando uma revista de inquestionável importância, apesar do número reduzido de suas edições. A principal importância foi ter entre seus membros, mulheres e intelectuais negros numa época ainda de acentuado preconceito racial. Além do mais, o Centro lançou trabalhos de valor literário suficiente para fazer crescerem nomes, entre outros como o de Maura de Senna Pereira e Antonieta de Barros, que inclusive ingressou na política pelas mãos de Vidal e Nereu Ramos e foi deputada estadual, com todas as forças contra si, por ser negra e mulher. Maura de Senna Pereira, em 1927, foi eleita para a Academia Catharinense de Letras com apenas 23 anos, tornando-se a primeira mulher a ingressar numa Academia no Brasil.³⁹⁴



Figura 60.
Capa da
Revista do
Centro
Catharinense
de Letras.
Acervo
IHGSC.

³⁹⁴ Ibidem, p.177.

4.5 O LIVRO: *FARRAPOS DE IDÉIAS*

Publicado em 1937 pela primeira vez, o livro de crônicas de Antonieta de Barros, sob o pseudônimo Maria da Ilha, reúne os textos publicados no Jornal *República*. A maior parte dos textos foi escrito nos anos de 1931 a 1934. O livro já foi publicado em três edições.

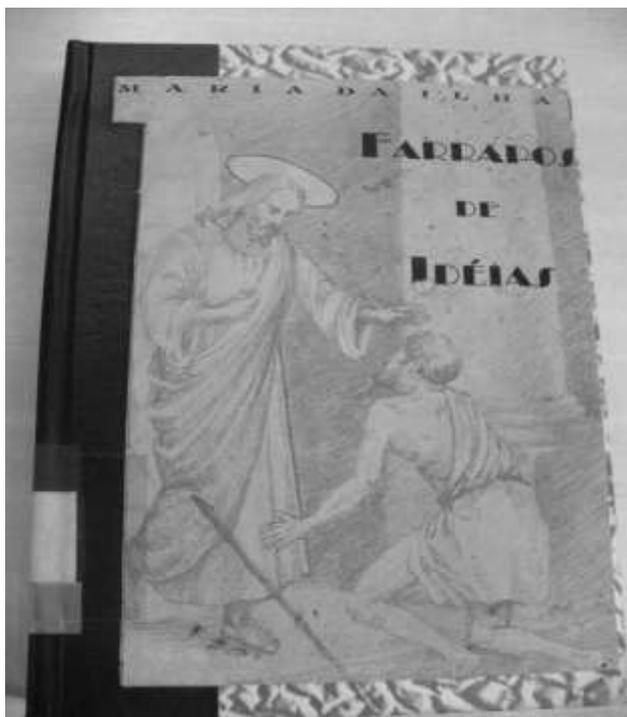


Figura 61. Capa do livro *Farrapos de Idéias*, primeira edição de 1937. Acervo seção de obras raras da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Na primeira consta na capa uma ilustração feita por Malinverne Filho, que traz a figura de Jesus com Lázaro a seus pés, uma menção ao episódio do Novo Testamento em que Jesus cura o leproso Lázaro, dizendo: “Sê limpo!” e o milagre acontece.

A capa da primeira edição ainda pode ser encontrada no Arquivo de obras raras da Biblioteca Estadual de Santa Catarina. O motivo religioso aparece aí porque o livro tinha por função a filantropia e não a literatura. A primeira edição é atribuída à “Maria da Ilha” não havendo qualquer menção ao nome “Antonieta de Barros”. Na primeira edição não constam os discursos de Antonieta de Barros, não há fotos da escritora, nem aparecem as palavras da Professora Leonor, são duzentas e três páginas de textos reunidos e publicados pela Imprensa Oficial de Santa Catarina. A destinação dos lucros da venda do livro foi revertida em prol da Escola dos filhos dos leprosos da Ilha, o Preventório, a fim de que tivessem o direito à educação e a uma vida normal, hoje a escola se chama “Educandário Santa Catarina”

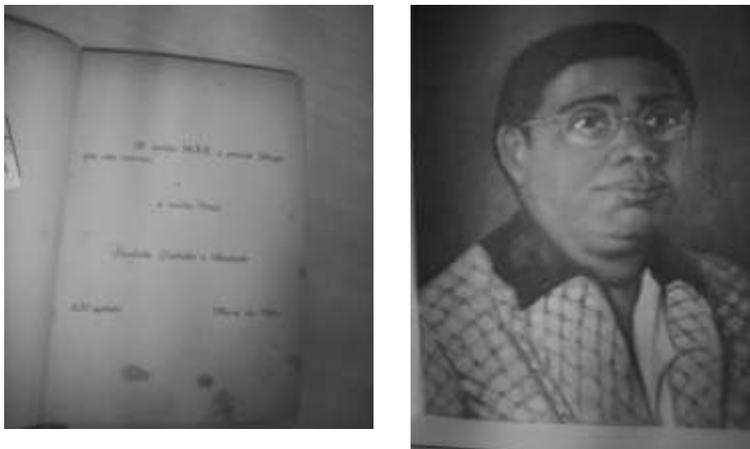


Figura 62. Folha de rosto, prefácio da segunda edição e foto de Antonieta de Barros presente na 2ª e 3ª edições.

Na segunda edição, datada de 1971, o livro foi editado como uma homenagem póstuma da Irmã Leonor de Barros pela passagem do aniversário de sessenta anos de Antonieta de Barros. Leonor de Barros conservou a destinação de beneficência do livro e ofereceu os recursos arrecadados com a venda à direção da Campanha Nacional das Escolas da Comunidade em prol da construção do Ginásio da Escola Antonieta de Barros. A capa da segunda edição é a foto de Antonieta de Barros. Nesta edição, além das crônicas da primeira edição, após o subtítulo “Maria da Ilha” encontramos os discursos de Antonieta em solenidades oficiais e de formatura. Também nessa edição temos uma foto de Antonieta com cinquenta anos, provavelmente a última foto tirada por ela. Há um Prefácio assinado pela Professora Leonor de Barros

apresentando o livro. A seqüência das crônicas permanece a mesma, somente as páginas ficam modificadas em função da qualidade da impressão. Foi com base nesta edição que se organizou a terceira edição.

Na terceira edição, datada de julho de 2001, o objetivo foi comemorar o Centenário de Nascimento de Antonieta de Barros, promovido pela Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina e Fundação de Educação e Cultura de Santa Catarina. No livro da terceira edição há crônicas e discursos de Antonieta, praticamente sem alterações em relação à segunda edição. A diferença está na capa do livro, trazendo a foto de Antonieta aos trinta anos, na apresentação do livro pela Comissão de organização do Centenário, no prefácio da segunda edição e na folha de rosto da primeira edição. Também há a foto de Antonieta aos cinquenta anos. A destinação do livro continua sendo a benemerência, agora destinada às bibliotecas escolares de toda Santa Catarina. São palavras da terceira edição: “Nesta edição, coerentes com os objetivos e ideais da autora, a comissão do centenário de Nascimento de Antonieta de Barros, da Secretaria de Estado da Justiça e Cidadania, reedita a obra, em parceria com o governo do Estado de Santa Catarina, a Fundação Catarinense de Cultura e a Secretaria de Educação e do Desporto, objetivando “um lucro incalculável”, uma moeda que não tem preço, a cultura e educação catarinense e brasileira.”

Farrapos de Idéias é o título do livro que Antonieta de Barros publicou em 1937 como uma coletânea de crônicas que costumeiramente, eram escritas para os jornais de Florianópolis, destacando-se entre estes o jornal “República e o Estado” Pode-se pensar que, ao fazê-lo Antonieta estaria aspirando aos ideais burgueses, pois, associações de

Caridade, eram criadas como entidades formadas, sobretudo, por mulheres de alto poder aquisitivo. Talvez esta fosse uma forma de se destacarem ou de circularem no espaço público então, ainda muito restrito para o elemento feminino.³⁹⁵

Os textos apresentam um teor doutrinário, até mesmo catequético, marcadamente didático³⁹⁶, com a finalidade de juntar pensamentos, “farrapos”, de cunho humanista e positivista. Busca atingir o leitor a partir de um comentário e, por vezes, definição de um tema. São textos abertos, trazem questionamentos, sem dar respostas, mas induzem à reflexão. A autora trava um diálogo profícuo com o leitor, semanalmente, o que faz com que retome motes em relação à discussão anterior. Há uma proposta de reflexão a partir de um título, um tema ou de um mote³⁹⁷ ou mesmo de um pensamento de determinado intelectual, fonte de inspiração do momento. A partir daí há a generalização do tema dado ou do fato social cotidiano em voga. Isso deixa o leitor com a impressão de que há certa urgência na reflexão coletiva de um assunto proposto. Os preceitos de ética, moral, verdade, valores são a tônica da temática dos textos da autora, o que sugere uma característica sugestiva da obra. Os textos reunidos constituem em uma

³⁹⁵ Cf. NUNES. P.15.

³⁹⁶ Cf. SILVA, 1991

³⁹⁷ Mote. Do francês MOT, que quer dizer “palavra”, substantivo masculino. Arte Poética – conceito, ordinariamente expresso num dístico ou numa quadra, para ser glosado; por extensão pode ser uma Epigrafe; palavras que os antigos cavaleiros tomavam por divisa em suas empresas; divisa, lema, por extensão pode ser tema, assunto.

lição de filosofia e subjetivismo, trata de valores a serem adotados por aqueles que querem se livrar da “egolatria”³⁹⁸.

Através da leitura das crônicas, o leitor pode observar os movimentos sociais, os acontecimentos que marcaram uma época, fatos políticos, econômicos e culturais. Também as angústias de um tempo “sem paz”, de conflitos externos e internos do ponto de vista histórico e humanístico. Em meio a tantos burburinhos, “Maria da Ilha” busca resgatar a religiosidade, a essência de ser e solicita que se olhe para o “pequeno”, para as “pequenas cousas”, solicita que se retirem as “máscaras” da dissimulação, a fim de que os preconceitos sejam extirpados da sociedade; a escritora conclama a “Humanidade”, personificação recorrente em muitos dos seus textos, a olhar para o outro e ver nele um ser divino, feito à imagem e semelhança de Deus. Parece que a cronista busca a igualdade entre todos, sem distinção de casta, cor da pele ou gênero.

Outra característica marcadamente didática dos textos de Antonieta observa-se na alusão a datas comemorativas, festas populares e religiosas presentes no calendário escolar, como por exemplo, o Carnaval, a Páscoa, o dia das mães, o dia do trabalho, as Festas Juninas, O dia da Pátria, a Proclamação da República, o dia de Santos, Feriado de Finados, o Natal, dentre outros. Há textos que comentam estas datas e a partir delas Antonieta reflete e faz refletir.

Como exemplo, a crônica sobre “Carnaval” e a alusão às “máscaras”³⁹⁹. Antonieta fala de Carnaval da seguinte maneira:

³⁹⁸ Egolatria. : Ego, em latim, significa Eu. Na psicanálise, EGO é a personalidade da pessoa, a experiência que ela tem de si mesma; o EU de qualquer indivíduo.

³⁹⁹ LAFETÁ, João Luiz. *Figurações da Intimidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

Havia de surgir, com o primeiro pensamento maldito, o instinto da dissimulação.

Dentro da vida que é luta, que é progresso, que é ascensão, só uma cousa não Varia: o descaso à caricatura de bom senso, com que se movimenta a humanidade, nestes três dias de carnaval oficializado.

Desde quando o homem usa máscara?

Desde Caim, talvez.

Havia de surgir com o primeiro pensamento maldito, o instinto da dissimulação.

E daí para cá, a todo o instante, a todo o momento, o homem, como um caracol, fez da máscara, o seu caramujo, o seu esconderijo seguro, para o bem ou para o mal.

Passaram anos. Rolaram séculos. A humanidade julga-se evoluída.

E o homem não mudou.

A ânsia de viver, e de vencer, os sentimentos maus, as ondas de egoísmo que se movem em-tórno-de nós, obrigando-nos, instintivamente, a abrir os braços, num medo de asfixia, num A movimento involuntário de defesa, não se revelam nas máscaras des preocupadas e risonhas que nos cercam.

E o orgulho, a caridade, a inveja, a dor, tudo quando sacode os homens e desperta-lhes as almas para os gestos macios de beleza, ou para os atos violentos de maldade, jaz oculto e sepulto sob a máscara impenetrável da face.

E o temor de que lhes invejem a alegria, ou lhes ridicularizem a dor, obriga as criaturas a mascarar-las, abafando o rido que lhes enche a alma, ou os soluços que lhes sobem à garganta, sufocando-as.

Sem elas, as máscaras, porém, o mundo perderia o encanto da surpresa, a maravilha da impenetrabilidade.

O que encanta nas criaturas, e os atrai, é o mistério oculto, avaramente, egoisticamente, na alma de cada um.

Que sensaboria não seria a existência, “Se a cólera eu espuma, a dor que mora” “N'alma e destrói cada ilusão que nasce”

“Tudo o que punge tudo o que devora”

“O Coração no rosto se estampasse?”

E enquanto as serpentinas se cruzam e recruzam; e os confetes no ar, dançam a ciranda da loucura; e o éter domina o ambiente e as consciências; as criaturas, que, sobre as máscaras naturais colocaram outras artificiais, grosseiras e disformes, numa revelação de santa ingenuidade, pergunta, de quando em vez:

V. me conhece? ⁴⁰⁰

Ao se fazer uma leitura da crônica acima, percebe-se uma estrutura recorrente nos textos de Antonieta, qual seja o uso de uma assertiva inicial como mote de reflexão para a crônica do dia. Em sua estrutura, a crônica-comentário⁴⁰¹ traz o tema: “a máscara” como pressuposto de “dissimulação”: *“a todo o instante, a todo o momento, o homem, como um caracol, fez da máscara, o seu caramujo, o seu esconderijo seguro, para o bem ou para o mal.”*. Segundo a autora, todo ser humano já usa máscara desde “Caim”, portanto, o homem usa máscara desde que Deus o criou, remete ao personagem bíblico “Caim” para fundamentar o conceito de “maldade”, antes, porém, começa a crônica com a definição de “vida”. Então, a professora escritora vai enumerando o elemento de seu texto, dando as pistas de como o leitor deve proceder à interpretação. Após o mote e às definições de cunho didático, ela traz os argumentos a favor e em seguida os argumentos contrários ao mote, para a conclusão a autora retoma uma cena de carnaval e traz questões a serem refletidas. Ela não encerra a crônica com o seu posicionamento tão somente, mas reporta-se ao leitor e difere uma pergunta inusitada, deixando a discussão aberta. Então, o uso da máscara tanto pode denotar dissimulação como também preserva o “encanto da surpresa, a maravilha da impenetrabilidade”. A pergunta “V. me conhece?” remete ao ar de mistério que é inerente a qualquer “máscara”, seja ela natural ou artificial. Veja-se que Antonieta traz uma crítica à festa, ao mesmo tempo mostra certo alívio sentido pelo homem

⁴⁰⁰ ILHA, Maria da. *Farrapos de Idéias*, 1971. P.141-143.

⁴⁰¹ Retomar a definição

ao estar mascarado, porque assim ele esconde o riso e a dor, sufoca na garganta o grito e a alma.

Vale lembrar aqui do conceito de máscara discutido na obra de Lafetá (1986) ⁴⁰² ao retomar os conceitos de Pirandello sobre sinceridade e dissimulação. Mesmo não se tratando de poesia, mas de crônica, marca-se aqui uma questão sobre o conceito de “máscara”, que está ligado à concepção da pluralidade da pessoa, de sua dissociação, e constitui um tema freqüente na literatura desde o Romantismo. Ao falar, por exemplo, sobre Pirandello, em cuja obra este conceito desempenha papel central, Anatol Rosenfeld dá as seguintes explicações: A vida impõe ao indivíduo uma forma fixa, tornada em máscara. O fluxo da existência necessita dessa fixação para não se dissolver em caos, mas ao mesmo tempo o papel imposto ou adotado estrangula e sufoca o movimento da vida. Essa contradição é para Pirandello problema angustiante não só no nível do indivíduo humano, mas também no da sociedade dentro do fluxo histórico. E, continua LAFETÁ (1986:9-10) ⁴⁰³ que a contradição angustia não só Pirandello, naturalmente, mas ainda boa parte da filosofia do século XIX aos dias de hoje (Schopenhauer, Nietzsche, Kierkegaard, Sartre), boa parte da literatura (Thomaz Mann, Kafka, Joyce, Fernando Pessoa, Mário de Andrade), a psicanálise e no caso de Mário de Andrade chega a tornar-se uma obsessão permanente, de tal modo que sua obra parece toda ela girar em torno da dialética da sinceridade e do cabotismo ⁴⁰⁴

⁴⁰² LAFETÁ, João Luiz. *Figuração da Intimidade: Imagens na poesia de Mário de Andrade*. São Paulo: Martins Fontes, 1986. P. 9-10.

⁴⁰³ Idem.

⁴⁰⁴ Ibidem.

Antonietta parece trazer para esta crônica um pouco desta discussão realizada na época por Anatol Rosenfeld a respeito da “Paulicéia Desvairada” de Mário de Andrade. A questão relacionada às máscaras traz à tona uma busca pela identidade que não se faz sem tensões, muito pelo contrário, isso porque nesse campo atuam forças de todo tipo, de todos os sentidos, e é natural que a linguagem, ao receber esta carga semântica, tencione também, quando a matéria pressuposta e usada como ponto de partida para a investigação do “eu” já está em si mesma marcada por “um feixe acentuado de conflitos”. Nesse caso específico, o conflito do “V. me conhece?”, alguém que no meio da multidão aborda e mascarado quer ser reconhecido, mas deixa a angústia do não reconhecimento, talvez porque não possa se mostrar como realmente é, ou pelo menos, naquele momento.

Em se tratando de escrita feminina de uma “negra”, a questão dos conflitos apresentados na crônica é relacionada à personificação da “Humanidade”, que parece gerada pela certeza de que o não reconhecimento do ponto de vista íntimo da autora vem à tona e passa a circunscrever o seu pensamento sobre o efeito da máscara no outro. Será que ela mesma não tem uma máscara diante da sociedade? O seu pseudônimo já denota que a Antonietta de Barros não se mostra como tal, mas sim como uma “Maria da Ilha” que fala de tudo, de todos e do que acontece ao redor, mas, não fala de si em primeira pessoa, não em *Farrapos de Idéias*; no entanto, procura ensinar o outro, fazendo-se e falando de si em terceira pessoa, como uma máscara a esconder o seu verdadeiro sentimento em relação ao mundo que a cerca. A autora remete ao outro um conflito que pode ser seu. Essa análise passa pela reflexão realizada sobre o conjunto da obra da escritora, em relação ao

confronto com relação à fortuna crítica, aos acontecimentos de época, e, em consonância à leitura de Frantz Fanon⁴⁰⁵.

Em crônica publicada em *O Estado*, de 06/05/1951, em resposta às palavras do Deputado Oswaldo Rodrigues Cabral, “Intriga barata de senzala”, Antonieta de Barros se manifesta sem máscaras, embora sob pseudônimo que se descortina, sem subterfúgios, sem meias palavras, mas com eloquência, sua condição de professora, mulher e negra, **dizendo:**

Tencionávamos, hoje, continuar as nossas considerações despreziosas, acerca da fala governamental ao Legislativo no Capítulo referente à Educação. Todavia, porque o nobre Deputado nos apanhou as “idéias esfarrapadas” (segundo expressão sua) e as levou para a Assembléia, tivemos de alterar os nossos propósitos.

E, pelo respeito que nos merecem os leitores amigos, aqui estamos, repisando o mesmo terreno, para nos esclarecer a atitude, em face da afirmativa do Deputado. [...]

[...] Nós, porém, até 1950, que foi ontem, contribuimos com o nosso trabalho para o ensino público. [...]

[...] Na verdade, não há intriga, porque não houve, mas as considerações em torno da situação “desoladora do ensino público” foram ditadas pelo coração de uma negra brasileira, que se orgulha de sê-lo, que nunca se “pintou de outra cor”, que nasceu, trabalhou e vive nesta e que bendiz a Mãe, a santa Mãe, também negra, que a educou, ensinando-a a ter liberdade interior, para compreender e lastimar a tortura dos pobres escravos que vivem acorrentados, no mundo infinitamente

⁴⁰⁵ Cf. FANON, 2008.

pequeno das cousas infinitamente pequeninas
e insignificantes...
(Não voltemos ao assunto)⁴⁰⁶

Os trechos acima da crônica bem mostram uma Antonieta desgostosa com a atitude de Oswaldo Rodrigues Cabral, a qual denotou um preconceito por parte do Deputado, um intelectual historiador do século XX da História e Cultura Catarinenses. Este episódio retrata um preconceito racial que estava velado em outros momentos, descortinado ao longo dos anos, demonstrando a falta de referências mais sucintas, concretas e delineadas de Antonieta de Barros. A frase com que a escritora termina a crônica vai se manifestar definitivamente por um bom tempo. Não se voltou ao assunto, ele morreu ali mesmo, mas evidenciou-se no silêncio histórico⁴⁰⁷, mas não literário a que ficou submetida a personalidade após sua morte nos anos posteriores. Na página 28 do Volume três do livro sobre a História de Santa Catarina, o Profº Celestino Sachet cita Antonieta de Barros:

Em 1937, Antonieta de Barros, com o pseudônimo de Maria da Ilha, editava “Farrapos de Idéias” (Imprensa Oficial do Estado), reunião de crônicas ligeiras, a maioria delas impregnada de profundo sabor existencial onde está ausente a busca de perfeição gramatical e estética.

⁴⁰⁶ Cf. SILVA, 1991.

⁴⁰⁷ Referência à obra *História de Santa Catarina*, publicada em quatro volumes no ano de 1970. Publicada pela Gráfica Editora Paraná Ltda. “Esta coletânea mostrará aos senhores estudiosos que Santa Catarina também possui uma equipe de escola que labuta em prol da educação e da cultura de nosso povo”, palavras do Drº Valfrido Piloto da Academia Paranaense de Letras. Escreveram e colaboraram na obra: Drº Oswaldo Rodrigues Cabral (Vol. 1), Profº Theobaldo Costa Jamundá, Profª AnaMaria Beck, Profº Almiro Caldeira de Andrada, Profº Sílvio Coelho dos Santos (Vol. 2), Profº Celestino Sachet, Nuno de Campos, Profº Péricles Luiz Medeiros Prade, Profº Martinho Callado Júnior (Vol. 3), Antonio Pichetti (Vol. 4).

Entretanto, um ano mais tarde, volta ao cenário pelas mãos de sua irmã Leonor de Barros a publicação da segunda edição de *Farrapos de Idéias* em 1971, com o acréscimo da faceta política de Antonieta, seus discursos, talvez uma forma de mostrar que no campo destinado aos “Catarinenses Ilustres”, compêndio do volume dois da obra “História de Santa Catarina”, deveria configurar o nome de Antonieta de Barros como a primeira mulher negra a ser deputada no Sul do país.

Em 1987, o *Grêmio Recreativo e Cultural Escola de Samba Acadêmicos do Samba* homenagearam Antonieta fazendo de sua história de vida tema carnavalescos. O enredo foi “Um carnaval para Professora Antonieta de Barros”. O título do samba enredo foi *De letra em letra se constroem vida*, composto por Nazareno e Mato Grosso. A letra do samba era:

De letra em letra, seu legado é a lição.

Vidas se constroem com amor e união!
Vida coroada de glória,
O Jornal, a oratória, mestra exemplar!
Escritora de estilo, da política ao asilo,
Mas nunca se deixou entregar.
Guarda pela mão do Criador,
Na luta por um ideal,
Em busca de igualdade, liberdade Com
perseverança e humildade,
E justiça social!
“Antonieta de Barros, “a negrinha” é o tema do
nosso carnaval.”

No Carnaval de 2010, o bloco “Filhos da Lua”, sito à Rua Joaquim Nabuco, nº 100, no bairro Monte Cristo da cidade de Florianópolis, ganha o prêmio de melhor bloco do carnaval de 2010 na Ilha de Santa Catarina. O Grêmio Recreativo e Cultural e Samba Filhos da Lua, fundado em 09 de abril de 1992, desfila no carnaval com o enredo “Antonieta de Barros, esse ano decidimos homenagear uma pessoa da terra na qual sua vida é um exemplo para todos nós.”. O samba-enredo “A Lua brilha sobre as poesias de Maria da Ilha”, cujos autores foram Paulinho Carioca, Juninho Zuação, Milene e Duda, diz o seguinte:

A Estrela brilha e reluz na passarela
 Filhos da Lua vêm em forma de aquarela.
 Iluminado pela obra de uma artista
 Exaltando a professora, escritora e jornalista
 Maria da Ilha, mulher guerreira
 Uma pérola negra brasileira.

Bate palma aí
 Antonieta é expressão de liberdade
 Pode aplaudir (Bis)
 É o Monte Cristo com sua comunidade

Antonieta de Barros
 Seu nome esta gravado na memória
 Primeira deputada negra do Brasil
 Páginas de glória.
 Legado de valor do nosso chão
 Fruto dessa miscigenação
 Um marco na Educação
 Quero ver sua voz ecoar
 Poesias bailando no ar
 E na “Nego Quirido” (Bis)
 Filhos da Lua Antonieta exaltar
 Enredo Filhos da Lua 2010
 Antonieta de Barros a Lua brilha
 Sobre a poesia de Maria da Ilha.

Como se pode perceber nas letras de música de dois carnavais, a força da personalidade Antonieta de Barros na vida dos nativos da ilha de Santa Catarina miscigenados é significativa. Embora a própria autora não manifestasse tendência a gostar da festa de Carnaval, as duas homenagens surgiram, enaltecendo a figura histórica e a professora. Sabe-se que poesia de Maria da Ilha só há publicada a oração *Dê Joelhos* e o texto em alusão ao dia de *Finados*, o primeiro publicado em *O Estado* e em *Farrapos de Idéias*; o outro em *República* e também no livro. Se o Samba enredo dos *Filhos da Lua* se refere a eles, têm-se aí uma alusão direta ao fato de se reportar a Deus para agradecer. E em agradecimento e valorização do louvor à Antonieta de Barros pelo seu feito, ao enaltecer o seu legado e em honrar com palmas o seu feito de ter sido uma negra influente na cidade e no estado, quiçá no Brasil, como bem se mostra nestes versos: “Bate palma, aí/Antonieta é a expressão de liberdade [...]” e mais adiante nos versos: “Antonieta de Barros/ Seu nome está gravado na memória/Primeira deputada negra do Brasil/Páginas de Glória/Legado de valor do nosso chão/Fruto dessa miscigenação/ Um marco na Educação [...]” Portanto, uma alusão direta a cor de sua pele, a sua origem negra, ao seu feito como política e escritora, mas, principalmente como professora foi “um marco”, que jamais será esquecido pelo povo da Ilha de Santa Catarina, porque ultrapassou fronteiras e levou o povo à escola, incentivando e trabalhando para isso.

No sítio⁴⁰⁸ do Carnaval 2010, do Bloco *Filhos da Lua* há uma pequena biografia da homenageada que diz o seguinte:

[...] Antonieta atuou como professora, jornalista e escritora. Como tal, destacou-se, entre outros aspectos, pela coragem de expressar suas idéias dentro de um contexto histórico que não permitia às mulheres a livre expressão; por ter conquistado um espaço na imprensa e por meio dele opinar sobre as mais diversas questões; e, principalmente, por ter lutado pelos menos favorecidos, visando sempre a educação da população mais carente.⁴⁰⁹



Figura 63

De Joelhos. Jornal O Estado. De 23/12/1951. Por Maria da Ilha.

410

⁴⁰⁸ [HTTP:// melhoresdefloripa.com.br/filhosdalua.php](http://melhoresdefloripa.com.br/filhosdalua.php). Acesso em 08/04/2010. Sob o título: "Carnaval 2010".

⁴⁰⁹ Trecho retirado do sítio do Bloco "Filhos da Lua" na parte sobre a biografia de Antonieta de Barros, a homenageada do Carnaval 2010.

⁴¹⁰ De Joelhos, foto do texto publicado em *O Estado*, em 23/12/1951, sob o pseudônimo "Maria da Ilha".

Então, o tempo desfaz a máscara, a fantasia acaba e a alegria persiste no vislumbre de uma possível “vitória”. Fica tão somente os feitos, o legado, a realidade dos fatos e suas interpretações.

4.6 A PROFESSORA NO PARLAMENTO

Em que momento se forjou a personagem política Antonieta de Barros? Talvez, conforme apurado em seus rastros e vestígios, bem cedo, já no período em que freqüentava a Escola Normal quando se engajou e fez parte do Centro Cívico das Normalistas. Depois, como uma das fundadoras da Liga do Magistério, organização de classe que atuou intensivamente na luta pelo reconhecimento do voto feminino e pela luta de valorização da mulher; além de ter acompanhado as discussões sobre o movimento para o Progresso Feminino. Como primeira secretária da Liga recebeu as correspondências vindas da capital nacional, aquelas relacionados aos movimentos sufragistas femininos, bem como a correspondência de outras entidades de classe de outros estados. Como intelectual atenta aos movimentos sociais e membro da Liga do Magistério Catharinense participou dos movimentos culturais democráticos que instituíram o Centro Catharinense de Letras, como já visto anteriormente. Os espaços ocupados por estas entidades eram os mesmos e muito próximos à efervescência política e decisões tomadas pelos dirigentes políticos, visto que se situavam nos fundos do Palácio do governo e dentro das dependências da Escola Normal. Então, pode-se concluir que desde os anos vinte já se tinha aí uma

personalidade política influente que provinha do meio popular e que atuava em prol da sociedade da época, tendo como discurso o engajamento por uma educação de qualidade e como direito de todos.

As mulheres lutaram e continuaram lutando para adentrar neste campo tão restrito que é a política, atividade em disputa aos cargos de governo. “Política é coisa para homem” E as poucas mulheres que chegaram à política surpreendem pelo inusitado, encontram-se deslocadas, ou seja, parecem estar fora de seu lugar natural. A produção historiográfica catarinense clássica está centrada nos estudos dos membros de uma elite em que são mais proeminentes os nomes masculinos. “A participação feminina [aparece] na cena política [somente] na década de 30, sobretudo após o Decreto que permitiu o voto feminino no processo sufragista brasileiro.”⁴¹¹

Em *A Educação e Outros Ensaios*⁴¹², Antonio Candido afirma que nos anos 30 a manifestação intelectual de autores brasileiros foi de engajamento político, religioso e social no campo da cultura. “Mesmo os que não se definiam explicitamente, e até os que não tinham consciência clara do fato, manifestaram na sua obra esse tipo de inserção ideológica, que dá contorno especial à fisionomia do período”. São desta época as publicações de *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freire, *Evolução Política do Brasil* de Caio Prado Júnior, *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, dentre outros, cuja preocupação era de procurar “entender e explicar o Brasil da época”. Antonieta de Barros também vai apresentar em seus textos esta “inserção ideológica”

⁴¹¹ NUNES, Karla Leonora Dahse. *Antonieta de Barros: Uma História*. Dissertação de Mestrado CFH/Pós-graduação em História/UFSC. Florianópolis/SC. 2001..

⁴¹² CANDIDO, Antônio. *A Educação e Outros Ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1989. P.182.

de que trata Antonio Candido, tratando de temas relacionados aos acontecimentos da época, como já referido e agora salientado: II Guerra Mundial, Revolução de 30, Revolução Constitucionalista, Revolta do Forte (Tenentismo), Ascensão do Fascismo, Estado Novo. Isso pode ser percebido com mais ênfase nos excertos retirados de crônicas publicadas em *Farrapos de Idéias*.

Em *Não Matarás*⁴¹³, a escritora salienta: “Os jornais do Rio nos trazem a notícia de que a mocidade se movimenta, formando uma liga contra a guerra. É a mais necessária das ligas. Precisamos da insubordinação da gente môça contra os desvarios dos maiores.” Aqui Antonieta deixa clara a sua posição contrária a qualquer manifestação de guerra, sua posição é pacifista, porém crítica em relação ao poder público que manda jovens para o embate. Mais adiante ela afirma: “Nos instantes presentes, os homens de todo o mundo, como se tocados por uma varinha maléfica, dansam o samba macabro da destruição; no instante presente, para qualquer lado que se volte, sente-se uma atmosfera irrespirável de ódio, ouve-se ou pressente-se o sibilar mortífero das balas.”⁴¹⁴ O pressentimento da escritora denota uma atmosfera de medo social em relação ao que poderia acontecer, isto porque os conflitos armados ocorreram de início no Sul, e Santa Catarina ficou na passagem desta “Revolução” que culminou na ascensão de Getúlio Vargas ao poder. A década de 30 no Brasil foi um

⁴¹³ ILHA, 1970. P. 177.

⁴¹⁴ Idem.

período marcado por conflitos, não foi uma mera passeata militar, houve luta e resistência em alguns lugares do país.⁴¹⁵

Após a instalação do Estado Novo, em 1937, tendo a frente no governo Getúlio Vargas, o Brasil deixa de ser uma democracia e alguns partidos políticos são extintos. Em Santa Catarina, a Aliança Liberal passa a ser denominada de Partido Liberal Catarinense, composto por políticos como: Nereu Ramos, Gustavo Neves, Ivo D'Aquino, Renato Barbosa, Antonieta de Barros, Oswaldo Rodrigues Cabral, Francisco Barreiros Filho, os quais apoiavam Getúlio Vargas.

⁴¹⁵ Em 1932, ocorre do ponto de vista histórico, o acontecimento denominado de “Revolta Paulista de 1932. No dia 9 de julho de 1932, a revolução rebentou em São Paulo, o plano dos revolucionários era realizar um ataque fulminante contra a capital federal (Rio de Janeiro). Mas nada saiu como o planejado, porque Flores da Cunha decidiu mudar de lado e apoiar Getúlio Vargas. Klinger só conseguiu uns poucos homens e os rebeldes paulistas se viram sozinhos contra o resto do país. Getúlio enviou 18 mil homens para cercar os 8,5 mil soldados revolucionários. Apesar do desequilíbrio de forças, a luta foi sangrenta e durou quase três meses. Quando a ameaça da ocupação da cidade de São Paulo tornou-se real, os paulistas decidiram se render às forças federalistas. In. BUENO, Eduardo (Org.). *História do Brasil*. Florianópolis: Zero Hora/RBS jornais, 2000. P. 217 - 233



Figura 64

Foto da Assembléia Legislativa e da Praça Pereira e Oliveira. O prédio da Assembléia foi construído no início do século XX e sucumbiu às chamas no ano de 1956. Nos seus cinquenta anos de atividade consistiu em uma representação do poder constituído pela oligarquia que dominou a política catarinense e também foi palco de grandes disputas e realizações.

Em oposição, tinha o Partido Republicano Catarinense composto por Adolfo Konder e Victor Konder, Fúlvio Aducci, Othon Gama D'Éça, que apoiavam a candidatura de Júlio Prestes.

O Partido Liberal Catarinense⁴¹⁶ (PLC) foi uma organização política que sucedeu a Aliança Liberal em Santa Catarina, após a vitória da revolução de 1930. A Aliança Liberal foi um movimento liderado pelo Rio Grande do Sul e Minas Gerais, com o propósito de apoiar as candidaturas de Getúlio Vargas e João Pessoa na sucessão à presidência da República, de Washington Luiz. Em Santa Catarina, a Aliança Liberal, fundada nos fins de 1929, objetivava a direção da campanha eleitoral no Estado e a organização de uma comissão de propaganda municipal para derrotar o forte Partido Republicano Catarinense⁴¹⁷. A convenção de criação do partido ocorreu em Fevereiro de 1931, organizada entre outros por Vidal Ramos, Henrique Rupp Júnior, Dorval Melquíades de Sousa e Nereu Ramos. Em 1934 o Partido elegeu nova Diretoria, sendo eleito Nereu Ramos para a presidência, enquanto que Pompílio Bento foi Vice. O partido neste ano conseguiu eleger quatro deputados federais e para a Constituinte Estadual os Liberais elegeram dezesseis Deputados, mais tarde entraram mais dois, sendo um deles Antonieta de Barros. Em maio de 1935, os quatorze deputados Liberais e mais os deputados da oposição deveriam escolher o governador do Estado, vencendo o candidato Nereu Ramos, nomeado interventor. O partido foi extinto em 1937, com o golpe do Estado Novo.

No texto intitulado *Antonieta de Barros, uma lição de vida* adaptada e pesquisada por Paulo Roberto Silveira, para a Comissão de

⁴¹⁶ PIAZZA, Walter Filho. (Org.) *Dicionário Político Catarinense*. 2ª Ed. ALESC, 1994. Pág. 557-561.

⁴¹⁷ Idem, cf. p.663-665

Comemoração do Centenário de Antonieta de Barros na Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, o autor apresenta a trajetória política de Antonieta assim resumida:

[...] Com idéias que refletiam uma nova forma de orientação intelectual, ela aceitou filiar-se ao Partido Liberal e foi eleita Deputada Estadual em 1934, com 35.484 votos, participando da elaboração da 6ª Constituinte do Estado de Santa Catarina, que teve os trabalhos iniciais no dia 23.04.1935 e promulgação no dia 25 de agosto desse ano. Permaneceu na Assembléia até 1937, quando o então Presidente Getúlio Vargas fechou o Congresso Nacional e as Assembléias Legislativas. [...] Mas, depois que Getúlio Vargas foi deposto em 1945, Antonieta retornou novamente à política em 1948, como 1ª suplente convocada à Assembléia Legislativa, desta fez filiada ao Partido Social Democrático (PSD). [...] Todavia Antonieta não escondia a preferência: destacou-se ainda mais por sua defesa do exercício do magistério em Santa Catarina. [...]. Mesmo com sua atuação na política, defendendo projetos como a eleição para a escolha de diretores de escolas e a implantação de concursos públicos para os professores, ela não abandonou as salas de aula. Seu jeito crítico, diferenciado e único continuou prevalecendo e ecoou pelos corredores das escolas. Incutiu nos estudantes que a vontade de vencer deve prevalecer sempre.⁴¹⁸

Nesta referência à Deputada Antonieta de Barros tem-se a tônica de sua vida política na dedicação aos assuntos relacionados ao magistério, em função do seu não distanciamento desta matéria, o que

⁴¹⁸ Informações compiladas e resumidas do Suplemento Diário Catarinense de 06/0/2001. *Os Vinte Caratinenses do Século XX.*

reafirma a tese de que Antonieta de Barros exerceu sua função de professora também na instância política.

Walter Piazza⁴¹⁹ afirma que Antonieta pertenceu ao Partido Liberal Catarinense, foi Deputada à Assembléia Constituinte e legislativa Estadual (1935-1937), depois suplente convocada à 1ª legislatura (1947-1951) pelo Partido Social Democrático. “Foi, portanto, a primeira mulher a participar do Legislativo Estadual Catarinense”⁴²⁰. Este último ressalta a importância histórica de Antonieta para as questões de gênero, quando uma mulher se destaca em um ambiente tipicamente masculino, um lugar de poder que antes da conquista pelo Sufrágio Feminino parecia impossível de se alcançar. No entanto, ele não faz referência à cor da pele e não esclarece as condições da eleição, sem dados mais significativos.⁴²¹ Nesta nota biográfica, o Professor Piazza coloca a foto de Antonieta com 22 anos.

No Informativo do ano do Centenário de 11/07/1901/2001, na seção “Editorial”, sob o título “A propósito de Antonieta de Barros, educadora, intelectual, mulher negra...,” há a afirmação de que “Antonieta de Barros foi a mais influente figura feminina de Santa Catarina na primeira metade deste século.” Continua dizendo: “Sua trajetória a conduziu a assumir os mais expressivos postos no cenário educacional e político de nosso Estado.” Aqui a confirmação de que a figura de Antonieta está ligada à educação e respeito à sua intelectualidade. “Mais adiante o “Editorial” continua a:

⁴¹⁹ PIAZZA, Walter. *Dicionário Político Catarinense*. P. 71.

⁴²⁰ Idem.

⁴²¹ A fonte de pesquisa utilizada para a construção desta nota bibliográfica do Dicionário Político Catarinense foi MEIRINHO, Jali & COSTA, Theobaldo. *Nomes que ajudaram a fazer Santa Catarina*. Florianópolis: EDEME, 1971.

Sua história se confunde com a história das conquistas femininas. [...] foi a primeira mulher a alcançar destaque no cenário político de Santa Catarina. [...]. Eleita deputada participou ativamente dos momentos mais expressivos da nossa história sendo a primeira mulher catarinense a assinar a constituinte de 1935.⁴²²

Resguardadas as devidas proporções hiperbólicas, bastante comuns em descrições biográficas relacionadas à Antonieta durante o período de comemoração, as informações veiculadas no ano do Centenário (2001) de nascimento são bastante generosas com a memória de Antonieta, observando-se que a importância aqui não está diretamente veiculada à figura de mulher negra, como ocorre no livro *Mulheres Negras do Brasil*⁴²³ publicado em 1998 que afirma:

No sul do país, Antonieta de Barros rompeu muitas fronteiras que circunscreveram os preconceitos de sexo e raça. [...] Desse modo, tornou-se a primeira negra a assumir um mandato popular no Brasil. Dona de uma carreira política voltada para o engrandecimento da pátria através da educação e pela valorização da comunidade negra. [...]

Em 15/09/2008, o Jornal *Diário Catarinense* na seção “Baú @eleitoral” destaca a figura de Antonieta de Barros da seguinte forma:

⁴²² Retirado do Editorial do Informativo do ano do Centenário de 11/07/1901/200, sob o título A propósito de *Antonieta de Barros, educadora, intelectual, mulher negra...* Fonte ALESC.

⁴²³ SCHUMACHER, Shuma; VITAL BRAZIL, Érico. *Mulheres Negras do Brasil*. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2007

Hoje a questão de gêneros na política está em vias de ser superada, mas nem sempre foi assim. A precursora na política estadual foi Antonieta de Barros, nascida na Capital em 11 de julho de 1901. Em 1934, ela foi a primeira mulher catarinense a eleger-se para uma cadeira na Assembléia Legislativa e a primeira mulher parlamentar negra do Brasil, eleita pelo Partido Liberal Catarinense. Também foi escritora, cronista e jornalista, escrevendo para jornais e revistas de Florianópolis com o pseudônimo Maria da Ilha. Faleceu em 28 de março de 1952, vítima de complicações diabéticas.

Vale lembrar que em 1934 ocorre no Nordeste do Brasil a Conferência para a Qualificação da Educação no país. Em 1935 Nereu Ramos torna-se o governador interventor nomeado por Getúlio Vargas. Em 1936, Nereu Ramos profere o discurso sobre as melhorias na Educação de Santa Catarina. O governador sanciona os projetos de lei aprovados pela Assembléia, inclusive os que Antonieta encaminha.

Portanto, em 1935 surge no cenário político catarinense uma mulher negra, professora que vai dedicar “durante o primeiro ano de legislatura a encaminhar leis que defendem e estabelecem direitos às mulheres, professores e diretores de escolas públicas”. Seus projetos de lei são voltados para a Educação e para a qualificação do profissional que atua nos Grupos Escolares e Instrução Pública, bem como vai promover a Escola de Educação Profissional Feminina para estimular uma formação profissional qualitativa e digna às mulheres das classes menos favorecidas.



Figura 65

Foto do Jornal Diário Catarinense, sessão Baú @eleitoral. Outubro de 2008.



Figura . 66.

Foto dos parlamentares da Constituição de 1935. Antonieta está sentada ao lado de Nereu Ramos. Acervo Casa da Memória.

Nas palavras de Walter Benjamin⁴²⁴: [...] articular o passado historicamente não significa conhecê-lo como ele propriamente foi. Significa apoderar-se de uma lembrança tal qual ela cintilou [...] Uma

⁴²⁴ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

mulher negra no meio de tantos homens de poder, parece uma foto que deve ser reverenciada em pleno ano de 1935, quando da pose para a foto oficial de posse dos constituintes. Também é uma foto que mostra a importância de uma mulher negra e professora para os caminhos da política e da educação em Santa Catarina no século XX. E uma referência para o movimento negro nos dias atuais.

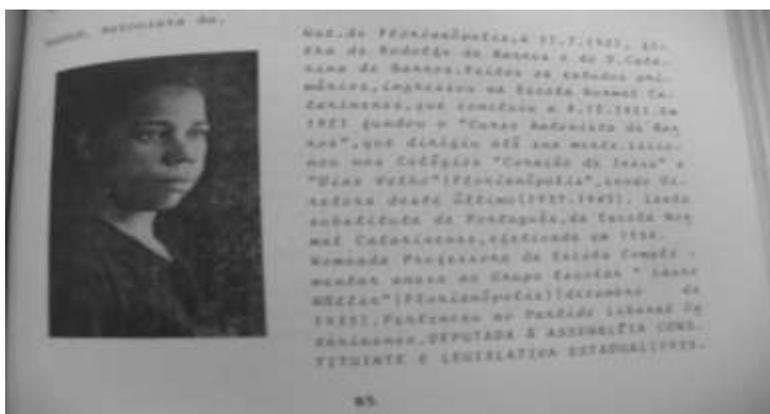


Figura 67. Foto da página 85 do livro “Dicionário Político Catarinense de Walter Piazza, onde consta a menção à Antonietta de Barros, uma biografia resumida da primeira mulher deputada no Parlamento Catarinense. Acervo Pessoal

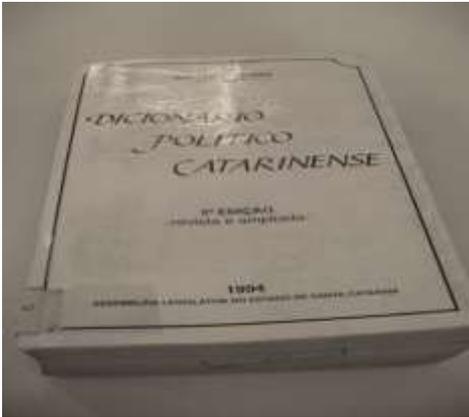


Figura 68
Foto do livro Dicionário Político Catarinense. Uma obra que todos devem ler estudar e consultar, a fim de saber sobre as “veredas”, as “alamedas” e o seu interior. Uma lição de Idéias, a partir de uma rede de conexões

Com a palavra: Antonieta de Barros

Em entrevista concedida ao Jornal *O Estado* em 11 de setembro de 1948, a professora e deputada Antonieta de Barros fala ao povo catarinense, transcrevo a entrevista na íntegra, com o objetivo de mostrar que na função de Deputada, a professora Antonieta e sua atuação profissional determinaram o rumo dos projetos de lei, os discursos e sua conduta no Parlamento Catarinense.

A entrevista começa com palavras elogiosas por parte do jornalista: “Como a ilustre representante pessedista esclarece a sua atuação na Assembléia Legislativa em prol do Magistério Catarinense e da educação popular”. O jornalista pergunta: “Quererá a Sr. dizer-nos alguma coisa sobre os seus trabalhos na Assembléia?” Então, Antonieta de Barros responde:

[...] Com prazer, como sabe, estou de passagem pela Assembleia, por isso tenho procurado aproveitar o máximo desta oportunidade,

trabalhando. Apresentamos, já, três indicações e um projeto de lei, todos referentes ao setor educacional. Há mais de vinte e cinco anos, venho vivendo a vida educacional da minha terra. E, quanto mais vivo, mais me convenço de que a solução de todos os problemas que agitam o mundo está na educação. Daí os rumos dos meus trabalhos no legislativo.

A entrevista continua e a deputada passa a discorrer sobre a sua atuação e seus feitos, então ela mesma esclarece aos leitores de *O Estado* que mesmo na função em que está atuando, não deixa de ser a professora, porque ali ela está de “passagem” e, por pertencer a uma classe, a do magistério, aproveita a oportunidade de trabalhar em prol da melhoria da situação do profissional da educação em Santa Catarina.

**ENTREVISTA: “O ESTADO OUVI A PROFESSORA
ANTONIETA DE BARROS”**

JORNAL “O ESTADO, 11 DE SETEMBRO DE 1948.

Como a ilustre representante pessedista esclarece a sua atuação na Assembléia Legislativa em prol do Magistério Catarinense e da educação popular.

Jornalista – Quererá a Sra. dizer-nos alguma coisa sobre os seus trabalhos na Assembléia?

Antonieta de Barros – Com prazer. Como sabe, estou de passagem pela Assembléia, por isso tenho procurado aproveitar o máximo desta oportunidade, trabalhando. Apresentamos, já, três indicações e um projeto de lei, todos referentes ao setor educacional. Há mais de vinte e cinco anos, venho vivendo a vida educacional da minha terra. E, quanto mais vivo, mais me convenço de que a solução de todos os problemas que agitam o mundo está na educação. Daí o rumo dos meus trabalhos, no legislativo.

Jornalista – E a que grau de ensino se referem estes trabalhos?

Antonieta de Barros – Nossa situação, no que diz respeito ao ensino primário, é invejável. Se Vidal Ramos, com a grande reforma, a que se ligou o nome de Orestes Guimarães, nos deu os Grupos Escolares, onde a criança começou a sentir a escola, um ambiente de alegria e conforto, Nereu Ramos e os continuadores da sua monumental obra – Udo Deeke, Aderbal Ramos da Silva e José Boabaid – têm feito da nossa Santa Catarina um modelo, dentro da Federação Brasileira, no Capítulo da Educação Primária. Isso tem de ser para nós, em geral, e para mim, em particular como professora, motivo de justificado orgulho.

Jornalista – Começo a perceber que os seus trabalhos, na Assembléia, não se referem ao Ensino Primário...

Antonieta de Barros – Justamente. O projeto de Lei regula a concessão de Bolsas Escolares para os cursos superiores, técnicos, normais. Regulando-a, o nosso principal objetivo foi aproveitar as inteligências e

vocações, que as condições financeiras impossibilitam de avançar, e realizar. Quisemos abri as portas ao merecimento. Daí ter concluído entre as condições pra alcançar a Bolsa, certificado com aprovação mínima, grau sete.

Jornalista – E não acha muito o limite?

Antonieta de Barros – Em absoluto. Entendo que as bolsas devem ser um prêmio ao mérito. Condicionar a concessão em aprovação inferior seria estimular a falta de carinho, com que – nós, os professores, notamos – se vem encarando os estudos. Dentro dos nossos dias, o objetivo, em geral, é alcançar um certificado ou um título. É uma das características da época em que vivemos... sinal dos tempos, meu caro jornalista... Mas, voltemos às bolsas: o Projeto dá, ainda, ao bolsista, a obrigação de restituir ao Estado, o auxílio recebido, que irá constituir um fundo para Bolsas Escolares. O Estado, assim, encontrará facilidade em aumentar o número de bolsistas e estes, além do prazer moral de ter podido custear os estudos, auxiliarão outras vocações a se realizarem. É do domínio de todos que constituem exceções os bolsistas que formados, venham emprestar suas atividades à vida da nossa terra. É um meio de não se perder tudo...

Jornalista – E sobre as indicações de que nos falou?

Antonieta de Barros – Uma refere-se à Escola Profissional Feminina; as duas outras às carreiras de Diretor de Grupo Escolar e Inspetor Escolar.

Se, no ensino primário, no momento, nada temos que melhorar, quer sob o ponto de vista das instalações, quer sob o ponto de vista didático, o mesmo não acontece em outros graus de ensino. Haja vista o nosso Instituto de Educação, cuja matrícula aumenta de ano para ano, tornando-se exíguo para as suas finalidades.

Jornalista – E não pretende o Governo melhorar esta situação?

Antonieta de Barros – Pretende sim, e temos fé que concretize a construção de um prédio, como o Departamento, e nós, os do Instituto, sonhamos e sentimos ser preciso, e aonde, ao conforto para Mestre e alunos, venha casar-se todo o rigor das exigências da Moderna Pedagogia... Mas, como lhe dizia, a Escola Profissional Feminina é a única, mantida pelo Estado, que dá à Mulher, conhecimentos técnico-profissionais. E, por isto mesmo, é preciso alargar as possibilidades da Escola. Sugerimos a criação de novas sessões profissionais e de um curso de Cultura Geral. Sempre me preocupei com este aspecto da Escola Profissional. Nem todas as alunas são diplomadas. Eu entendo que nenhum profissional pode ser completo, se não tiver os conhecimentos básicos indispensáveis para a vida. Além disso, a Mulher precisa destes conhecimentos, por causa da sua função social de educadora, pela própria destinação. Entre os cursos que sugerimos, está o de Educação Doméstica, que tornamos obrigatório a todas as alunas, e de que faz parte um curso de Cultura Especializada. Este curso formará donas de casa e possibilitará, com eficiência, a profissão de governantes.

Jornalista – E as outras indicações?

Antonieta de Barros – As outras duas indicações são um complemento do nosso trabalho na legislatura passada, em que apresentamos as leis de ingresso, reversão e remoção, no Magistério, sancionadas no Governo Nereu Ramos. Com essas indicações, procuramos concretizar uma justa aspiração dos nossos dedicados e abnegados professores e inspetores. Praticamente, as nossas indicações visam alargar a carreira de Professor Normalista, visto como a condição básica, para ser Inspetor ou Diretor, é ter sido cinco anos professor. O Concurso dá margem a todos os que querem subir. E todos os nossos professores primários encontrarão, nas perspectivas que se abrem um grande estímulo a uma real compensação a tantos esforços. Convertidos em Lei, terão os nossos diretores e inspetores escolares, uma situação estável, o que, a meu ver representa muito, para as finalidades do trabalho que lhes está afeto.

Jornalista – E em que situação ficarão os atuais Inspetores e Diretores?

Antonieta de Barros – A Lei assegura-lhes o direito do cargo efetivando-os. Não podia ser de outra maneira. Os Inspetores em função gratificada ficarão na classe inicial “L” e os do cargo extinto, quando vagar, serão distribuídos pelas classes “M” e “N”, obedecendo-se ao critério da antiguidade. Este, também, o critério, para a distribuição dos diretores pelas classes “P”, “J”, “k”.

Jornalista – Pretende apresentar ainda outros trabalhos?

Antonieta de Barros – Estudo outros problemas. Se os concluir em tempo, apresentarei à Consideração dos meus nobres pares, como se diz em linguagem... legislativa...

Jornalista – Espera ver convertidos em Lei todos os seus trabalhos?

Antonieta de Barros – Devo esclarecer-lhe, meu prezado Jornalista, que tanto os nobre Governador do Estado, como o Drº Armando Simone Pereira, ilustre Secretário da Justiça, Educação e Saúde, como o Drº Elpídio Barbosa, incansável Diretor do Departamento de Educação – todos grandes amigos dos professores e partidários de uma educação, sempre melhor – aplaudiram, com simpatia, as medidas sugeridas, quando lhas submetemos à esclarecida inteligência. Ademais, os nobres dirigentes do Estado e os representantes do nosso grande povo, na Assembléia, compreendem, perfeitamente, os anseios da classe que trabalha pelo ideal duma Pátria forte e rica, pela cultura de seus filhos.

Então, parece bastante esclarecido que na função de Deputada, Antonieta de Barros legislava em prol do Magistério e por melhores condições de trabalho, como bem mostra esta entrevista.

4.7. UMA TRAJETÓRIA, TRÊS VIDAS, UMA SEPULTURA

No cemitério São Francisco de Assis, na quadra A, está o túmulo das mulhreres Barros: Catrarina, Leonor e Antonieta. Três vidas, um túmulo, três trajetórias diferentes. O destino de uma delas as colocou

na história de Santa Catarina. Quando se fala de uma, as outras precisam ser citadas, para que a história de uma vida faça sentido e sua trajetória uma jornada de vitórias e conquistas.

Em 29 de março de 1952 o jornal “O Estado” na primeira página noticia o falecimento de Antonieta de Barros.

DONA ANTONIETA

A capital do Estado foi ontem abalada com a dolorosa notícia do falecimento da Exma. Sra. Professora Antonieta de Barros, que, dias antes, fora internada no Hospital de Caridade, com a saúde profundamente abalada. A notícia, de imediato, se propalou por toda a cidade, provocando a maior consternação. É que DONA ANTONIETA, como todos a chamavam, vivia na admiração de todos nós. Filha do casal Rodolfo de Barros, nasceu nesta Capital, aos 11 de julho de 1901. Desaparece, assim, aos 51 anos. Desde cedo, a sua grande vocação foi para o ensino. Aos 20 anos, era já professora de renome. Em 1931 ingressou no magistério público como lente de português da antiga Escola Normal, cargo em que mais tarde se efetivou e do qual, em janeiro do ano passado, se aposentou, com mais de 30 anos de serviços e de dedicação ao ensino catarinense. Mesmo fazendo jus a esse descanso, DONA ANTONIETA não se exonerou da missão de ensinar, passando a dirigir e a lecionar no Curso Antonieta de Barros – escola particular cuja matrícula era todo o ano disputadíssima pelos pais de educandos. Por longos anos, de 1944 a 1950 precisamente, exerceu o alto cargo de Diretora do Instituto de Educação, onde se revelou notável administradora e onde prestou os mais relevantes serviços ao Estado.

Em 1935, eleita deputada estadual, Dona Antonieta foi elemento de maior destaque na elaboração da constituição do Estado. Foi a primeira e única mulher catarinense eleita para integrar o Legislativo. Na última Legislatura voltou à

recolhida a um apartamento do Hospital de Caridade, a ilustre colaboradora deste diário e emérita educadora. *O ESTADO* visita-a desejando à Prof. Antonieta de Barros, pronto e rápido restabelecimento”, o qual não ocorreu e no fim de tarde deste mesmo dia a Prof. Antonieta veio a falecer.

No dia 30 de março de 1952 em *O ESTADO* ocorre na primeira página uma grande homenagem à Antonieta de Barros, começando com uma nota do Partido Social Democrático, do qual fazia parte. A nota dizia:

O Pesar do PSD.
Pelo falecimento da Professora Antonieta
de Barros

O Presidente do Partido Social Democrático, seção de Santa Catarina, recebeu os seguintes cabogramas, externando pesar pelo passamento da saudosa correligionária Prof. Antonieta de Barros⁴²⁵.

Apresento ao nosso Partido por intermédio de seu Diretório Regional expressão profundo pesar falecimento nossa prestimosa correligionária professora Antonieta de Barros exemplo de dedicação e fidelidade partidárias, (AS) Nereu Ramos.⁴²⁶

Celso Ramos – Foles, SC
Nosso Partido acaba sofrer profundo golpe e eu pessoalmente perco uma das amigadas que mais prezava. (AS. Nereu Ramos)⁴²⁷

⁴²⁵ Mensagem do PSD publicado em *O ESTADO*, nota de pesar pelo falecimento de Antonieta de Barros.

⁴²⁶ Mensagem de Nereu Ramos, que estava no Rio de Janeiro, publicada em 30/03/1952 em *O ESTADO*, pelo falecimento de Antonieta de Barros.

⁴²⁷ Telegrama recebido por Celso Ramos de Nereu Ramos sobre a tristeza de perder uma amiga querida. *O ESTADO*, 30/03/1952.

Pelas mensagens de pesar publicadas em *O ESTADO* pode-se perceber o quanto a morte prematura de Antonieta de Barros provocou pesar por parte de quem convivia com ela na vida social e pública. Isso ressalta o quanto a dedicação, o trabalho, a amizade eram valores cultivados pela personalidade em todas as instâncias de sua vida.

Na primeira página do dia 30 de março de 1952 no jornal *O ESTADO* está o texto de Ildfonso Juvenal falando da procissão do Senhor dos Passos. Antonieta fazia parte da irmandade e seu falecimento se deu na semana da procissão, período da quaresma, duas semanas antes da Páscoa, festa que geralmente todo ano em suas crônicas reverenciava. Extremamente religiosa, como bem mostram as passagens de crônicas publicadas em *Farrapos de Idéias*, Antonieta não poderia provocar maior consternação em sua passagem da vida para a morte. Sua vida foi muito bem retratada por Rubens de Arruda Ramos, diretor do jornal, no texto de primeira página de *O ESTADO* deste dia, cujo título foi “Consagração”:

Coube ao nosso diretor, o Dr. Rubens de Arruda Ramos, proferir palavras em nome do Partido Social Democrático e de *O ESTADO*, o que fez sob visível emoção. Exaltou, na saudosa extinta, a correligionária exemplar e a primorosa jornalista, sempre mestra: mestra na conduta partidária, no espírito de renúncia, nas atitudes de prudência e de desassombro, na serenidade e na energia e, sobretudo, “MESTRA DE LEALDADE, NA PLENITUDE APOSTOLAR DO TERMO”. Referiu-se à jornalista, “MESTRA QUE PREGOU UM EVANGELHO DE HONRA PARA A JUVENTUDE.” e “ARTISTA MESTRA DO ESTILO E DA FORMA”, a doutrinara pela imprensa, quer através da crítica superior e construtiva, quer

através do comentário ligeiro e transparente, rendado de ironias.

E terminou afirmando que Dona Antonieta deixara ao Partido e ao Jornal uma herança inestimável, que era roteiro a seguir e código a cumprir: “Observando-os, Dona Antonieta estará sempre presente no nosso cérebro, sempre junto aos nossos corações, sempre envolvida pela nossa imperecível saúde.”⁴²⁸

A morte de Antonieta aconteceu no final da tarde de 28/03 daquele ano, mas a capital só soube do velório no dia seguinte. Fato curioso, encontrei na lápide do túmulo (consta 29/03/1951), as datas de falecimento do atestado de óbito e a data da lápide não coincidem, bem como o registro histórico de Jali Meirinho no livro *Data Comemorativas*, que coloca o evento em 28/02/1952, quando de fato ocorreu em março.

Na página do jornal *O Estado* de 30/03/1952, no rodapé, há um texto intitulado *Libertação*, escrito por G. Silveira, que usa de metáforas para definir a trajetória e a vida de Antonieta de Barros. Ela é chamada de “Aquela Árvore”. Diz a autora em um trecho muito bonito:

Aquela árvore frondosa pela sabedoria com que estendia os seus ramos, era a que amparava umas e fazia crescer outras. Indiferente às raiadas da ventania, aos cochichos de aves tagarelas ou aos rugidos de feras indomáveis, distribuía a todas as suas

⁴²⁸ Palavras de Rubens de Arruda Ramos, diretor do jornal O ESTADO, proferidas no velório e sepultamento de Antonieta de Barros e publicadas na primeira página do dia de “O Estado” do dia 30 de março de 1952.

irmãs mais novas, as virtudes que Deus lhe dera. Muitas vezes, na fraternal atitude de amparar os humildes, debateram-se ao vento. Um dia, ela tombou. Uma clareira abriu-se no ar, na copa florestal. Mas uma árvore próxima falou: irmãs, estendamos mais os nossos ramos; unamo-nos. À sombra saudosa desta que se foi, aprendamos a desafiar, a inclemência das borrascas, defendendo a soberania das nossas aspirações. A grande mestra morreu. Uma lacuna ficará aberta no brioso magistério catarinense. [...]



Figura 69. Foto da 1ª página de O ESTADO de 30/03/1952. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de SC



Figura 70.

Foto do túmulo 191 das três mulheres no Cemitério de São Francisco de Assis no Itacorubi. Catarina de Barros (28/10/1868 a 10/09/1934), Antonieta de Barros (11/07/1901 a 28/03/1952) e Leonor Barros (24/10/1903 a 12/04/1973).



Figura 71

Foto da Quadra A do Cemitério onde está localizado o túmulo 191 da Família Barros, as três mulheres.



Figura 72

Foto da página de O ESTADO do dia 29 de março de 1952, dia do sepultamento da Professora Antonieta de Barros.

4.8 O legado de uma vida

A reverência à personalidade de Antonieta de Barros tem reflexos muito fortes na política e na educação, haja vista a quantidade de homenagens realizadas à sua pessoa, através do atributo do nome a locais públicos. Tais homenagens não são aleatórias, nem insignificantes. Prova disto é: o Túnel Antonieta de Barros, a Medalha Antonieta de Barros, o Auditório Antonieta de Barros, a Escola Municipal Antonieta de Barros em Palhoça/SC, a Rua Antonieta de Barros no Bairro Estreito e no Bairro Ingleses do Rio Vermelho, o Programa Antonieta de Barros, a Escola Básica Estadual Antonieta de Barros, o Memorial Antonieta de Barros, a Associação Mulheres Negras Antonieta de Barros. Espaços abertos e fechados por onde circulam tanto a população em geral, bem como autoridades públicas e políticas. Antonieta foi uma incansável em luta por um ideal de educação, foi uma forte ao ser a única mulher no parlamento em sua época, enfrentou os problemas com galhardia e por isso também é lembrada. O seu legado é o exemplo de sua coragem, o ecoar de suas palavras, o reflexo de suas ações afirmativas em prol de uma classe: o profissional da educação.

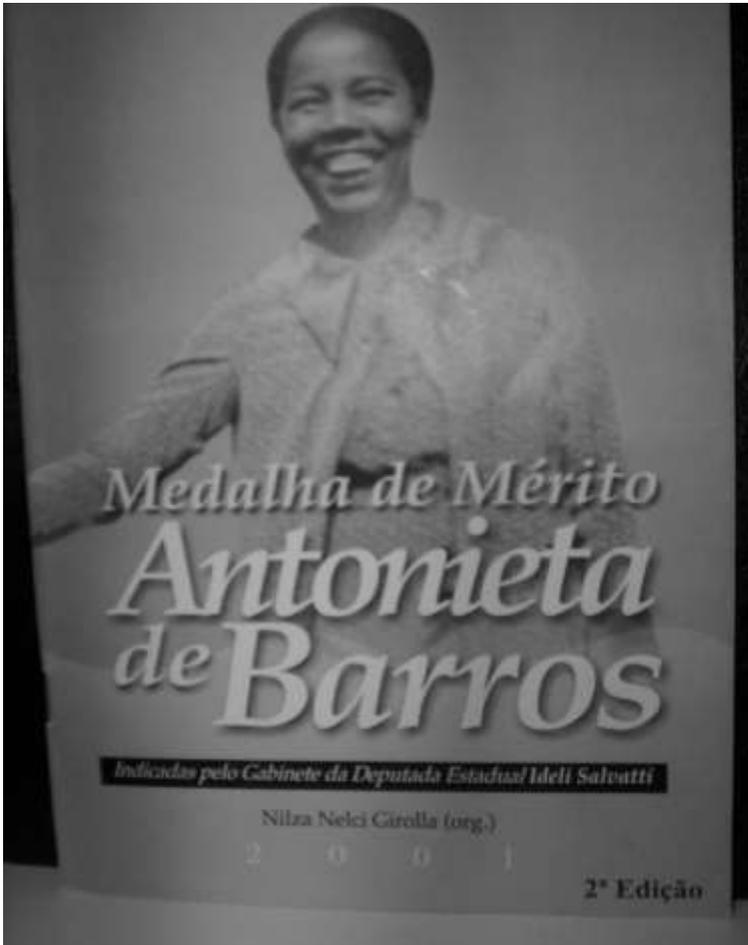


Figura 73.

Foto de Antonieta de Barros. Folder da relação dos “Indicados pelo Gabinete da Deputada Estadual Ideli Salvatti para receber a medalha do Centenário de Antonieta de Barros, 2001. Foto acervo Alesc.

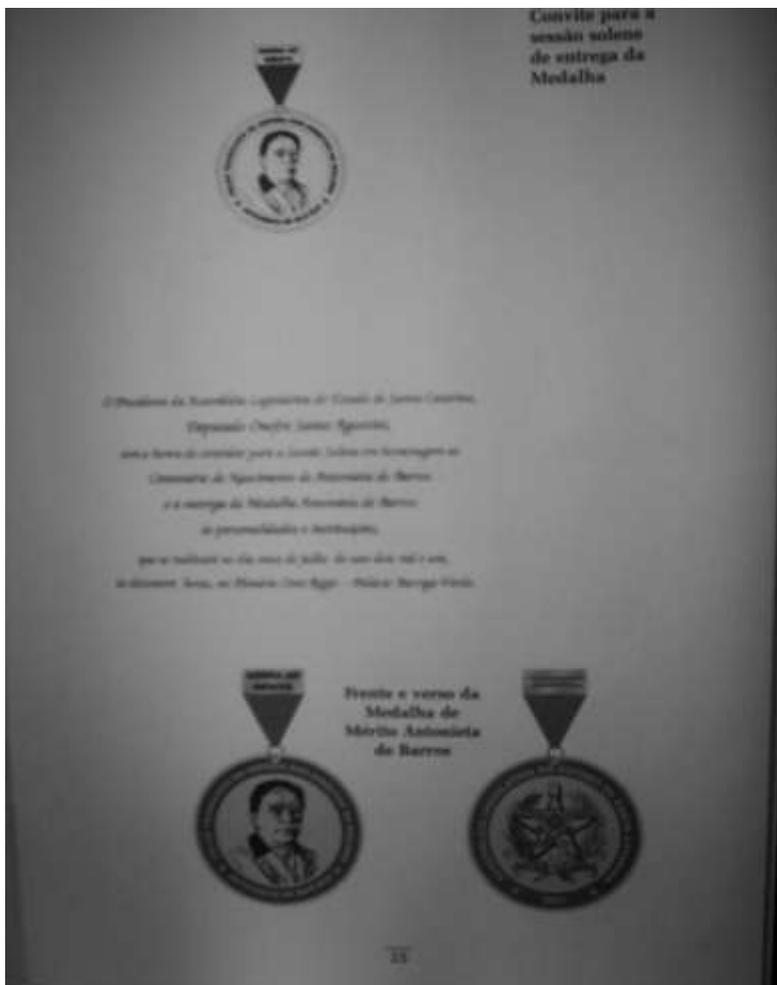


Figura 74.

Convite da sessão solene de entrega da medalha por ocasião do Centenário de nascimento de Antonieta de Barros, 2001. Medalha Antonieta de Barros. Foto do acervo ALESC.



Figura 75.
Foto do livro dos
homenageados.
Professora
Matilde Vieira, falecida
em 2007.
Acervo ALESC.



Figura 76. Foto do livro dos
homenageados com a Medalha
Antonieta de Barros por ocasião das
Festividades do Centenário de
nascimento. Professora Olga Brasil
da Luz, falecida em 2008. Acervo
ALESC.



Figura 77 Dona Valdemira,
Homenageada em 2001 com a
medalha Antoneita de Barros.



Figura 78.
Foto da Escola Estadual Antonieta de Barros, 2007. Acervo Pessoal.



Figura 79
Festa na Escola Estadual Antonieta de Barros. Homenagem à Bandeira,
tema Antonieta de Barros por lembrança da passagem do seu
aniversário, 2007. I mostra cultural Antonieta de Barros. Acervo Pessoal.



Figura 80

Foto do estande da Festa das Nações, promovida pela Prefeitura Municipal de Florianópolis e Fundação Franklin Cascaes. Na estante, abaixo, temos o livro de Poemas que alunos da rede de ensino fizeram com inspiração em Antonieta. Prêmio Franklin Cascaes de Literatura.



Figura 81

Foto do Folder da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina. Sessão solene de 11 de julho de 2002. "Primeira mulher catarinense no parlamento estadual. Acervo Alesc.

Para onde vamos?

Para onde vamos? Onde chegaremos?

É a nebulosa das interrogações que absorve todos os que olham, abismados, a marcha precipitada da evolução.

Para qualquer lado que se volte, encontram-se lábios que não sabem sorrir, e olhos, sempre rasos d'água.

A humanidade como que sente a fúria com que se precipita não sei onde

A infância das escolas argumenta, raciocina, discute, comenta o movimento mundial, mas, infelizmente, não crê.

As palavras dos superiores chegam-lhes até os ouvidos, adulteradas por uma infinita maldade.

Os pequeninos de hoje mataram aquela auréola de axioma, que os pequeninos do passado davam a tudo quanto lhes diziam os maiores.

Os pequeninos desconfiam.

Há, nos seus gestos mais doces, não sei quê de rebelião.

A infância tem, tirando-lhe a graça do sossego confiante, os espinhos da dúvida.

Que esperar dessa infância que não crê?

A juventude, porque não acreditou na infância, porque consigo cresceu a dúvida, não pode saber obedecer.

E os mais velhos vêem, com mágoa, o sorriso de amargura rebelada que entreabre os lábios dos que avançam, sem crer, e sem querer ou sem saber obedecer.

Não se veja passividade inconsciente, humilhação em obediência.

Quando todos os seres tivessem conhecimento do limite dos seus direitos individuais, haveria, ainda, necessariamente, forçosamente, a obediência a si própria.

Não há aviltamento em acatar observações, obedecer a ordens que não ferem dignidade, mas cuidam fazer meditar no mal que se fez e nos futuros que deles advirão.

Os atos mais simples e irrefletidos não se apagam e se esquecem, totalmente, como se pensa.

Dêles fica, sempre, para o conhecimento no futuro, alguma cousa, uma lembrança, donde advirão frutos ou espinhos.

Que se pode esperar duma juventude que não obedece?

Sem crer e sem obedecer, as crianças de ontem, jovens de hoje, homens, com responsabilidade, de amanhã, entram na vida, desiludidos.

Falta-lhes tudo, porque não souberam crer.

E a Fé é a força máxima de todas as conquistas, a base de todos os triunfos.

Quem ousará caminhar, sem Fé, sobre as águas, sempre revoltas, da existência?

Falta-lhes tudo, porque não saberão esperar.

Viverão, sentindo o tinir do metal em que se transformarão os seus instantes.

A flor “azul do Ideal” nunca lhes enfeitará os dias.

Nem um sonho lindo, nenhum movimento de ascensão, nem um desejo de escalada.

E, meditando nesse caos, em perspectiva, o espírito dos que, abismados, olham a marcha precipitada da evolução, envolve-se em a nebulosa das interrogações aflitivas:

Para onde vamos? Aonde Chegaremos?

(Crônica “Para onde vamos” in *Farrapos de Idéias* páginas 181 a 183)



Figura 82. Procissão Senhor dos Passos. Acervo Diário Catarinense.

“Infeliz do que tem medo, porque acha um tirano que o explora”.
G.Wagner.



A vida, cadeia de ilusões que preenche todo o desejo do menos ambicioso coração.

E, porque todo homem assim a quer, a ela se agarra com ânsia infinita, com vontade firme de alcançar o rosário de ilusões múltiplas que entretecem, e lhe anestesia a alma e alcatifam a estrada íngreme e dificultosa. Ilusão vem! Ilusão vai!... E, entre elas, o rápido e fugitivo instante de um desencanto que o poder fascinante de outros sonhos abafa, sufoca, mata. E o coração humano, ávido de mais vida, encontra, [...].

(Maria da Ilha, Farrapos de Idéias, In: *Folha Acadêmica*, 16/10/1929).

5. Quadro Biográfico

ANO	Contexto/Informações decorrentes de fontes primárias e secundárias que corroboram para a tessitura da biografia. São reunidos aqui fatos que aparecem citados ou comentados nas crônicas, além de outros que integram a própria vida em consonância da biografada	Fato/Acontecimentos/Dado biográfico ¹ sobre Antonietta de Barros e a relação de suas crônicas encontradas em jornais de época.
-----	---	---

1901

Início do Século XX. Ilha de Santa Catarina. Cidade de Florianópolis, Estado de Santa Catarina, país Brasil. O governador do estado é Felipe Schmidt (1898-1902)

Circula o primeiro número do jornal crítico-literário intitulado “A Semana”, com duração de um ano. Depois reeditado em meados dos anos vinte.

Em 13 de fevereiro a Associação Beneficente dos Empregados do Comércio lança em Florianópolis o primeiro número do jornal “O Comércio”.

O ilustre brasileiro Santos Dumond, em 11 de julho

Nascimento

Em **1901**, no dia **11 de julho**, na cidade de **Florianópolis/SC**, Catarina Waltrick, depois Catarina de Barros, profissão lavadeira, natural de Lages, dá a luz a uma menina, Antonietta.

Registro de nascimento

A menina é registrada no Ofício de Registro Civil das pessoas naturais do município de Florianópolis, comarca da Capital – Iolé Luz Faria, às oito horas da manhã do dia 11 de julho, registro realizado sob o número duzentos e seis, na folha noventa e cinco do livro de Registros de Nascimentos A-7, assento realizado em **18 de julho de 1901**, testemunhado por Epaminondas de Oliveira e Lindolfo de Campo-Junior, o declarante foi o senhor João

de 1901 recebe o prêmio Deutch por ter conseguido dar uma volta completa em torno da Torre Eiffel, pilotando a aeronave Santos Dumond quatro, levando cerca de 40 minutos (a personalidade é citada por Antonieta em crônica de Farrapos de Idéias e reverenciado no “Jornal O Idealista”).

Antônio de Almeida. Na certidão de nascimento consta somente o nome da mãe, Catarina Waltrick e o nome dos avós maternos Henrique de Souza e Maria Waltrick, ambos, naturais da cidade de Lages. Não há menção sobre o pai da criança e sobre os avós paternos.

Batizado

O batizado do bebê

Antonietta foi realizado na **matriz de Nossa Senhora do Desterro**, hoje Catedral Metropolitana da cidade de Florianópolis, no dia **20 de agosto de 1901**, sendo padrinhos o senhor Maximiliano Freysleben e Maria Josepha Cúnes, o celebrante da cerimônia foi o Vigário Padre Francisco Topp. Na certidão de batismo consta que Catarina Waltrick tem uma filha natural, batizada de Antonietta., o assento da Cúria Metropolitana foi realizado nos livros de Batismo de 1899-1902, folha 136, número 280.

1902	Lauro Muller é o governador do Estado até 1906, seu Vice-governador Vidal Ramos.	Primeiro ano de vida de Antonieta.
1903	Nasce Leonor de Barros em 24 de outubro, irmã de Antonieta de Barros.	A menina Antonieta completa dois anos de idade.
1904	Em 10 de março, nasce Maura de Senna Pereira, cuja família morava na Rua Deodoro no centro de Florianópolis/SC, filha de professor.(Tudo leva a	A menina Antonieta completa, em julho, três anos de idade.

crer que Antonieta e Maura se conheceram já na escola primária, depois de formadas normalistas participaram da Liga do Magistério e do Centro Catharinense de Letras)

Promulgada a Lei nº 636 que autoriza o Governo do Estado de Santa Catarina a reformar a instrução pública, incluindo o ensino primário, secundário, normal e profissional a ser ministrado no Ginásio Catarinense.

1906	<p style="text-align: center;">No governo da</p> <p>Província sobe ao poder Gustavo Richard (1906 – 1910)</p>	<p style="text-align: center;">A menina Antonieta foi</p> <p>Alfabetizada na escola particular da Professora Maria Meira Lima, aos cinco anos de idade.</p>
<hr/>		
1907	<p style="text-align: center;">Ocorre a Conferência</p> <p>de Paz em Haia, com a participação destacada do brasileiro Rui Barbosa. Uma personalidade admirada por Antonieta de Barros e cuja eloquência e linguagem buscava como modelo na escrita de seus textos e no pronunciamento de seus discursos.</p>	<p style="text-align: center;">Aos seis anos de idade,</p> <p>Antonieta já conhece as letras, conforme lido nas notas da dissertação de mestrado de SILVA, 1991.</p>
<hr/>		
<p>Ocorre a regulamentação da Legislação de ensino 1907-1938, Legislação Escolar da Educação e Constituição do Estado, que vai dar as diretrizes do funcionamento dos estabelecimentos de ensino de</p>		

todo o território do Estado de Santa Catarina.

1908 A professora e escritora Delminda da Silveira (16/10/1854 a 12/03/1932), natural de Desterro, atual Florianópolis/SC, aos 54 anos, publica o seu primeiro livro de poemas, contos e crônicas, intitulado “Lises e Martírios”. A professora leciona neste período em escola particular, no Colégio Coração de Jesus. Antonieta completa seus sete anos de idade e está alfabetizada.

1910 Vidal José de Oliveira Ramos Júnior é o governador de Santa Catarina. (1910-1914). A primeira dama da província é D. Tereza Fiúza de Carvalho Ramos. Antonieta frequenta a escola pública sob a direção da Professora Maria das Dores Rosa Conceição e Souza até os seus nove anos.

Maura de Senna Pereira passa a frequentar a escola pública que vai originar o Grupo Escolar Lauro Muller.

1911 Ocorre a regulamentação de funcionamento da Instrução Pública do Estado de Santa Catarina, de 19/04/1911. O governo do estado estabelece o ensino público gratuito e obrigatório para as crianças de 07 a 14 anos. Ocorre a reforma do ensino, com a instituição dos grupos escolares. D. Catarina de Barros matriculou a menina Antonieta no Grupo Escolar Lauro Muller, onde concluiu o 4º ano do curso primário, aos dez anos de idade. A família ainda reside em uma das casas que ficavam na esquina com a Rua Arcipreste Paiva e Rua Vidal Ramos, no centro de Florianópolis/SC.

1912	Inauguração do Grupo Escolar Lauro Muller em 24/12/1912.	Antonieta freqüentou o Grupo Escolar Lauro Muller até a sua formatura no Ginásio.
1914	Encerra-se o mandato de Vidal Ramos. Os “fanáticos do Contestado em 03 de janeiro atacam a cidade de Curitiba.” A escritora e professora Delminda da Silveira publica <i>Cancioneiro</i> , coleção de hinos e poesias comemorativas, a qual será utilizada em todos os Grupos Escolares e na Escola Normal.	Antonieta freqüenta o Grupo escolar e faz o ginásio no Grupo Escolar Lauro Muller.
1915	Pela primeira vez, no Brasil, pretende-se aplicar o avião numa ação bélica, o que resulta em desastre. Um aparelho “Darioli” equipado para metralhar os “fanáticos” do Contestado, ao levantar vôo, em Porto União, espatifou-se contra o solo, morrendo o piloto, capitão Kirk.	Antonieta com quatorze anos está completando o curso ginasial.
1916	Lei nº 1146 de 06 de março aprova os termos do acordo celebrado entre os Estados de Santa Catarina e do Paraná, datado de 20 de outubro de 1916, estabelecendo os limites entre as duas unidades da	Antonieta aos 15 anos faz o primeiro ano do complementar.
1917	Lei nº 1146 de 06 de março aprova os termos do acordo celebrado entre os Estados de Santa Catarina e do Paraná, datado de 20 de outubro de 1916, estabelecendo os limites entre as duas unidades da	Antonieta aos 16 anos se prepara para o exame de admissão da Escola Normal Catarinense.

federação, e que vinha sendo contestado por ambas desde 1853.

1918	<p>Maura de Senna Pereira ingressa na Escola Normal Catarinense, aos quatorze anos. Exibido em 10 de dezembro no Teatro Álvaro de Carvalho o documentário da posse de Hercílio Luz no Governo do Estado, dos aspectos de Florianópolis, do parque industrial de Brusque e Blumenau e imagens do rio Itajaí-Açú. O cinema chega à Ilha de Santa Catarina.</p>	<p>Aos dezessete anos, Antonieta ingressa na Escola Normal Catarinense para cursar o Magistério</p>
1919	<p>Maura de Senna Pereira freqüenta a Escola Normal e participa dos eventos promovidos pela escola, aos quinze anos.</p>	<p>Antonieta de Barros freqüenta a Escola Normal e participa dos eventos promovidos pela escola, aos dezoito anos.</p>
1920	<p>Ocorre a fundação da Academia Catarinense de Letras Fundada a Revista Terra, tiragem mensal. Terra de Artes e Letras, dirigida por Altino Flores, Ivo D'Aquino e Othon Gama D'Éça e secretariado por Osvaldo Ferreira de Melo.</p> <p>Maura de Senna Pereira é aluna de pessoas ilustres da Cultura Catarinense, tais como: Barreiros Filho – Lente de Português e Literatura, Altino Flores – Lente de História e Geografia, José Boitex e Odilon Fernandes</p>	<p>Antonieta foi aluna de pessoas ilustres da Cultura Catarinense: Professor Barreiros Filho, lente de Português e Literatura da Escola Normal Catarinense, de José Boiteux, de Altino Flores, lente de História e Geografia, também de Odilon Fernandes.</p>

- 1921 Maura de Senna Pereira se forma como normalista na Escola Normal Catarinense em 08 de dezembro, aos dezessete anos e é a oradora da turma de sua formatura. Faz parte da diretoria da Liga do Magistério.
- Antonieta de Barros conclui o Curso na Escola Normal Catarinense em 08 de Dezembro, aos vinte anos de idade. Enfim, tornou-se uma normalista.
- Passa a fazer parte de um grupo restrito de intelectuais da sociedade ilhoa e da Liga do Magistério, como secretária.
-
- 1922 Inaugurada oficialmente a obra de saneamento do rio da Bulha, que passou a se chamar Avenida Hercílio Luz, ligando as duas baías, norte e sul, canalizando as águas da Fonte da Bulha.
- Implantação de diversos cursos superiores e a Instalação de unidades pedagógicas para suprir a carência educacional no município de Florianópolis.
- Ocorre “na capital federal, cidade do Rio de Janeiro, a primeira Conferência pelo Progresso Feminino”, em 1922, organizada pela Federação Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF), presidida por Bertha Lutz, ano de sua fundação. Na Conferência a discussão foi sobre “Educação Profissional”.
- O ano de 1922 é marcado no plano cultural e literário pela realização da Semana de Arte Moderna, em São Paulo, e no plano político
- A família de Antonieta sofre a mudança de domicílio, indo morar na Rua Fernando Machado.
- Ocorre a oficialização do funcionamento do Curso Primário Antonieta de Barros de Alfabetização, junto a casa na Rua Fernando Machado, número 32. Também funciona no período noturno o Curso Particular Antonieta de Barros para alfabetizar adultos. Após o saneamento do Rio da Bulha, famílias de classe média passaram a morar na Rua Fernando Machado.
-

por uma revolta de militares, na capital federal, conhecida como os “Dezoito do Forte” de Copacabana; também ocorre a criação do Partido Comunista Brasileiro e o crescimento do feminismo em busca do sufrágio universal.

1923	<p>Assume o governo de Santa Catarina, em 03 de fevereiro, Antônio Pereira e Oliveira, em substituição ao titular, Hercílio Pedro da Luz.</p> <p>Ocorre o reconhecimento do Instituto Politécnico como de utilidade pública, por meio de decreto federal.</p>	<p>A professora Antonieta trabalha no Curso Primário Antonieta de Barros de Alfabetização de crianças e também alfabetiza adultos.</p>
------	---	--

1924	<p>Inaugurado, em Florianópolis, no dia 06 de março o prédio da Escola Normal (desde 2007 abriga o acervo do Museu da Escola Catarinense).</p>
------	--

1925	<p>Fundação do Centro Catharinense de Letras, onde está o Professor Barreiros Filho e Maura de Senna Pereira, além de poetas negros e mulheres professoras.</p> <p>Em 27 de janeiro morre o poeta, jornalista e político catarinense Oscar Rosas Ribeiro de Almeida, patrono da cadeira número 36 da Academia Catarinense de Letras.</p>	<p>Antonieta continua o trabalho de alfabetizar crianças no Curso Primário Antonieta de Barros. Faz parte da Liga do Magistério Catarinense na função de secretária. Faz parte do Centro Catharinense de Letras como membro da diretoria e representante da mulher negra intelectual e professora. Luta pelo Progresso Feminino e pelo direito ao voto junto às mulheres do Estado de Santa Catarina.</p>
------	--	---

Fontes era o Diretor da Instrução Pública.

Ocorre a formatura da primeira turma do curso complementar do Curso Grupo Escolar Diocesano São José, cuja paraninfa foi à professora Beatriz Teles de Brito.

1926 Em 02 de janeiro reassume o Governo do Estado de Santa Catarina Antônio Pereira e Oliveira, após ter sido substituído, interinamente pelo presidente do Legislativo, Antônio Vicente Bulcão Viana.

Inaugurada em 13 de Maio, a ponte Hercílio Luz, primeira ligação entre a Ilha de Santa Catarina e o Continente.

Reabertura da Praça XV de Novembro para o uso do público local.

Antonieta faz parte da Liga do Magistério e do Centro Catharinense de Letras. Leciona e alfabetiza no Curso da Rua Fernando Machado, 32.

1927 Fundação no estado de SC do Partido Liberal por Nereu Ramos, filho de Vidal Ramos Maura de Senna Pereira, aos 24 anos, torna-se a primeira mulher a entrar na Academia Catarinense de Letras.

1928 Maura de Senna Pereira, aos 25 anos, torna-se a primeira mulher Paraninfa da Escola Normal Catarinense.

1929		<p>Antonieta de Barros é citada na Revista do Centro Catharinense de Letras. Publica a primeira Crônica na Folha Acadêmica, órgão do Centro Acadêmico José Boiteux, do Instituto Politécnico, sob o título Farrapos de Idéias e assinado com o pseudônimo “Maria da Ilha” em 1º de agosto de 1929. Publica crônica no jornal “Folha Acadêmica” em 16 de outubro também com o título “Farrapos de Idéias”; no jornal de Nov/dez publica a crônica “Altruísmo”.</p>
1930	<p>Fechamento do Congresso Nacional e extinção de mandatos por decisão do Presidente da República Getúlio Vargas.</p> <p>Nasce em 03 de fevereiro, em Nova Veneza (SC), Celestino Sachet, Bacharel em Direito, Doutor em Literatura Brasileira e Filosofia da Educação. Dentre suas obras destaca-se “A Literatura Catarinense”; pertence ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e ocupa a cadeira número 15 da Academia Catarinense de Letras.</p>	<p>Antonieta, aos 29 anos publica crônica “Benedicite” em Folha Acadêmica de Julho.</p> <p>Em 04/09/1930 é notícia no Jornal “A Semana” como a mais nova colaboradora do Jornal. Nesta data publica crônica “Do meu Canto”. Depois publica outra crônica intitulada “Do meu canto” em 11 de setembro.</p> <p>Publica a crônica “A cata do Desconhecido” em A Semana em 18/09.</p> <p>Dirige a revista “Vida Ilhoa”</p>
1931	<p>O Professor Barreiros Filho passa a ser o Diretor da Instrução Pública. Em abril, a Academia</p>	<p>Antonieta de Barros, aos 30 anos, foi convidada pelo Professor Barreiros Filho para substituí-lo como lente da cadeira</p>

Brasileira de Letras fez uma reforma ortográfica na língua escrita no Brasil.

Maura de Senna Pereira vai para o Rio de Janeiro, dando adeus à Ilha, aos 27 anos.

Em maio deste ano, Maura de Senna Pereira escreve e edita no Jornal *República* a sessão intitulada *Domingo Literário*.

Na página do *Domingo Literário* de 18/10/1931, sai publicado o conto “Negrinha” de Monteiro Lobato.

O jornal *República* noticia a passagem de aniversário em 24 de outubro da normalista Leonor de Barros, na seção social do jornal, completando 28 anos.

Em 30/10/1931 o Partido Liberal Catarinense recebe um telegrama do presidente Getúlio Vargas

Ocorre no Rio de Janeiro, organizado pela FBPF (Federação Brasileira para o Progresso Feminino) o “II Congresso Internacional Feminista”, evento que mereceu uma enorme cobertura da imprensa escrita, pelo que se pode observar nos recortes de

Língua Portuguesa da Escola Normal.

Publica em 02/01/1931 a crônica “Reflexões” em *A Semana*.

Publica a crônica “O Espírito de José Maria” em “*A Pátria*” em 19/02/1931.

Em Outubro, dia 24, Antonieta publica um texto sobre a “República Nova de Getúlio Vargas”. Na página de política há uma foto de Vargas no centro da página. O texto enaltece a política da Nova República.

Em novembro, Antonieta de Barros começa a publicar as crônicas e a colaborar no Jornal “*A República*”, escrevendo com o pseudônimo “*Maria da Ilha*”. 01/11.06/12 .Colabora com o jornal até o ano de 1936.

jornais encontrados no acervo. Representações do *ser* feminino (funções que exerciam na sociedade) para as mulheres eram comumente reafirmadas pela Federação, embora esse pensamento não fosse unânime entre as suas associadas. A participação das mulheres no II Congresso Internacional Feminista foi bastante ativa.

Fim do uso de bondes na Ilha de Santa Catarina. Pontos de ônibus foram instalados na Vão entre a Praça Fernando Machado e o Miramar.

Ari Barroso e Lamartine Babo compõem o Samba Canção “No Rancho Fundo”. Música composta inicialmente com versos de J. Carlos para a peça musical “É do balacobaco”, com o nome de “Na gruta funda”. (Antonieta cita esta música em suas crônicas como sendo a música em voga no momento, aquela que está na boca do povo.)

1932 Nereu Ramos, filho de Vidal Ramos, é eleito interventor do Estado, nomeado pelo Presidente da República, até 1945. Sua esposa, a primeira-dama do Estado é D.

Antonieta publica crônica no Jornal “A República”, sob o título “Farrapos de Idéias e assinado como “Maria da Ilha” em 17/01/1932. 20/01,

Beatriz Pederneiras Ramos. 07/02,
 Ocorre em 11 de 06/03
 fevereiro em Florianópolis a 13/03
 fundação da Faculdade de 10/04
 Direito de Santa Catarina, 17/04
 iniciativa de José Arthur 15/05,
 Boiteux, só para homens. 22/05

Através do Decreto nº 17/07
 21.076 de 24 de fevereiro de 16/09.
 1932 fica instituído por Getúlio
 Vargas o código Eleitoral
 Brasileiro, em que o artigo dois
 disciplinava que era eleitor o
 cidadão maior de 21 anos, sem
 distinção de sexo, alistado na
 forma do código. É de ressaltar
 que as disposições transitórias,
 no artigo 121, dispunham que os
 homens com mais de 60 anos e
 as mulheres em qualquer idade
 podiam isentar-se de qualquer
 obrigação ou serviço de
 natureza eleitoral. Logo, não
 havia obrigatoriedade do voto
 feminino, no entanto, era
 permitido.

Amélia Earhart,
 corajosa e destemida, tornou-se
 a primeira mulher a atravessar o
 oceano Atlântico pilotando um
 avião.

Morre em Florianópolis
 aos 78 anos a escritora,
 professora e poetisa Delminda
 da Silveira.

12/07
 Leciona na Escola Normal
 e no Curso Primário Antonieta de
 Barros e alfabetiza adultos no
 Centro Cívico José Boiteux, no
 período noturno.

Morre no Guarujá/SP
Santos Dumond, o Pai da
Aviação em 23/07/1932.

1933 Em três de maio, a
Ação Integralista, elege 214
constituintes para a confecção
da Constituição do Brasil.

São publicados neste
ano os livros-chave para a
interpretação do país: *Casa
Grande e Senzala* de Gilberto
Freire e *Evolução Política do
Brasil* de Caio Prado Júnior.

Antonieta publica crônicas
no jornal *A República* 23/04,
30/04,27/08, 03/09,05/11; e leciona
para crianças.

1934 Em 05 de Janeiro é
assinado o decreto que cria a
Imprensa Oficial do Estado de
Santa Catarina.

Em 08 de janeiro, morre
em Florianópolis José Arthur
Boiteux, personagem da vida
política e cultural do Estado de
Santa Catarina, foi deputado
estadual, federal e secretário do
Estado; fundou o Instituto
Histórico e Geográfico de Santa
Catarina, a Academia
Catarinense de Letras, onde
ocupou a cadeira de número 17
e a Faculdade de Direito de
Santa Catarina.

Antonieta de Barros é
nomeada para ser lente substituta da
cadeira de Português do Instituto
Dias Velho, substituindo o
professor Barreiros Filho. Publica
crônicas no Jornal *República* em
12/04, 15/04, 25/08. Publica a
crônica “Homens e Caricaturas” no
Jornal “Correio do Estado” em
13/09,

A professora Antonieta,
aos 33 anos, aceita o convite do
Partido Liberal para representar a
mulher Barriga Verde na chapa à
Constituinte Estadual, única
correligionária.

Em 01 de março
circula, o primeiro número do
Diário Oficial do Estado de
Santa Catarina.

Em 15 de julho os

O Jornal *Correio do Estado*
divulga dos dias 08 a 11 de outubro
a participação de Antonieta de
Barros nos comícios em favor da
eleição e chama a atenção para o

constituintes elegem Getúlio Vargas presidente do Brasil e aprovaram uma nova constituição que durará três anos.

destaque de ser ela a primeira mulher catarinense em um pleito eletivo da vida catarinense.

Morre em Florianópolis Catarina de Barros, mãe de Antonieta de Barros, em 10 de setembro. O *Jornal Correio do Estado* dá a notícia em nota publicada na sessão de óbitos.

Antonieta foi eleita para o primeiro mandato na Assembléia Constituinte na eleição de 15 de novembro de 1934.

Ocorre a realização de eleição para a Assembléia Constituinte nos Estados.

1935

Período do Asilo dos deputados no quartel do Exército do 14o.B.C, na capital do estado, no campo do Manejo, ou Praça General Osório com o objetivo de garantir a permanência no governo de Nereu Ramos. Eleito Nereu de Oliveira Ramos, natural de Lages, para ser o governador do Estado.

Antonieta, a primeira mulher negra eleita pelo voto direto toma posse da cadeira de Deputada na Assembléia Legislativa.

Publicado o Discurso de Antonieta de Barros em 08/05/1935 em *República*, sob o título: “A saudação da Deputada Antonieta de Barros.

Morre, em 06 de fevereiro, em Florianópolis, Horácio Serapião de Carvalho, que esteve ligada ao grupo que no final do século XIX criou o movimento Guerrilha Literária. Horácio de Carvalho foi o ocupante da cadeira número 16

Antonieta publica em 23/06/1935 em *República* o discurso “A educação representa na vida dos povos civilizados, a base de todas as conquistas elevadas!”.

da Academia Catarinense de Letras.

1936 O presidente do Brasil é Getúlio Vargas. Ao longo do ano, o Congresso Nacional aprovou todas as medidas propostas pelo governo. Em março, a polícia invade o Congresso Nacional e prende parlamentares acusados de serem comunistas, membros da Aliança Nacional Libertadora (ANL) que liderou a Intentona Comunista de 1935. Publicado o livro *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda.

Antonieta cumpre seu mandato de Deputada na Assembléia Legislativa.

A professora Antonieta de Barros integra o corpo docente do Colégio Coração de Jesus para lecionar Língua Portuguesa e Psicologia no Curso Normal.

1937 Amélia Earhart, que nunca se negou a enfrentar o perigo, desapareceu no Pacífico, quando tentava dar a primeira volta completa na Terra de avião.

Na noite de 10 de novembro, segunda-feira, Getúlio Vargas fez um pronunciamento radiofônico à nação: “Quero instituir um governo de autoridade, liberto das peias da chamada democracia liberal, que inspirou a Constituição de 1934. Nos períodos de crise, como o que atravessamos, a democracia de partidos [...] subverte a hierarquia, ameaça a unidade da pátria e põe em perigo a existência da nação.”

Antonieta de Barros publica primeira edição do livro *Farrapos de Idéias*.

Antonieta presidiu os trabalhos da Assembléia Legislativa. Notícia publicada no *Jornal Dia e Noite* em 21/06/1937.

Nesse ano, Antonieta colaborou nos jornais *O Estado e A Pátria*. Além disso, leciona Português até 1945 às cadeiras de Psicologia no Colégio Coração de Jesus. E no Instituto de Educação Dias Velho.

1939	Era da República Nova de Getúlio Vargas, conhecido como o período da Ditadura Vargas.	Antonieta leciona no Instituto de Educação e Colégio Dias Velho. Leciona Língua Portuguesa e Psicologia no Curso Normal do Colégio Coração de Jesus. Convidada a ser Parainfante da turma de Magistrandas do Colégio Coração de Jesus.
<hr/>		
1940 a 1944	<p>Em agosto de 1941, Getúlio Vargas, chefe do Supremo Estado Novo, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras.</p> <p>Em 31 de agosto de 1942 o Brasil entra oficialmente em “estado de guerra”, declarando guerra à Alemanha, fazendo parte da II Guerra Mundial.</p> <p>Em 1943 por decreto é criada a Força Expedicionária Brasileira (FEB).</p>	Antonieta leciona no Colégio Coração de Jesus e Instituto de Educação. Foi elevada a categoria de Lente e convidada pelo Interventor do Estado, Nereu Ramos, para dirigir o Instituto de Educação Dias Velho, permanecendo ali até 10 de janeiro de 1951.
<hr/>		
1945	<p>Termina a II Guerra Mundial. Fim do período de “Estado de Guerra”</p> <p>Em julho surge dentro da máquina administrativa do Estado Novo o PSD (Partido Social Democrático).</p>	<p>Antonieta exerce a função de diretora do Instituto de Educação Dias Velho</p> <p>Publica <i>Falando aos moços</i> no jornal <i>O Idealista</i> jun/agosto/1945.</p>
<hr/>		
1946	Toma posse no dia 08 de fevereiro, como interventor federal no Estado de Santa Catarina o engenheiro Udo	<p>Antonieta exerce a função de diretora do Instituto de Educação Dias Velho.</p> <p>Publica <i>Falando aos moços</i></p>

Deeke, substituindo o Dr. Luís Gallotti.	no jornal <i>O Idealista</i> . Maio e junho.de 1946.
Em setembro o Brasil promulga uma nova constituição.	
1947 Início das atividades do Grupo Sul em Florianópolis/SC.	Antonieta exerce a função de diretora do Instituto de Educação Dias Velho. É reeleita para o segundo mandato de Deputada na Assembléia Legislativa como suplente.
1948	<p>Antonieta, aos 47 anos é nomeada para ser Diretora do Instituto de Educação Dias Velho.</p> <p>Retorna à política, como suplente, assume para exercer o 2º mandato de Deputada na Assembléia Legislativa, legislando em prol do Magistério.</p> <p>Publicado em <i>O Estado</i> em 06/07/1948, “Antonieta de Barros-PSD.</p> <p>Publicado em <i>O Estado</i> uma “Importante indicação da Professora Antonieta de Barros – PSD- na Assembléia Legislativa” em 31/08/1948.</p> <p>Na Assembléia Legislativa, a Deputada Antonieta de Barros encaminha a indicação: “Vai ser criada a cadeira de Diretor de Grupo Escolar”, pelo partido PSD.</p> <p>Em 28/09/1948, a Deputada Antonieta de Barros encaminha o Projeto de Lei sobre o Montepio aos Professores Particulares. Publicado em <i>O Estado</i>.</p> <p>Publicado em <i>O Estado</i> em</p>

		<p>06/10/1948, o requerimento de Antonieta de Barros (05/10/1948) ao Presidente da Câmara dos Deputados de encaminhamento do Projeto de Lei que cria o dia do Professor no dia 15 de Outubro.</p> <p>Publicado em <i>O Estado</i> no dia 20 de outubro de 1948, o texto do requerimento “Dando sentido moderno à Previdência do Montepio Estadual”.</p> <p>Publicado em <i>O Estado</i> uma entrevista com Antonieta de Barros em 11 de setembro de 1948.</p> <p>Antonieta é nomeada novamente Diretora do Grupo Escolar Dias Velho.</p>
1949		<p>Antonieta exerce a função de diretora do Instituto de Educação Dias Velho.</p> <p>Publicado em <i>O Estado</i> no dia 20/08/1949, o discurso proferido pela Deputada Antonieta de Barros em homenagem ao Centenário de Nascimento de Joaquim Nabuco.</p> <p>Publicado em <i>O Estado</i> em 02/09/1949 o discurso proferido no Clube Doze de Agosto por Antonieta de Barros em homenagem ao Doutor Elpídio Barbosa, na ocasião Diretor do Departamento de Educação do Estado de Santa Catarina.</p>
1950		Antonieta é a diretora do Instituto de Educação Dias Velho.
1951	Em 31 de janeiro, assume o Governo do Estado de	Antonieta exerce a função de diretora do Instituto de Educação

Santa Catarina Irineu Bornhausen, sucedendo a Aderbal Ramos da Silva.	Dias Velho até 10 de janeiro de 1951. Aposentou-se do ofício de Professora e Diretora pelo Estado. Publica a crônica “Farrapos de Idéias” em O Estado em 11/03/; .13/03; 1º/04; 08/04; 15/04; 22/04; 29/04; 06/05; 09/05; 13/05; 02/05; 27/05; 03/06; 17/06; 01/07; 08/07; 22/07; 29/07; 19/08; 16/09; 30/09, 21/10; 11/11; 22/11. Término do segundo mandato de Deputada na Assembléia Legislativa
1952	Antonieta publica a crônica <i>Farrapos de Idéias</i> no jornal <i>O Estado</i> em 13/01; 20/01; 31/01; 17/02/1952. Falecimento em 28/02, vítima de diabetes, aos 51 anos de idade no Hospital de Caridade. Sepultamento ocorre em 29/02 no Cemitério São Francisco de Assis no bairro Itacorubi em Florianópolis/SC.
1954	Morre no dia 02 de janeiro, no Rio de Janeiro, Vidal José de Oliveira Ramos Júnior, natural de Lages, onde nasceu a 24 de outubro de 1866, foi deputado, governador e senador do Estado de Santa Catarina. Em 19 de fevereiro, é criado pelo Decreto nº 605 a regulamentação da confecção e uso dos símbolos do Estado de Santa Catarina.
1971	Homenagem póstuma da irmã, também professora, Leonor de Barros, com a publicação da 2ª Edição do livro Publicação da 2ª edição do Livro <i>Farrapos de Idéias</i> em prol da construção do Ginásio da Escola

	<i>Farrapos de Idéias.</i>	Antonieta de Barros.
1973	Morre em 12 de abril, com setenta anos, no Hospital Celso Ramos, a professora Leonor de Barros.	
2001	Comemoração do Centenário de Nascimento de Antonieta de Barros, instituída a Medalha Antonieta de Barros.	Publicação da 3ª edição do Livro <i>Farrapos de Idéias</i> , destinado às bibliotecas e escolas públicas do Estado de Santa Catarina.

6. Considerações Finais

A escrita da vida e da obra de Antonieta de Barros buscou, mesmo com lacunas, brechas e insatisfações, remontar seus passos na Sociedade da Ilha de Santa Catarina no período de 1901 a 1952. Com o traçar de sua trajetória nas funções em que atuou (normalista, professora, intelectual, jornalista, cronista, oradora, diretora, política e crítica) averiguou-se que o valor das idéias contidas em suas crônicas, seu desempenho como política e escritora estiveram diretamente relacionados à formação/atuação como professora em todas as instâncias

da vida, porque a cada novo desafio, em cada nova etapa, sua carreira como profissional da educação mais se fortalecia.

Foi como normalista que ingressou na vida social e participou do movimento estudantil da época, fazendo parte de um centro cívico; depois, como professora normalista formada, participou da Liga do Magistério e ali atuou como secretária, sendo reconhecida no meio social como uma intelectual. Por fazer parte da Liga do Magistério entrou em contato com professores intelectuais e escritores, junto aos quais fez parte do Centro Catharinense de Letras. Como dona de escola passou a fazer parte de uma elite de mulheres que exercia a filantropia, lecionando para alfabetizar crianças e também adultos, estes no período noturno, além de fazer parte da Congregação do Senhor dos Passos, colaborando financeiramente por voluntariado no orfanato. Lecionando para adultos, conheceu muitas pessoas e homens influentes da sociedade da época. Participando dessas agremiações, destacava-se como oradora e colaboradora, a ponto de ser convidada a fazer parte do Partido Liberal Catarinense e a ser candidata à Assembléia Constituinte em 1935.

Por conseguinte, assumiu a vaga e passou a ser a primeira mulher negra no parlamento do Sul do Brasil. Como política, atuou em prol do magistério e da educação. Como escritora, adotou um estilo didático e doutrinário, a partir de um discurso argumentativo desenvolvido de um mote, um pensamento para a reflexão da semana e por alusão a datas comemorativas, lembrando o calendário escolar. Portanto, mesmo escrevendo e atuando em cargos eletivos e de direção de escola, era a professora Antonieta quem se dirigia a todos e a tudo “governava”.

Pode-se afirmar que Antonieta foi uma mulher batalhadora, dedicada e incansavelmente engajada nas lutas de seu tempo, conforme demonstram seus escritos, os vestígios encontrados em jornais de época e em livros da fortuna crítica da história e cultura catarinenses. Uma mulher afro-descendente que, mesmo presenciando preconceitos de credo, casta e cor, não esmoreceu diante das dificuldades e, com o seu trabalho, mostrou ser digna da confiança de uma parcela da população catarinense que a elegeu deputada pela segunda vez. Uma mulher negra proveniente do povo, com formação a partir da educação popular, para exercer com direito a voz e voto, e mais do que isto, com direito a propor projetos de lei, menções e diretrizes para a carreira do magistério catarinense, conseguindo aprová-los e pô-los em prática, enquanto fazia parte do governo e dele recebia apoio.

Antonieta de Barros escrevia regularmente, entretanto publicou somente um livro. Não fez parte da Academia Catarinense de Letras, mesmo ocupando o cargo político ao lado de um grupo de intelectuais políticos imortais. Talvez por ser mulher e negra ou por ser cronista e não poetisa ou romancista. Fico com a segunda opção, parece-me, depois de todo esse tempo em companhia de Antonieta e de seus textos, que o fato dela ter optado pela prosa social popular jornalística, escrevendo crônicas sob uma estética realista com nuances de um prenúncio de uma estética modernista, em detrimento de compor poemas sob uma ótica simbolista/parnasiana levou-a a se afastar da possibilidade de ingressar na Academia. Seu precoce desaparecimento, justo em um período de intensa produção jornalística, parece ser outro fator de afastamento da Academia. Ficou claro a partir das leituras de

seus textos que Antonieta não merecia a alcunha de “poeta menor”, já que poemas não foram encontrados após vasculhar sua fortuna crítica, embora haja notas biográficas datadas de 2001 que evidenciam esta informação, sem respaldo técnico e institucional, pelo menos até aqui.

É fato que Antonieta possui crônicas inéditas para compor outro livro, principalmente as que foram publicadas no jornal *O Estado*, compilados por Silva (1991) e revisitados e fotografados por esta pesquisa. Não houve por parte de Antonieta e de sua irmã Leonor a oportunidade de fazê-lo. Talvez a falta de tempo, não lhe permitiu tal realização, já que o trabalho como Deputada era intenso, por fazer parte da Comissão de Educação e Justiça e, também porque trabalhava em mais de um estabelecimento de ensino, dia e noite. Sua morte precoce tirou-a do convívio social no momento mais produtivo e crítico de sua vida. O período pós-aposentadoria foi o mais profícuo, porque publicava regularmente no jornal *O Estado*. Seus últimos textos são mais engajados e denunciam problemas de corrupção, desrespeito às leis, denúncia à perseguição política por parte do governo do estado, o qual constituía a oposição do partido a que fazia parte Antonieta. Sua trajetória solitária na vida pública, muito discreta, não era de espantar que tivesse “bons” olhos para ler, embora usasse óculos, e bons ouvidos para escutar, estando sempre atenta às notícias da cidade, do estado, do país e do mundo.

Realizar este estudo constituiu-se em um trabalho gratificante e elucidativo. Gratificante porque mostrou que na sociedade da época as normalistas tinham uma atuação política e cultural, sendo uma parcela da população engajada para a qualificação do ensino tanto público quanto particular, abdicando muitas vezes de uma vida particular e

individualista para se dedicarem ao bem comum e social, visto ser boa parte delas solteiras. As normalistas, idealistas descritas pela mestra Antonieta, “faziam e aconteciam”, lutavam por seu espaço e contribuía de forma significativa para o progresso feminino. Trabalhavam em prol da educação, a fim de garantir às gerações futuras um quadro educacional mais desenvolvido e rico em diversidade de modalidades de ensino e universidades; além de terem contribuído de forma significativa na luta pelo sufrágio universal, na valorização da mulher e do ser feminino. Trabalho elucidativo porque ao realizar o levantamento em fontes bibliográficas, verifiquei rastros de um grupo de intelectuais que, ao sofrerem perseguições políticas e sociais, por sua estética e cor de pele não deixaram de criar uma *Sociedade de Letras Catharinenses*, nem mesmo deixaram de escrever e publicar seus jornais e seus livros. Eles agitaram a pacata e bucólica Ilha de Santa Catarina e graças aos seus esforços não deixaram passar em branco um período rico da cultura local. A década de 20 foi um marco na consolidação dos pequenos em relação à egolatria dos homens e mulheres de classe social abastada no mundo cultural da sociedade ilhéu.

Confirma-se que Antonieta é uma escritora de seu tempo e sua obra apresenta nuances de uma modernidade que se avizinha, de um valor estético que inovou na Literatura Catarinense do início do século XX, por escrever somente em prosa: crônica, discurso ensaio. As crônicas são obras abertas, considerando o dialogismo, a heterogeneidade enunciativa e a intertextualidade. Isso porque a compreensão do valor de uma obra literária está ligada à rede de conexões que o fato literário agrega. Não basta ler uma obra por si, há

de se perceber a profundidade da significação e o contexto em que está inserida, embora os fragmentos possam apresentar um caráter universal. Há uma estreita ligação entre o tempo, o espaço e o contexto de uma obra, de um fato, de um texto, considerando a leitura, a análise e a apreciação que se realiza de uma obra. Cada gênero literário tem uma finalidade, uma função, um objetivo, utiliza uma determinada linguagem e está direcionado a um leitor específico. E os textos de Antonieta apresentam uma inserção social, mostrando a preocupação da escritora com a educação de todos e com a igualdade de condições de cada membro da sociedade, sendo o trabalho uma virtude e um direito para homens e mulheres.

Os critérios norteadores da pesquisa, com as questões que a guiaram, circunscreveram o olhar a partir da atuação pública da professora. As questões norteadoras foram, portanto, na medida do possível respondidas ao longo da tese. Em síntese pode-se dizer: O que se escreveu de Antonieta de Barros nem sempre tem uma correlação direta com o que ela realmente foi, pensava e escrevia, principalmente quanto à questão da cor de pele e do preconceito racial, uma vez que Antonieta era contra as leis que tratavam de *racismo*. Ela escrevia sobre o cotidiano, sobre o lugar de origem, sobre reflexões em relação aos acontecimentos da cidade, do estado, do país e até do mundo, como pode ser percebido em suas crônicas. O que poderia impulsionar o discurso da mulher poderia ser o fato de ter sido pobre e professora, filha de mãe lavadeira e de mulher trabalhadora. Sua infância foi pobre, a dificuldade em estudar e ter livros para ler também foi uma triste realidade em sua vida. Quando Antonieta frisa sobre a importância da criança ler e ter livros em casa para ter uma educação mais significativa

e de qualidade, ela está de certa forma, lembrando de sua própria carência de livros na infância. Essa seria uma resposta mais calcada nos textos que se leu de Antonieta. Isso porque o tema educação como se viu é uma tônica nos discursos, nos projetos de lei e, principalmente nas crônicas.

Percebeu-se com a leitura dos seus textos que Antonieta escrevia para um leitor de jornal preocupado com o cotidiano, com os acontecimentos sociais e com os fatos políticos. Dependendo do veículo em que o texto era publicado, Antonieta se dirigia ao público específico daquele órgão informativo, assim, ela escreveu “aos Moços” no *Jornal Correio do Povo* e no *Jornal O Idealista*; escreveu “às moças” nos discursos publicados em *Farrapos de Idéia* escritos por ocasião de ser Paraninfa na Escola Normal. Escreveu aos republicanos e políticos, quando publicava em *República*; escreveu ao povo catarinense quando era a Deputada quem escrevia sobre os seus projetos de lei e atuações na Assembléia. Se dirigiu aos homens e mulheres, à humanidade quando publicou o livro, solicitando que todos fossem filantropos com as crianças do *Preventório*, lugar para onde a arrecadação dos valores oriundos da venda do livro iria.

Para se chegar às respostas da tese levantada e defendida aqui, foi usado o material encontrado, nos textos escritos e na compilação de fatos documentais. Ali está a efervescência do pensamento e do discurso dessa mulher, cuja vida foi dedicada ao trabalho e ao ideal de educação de qualidade, em uma sociedade desigual. Desigual porque ao se buscar dados e fatos históricos, percebe-se uma sociedade cultural florianopolitana preconceituosa ao tratar dos escritores negros da

associação dos “Homens de Cor”, liderados por Ildefonso Juvenal, e por tratar das mulheres como intelectuais e não como escritoras, para citar exemplos. Esse fato parece bastante marcado nos discursos da *Academia Catarinense de Letras* da década de 20-30. Entretanto, não aparecem nos escritos de Antonieta e nem nos seus discursos de forma ostensiva. Da condição de ser negra ou afro-descendente não trata objetivamente, quando se pensa nos temas de suas crônicas e discursos; entretanto do tema relacionado à condição da mulher na sociedade da época sim e com bastante ênfase na questão relacionada à necessidade de educar a mulher para que não sirva de “bibelô” ou que pose de “dondoca”. Na visão de Antonieta a mulher deve estudar, ter uma profissão, trabalhar e ter o direito ao salário justo, na condição de cidadã brasileira.

Refletindo sobre a longevidade do “Valor das Idéias” da cronista, será que se pode considerar Antonieta de Barros um ícone de sua época, com nuances de mito? Ou será que seu estilo dialógico em escrever seus textos, sua força de mulher batalhadora e negra, e, principalmente, a atuação como professora em todas as instâncias de sua vida pública a transformaram em uma personalidade pública e famosa? A resposta, após esse longo processo de escrita de sua vida, posso dizer com segurança que Antonieta em vida já era uma personalidade muito respeitada, um exemplo e vida; nos anos setenta, graças a sua irmã, torna-se um exemplo de resistência, quando reaparece *Farrapos de Ideais*; e como ícone e símbolo de uma resistência surda, a partir dos anos noventa, para a consolidação do respeito à diversidade étnica. Tornou-se, portanto, um exemplo de coragem a todos aqueles oriundos de uma camada da população de baixa renda, um exemplo de perseverança para a classe do magistério. Um exemplo para a mulher

seja ela negra ou não, que ascendeu por suas próprias qualidades, uma intelectual que buscou espaço para expor suas idéias; uma professora que trabalhou até a aposentadoria, uma deputada que não esqueceu a classe a que pertencia. Uma mulher que ousou ser política e ocupar o lugar que normalmente seria de um homem à época. Uma personalidade pública, recatada e discreta, porque colocou o serviço ao bem comum acima de sua satisfação pessoal, particular.

Sem sombra de dúvidas é um ícone, alguém cuja definição de personalidade e delimitação de atuação passa por funções sociais exercidas com muito zelo em um período compreendido 1922 -1952, da formatura como normalista até a sua morte no Hospital de Caridade, por causa da diabetes. Ou seja, trinta anos de presença na sociedade ilhoa, trinta anos de ensinamentos e direcionamentos, divididos entre escolas públicas e particulares, secretaria de entidades de classe, culturais, diretoria de escola, atuação social como membro de grupo religioso, de agremiações político-partidárias. Enfim, uma vida multifacetada e com idéias espalhadas por alguns veículos de informações que extrapolaram o espaço ilhéu, chegando a outros municípios do estado, em outros estados da federação brasileira e ganhou o mundo em pleno século XXI ao figurar na rede mundial de computadores.

O que vale dizer, então, sobre a tese é que ela se confirmou, nesse olhar meio estrábico de ver a Mestra, antes e acima de tudo. Um olhar que criteriosamente foi selecionando, dentro de uma coerência narrativa, ou pelo menos tentando esta coerência, um olhar que não buscou uma cor específica, mas sim o espectro da cor, o prisma desfolhado em nuances, uma refração que mostra tudo e todos de forma

clara e transparente. Após a investigação de rastros, vestígios, fotos e documentos institucionais, pude teorizar sobre o como se faz uma biografia de uma personalidade já falecida, com base nos conceitos de Walter Benjamin sobre história, de François Dosse sobre biografia, de Bakhtin sobre o discurso e a intertextualidade e de Barthes sobre o efeito do real e a fotografia. E pude produzir a biografia ilustrada de Antonieta de Barros. E enquanto realizava o produto estabelecido nos itens quatro e cinco desta tese, fui percebendo a rede de relações e interrelações entre vidas e teorias que um estudo desta natureza proporciona. Assim, estudei a imbricação das categorias de gênero, raça, experiência e identidade veiculadas nos últimos anos pela teoria feminista, a partir da investigação em Antonieta, uma mescla destas performances, que culmina com a professora no parlamento, sendo entrevistada pelo jornal *O Estado*.

Porque ao ler Antonieta e ao refletir sobre ela, sobre sua vida e escrita, aprendi um pouco mais sobre ser e estar no mundo, sobre perseverar e “buscar um norte”, uma direção. Isso por que desde o semestre de 2007.1, visitei lugares importantes para reunir dados. Em cada lugar visitado fui conseguindo informações, fotos e material para o desenvolvimento da pesquisa. Mas, também, fui ficando com dúvidas, lacunas, com espaços difíceis de preencher na retrospectiva biográfica organizada em um quadro didaticamente preenchido. Mas, não desisti e continuei até aqui. Nas instituições onde pesquisei, conheci muita gente envolvida na preservação da História, Cultura e Literatura Catarinenses, pessoas a quem sou muito grata pela paciência, atenção e cuidado com que me trataram.

Na Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina, encontrei dissertações de mestrado que tem como assunto a biografada, uma da área de História e a outra na área de Literatura Brasileira; também pesquisei em livros do Acervo de Santa Catarina sobre o contexto político e sobre a Professora Deputada Negra Antonieta de Barros. Na Biblioteca Pública tive acesso à 1ª edição de *Farrapos de Idéias*, quando na ocasião fotografei a capa do livro. Acesso aos jornais de época onde Antonieta publicava suas crônicas. Acesso ao livro de 2ª e 3ª edições de *Farrapos de Idéias*. Encontrei os jornais e passei tardes ali ao saborear a época e seus conflitos. Ao descortinar uma Florianópolis vista das e pelas Alamedas, uma cidade que existia ao redor de praças, jardins e rios poluídos. Um lugar de efervescência política antes que tudo.

Na Fundação Franklin Cascaes, conversei com o responsável pelos livros e recebi como doação o livro de poesias que foi produzido em homenagem ao centenário, com a foto estilizada de Antonieta, o que se constituiu em uma homenagem póstuma em forma de verso para quem escrevia crônicas, que serviu de inspiração aos jovens do início do século XXI. No Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina conversei com a responsável e obtive fotos das ruas antigas de Florianópolis e de casas e edifícios já demolidos, como a foto do prédio onde funcionava a Escola Normal Catarinense, o Liceu Provincial e a Biblioteca Pública até o ano de 1924; também tive acesso à Revista do Centro Catharinense, à Revista Terra, ao texto da I Conferência do Ensino Primário em Santa Catarina, na cidade de Florianópolis, em que

está impresso o discurso de Nereu Ramos sobre o funcionamento da Instrução Pública no ano de 1935-1936.

Na Escola Básica Estadual Antonieta de Barros, ainda em funcionamento no ano de 2007, mas que hoje (2010) já não mais tem esse nome, conversei com a diretora e participei do evento de comemoração ao aniversário de Antonieta de Barros (11/07), no qual os alunos apresentaram desenhos, crônicas e discursos de Antonieta de Barros e encenaram jogral. Foram tiradas fotos do evento. I MOSTRA CULTURAL ANTONIETA DE BARROS, realizada no dia 14 de julho de 2007. Neste mesmo ano, por motivos de insegurança, a escola foi interditada. Nessa ocasião tirei fotos da escola, do busto de bronze que ficava na entrada do prédio e da placa alusiva ao centenário de nascimento de Antonieta de Barros.

Na Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, acervo histórico, pesquisei sobre a vida pública de Antonieta de Barros, seus discursos e atividade como parlamentar. Ali encontrei um quadro retratando a pesquisada, fotos, textos, discursos, materiais que foram selecionados no ano do centenário de 2001. Foram também realizadas inúmeras vezes pesquisa nos sites de busca sobre as menções do nome de Antonieta de Barros. Na rede mundial de computadores (Internet) foram encontradas cerca de mais de duzentas menções ao seu nome. Na Internet, pode-se assistir a um vídeo produzido pela TV Futura sobre a mestra e no site do “Youtube” assistir a uma peça sobre Antonieta de Barros feita pelos alunos do Colégio Energia de Florianópolis/SC.

Na medida em que ia penetrando no mosaico inacabado que todo o material encontrando ia formando, desde menções, referências e alusões sobre Antonieta e a vida da cidade de sua época, fui percebendo

o quanto tudo já estava diferente... e , ao mesmo tempo, que nem tudo havia mudado completamente. Uma dialética que só compreende quem passa as tardes, percorrendo o polígono central da cidade, e não foram poucas as tardes... Passeando pela Ilha de Santa Catarina, tirei fotos da cidade, das ruas, das escolas e de lugares onde havia evidências dos passos de Antonieta, locais, por exemplo, onde lecionou e exerceu sua vida pública: Colégio Coração de Jesus, Escola Normal Catarinense, Colégio Estadual Lauro Muller, Prédio da Escola Estadual Antonieta de Barros, antigo Curso Primário Dias Velho, Sede do Partido Republicano, Museu Cruz e Sousa, Museu da Escola Catarinense, Biblioteca Pública, Hospital de Caridade, Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Catedral Metropolitana, Teatro Álvaro de Carvalho. Às vezes, as portas se abriam, às vezes não... Não pude tirar fotos da antiga sede da Assembléia Legislativa, pois o prédio sucumbiu ao fogo em 1956, as fotos utilizadas aqui do referido prédio foram cedidas pelo acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

E quando busquei por pessoas que conviveram à época, nem sempre houve quem quisesse falar ou mostrar-se. Nessas horas os túmulos parecem auxiliar mais, ao bradarem no eco surdo uma informação preciosa. As vezes os dados iam deixando os passos tortuosos, noutras vezes, levava a caminhos mais largos, porém densos.

Na medida do possível foram realizadas entrevistas com os ex-alunos: Dona Lilia, Dona Adélia, Dona Valdomira, Alfaiate Wilson, Dona Irani, pessoas com mais de sessenta e setenta anos, cujas lembranças mais significativas da época identificavam a irmã de Antonieta, a Professora Leonor de Barros. As ex-alunas homenageadas

com a medalha “Antonieta de Barros”, Professora Olga Brasil e D. Matilde Veira faleceram em março de 2007, antes que eu pudesse fazer uma entrevista. Para a realização das entrevistas, visitei, em especial, a Rua Fernando Machado, ali também procurei vestígios da residência em que Antonieta e sua irmã Leonor de Barros viveram, além da casa onde existiu uma escola, nada encontrando. Também fui ao Hospital de Caridade da Irmandade do Senhor dos Passos, a capela, local em que morreu Antonieta e de cuja congregação fazia parte. Consta que a casa onde funcionava o curso de Alfabetização Antonieta de Barros, após a morte de sua irmã, Leonor de Barros, foi doada à Congregação Irmandade Senhor dos Passos.

Para ir e vir do Centro da Ilha de Santa Catarina em direção ao sul, todos os carros e ônibus passam pelo Túnel Antonieta de Barros, uma homenagem do governo do Estado de Santa Catarina de Esperidião Amin à personalidade ilustre da cidade. Ao mesmo tempo em que pelo mapa da cidade pude localizar duas ruas com o nome da Professora Antonieta de Barros, uma no bairro Ingleses do Rio Vermelho e outra no bairro Estreito, próxima à Biblioteca Barreiros Filho. Consta também que há uma escola estadual situada no bairro Itacorubi e uma rua no bairro Pantanal com o nome da irmã de Antonieta de Barros, Professora Leonor de Barros. Recentemente, no ano de 2009, a biblioteca da Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina foi batizada com o nome de Antonieta de Barros, uma homenagem do governo do Estado de Luiz Henrique da Silveira à deputada.

Portanto, em síntese: *Nos Passos de Antonieta* é fruto da pesquisa em acervo histórico, cultural e iconográfico da cidade de Florianópolis, a qual compôs este livro. A intencionalidade da referida

pesquisa e da confecção deste trabalho propôs mostrar a trajetória de uma mulher professora da Ilha de Santa Catarina que se tornou a primeira deputada negra do sul do país em uma época em que as condições não pareciam favoráveis, no entanto, ela pôde se tornar o ícone de uma época, uma celebridade nos campos social, político e cultural por causa de sua dedicação aos estudos, à leitura, à profissão, à política e, principalmente, à escrita de crônicas em jornais de época. Em sua trajetória, pode-se considerar que a escrita de Antonieta marca uma época, construída com fragmentos de idéias retiradas a partir de suas leituras. O texto apresenta polifonia, alteridade, mas também uma autoria, resultado talvez de sua vivência intelectual, cotidiana, dialógica, trazendo uma filosofia e uma ideologia. A máxima do magister, a eficácia da palavra, a atuação da palavra, a função do dito e do feito. Para se entender a trajetória dos passos foi necessário pensar no contexto de época e na configuração do lugar, dos valores e costumes de uma sociedade. Na obra “O Espírito de Época”, Christina Baumgarten⁴²⁹ (1999) sintetiza bem uma questão crucial para quem pesquisa momentos históricos e personalidades de época: “[...] a interpretação biográfica é um caminho que pára as portas dela, para compreendê-la, realmente, devemos atravessá-la. Neste momento a obra se desvincula do seu autor e se transforma numa realidade autônoma, ou seja, é preciso entrar na vida do lugar de origem para entender as reações do biografado.”⁴³⁰

⁴²⁹ BAUMGARTEN, Christina. *O Espírito de uma Época*, Blumenau.SC: HB Editora, 1999.

⁴³⁰ Idem.

Na contemporaneidade há um discurso pela diversidade e a figura de uma mulher negra surge como um ícone, um mito, e ao mesmo tempo, um exemplo de luta. No início do século XXI lê-se a obra e a vida de Antonieta de Barros, uma professora e cronista do início do século XX. Vale lembrar que as lembranças de uma comunidade não são menos reveladoras do que os seus projetos. Embora, se procure o passado, não se tem idéia clara do que se é e do que um dia se foi. Vive-se o mito e a negação, idolatrando alguns fatos e esquecendo outros. Relembrando certos passos, deixando por vezes a lacuna contemporânea com esquecimentos significativos – a censura histórica da verdade ou de mentiras. Por vezes, para não deixar o mito morrer, é preferível viver a metáfora, a fim de perpetuar os heróis. O estudo da vida e da obra de Antonieta de Barros, sua fortuna crítica me colocou frente à relação e interrelação com outras vidas, em consonância ao ambiente intelectual e vivido por pessoas contemporâneas dela. O “Espírito de época” na especulação de acontecimentos históricos e de memória fala mais alto. O escritor costuma violar o código e dizer o que não se pode, ou seja, existe um sistema de proibições, tácitas, mas imperativas, que formam o código e costumam dizer o que não se pode dizer. Por sua voz o escritor fala outra voz: a condenada, a verdadeira realidade e dessa realidade subtrair a imagem imanente de um ser.

Antonieta lecionou por muitos anos, alfabetizou muita gente, tinha um círculo de conhecidos por todo o estado por conta do Centro Cívico das Normalistas e da Liga do Magistério, da Associação dos Homens de Cor e da Sociedade Catharinense de Letras, ou seja, foram treze anos de dedicação profissional, o que pode ter gerado o seu eleitorado, isso no primeiro mandato, depois foram mais quinze anos até

o segundo mandato. A dedicação e preservação de seus valores a tornavam um bom exemplo de pessoa, além disso, era mulher e negra, as mulheres e os negros passaram a ser alfabetizados e a votarem. O desejo de estudar, segundo suas biografias, era uma constante em Antonieta. A mulher na época tinha como profissão certa o de ser professora, e muitas mulheres negras foram incentivadas a entrarem na Escola Normal. Sobre a questão do uso do pseudônimo e sobre a escolha dele não foi possível traçar uma resposta calcada em documentos ou em escritos de Antonieta. Sabe-se que era comum o uso de pseudônimo, o fato de ter escolhido o nome Maria poderia estar ligada a sua extrema religiosidade e a locução adjetiva “da Ilha” faz referência direta a sua origem de nascimento, uma mulher comum nascida na Ilha de Santa Catarina.

A intertextualidade e a heterogeneidade enunciativa estão presentes nas crônicas de Antonieta, seja em forma de citação direta, indireta ou indireta livre, como mote ou título da crônica. Assim, ela mostra que leu José Ingenieros, Rui Barbosa, Dante Alighieri, Aristóteles, Platão, José de Anchieta, Padre Antônio Vieira, Machado de Assis, dentre outros; os textos de revistas de todo o Brasil, as revistas feministas, os textos de Maria Lacerda de Moura, Gonçalves Dias, a Bíblia Sagrada, o livro dos Provérbios... livros que lia, degustava e aplicava à leitura e à reflexão nas crônicas que escrevia e publicava nos jornais. Antonieta deixou o seu legado escrito, publicando um único livro, oportunidade ocorrida em função da política favorecida pela filantropia. Poderia ter publicado outro, mas a conjuntura não a favoreceu, também porque morreu cedo, mas suas crônicas esparsas

podem ser compiladas em um livro, poderia ter o título: “Inéditos e dispersos de Antonieta de Barros”. Talvez, após toda essa pesquisa, possa-se afirmar que: Uma obra só pode sobreviver a partir da interpretação de seus leitores, sendo o escritor, lembrando da definição da própria Antonieta ao apropriar-se do conceito de José Ingenieros: “[o escritor é] um engenheiro construtor de pontes para o passado, pontes essas que podem se tornar na verdade ressurreições possíveis ou mesmo verdades relativas, dependendo do contexto e da vivência de cada um. Como afirmava Rui Barbosa: “*A palavra é o instrumento irresistível à conquista da liberdade*”⁴³¹. Termino este ato, mostrando alguns excertos e convidando a todos para que leiam Antonieta de Barros, seja nos Farrapos, seja nos discursos, seja nos jornais de sua época. Emprenhem-se na trajetória de uma vida e sintam que a cada passo, descortinam-se novas perspectivas, novos sonhos, novos olhares, novas possibilidades de ler o mesmo com outros olhos menos estrábicos. Talvez, quem sabe... entretanto, fica a verdade dos fatos: a mestra não morreu e não morrerá...

Excertos de autoria de Antonieta de Barros, retirados de *Farrapos de Idéias*⁴³².

A alma popular guarda, carinhosamente tudo quanto individualiza e distingue as nacionalidades. Conservadora, sem ser rebelde, ela, como que fugindo,

⁴³¹ BOSI, Alfredo *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix. 43ª Edição, 2006.

⁴³² ILHA, Maria Da. *Farrapos de Idéias*. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1971

instintivamente, às cópias estrangeiras, constitui-se a depositária de costumes e tradições, que o progresso a marcha triunfal dos hábitos importados abafa, entre os que não são do povo. (ILHA, 1971. P. 45)

É impossível reconhecer, sob a máscara da letra de forma, a sinceridade de qualquer sentimento, quando a alma investigadora não se satisfaz com o sentido das palavras, e procura ir além... (Idem, 1971. P. 47)

Cada ser se crê um protótipo invulnerável, revestido do poder de ver o argueiro no olho do vizinho, sem conhecer e sentir a trave, existente no seu. Por isto se deixa arrastar e envolver pelo feitiço dos adjetivos lindos, como se eles emprestassem o brilho que lhes deslumbra os sonhos. Não é admiração, pois, o seu narcisismo, porquanto a maioria das criaturas, numa integralização completa e radical com o século, não procura conhecer-se a si mesma, e se julga perfeita. (Ibidem, 1971. P 50)

É preciso ‘destruir tudo, para reconstruir.
(Ibidem, 1971. P. 59)

A Razão de ser deste livro

É simples, muito simples, a razão de ser deste livro.

Se não fora um instante de grande entusiasmo de fraternidade em que o coração se coloca mais alto do que a razão, este livro não existiria.

E não existiria, porque só os meus *Farrapos*, eu os fiz, para que tivessem a vida breve, diminuta, exígua e quase despercebida da cada número de jornal.

No entanto, este livro ressuscita as crônicas ligeiras do rodapé de *República*, aos domingos.

Não lhes dei nova feição, não as modifiquei.

Elas ressurgem como eram para tentativa de auxílio aos pequeninos filhos dos leprosos.

Tendo passado toda a minha vida, por força da profissão, entre pequeninos, por amor deles, não hesitei em aceitar a sugestão da Senhora Carmen Linhares Colônia.

Tudo me foi facilitado: o Governo deu a impressão e ao lápis de Malinverne Filho, devo a ilustração da capa.

Livro do coração catarinense, não o entrego à crítica, porque não me animam pretensões literárias; entrego-o, sim ao coração da minha gente, em benefício do Preventório.

(937 – agosto)

(**Maria da Ilha**)

O Magistério Catarinense e o decreto 231

Não há quem de boa vontade ignore que a célula mater da nacionalidade é o magistério, pelo seu silencioso, mas incomensurável trabalho construtor, único capaz de conseguir o levantamento integral dos povos.

O decreto nº 231, de 9 do corrente, do Sr. Interventor, diz no seu artigo I, letra e: “Para a primeira nomeação, dar-se-á preferência ao candidato de comprovada boa saúde que houver obtido as notas mais altas na escola que cursou.”

É a mais bela vitória que podiam esperar os estudiosos.

Até agora, pelo menos em Lei, o esforço despedido pelo aluno durante o seu tempo de curso, não teve merecimento, valor algum, para a vida prática.

O regime de pistolão destruía todo o mérito, sufocava todas as atitudes vitoriosas, aniquilava todas as conquistas, acumuladas, pacientemente, e guardadas com carinho.

Se for preciso uma rigorosa seleção entre os que vão entrar para o sacerdócio do magistério, como se poderá fazê-la senão pelo atestado de sua cultura?

É o caminho lógico, claro, único, perfeito, por onde devem seguir os bem intencionados.

Mas os piores cegos são os que não querem ver.

Diante do malfadado cartão de ingresso, não mais cairão, murchos e escarnecidos, os sonhos que as conquistas nos bancos escolares darão o direito de acalantar.

Abriram-se horizontes estimuladores. A vitória é da inteligência.

O decreto 231 merece louvores pela elevação de vistas com que foi feito e pelas conquistas trazidas ao magistério, na seleção futura dos seus elementos.

Muitos nos dirão: “Não é tudo”. Convenhamos.

Todavia, apliquemos aqui, o ensinamento do nosso professor de Física e Química: “A natureza não dá saltos.”

(ILHA, Maria da. *Farrapos de Idéias*. Jornal República, 17 de abril de 1932.)

Jornal República, 17/07/1932.

Farrapos de Idéias

As feministas brasileiras estão vencendo a última etapa na campanha por que tanto se bateram: a conquista dos direitos políticos.

Não encontramos na concessão do voto à Mulher, nada mais que uma interpretação certa à letra da nossa Constituição de 91.

E, se esse triunfo não nos deixou indiferente, sem sermos feminista, foi por ter ele sido alcançado pela força do direito.

As conquistas sólidas dos Ideais são as que se fazem sobre os alicerces da Razão, rompendo trevas, fazendo luz, com tato, sem as discórdias que enfraquecem, sem os interesses subalternos que amesquinham e aviltam.

Não fazemos coro com a legião de conservadores, os quais, diante de quaisquer inovações de idéias e costumes que trazem à monotonia

dos dias, alguma coisa de novo, se rebelam, e, frios, imóveis, tentam resistir à vida que é movimento, evolução progresso.

Não compreendemos, mesmo, a grita, levantada contra a porta, aberta ao sexo fraco, pelo direito ao voto.

E isto, porque, diga-se entre parênteses, Mulheres política, em nosso país, sempre as houve.

Não há novidade, pois, a não ser que abandonam os bastidores, para se apresentarem em público.

Todavia, infelizmente, nem tudo a que temos direito, estamos aptos a fazê-lo.

As leis não são feita para exceções, mas para as Coletividades.

Daí a necessidade da educação das massas, para que os atos correspondam aos intentos, para que o real seja a imagem, mais ou menos, perfeita do sonho.

Não descremos da sinceridade da Mulher brasileira, mesmo porque todas as vitórias empolgam, de começo, os que as alcançam.

Entretanto, afim-de-que o eleitorado fraco seja consciente, é necessário integralizá-lo no conhecimento das suas responsabilidades.

A Mulher brasileira por influências e causas múltiplas não se encontra, na sua maioria, ainda, na altura da norte-americana, nem da européia.

Não é que ela tenha nascido para o lar, como querem os que se firmam na tradição, por hábito ou por comodidade; não é que lhe falte inteligência.

O que se lhe nota de imperfeito é consequência do nosso defeituoso sistema educativo.

Antes de tudo, pois, agora que novos e largos, e sérios horizontes se lhes mostram em perspectiva, é necessário dar à maioria das brasileiras, todos os retoques precisos para a sua completa cidadania, baseada na independência, baluarte forte de individualidade.

Só então veremos inteiramente sazoados os frutos do esforço hercúleo da plêiade feminina que luta pelos Direitos da Mulher, na esperança duma Humanidade melhor.

(Maria da Ilha).

Jornal República 12/07/1932.
Farrapos de Idéias

Não se pode negar, Santa Catarina tem progredido quanto ao ensino superior.

O Instituto Politécnico, com os seus cursos de engenharia e farmácia, já reconhecidos pelo Governo Federal, e com outros que, também, esperam sê-lo, e a Faculdade de Direito, há pouco fundada, atestam aquela nossa afirmativa.

Há, contudo, uma grande lacuna na matéria de ensino: a falta dum ginásio, onde a Mulher possa conquistar os preparatórios, bilhete de ingresso para os estudos superiores.

O elemento feminino vê, assim, fechados, diante de si, todos os grandes horizontes.

O excelente Ginásio que possuímos, não permite à Mulher, a assistência das aulas.

Daí o recurso dos professores particulares, o que exige um grande dispêndio e dá margem a que só as favorecidas da fortuna consigam ou possam conseguir a aquisição dos preparatórios.

Esta lacuna, portanto, é a grande barreira ao progresso cultural das nossas conterrâneas.

O máximo de ilustração oficial, proporcionado às Mulheres, em Santa Catarina, está restrito a um curso de normalista e nada mais.

Fora isso, enquanto não despertarem as criaturas de boa vontade, numa obra conscienciosa e perfeita, todos os outros sonhos, todos os outros desejos de cultura titulada, por parte da maioria das catarinenses, não passarão de vã quimera, desfeita ao vento impiedoso da realidade, como bolhas de sabão.

(Maria da Ilha)

7. Referências Bibliográficas

I. Da Autora

a) Edições de Livro.

1. ILHA, Maria Da. *Farrapos de Idéias*. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1937.
2. _____. *Farrapos de Idéias*. 2ª Ed. Florianópolis: ETEGRAF, 1971. (Homenagem Póstuma)
3. _____. *Farrapos de Ideias*. 3ª Ed. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2001. (Homenagem ao Centenário de Nascimento de Antonieta de Barros.)

b) Discursos na Assembléia Legislativa de Santa Catarina

1. BARROS, Antonieta. *Treze Discursos* – Fotocópia ALESC – Estado de Santa Catarina. Anais da Assembleia Legislativa, Tomo II, 1948. P. 528 -537; 564-565; 581; 606-607; 720-721; 730-736.

c) Documentos do Legislativo de Procedência da Deputada Antonieta de Barros.

1. Lei nº 236, de 13 de dezembro de 1948. *Faculta o Montepio aos professores particulares*. Procedência Deputada Antonieta de Barros. Natureza: PL 88/48. DO –

3.845 DE 17/12/48. Fonte ALESC/Divisão de Documentação.

- 2 Indicação número 66. *Da Nova Orientação à Escola Profissional Feminina*. Entrada 30/08/1948. Encaminhado ao Poder Executivo em 23 de setembro de 1948, ofício número 482.
- 3 Indicação número 285, que *cria a carreira de Diretor de Grupo Escolar*, no Quadro Único do Estado; entrada em 06 de setembro de 1948. Encaminhada ao executivo com o ofício 546 de 24 de outubro de 1948.
- 4 Indicação número 286 que *cria a carreira de Inspetor Escolar*, no Quadro Único do Estado, entrada em 06 de setembro de 1948. Encaminhado ao governo do Estado com o ofício número 542 de 13 de outubro de 1948.
- 5 Indicação nº 272. *Criação de Curso Ginásial e Científico junto ao Ginásio Dias Velho*. 08/-9/1949, encaminhado ao executivo sob o número 626 em 29 de setembro de 1949.
- 6 *Requerimentos*, cópias manuscritas e com a assinatura de Antonieta de Barros, escritos durante a Legislatura de 1948-1949.

d) Crônicas dispersas publicadas em periódicos.

1. ILHA, Maria da. *Farrapos de Idéias*. Folha Acadêmica, 1/08/1929.
2. _____. *Farrapos de Idéias*. Folha Acadêmica, 16/10/1929.
3. _____. *Altruísmo*. Folha Acadêmica, 11-12/1929.
4. _____. *Benedicite*. Folha Acadêmica, 07/1930.
5. _____. *Do meu Canto*. A Semana, 04/09/1930.
6. _____. *Do meu Canto*. A Semana, 11/09/1930.
7. _____. *À Cata do Desconhecido*. A Semana, 18/09/1930.
8. BARROS, Antonieta de. *O Espírito de José Maria*. A Pátria. 19/02/1931.
9. ILHA, Maria da. *Farrapos de Idéias*. República. 01/11/1931.
10. _____. *Farrapos de Idéias*. República, 06/12/1931.
11. _____. *Farrapos de Idéias*. República, 17/01/1932.
12. _____. *Farrapos de Idéias*. República, 20/01/1932.
13. _____. *Farrapos de Idéias*. República, 07/02/1932.
14. _____. *Farrapos de Idéias*. República, 06/03/1932.
15. _____. *Farrapos de Idéias*. República, 13/03/1932.
16. ILHA, Maria da. *Farrapos de Idéias*. República, 10/04/1932.
17. _____. *Farrapos de Idéias*. República, 17/04/1932.
18. _____. *Farrapos de Idéias*. República, 15/05/1932.
19. _____. *Farrapos de Idéias*. República, 22/05/1932.
20. _____. *Farrapos de Idéias*. República, 12/07/1932.
21. _____. *Farrapos de Idéias*. República, 17/07/1932.
22. _____. *Farrapos de Idéias*. República, 16/08/1932.
23. _____. *Farrapos de Idéias*. República, 23/04/1933.

24. _____ . *Farrapos de Idéias*. República, 30/04/1933.
25. _____ . *Farrapos de Idéias*. República, 27/08/1933.
26. _____ . *Farrapos de Idéias*. República, 03/09/1933.
27. _____ . *Farrapos de Idéias*. República, 05/11/1933.
28. _____ . *Bilhete sem sê-lo*. República, 12/04/1934.
29. _____ . *Farrapos de Idéias*. República, 15/04/1934.
30. _____ . *Luiz Delfino*. República, 25/08/1934.
31. _____ . *Homens e Caricaturas*. Correio do Estado, 13/09/1934.
32. ILHA, Maria da. *Falando aos Moços*. O Idealista, 06/1945.
33. BARROS, Antonieta de. *Falando aos Moços*. República, 08/1945.
34. _____ , Falando aos Moços. República, 05-06/1946.
35. _____ . Falando aos Moços. República, 05-06/1947.
36. ILHA, Maria da. *Farrapos de Idéias*. O Estado, 11/03/1951.
37. _____ *Farrapos de Idéias*. O Estado, 13/03/1951.
38. _____ *Farrapos de Idéias*. O Estado, 01/04/1951.
39. _____ *Farrapos de Idéias*. O Estado, 08/04/1951.
40. _____ *Farrapos de Idéias*. O Estado, 15/04/1951.
41. _____ *Farrapos de Idéias*. O Estado, 22/04/1951.
42. _____ *Farrapos de Idéias*. O Estado, 29/04/1951.
43. _____ *Farrapos de Idéias*. O Estado, 06/05/1951.
44. _____ *Farrapos de Idéias*. O Estado, 05/05/1951.
45. _____ *Farrapos de Idéias*. O Estado, 13/05/1951.
46. _____ *Farrapos de Idéias*. O Estado, 20/05/1951.
47. _____ *Farrapos de Idéias*. O Estado, 27/05/1951.
48. _____ *Farrapos de Idéias*. O Estado, 03/06/1951.
49. _____ *Farrapos de Idéias*. O Estado, 17/06/1951.

50. _____ *Farrapos de Idéias. O Estado*, 01/07/1951.
51. _____ *Farrapos de Idéias. O Estado*, 08/07/1951.
52. _____ *Farrapos de Idéias. O Estado*, 22/07/1951.
53. _____ *Farrapos de Idéias. O Estado*, 29/07/1951.
54. ILHA, Maria da. *Farrapos de Idéias. O Estado*, 19/08/1951.
55. _____. *Farrapos de Idéias. O Estado*, 16/09/1951.
56. _____. *Farrapos de Idéias. O Estado*, 30/09/1951.
57. _____. *Farrapos de Idéias. O Estado*, 21/10/1951.
58. _____. *Farrapos de Idéias. O Estado*, 11/11/1951.
59. _____. *Farrapos de Idéias. O Estado*, 22/11/1951.
60. _____. *Farrapos de Idéias. O Estado*, 13/01/1952.
61. _____. *Farrapos de Idéias. O Estado*, 20/01/1952.
62. _____. *Farrapos de Idéias. O Estado*, 31/01/1952.
63. _____. *Farrapos de Idéias. O Estado*, 17/02/1952.

e) **Discursos publicados em periódicos.**

1. BARROS, Antonieta. *A Saudação da Deputada Antonieta de Barros. República*, 08/05/1935.
2. _____. *A Educação representa na vida dos povos civilizados, a base de todas as conquistas elevadas. República*, 23/06/1935.
3. _____. *Antonieta de Barros – PSD. O Estado*, 06/07/1948.

4. _____. *Importante indicação da Professora Antonieta de Barros – PSD – na Assembléia Legislativa. O Estado*, 31/08/1948.
5. _____. *Novo Projeto da Professora Antonieta de Barros. O Estado*, 28/09/1948.
6. _____. *A Sra Antonieta de Barros do PSD. O Estado*, 06/10/1948.
7. _____. *Dando sentido moderno à Previdência do Montepio Estadual. O Estado*, 20/10/1948.
8. _____. *Trechos do discurso da Deputada Antonieta de Barros. O Estado*, 20/08/1949.
9. _____. *Discurso da Professora Antonieta de Barros, no banquete oferecido ao Doutor Elpídio Barbosa, no Clube Doze de Agosto. O Estado*, 04/09/1949.

II. Sobre a Autora

a) Menções em Livros

1. CORRÊA, Humberto P. *História da Cultura Catarinense: O Estado das Ideias*. Vol.1. Florianópolis: Ed UFSC: Diário Catarinense, 1997. P. 165, 171-172 ; 176-177; 201.
2. _____. *Lições de Política e Cultura 1920/30: A Academia Catarinense de Letras, sua Criação e Relações com o Poder*. Florianópolis: Edições ACL, 1996. P. 57; 63
3. _____. *História de Florianópolis Ilustrada*. Florianópolis: Editora Insular, 2005. P. 306-308; 330.

4. GARCIA, Fábio. *Negras Pretensões*. Florianópolis: Edição Umbutu; Alternativa Gráfica, 2009. P. 31; 70.
5. MEIRINHO, Jali. *Datas Históricas de Santa Catarina 1500 a 2000*. Florianópolis: Editora da UFSC e Editora Insular. 2 ed. Revisada, ampliada e atualizada. Florianópolis: Insular, Ed da UFSC, 2000. P. 77; 191.
6. MOTT, Maria Lúcia de Barros. *Escritoras Negras: resgatando a nossa História*. Papéis Avulsos, número 13. Rio de Janeiro: Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos, 1989. .P. 7-8.
7. MUZART, Zahidé Lupinacci. (Org.) *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. Vol. II. Florianópolis: Editora Mulheres; EDUNISC, 2004. P.1108; 1112.
8. PIAZZA, Walter F. (Org.). *Dicionário Político Catarinense*. 2ª Ed. Revisada e Ampliada. ALESC, 1994. P.85-86.
9. SACHET, Celestino. *A Literatura de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1979. P. 269.
10. _____. *História de Santa Catarina. Literatura*. Volume 3. 1970. P.28-29.
11. _____.; SOARES, Iaponan (orgs.). *Presença da literatura catarinense*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1989. P. 73; 91-92.
12. SCHUMAHER, Schuma & BRAZIL, Érico Vital. *Mulheres*

Negras do Brasil. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007. P. 219; 317.

13. VEIGA, Eliane Veras da. *Florianópolis: Memória Urbana*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2008. P. 154.

b) Menções em outros aportes textuais.

1. Entrevista. *O Estado ouve a Professora Antonieta de Barros*. O Estado, 11/07/1948.
2. *Prêmio Franklin Cascaes de Literatura: 2001 – Poesia – A Inspiração de Antonieta de Barros/ MAFRA, Suzana ... [et al] – Florianópolis: Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, 2003. 79p. – (Prêmio Franklin Cascaes de Literatura 2001 homenageia Antonieta de Barros). Capa.*
3. *Revista do Centro Catharinense*. Anno 1. Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1929. N.1. P. 14.
4. *Excertos/Biografia. Antonieta de Barros: Exemplo e Inspiração*. Secretaria de Estado de Justiça e Cidadania/Secretaria de Estado de Educação e do Desporto/Fundação Catarinense de Cultura. Centenário Antonieta de Barros (1901-2001). Completo.

5. Ô Catarina! Impesso. Número 48. Nove escritoras catarinenses.. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, Setembro de 2001. P. 2-3; 8-10
- c) Dissertações de Mestrado, Trabalhos de Conclusão de Curso e Artigos Acadêmicos sobre aspectos da Vida e Obra de Antonieta de Barros.**
1. DALGRANDE, Sinara Lúcia Valar. *Uma História de Paixões Políticas: afetos e sensibilidades entre parlamentares da ALESC no século XX*. Monografia (Especialização). Florianópolis: UDESC/Centro de Ciências da Educação, 2003.
 2. DRANKA, Renata Aparecida Paupitz. *Antonieta de Barros: trajetórias discursivas*. Dissertação de Mestrado do programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem. Tubaração/SC: UNISUL, 2003.
 3. _____ *.Antonieta de Barros – Mémórias que se cruzam*. Artigo Eletrônico e Comunicação no Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditadura no ConeSul. UFSC, 2009.
 4. FLORI, Neide Almeida. *Nos Tempos de Antonieta de Barros*. Artigo. Episteme, V.8, nº 22-23. P. 291. UNISUL. Acervo 58920, 1993.

5. FONTÃO, Luciene. *Mulherilheu: Teoria e Crítica Feminista*. Artigo e Comunicação no I Simpósio de Pesquisas em Letras da UNIOESTE e VII Seminário Nacional de Literatura, História e Memória – Narrativas de Extração Histórica. Cascavel/PR: UNIOESTE, 2007
6. _____. *Do Discurso à Praxis. Vida e Obra de Antonieta de Barros: Um Breve Relato*. Artigo. Revista de História. Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 2007.
7. _____. *Que seremos nós, as mulheres? Entre o Discurso e a Experiência*. Artigo e Comunicação. Seminário Internacional Fazendo Gênero 8. Corpo, Violência e Poder. GT 54. *La Mujer americana em los discursos: los imaginários sociales, políticos y culturales*. Florianópolis/SC: UFSC, 2008.
8. GARCIA, Fábio. *Negras Pretensões*. Florianópolis: Edição do Autor. TCC em História, 2008. P. 17, 31, 70(23).
9. NUNES, Karla Leonora Dahse. *Antonieta de Barros: Uma História*. Dissertação de Mestrado CFH/Pós-graduação em História/UFSC. Florianópolis/SC. 2001.
10. SILVA, Andréia Sousa da . *O Memorial Antonieta de Barros como veículo de Disseminação e Produção de Informação*. Monografia da Graduação em História. Florianópolis: UDESC, Centro de Ciências da Educação, 2004.

11. SILVA, Dolores Magnus da.. *Antonieta de Barros: Fenômeno de Contingência*.. Monografia (Especialização). UDESC, Centro de Ciências da Educação, 2000.
12. SILVA, Josefina da. *Antonieta de Barros – Maria da Ilha: Discurso e Catequese*. Dissertação de Mestrado DLLV/ PGL – Literatura Brasileira/Teoria Literária. UFSC. Florianópolis/SC/1991

d) Vídeo.

1. *Antoneita de Barros, professora, deputada, negra... mulher/2001*. Gravação de Vídeo – Acervo 76915. TV Assembleia Legislativa. Antonieta de Barros, professora, deputada, negra, ... mulher. Florianópolis: TV ALESC, 2001.

e) Periódicos

1. Jornal Diário Catarinense – Suplemento *Os Vinte Catarinenses do Século XX*, 06 de junho de 2001. – Texto Antonieta de Barros, uma Lição de Vida.
2. Jornal AN Capital – Terça-feira 11/07/2000. Texto *Antonieta de Barros vai ter homenagem*.
3. Jornal AN Capital – 26 de janeiro de 2001. *Antonieta, a primeira deputada: Vida dedicada ao magistério resultou em*

êxito eleitoral.

4. Ano do Centenário – 11 de julho de 1901/2001. Editorial. *A Propósito de Antonieta de Barros: educadora, intelectual, mulher negra...*
5. Informativo Grupo de Mulheres Negras *Antonieta de Barros – Negros em Desterro*. Ano do Centenário.2001.
6. Jornal Diário Catarinense – Caderno de Política – Segunda-feira 15 de setembro de 2008, página 13. Coluna Baú @leitoral. Diario.com.br.
7. Jornal O Estado de 28/03/1952 a 01/04/1952. *Sobre o passamento de Antonieta de Barros*.

f) Documento Legislativo

1. Menção no texto referente *A Constituinte de 1935*. Arquivo Permanente ALESC. P. 112-119.
2. Biografia com imagens e com texto produzidos (reproduzido em 10 de agosto de 2001) em Homenagem ao Centenário de Antonieta de Barros. *Antonieta de Barros: Centenário de Nascimento*. Trabalho promovido e patrocinado pela Deputada Ideli Salvati – PT/SC e realizado por PageWeb. Cópia obtida do acervo da Fundação Franklin Cascaes, Casa da Memória, coordenadoria de Patrimônio Cultural – Biblioteca.
3. Excertos de *Antonieta de Barros: Exemplo e Inspiração*; organizados por Josefina da Silva, professora Mestre. E

Biografia, organizada e produzida por Maria Regina da Conceição, Historiadora. Comissão do Centenário de Antonieta de Barros. 2001.

g) Documentos Eletrônicos (*Sites*) sobre Antonieta de Barros. (2007 a 2010)

1. [pmf.sc.gov/arquivo histórico.php#poeta](http://pmf.sc.gov.br/arquivo_historico.php#poeta).
2. bolsademulher.com/estilo/matéria/a-mestra – Antonieta de Barros
3. [alesc.sc.gov.br.alesc;antonieta/bibliografia](http://alesc.sc.gov.br/alesc;antonieta/bibliografia)
4. [casadeculturadamulhernegra.org. br](http://casadeculturadamulhernegra.org.br)
5. ideli.com.br/antonieta.htm.
6. africaeaficanidades.wordpress.com/.../antonieta-de-barros – 1901-1952.
7. [PT.wikipedia.org/wiki/Antonieta_de_Barros](http://pt.wikipedia.org/wiki/Antonieta_de_Barros).
8. arcodacultura.org.br
9. palmares.gov.br
10. periodicos.ufsc.br/index.php/esboços/
11. [vereadormarciodesouza.blogspot. com /.../busto-de-antonieta-de-barros.html](http://vereadormarciodesouza.blogspot.com/.../busto-de-antonieta-de-barros.html)
12. letras.ufmg.br/.../autores%5Cantonietabarros.
13. adjoinsc.com.br/jornais/.../index. Correio do Contestado [Artigo do Governador – Antonieta de Barros.
14. Portal ALESC. [www . alesc.sc.gov.br/portal](http://www.alesc.sc.gov.br/portal). O Programa Antonieta de Barros.
15. Canal Futura – Detalhe do Episódio – Antonieta de Barros.

16. acordacultura.org.br.
17. [Oventomedisse,blogspot.com/2008/04/antonieta-de-barros](http://Oventomedisse.blogspot.com/2008/04/antonieta-de-barros).
18. A N – Anexo – Para sempre Antonieta.. com.br/2001/jan/26/oane.htm.
19. ihgsc.org.br/boletnoticia45.htm
20. unisul.br/paginas/ensino/pos/.../019.htm.
21. sed.sc.gov.br/.../1487 – educao-homenageia-antonieta-de-barros.
22. fazendogenero7.ufsc.br/.../Renata_Aparecida-Paupitz_Dranka_42.pdf.
23. youtube.com/watch. Antonieta de Barros. Peça teatral da turma M109 do Colégio Energia. Duração 8 min. 27/10/2007.
24. lunaeamigos.com.br. /.../ mm_mulheresbrasileiras.htm. Aconteceu no Lunas- Especial Momento Mulher. Antonieta de Barros.
25. ichs.ufop.br/perspectivas/anais/GT0902.htm. Política é coisa para homem.
26. clicrbs.com.br. 20 catarinenses ilustres – RBS 30 anos.
27. vermelho.org.br/noticia.php. Portal Vermelho.: A Esquerda bem informada. “A atividade lembrará ainda os 108 anos de nascimento da educadora, jornalista e ex-deputada Antonieta de Barros”.
28. umbandacarismatica.org.br/.../2007_03_01_archive.html.
29. museudaescola.udesc.br/index.php. Educação em Pedra Viva.
30. poetaslivres.com.br/autores_catarinenses.php.

31. geledes.org.br/.../mulheres-negras-lembrando-nossas-pioneiras.html
32. construirnoticias.com.br
33. imagem.camara.gov.br/internet/mídias/plen/.../EstrelasNegras.s wf
34. anovademocracia.com.br/index. O vôo de Thereza. faced.ufu.br/columbe06/anais. O Colégio Coração de Jesus e o Instituto de Educação.
35. mulheres500.org.br/.../dicionário-mulheres-do-brasil-biografadas. Mulher 500 anos – Por trás dos panos.
36. geocities.com/.../Vultos_da_Humanidade.html. O Sistema Planetrio.
37. Es.answers.yahoo.com/question/index. Quais são os negros que fizeram parte da história brasileira.
38. pedagogiaemfoco.pro.br. Período da Segunda República.

III. Apoio Teórico (Geral)

1. ALIGHIERI, Dante. *Divina Comédia*. Texto Integral. Série Ouro. São Paulo: Martin Claret, 2004.
2. ALMEIDA, Veridiana. *História (d)e Mulheres: Um livro, muitas vidas*. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em História. BU UFSC. 2006.

3. ALVES, Branca Moreira. *Ideologia e Feminismo*. Petrópolis: Vozes, 1980.
4. ALTHIER-REVUS, Jaqueline. *Heterogeneidade Enunciativa*. Trad. Celene M. Cruz; João Wanderlei Geraldi. In.: Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas, nº 19, 1990. P.25-42.
5. AMORA, Antônio Soares. *Introdução à Teoria Literária*. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.
6. ASSIS, Joaquim Maria Machado de . *Literatura Brasileira: Instinto de Nacionalidade*. Crítica Literária, Rio de Janeiro, 1875
7. _____. *Crônicas Escolhidas*. São Paulo: Ed. Ática, 1994.
8. ARNAUD, Claude. *Le retoir de La biographie: d'um tabou à l'autre*. In.: Le débat. Paris: Gallimaid, nº54, maio-abril, 1989.
9. AZEVEDO, Maria Helena. *Algumas reflexões sobre a construção biográfica*. São Paulo: Edunisc, 1995.
10. BARROS, Diana Luz Pessoa & FIORIN, José Luiz. (orgs.). *Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade*. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

11. BARTHES, Roland. *O grau zero da escritura*. São Paulo: Cultrix, 1971.
12. _____. *Escritores e Escreventes*. In: *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
13. _____. *O discurso da História*. In: *O Rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988. P. 145-157.
14. _____. *Le discours de l'histoire; La mort de l'auteur*. In.: *Le bruissement de la langue*. Seuil, 1984.
15. _____. *O Prazer do Texto*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
16. _____. *Efeito do Real*. Trad. Mario Laranjeira. In: *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- _____. *A morte do autor*. In: *O Rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, s/d. P. 49-53.
17. BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
18. _____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.
19. _____. *Le roman polyphonique de Dostoievski et son analyse dans la critique littéraire*. In.: *La poétique de Dostoievski*, Paris, Seuil, 1970
20. BAUMGARTEN, Christina. *O Espírito de uma Época*, Blumenau.SC: HB Editora, 1999.

21. BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. P.343
22. BENJAMIN, Walter. *A Modernidade e os Modernos*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1975.
23. _____. *A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução*. Textos escolhidos. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
24. _____. *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 3 ed., 1987. V.1.
25. _____. *Sur le concept d'histoire* (1940), em *Écrits français*, Gallimard, 1991.
26. _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
27. BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos F. Moisés e Ana Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
28. BERND, Zilá. *A Questão da Negritude*. Editora Brasiliense: São Paulo, 1984.

29. BERTOLINO, Pedro. *Viagens com Maura: ensaio de esboço bibliográfico em Maura de Senna Pereira*. Florianópolis: Ed. A.C.L, 1993.
30. BOPPRÉ, Maria Regina. *O Colégio Coração de Jesus na Educação. (1898-1988)*. Florianópolis: Colégio Coração de Jesus; Editora Lunardelli, 1989.
31. *Bíblia Sagrada* – Edição Pastoral. São Paulo: Editora Paulus, 1990.
32. BOSI, Alfredo *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix. 43ª Edição, 2006.
33. BOURDIEU, Pierre. *A Ilusão Biográfica*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (org.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
34. _____, Pierre. *Razões Práticas sobre a Teoria da Ação*. Campinas: Papirus, 1996.
35. BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil, 1900*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: José Olumpio, 1960.
36. _____ *Naturalistas, Parnasianos e Decadentistas*. Campinas/SP: Unicamp, 1991

37. BUENO, Eduardo (Org.). *História do Brasil*. Florianópolis: Zero Hora/RBS jornais, 2000. P. 217 - 233
38. BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Cap.I. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.
39. CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. 2 Ed.. Rio de Janeiro: Laudes, 1970.
40. CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. São Paulo: Ed. Ouro S/Azul. Nova Edição, Volume único, 2006.
41. _____. *Na Sala de Aula*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1986.
42. _____. *A Vida ao Rés-do-chão*. In.: *A Crônica* (Org.) Setor de Filologia da FCRB. Campinas/SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.
43. _____. *A Educação & Outros Ensaio*. São Paulo: Editora Ática, 1989. P. 182.
44. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.
45. _____. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982
46. CHARTIER, Roger (org.). *Práticos da Leitura*. Trad. Cristiane

Nascimento. São Paulo:Estação Liberdade, 1996.

47. _____. *A Beira da Falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRS, 2002.
48. _____. *Cultura escrita, Literatura e História*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
49. COMPAGNON. *La Troisième République des Lettres. Le Seuil*, 1983; DIAZ, Brigitte. *Vie des grands auteurs Du programme. Revue des Sciences Humaines*, n. 224, out –dez, 1991, p.258
50. COSTA, Albertina de Oliveira. BRUSSCHINI, Cristina (Orgs). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. P.64.
51. COSTA, Cláudia de Lima. *O Sujeito no feminismo: revisitando os debates*. Cadernos Pagu (19) 2002. P. 59-90.
52. COSTA, Cláudia de Lima & ÁVILA, Eliana. *Glória Anzaldúa, a consciência mestiça e o “feminismo da diferença*. Estudos Feministas / Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Comunicação e Expressão. V.7, n1-2. Florianópolis: UFSC, 1999.
53. CORREA, Carlos Humberto P. *História de Florianópolis Ilustrada*. Florianópolis: Insular, 2007
54. _____. *Lições de Política e Cultura. 1920-30*. A Academia Catarinense de Letras, sua Criação e

- Relações com o Poder. Coleção A.C.L 8. 1920 a 1930. Florianópolis, 1966.
55. _____ .*História da Cultura Catarinense: O Estado e as Idéias*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.
56. CORRÊA, Nereu. *O Canto do Cisne Negro e outros estudos*. 2ª Ed. rev . e aum. Florianópolis: FCC Edições, 1981.
57. COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. São Paulo: Ed. Global, 2004.
58. DALLABRIDA, Norberto (Org.) *Mosaico de Escolas: Modos de educação em Santa Catarina na Primeira República*. Florianópolis: Cidade Futura, 2003.
59. DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a Diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971. (Debates 49). P. 263.
60. *Dicionário da Academia Brasileira de Letras da Companhia Editora Nacional*, 2008
61. DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma vida*. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
62. DUARTE, Constância Lima Duarte. *Literatura Feminina e Crítica Literária*. Vol. 1. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1990.

63. _____ .*Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005.
64. DUARTE, Eduardo de Assis. *Maria Firmina dos Reis e os Primórdios da Ficção Afro-brasileira*. Posfácio. In: REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. Florianópolis/SC: Editora Mulheres; PUC Minas, 2004. P.263-279.
65. _____ .*Na Cartografia do romance afro-brasileiro, um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves*. In: Tornquist, Carmen Susana [et al.]. *Leituras de Resistência: Corpo, Violência e Poder*. Vol. 1. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009. P. 325-348
66. DUBY, Georges e PERROT, Michelle. (Org.). *Histórias das Mulheres do Ocidente*. Vol. 4. São Paulo: Ed. Brasil, 1991.
67. DUCROT, O. *Princípios de Semântica Linguística: O Dizer e o Dito*. São Paulo: Cultrix, 1977.
68. ECO, Umberto. *Pós-escrito a O nome da rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
69. _____. *A Obra Aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1968.
70. _____. *Como fazer uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

71. ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972. (Debates, 52).
72. FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. EDUFBA: Salvador, 2008.
73. _____. *Os Condenados da Terra*. 2ª Ed. Editora Civilização Brasileira S.A.: Rio de Janeiro, 1979.
74. FERREIRA, Edda Arzúa. *O Texto Literário: a prática da interpretação*. Florianópolis: Editora UFSC. Ed. Lunardelli, 1983.
75. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
76. FIKER, Raul. *Mito e paródia: entre a narrativa e o argumento*. Araraquara: Laboratório Editorial da FCL-UNESP / São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2000.
77. FLORES, Altino. *Delminda Silveira. Sondagens Literárias*. Florianópolis: EDEME, 1973. P. 21-23.
78. FRIDMAN, Susan. *Mappings: Feminism and the Cultural Geographies of Encounter*. Cap.I e II. Princeton University Press, 1998.

79. FRANCHINI, A . S. *As 100 melhores histórias da mitologia: deuses, heróis, monstros e guerras da tradição Greco-romana*. 9. Ed; Porto Alegre: L&PM, 2007. P.444.
80. FOUCAULT, Mchel. *A arqueologia do saber*. Petrópolis: vozes, 1972.
_____. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992.
81. GENETTE, Gerard. *Discurso da Narrativa*. Lisboa: Veja/ Universidade, s.d.
82. _____. *Palimpsestes*. Paris: Seuil, 1982.
83. HAHNER, June E. *Emancipação do Sexo Feminino: A luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003.
84. HOHLFELDT, Antônio. *A Literatura Catarinense em busca da identidade: o conto*. Porto Alegre, Movimento, Brasília, INL - Fundação Nacional Pró-Memória.
85. _____. *A Literatura Catarinense em busca da identidade: o romance*. Florianópolis: Editora da UFSC; Porto Alegre: Movimento, 1994.
86. _____. *A Literatura Catarinense em busca da identidade: a poesia*. Florianópolis: Editora da UFSC; Porto Alegre: Ed. Movimento, 1997.

87. JUNKES, Lauro. *Presença da poesia em Santa Catarina*. Florianópolis, Lunardelli.
88. _____. *O mito e o rito: uma leitura de autores catarinenses*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina,
89. _____. *O narrador*. Florianópolis, s.d.
90. KAMITA, Rosana Cássia. *Resgates e ressonâncias: Mariana Coelho*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2005.
91. _____. *D. Narcisa de Villar: Uma Heroína romântica em busca da liberdade*. In.: *Ô Catarina*. Número 48. Florianópolis, setembro, 2001. P. 4.
92. KALKIMANN, Reginalda. *Maura em Flor*. Dissertação de mestrado. Florianópolis/SC: UFSC, 2007. P.22.
93. KRISTEVA, Júlia. *Sémanalyse et production Du sens*. In.: *GREIMAS, A.J. e outros. Esssais de semiotique póétique*. Paris: Larousse, 1972.
94. _____. *Le contexte pressupposé*. In.: *GREIMAS, A. J. La révolution Du langage poétique*. Paris:Seuil, 1973.
95. KUBRUSLY, Cláudio Araújo. *O que é Fotografia?*. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos; 82)

96. LEITE, Ilka Boaventura (org.). *Negros no Sul do Brasil*. Letras Contemporâneas: Ilha de Santa Catarina, 1996.
97. _____. *Descendentes de Africanos Em Santa Catarina: Invisibilidade, História e Segregação*. Cadernos Textos e Debates, 1996.
98. LEITE, Christina Lanoudé de Paula. *Mulheres: muito além do teto de vidro*. São Paulo: Atlas, 1994. P. 47.
99. LEITE, Miriam Lfchitz Moreira. *Maria Lacerda de Moura: uma feminista utópica*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005.
100. LEONI, Giulio. *Os crimes do Mosaico: Um caso de Dante Alighieri*. São Paulo: Editora Planeta, 2006.
101. LEMAIRE, Ria. *O mundo feito texto*. In: DECCA, Edgar S. de.; LEMAIRE, Ria (orgs.). *Pelas Margens*. Campinas: Editora, da Unicamp; Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRS, 2000. P. 9-17.
102. LEVI, Giovanni. *Usos da biografia*. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina (orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. P. 167-182.
103. LOPES, Edward. *Discurso Literário e Dialogismo em Bakhtin*. In: *Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 2003.

104. MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
105. MAGALHÃES, Isabel Allegro de. *O Sexo dos Textos e outras leituras*. Lisboa: Caminho, 1995.
106. MEDIATORE, Shari Stone. *Chandra Mohanty y la revalorización de la “experiencia”*. Híparquia. Ano 1999, vol. X.1. P. 85-109
107. MEIRINHO, Jali e JAMUNDÁ, Theobaldo Costa. *Nomes que ajudaram a fazer Santa Catarina*. Florianópolis: EDEME Edit. 1971.
108. MEIRINHO, Jali. *Datas Históricas de Santa Catarina 1500 a 2000*. Florianópolis: Editora da UFSC e Editora Insular. 2 ed. Revisada, ampliada e atualizada. Florianópolis: Insular, Ed da UFSC, 2000
109. MELO, Oswaldo Ferreira de. *Introdução à História da Literatura Catarinense*. Porto Alegre: Movimento, 1980.
110. MOTT, Maria Lúcia de Barros. *Escritoras Negras: resgatando a nossa História*. Papéis Avulsos, número 13. Rio de Janeiro: Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos, 1989.

111. MUZART, Zahidé Lupinacci. (Org.) *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. Vol.1 e vol, A Florianópolis/SC: Editoras Mulheres, 2000.
112. _____ (Org.). *Refazendo Nós: ensaios sobre mulher e literatura*/organização e apresentação de Izabel Brandão e Zahidé L. Muzart. Florianópolis: Ed. Mulheres: Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
113. _____. *As Olvidadas: Escritoras Catarinenses do Passado*. In.: Ô Catarina, número 48. Florianópolis, setembro, 2001. P. 3.
114. _____. *Mulheres Desterrenses*. In.: Revista Lítero-cultural TEIAS, n°1 – DLLV/UFSC– Setembro/1989. P.69.
115. _____(Org.). *Júlia da Costa: Poesia*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001, V.01. P. 416.
116. _____. *Júlia da Costa, “a rosa do tufão batida”...* In: Júlia da Costa Poesia. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001. P. 15-23.
117. NICHOLSON, Linda. *Interpretando o gênero*. Revista Estudos Feministas v. 8, n.2, 2000. P. 9-41
118. NÓBREGA, Paulo de. *Ensino público, nacionalidade e controle social: política oligárquica em Santa Catarina na Primeira República 1900-1922*. Dissertação (Mestrado em

Educação). Centro de Ciências da Educação – UFSC, Florianópolis/SC, 2000.

119. *Para gostar de Ler: Crônicas*. Vol.5 São Paulo, Ática, 1981-4
120. ORLANDI, Eni P. *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas/SP: Pontes, 6ª Ed., 2005.
121. PEDRO, Joana Maria. *Mulheres Honestas e Mulheres Faladas: Uma questão de classe*. Florianópolis: ED UFSC, 1994.
122. _____. *Mulheres – século XIX*. In.: *Fazendo Gênero: Seminários de Estudos sobre a Mulher*. Ponta Grossa/PR: Centro de Publicações UEPG, 1996.
123. PERRONE-MOISÉS, Leyla. *A Crítica Literária Hoje*. In: *Cânones & Contextos*. 5º Congresso ABRALIC Anais. Vol I, Rio de Janeiro, 1997.
124. PETERSEN, Silvia et ali (orgs.). *Questões de teoria e metodoaia da História*. Porto Alegre: Editora Universidade / UFRS, 2000. P. 121-129.
125. PIAZZA, Walter F. e BOITEUX, Lucas A. *Notas para a história da Academia Catarinense de Letras*. Porto Alegre: Edições Flama, 1971.

126. PIAZZA, Walter F. *Dicionário Político Catarinense*. 2 ed. – revista e ampliada. Florianópolis : Assembléia Legislativa de Santa Catarina, 1994.
127. QUEIROZ, Júlio de. *Signo*. Florianópolis. P. 67-70.
128. RAMOS, Tânia Regina. L533. *Leituras em rede: gênero e preconceito/organização* Cristina Sheibe Wolff, Marlene de Fáveri, Tânia Regina de Oliveira Ramos. Florianópolis: Ed Mulheres, 2007.
129. REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. Florianópolis: Editora Mulheres; PUC Minas, 2004. P. 263-279.
130. REIS, Sara Regina Poyares dos. (Org.). *A História da Política em Santa Catarina durante o Império*. Vol. IV. Oswaldo Rodrigues Cabral. Florianópolis: Editora da UFSC; ALESC, 2004.
131. *Revista Terra*, ano um, n. 17, 24 outubro de 1920. P.4
132. RICOEUR, P. *Tempo e Narrativa*. (Tomo I, II, III). São Paulo: Papyrus, 1994. P. 95-97.
133. ROCHA, Everardo. *O que é mito*. 8. Re-impressão. Série Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1999.

134. RUIZ, João Álvaro. *Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1996.
135. SÁ, Jorge de. *A Crônica*. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1985.
136. SACHET, Celestino. *A Literatura Catarinense*. Florianópolis: Lunardelli, 1987.
137. _____. *Literatura*. In: *História de Santa Catarina*, terceiro vol. Paraná: GRAFIPAR, 1970. P. 7-43.
138. _____. *As Transformações Estético-Literárias dos anos 20 em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli Representações, 1974.
139. _____. *A Literatura de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1979.
140. SACHET, Celestino. SOARES, Iaponan (orgs.). *Presença da literatura catarinense*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1989.
141. SILVA, Jaldyr B.Faustino; PIAZZA, Walter; LAGO, Paulo Fernando; SACHET, Celestino; PELUSO JR., Victor Antonio. *Fundamentos da Cultura Catarinense*. Florianópolis: LAUDES, 1970. P. 80.
142. SÃO THIAGO, Arnaldo. *Historia da Literatura Catarinense*. Rio de Janeiro [s/n], 1957. P.25-28.

143. SARTRE, Jean-Paul. *Reflexões sobre o racismo*. Divisão Européia do Livro: São Paulo, 1965.
144. SCOTT, Joan W. *Experiência: tornando-se visível*. In: SILVA, Alcione Leite et alli. *Falas de Gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.
145. SCHUMAHER, Shuma; VITAL BRAZIL, Érico. *Mulheres Negras do Brasil*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007
146. _____ (Orgs.). *Dicionário Mulheres do Brasil de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
147. SCHMIDT, Benito Bisso. *Luz e Papel, Realidade e Imaginação: As Biografias na História, no jornalismo, na Literatura e no Cinema*; In.: SCHMIDT, Benito (Org.) *O Biográfico: Perspectivas Interdisciplinares*. Santa Cruz: EDUNISC, 2000. P. 68.
148. _____. *A biografia histórica: o "retorno" do gênero e a noção de "contexto"*. In: GUAZZELLI, César A.;
149. _____. *Em Busca da Terra da Promissão: a história de dois líderes socialistas*. Porto Alegre: Editora Palmarinca, 2004

150. _____. (Org.) *O Biográfico: Perspectivas Interdisciplinares*. Santa Cruz: EDUNISC, 2000.
151. SHARPE, Peggy. E61. *Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina*. Peggy Sharpe (org). Florianópolis: Editora Mulheres; Goiânia: Editora da UFG, 1997.
152. SOUZA, Eneida Maria de. *Notas sobre a crítica biográfica*. In: PEREIRA, Maria Antonieta; REIS, Eliana L. de. (orgs.). *Literatura e Estudos Culturais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000, p. 43-51.
153. _____. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.
154. TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve História sobre o Feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999. Coleção Tudo é História.
155. TORNQUIST, Carmen Susana [ET alli]. *Leituras de resistência: corpo, violência e poder*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009.
156. SILVA, Jaldyr B. Faustino da.; PIAZZA, Walter Fernando; PELUSO Junior, Victor A.; VEIGA, Eliane Veras da.

Florianópolis, Memória Urbana. 2 ed. Revista e ampliada. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes., 2008.

157. STEVENS, Cristina (Org.). *Mulher e Literatura 25 anos: Raízes e Rumos*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010. P. 209-235.
158. WOLFF, Marlene de Fáveri; RAMOS, Tânia R. O.; SCHEIBE, Cristina (Org.). *Leituras em rede: gênero e preconceito*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

IV. Periódicos: Jornais e Revistas pesquisados:

1. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1912.. A entrevista foi transcrita na Revista Terra nº 20, de 14 de novembro de 1920.
2. *Jornal A Semana* – 1929 a 1930.
3. *Jornal República* – 1929 a 1937
4. *Jornal Dia e Noite* – 1937 a 1938
5. *Jornal O Estado* – 1934 a 1952
6. *Jornal A Pátria* – 1931 a 1935
7. *Jornal Correio do Estado* - 1934.
8. *Jornal O Idealista* - 1945 a 1947
9. *Folha Acadêmica* – 1929.

V. Documentos Oficiais

1. *Certidão de Batismo*

Paróquia Catedral. Livro de Batizados 1889 -1902 – Livro 40, folha 136, número 280. Arquivo Histórico Eclesiástico de Santa Catarina, localizado na cidade de Florianópolis/SC. Data do Batismo: 20/08/1901. Vigário celebrante: Padre Francisco Topp. Padrinhos: Maximiliano Freyesleben e Maria Josepha Cúnes.

2. *Certidão de Nascimento de Antonieta de Barros*

Ofício de Registro Civil Iolé Luz Faria. Número 206, folha 095, livro número A-7 de Registro de Nascimentos. Data: 11/07/1901, às 8 horas na cidade de Florianópolis/SC. Assento realizado em 18/07/1901.

3. *Certidão de Óbito de Antonieta de Barros (51 anos)*

Prefeitura Municipal de Florianópolis/SC. Secretaria de Urbanismo e Serviços Públicos. Departamento de Serviços Públicos. Cemitério do Itacorubi – São Francisco de Assis. Sepultamento 14360. Livro 15. Data: 29/03/1952.. Área da Prefeitura. Quadra: A, Sepultura 0191.

Certidão lavrada no Cartório Protásio Leal – Óbito 15398, Folha 46v, Livro 32. Data do falecimento: 28/03/1952, Hora: 10:30 horas. Local: Hospital de Caridade.

Certidão de Óbito de Catarina de Barros (mãe de Antonieta, aos 65anos)

Cartório de Óbito: Ilca Ferreira. Óbito 3089. Folha 220. Livro 21. Falecimento em 10/09/1934, às 17horas e 30 minutos. Local: Domicílio da Capital.

Sepultamento 3190, Livro 4, ocorrido em 11/09/1934, Quadra A, Sepultura 0191.

4. *Certidão de Óbito de Leonor de Barros* (irmã de Antonieta, aos 69 anos)

Cartório Fernando Campos de Faria, folha 188V, Livro C47.
Data 12/04/1973, às 17horas, Hospital Celso Ramos. Sepultamento 29361, Livro 30, ocorrido em 13/04/1973. Quadra 29, Sepultura 0187.